

**VULTOS E EPISODIOS
DO BRASIL**

Exemplar № 2520 ❄

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Serie V

BRASILIANA

Vol. VI

Baptista Pereira

Vultos e Episodios do Brasil

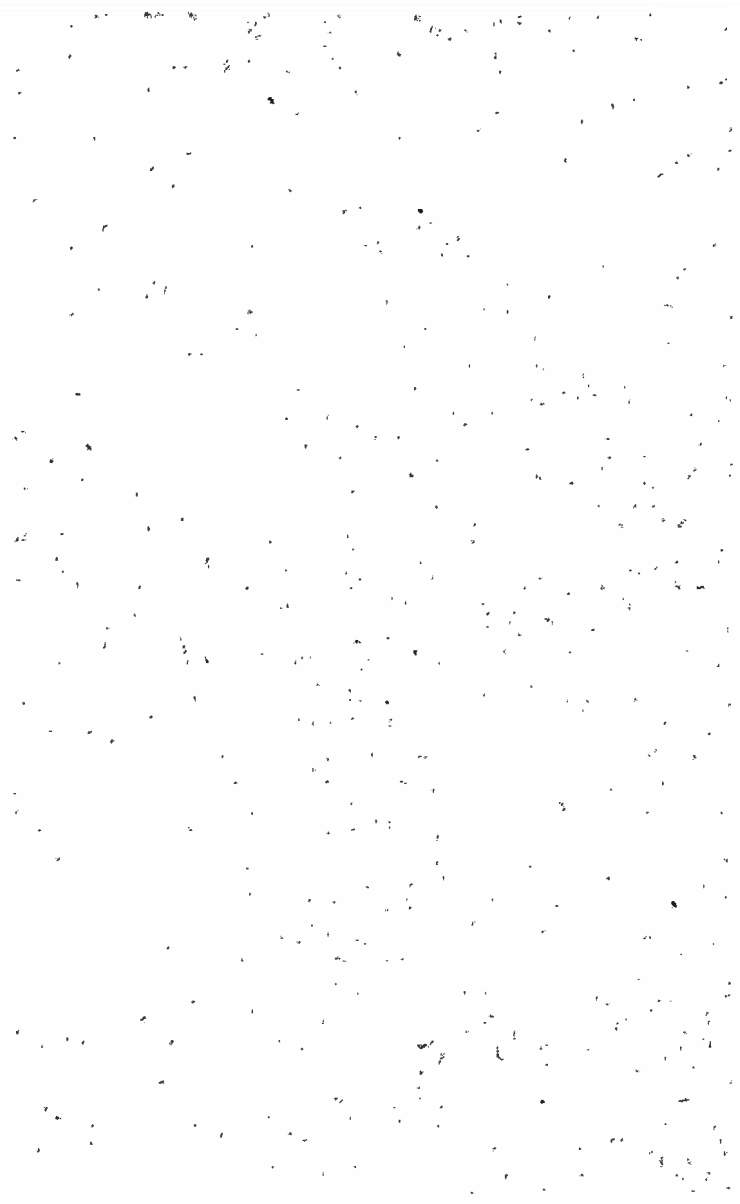
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 26/28

SÃO PAULO



Ruy Barbosa e o Supremo Tribunal



“Exmos. Srs. Ministros Viveiros de Castro, Pedro dos Santos e Godofredo Cunha.

PERMITTI, senhores Ministros, que, em nome da familia Ruy Barbosa, vos venha eu render todas as homenagens da nossa profunda gratidão, assim pelas eloquentes palavras que os tres proferistes sobre o grande extincto, como pelas propostas dos dous ultimos, acceitas por esse Augusto Tribunal, de collocar o seu busto na sala das vossas deliberações e o seu retrato no vosso salão nobre. Permitti, outrosim, que vos impetremos a graça de as transmittirdes a todos os vossos eminentes collegas, que se associaram ás vossas homenagens.

Dentre as infinitas oblações, que, numa praia-mar de saudades e flores, do paiz e do estrangeiro, vieram abençoar o seu tumulo, nenhuma, senhores Ministros, nenhuma poderia trazer maior conforto ao nosso luto do que essa, do que a do Supremo Tribunal Federal do Brasil.

Vêr a tempestuosa carreira do intemerato jurista coroadada por esse galardão unico e só da Casa do Direito, é um desses espectaculos que reconciliam com a natureza humana, ás vezes tão agreste, e afervoram a fé no Creador de todas as coisas.

Na profissão que abraçou, talvez pelo atavismo de uma familia que deu quatro ou cinco desembargadores e presidentes aos mais altos paços judicarios de Lisboa, Bahia e Rio, não lhe faltaram as pedras e injustiças que costumavam calçar-lhe o caminho e castigar-lhe a superioridade. De sorte que a vossa homenagem tem o duplo sentido de uma consagração e de uma reparação; é um aresto que sentençaia ao mesmo tempo sobre o merito do jurisconsulto e a consciencia do advogado.

Neste homem, que realizou o milagre de ser ao mesmo tempo o maior escriptor, o maior orador, o maior linguista e o maior advogado do seu tempo, nenhum traço mais caracteristico, mais constante, mais definido que o do advogado.

Nenhuma das suas outras especializações passava de ancilla desta. Linguista, que pedira a Camillo a batea com que joeirava as mais profundas areias dos nossos textos, não foi para a advocacia que, desde menino, quando o pergaminho era o seu horizonte, se acadimou na cata do oiro vernaculo?

Orador, que pedira a Vieira a sua roda de diamantes e á Biblia a sua roda de constellações, para que enthesoirava elle as gemmas diamantinas e

estellares da sua lapidação, senão para engastal-as nos seu libellos?

Escriptor, que recebeu de Luiz de Souza a pureza, de Manoel Bernardes a louçania, de Castilho Antonio o timbre, de Herculano a severidade, de Latino Coelho o numero, de Eça de Queiroz a refrangibilidade, de Machado de Assis a intenção, de João Barbosa, seu pai, a consciencia, e do maior dos maiores, do seu proprio gosto, a perfeição, para que deu elle á penna essa tempera de escopro, senão para mais immaculadamente esculpir nos marmores da lingua a defesa da liberdade e o direito?

Madrugando-lhe bem cedo a vocação, os pais, que lhe ouviam a palavra arder em chammas na defesa da menor injustiça, assignalavam-n'a, zombazombando em um gracejo, que elle costumava referir :

“Ruy, tu és o advogado dos cachorros.” Estava escripto que o motejo paterno seria um vaticinio.

Corriam-lhe ahi os dez ou doze annos. Eram os tempos em que o moleque da casa, embevecido pela fatiota nova do patrãozinho, encontrava esta formula ingenua para o seu deslumbramento :

“Ih ! O Ruy como está bonito ! Parece um bolieiro !”

O homem não desmentiu o infante. Advogado foi sempre.

Advogado, ás vezes dos pequenos, ás vezes dos grandes. Mas sempre, e sobretudo, advogado.

Advogou a causa dos escravos : eis a Abolição. Advogou a causa da Federação : eis a Republica.

Advogou a causa das nações : eis a Conferencia de Haya. Advogou a causa da Humanidade : eis o Sermão da Montanha, em Buenos Aires. Bem vêdes que, com taes clientes, não é preciso mais para provar que o traço principal da sua vida foi o do advogado, esse que subsistia indelevel até nas suas maiores attitudes.

Entra a vida como advogado dos cães ; pungebarba como advogado dos homens, amadura como advogado das nações, envelhece como advogado da humanidade. Grande existencia, grande advogado, grandes clientes, grandes causas.

Que a humanidade, as nações e os particulares lhe pagaram a divida do reconhecimento, sabemol-o todos, e está na vossa consciencia, senhores Ministros, que lhe não ratinhastes o vosso. Que os nossos irmão inferiores, na phrase do santo de Assis, que os cães lhe tenham pago á sua, é lá com elles. Criaturas de Deus, cuja lingua não entendemos, e que não entendeis a nossa lingua, fallai com os da vossa raça. Eu, de mim, fallo aos homens.

Ministros do Supremo Tribunal do Brasil, não desdoirastes a vossa toga, quando empenhados em mostrar á posteridade que havieis feito justiça ao grande morto, pedistes a Deus que o seu espirito “paire sempre sobre o Brasil como um nume tutellar.”

Não descestes do pedestal da vossa investidura. Não desmerecestes dos vossos concidadãos. Não abdicastes da vossa excelsitude. Elevastes-vos, an-

tes, de toda a altura da vossa majestade para pedir á eloquencia palavras mais duradoiras do que o bronze e revesti-las da immortalidade do vosso collega no Supremo Tribunal do mundo, que é a Côrte das Nações.

Senhores Ministros. O collega, que chamastes de mestre, o jurista, cujos libellos citais antes de os decidirdes, o reivindicador da vossa primazia, o autor da Constituição, o constructor do regimen, o evangelista do direito e da liberdade — desappareceu desta, que elle chamava primeira face da eternidade.

Não deixou amigos politicos. Não deixou partidos. Não deixou Estados. Não deixou familia poderosa. Não deixou órgãos da opinião. Não deixou successores da sua autoridade e do seu genio. O movimento do vosso carinho dirigiu-se, pois, tão sómente á sua figura historica. Não teve a eiva do interesse. Não partiu de nenhum sentimento subalterno.

A lisonja não rende finezas aos mortos que se chamaram Chatam, mas não deixaram Pitt. Mas os homens de coração, que não vergam a cerviz aos magnatas do poder, da finança ou da publicidade, não se desdoiram em dobrar os dois joelhos ante a campa de um justo. Justo é o que elle foi principalmente. Justo. Tres vezes justo. Vida de arminho e coração de crystal.

Esse homem, que começou a sua carreira defendendo os direitos de uma orphã, victima da lasci-

via de um senhor, a quem a opulencia teria garantido a impunidade, se já não tivesse nascido o defensor de Dreyfus, está bem entre vós, que sabeis que se a consciencia humana no que tem de mais elevado, cabe numa representação sensivel é na sua effigie, nessa effigie que a America do Sul vai levantar sobre um pedestal de treze nacionalidades.

Que os loiros, de que lhe coroastes a fronte augusta, frutesçam em bençãos e sorrisos na geração dos vossos filhos.

Bem ligada estava a vida de Ruy Barbosa, Srs. Ministros, á do Supremo Tribunal, á definição do seu papel, á docencia das suas attribuições, á predica da sua missão, á reivindicção da sua pre-excellencia oracular nos conflictos entre os poderes do regimen.

Escrevendo, da primeira á ultima linha, a nossa Constituição, que nunca passaria de letra morta se não houvesse uma instancia para preserval-a das incursões do poder, foi do alto desta autoridade de creador para creatura, que elle, desde 1892, reclamou para o Supremo Tribunal a attribuição norte-americana de sentenciar em especie sobre os actos do poder legislativo e do poder executivo, que importem na violação de um direito individual. Architecto do regimen, a que deu a chave de abobada, na Constituição, e a pedra angular, no Supremo Tribunal, nenhuma vida mais ligada á vossa.

O chronista, que escoldrinhar os vossos archivos, á procura desses pleitos famosos, que são en-

cruzilhadas do saber, pelos novos rumos que lhe traçam, como nos Estados Unidos o litigio **MARBURY-MADISON**, verá que o *habeas-corpus* impetrado aos 18 de Abril de 1892, em favor dos cidadãos, já, na voz publica, indigitados pela dictadura ao desterro de Cacuby, foi uma nova aurora para o nosso direito constitucional, como nos Estados Unidos aquelle celebre caso, illuminado pelo genio severo de **MARSHALL**.

Nesse trabalho de setenta e cinco paginas, redigido em tres dias, pela primeira vez se definiram as attribuições do Supremo Tribunal, sob o ponto de vista do seu equilibrio com as dos outros poderes do regimen e da sua preeminencia aos mesmos, dentro no circulo que a Constituição vos assignala, ultima instancia que sois dos seus actos.

Raiava a alvorada republicana ; não tínhamos precedentes para um regimen que se iniciava ; tudo estava por apprender e ensaiar. Foi então que deu entrada na Secretaria desta casa aquelle trabalho.

Ninguem mais indicado para mostrar o jogo das molas do novo regimen do que o seu artifice. E elle esteve á altura da missão.

De "*mathematica*", chamam os autores norteamericanos á demonstração de **MARSHALL** no caso **MARBURY**, que poz em cheque o arbitrio de **JEFFERSON** e do seu Congresso, conspirados contra o direito de um modesto juiz de paz do districto de Columbia.

Não quadra outro adjectivo a Ruy Barbosa nesse trabalho de ensino e interpretação.

Esse *habeas-corpus*, bem como os que se lhe seguiram em 1892 e 1893, impetrados com risco da propria vida, quando o paiz inteiro estremecia sob o guante do terror, foram uma escola de interpretação constitucional, uma aula pratica de direito, uma lição de coisas da propriedade dos recursos legaes, para contrastar a dictadura.

Esses dias de resistencia e de luta, de incerteza e amarguras, mas que o genio do evangelista estrelava de fé e sonorizava de vibrações demosthenicas, estavam sendo, quem o diria, estavam sendo a fragoa em que a consciencia juridica do paiz forjava o aço da armadura com que havia de arrostar, menos de vinte annos mais tarde, a espada do caudilhismo.

O evangelista perdeu, em 1892, a batalha do direito, que já era a do civilismo. E a dictadura apontou-lhe o caminho do exilio.

Venceu, porém, depois. O Brasil levantou-se todo, no que tinha de melhor, e cerrou fileiras em volta do seu nome. O anno da Graça de 1892 tinha revelado ao de 1910 a força inerme do direito.

Esta victoria, porém, a victoria do civilismo, comquanto ampla, immensa, meridiana, confessada pelos proprios adversarios, frustrou-lh'a um *caucus* legislativo, ultima instancia dessa causa, que era a de toda a Nação. Acenaram-lhe a que batesse ás vossas portas, appellando dessa decisão, que, essencial e unicamente politica, era claramente irrecor-

rivel, e tinha o seu supremo tribunal no Congresso. Mas a resposta foi uma rajada de indignação, como se a simples idéa dessa chicana politica fosse, além de um sacrilegio, um desrespeito supremo, Srs. Ministros, á vossa judicatura, á qual elle consagra uma veneração religiosa, desejando-vos, como disse uma vez, uma corôa mais alta que a dos Reis e tão pura como a dos Santos.

Mas não era em vão que elle definia a sua obra de constitucionalista na dedicatória de um de seus livros : "Appello da confusão do presente para a serenidade luminosa do futuro."

Esse appello, que era o clamor da sua vocação juridica, do seu exemplo, da sua vida, esse appello, o povo brasileiro, para quem elle invejava as palavras celebres : "em cada cidadão inglez ha um conhecedor do direito constitucional", esse appello não foi a voz no deserto ; foi o toque de clarim a cujos accentos o paiz inteiro se levantou para vindicar a sua soberania.

Firmada a interpretação das leis na ancora da Constituição e revestido o direito individual da coiraca do *habeas-corpus*, segura de si estava a dignidade civil, a consciencia de que os direitos de cidadania são a rocha viva do regimen, e essa consciencia, tornada collectiva aos milagres da sua palavra, deflagrou aos olhos da nação, deslumbrada e orgulhosa da sua propria energia, na campanha titanica do civilismo, vencido na politica, é verdade, mas

vencedor nas urnas, na consciencia nacional e na historia.

A carta de 18 de Fevereiro, que foi a leva de broqueis da Nação, nada teria conseguido se fosse lida por um paiz de sombras e não de homens, de escravos e não de cidadãos, por um paiz onde a palavra de Ruy Barbosa não tivesse ensinado que nas democracias a vontade do povo é a verdadeira soberana.

Não sei se o plantador do carvalho civico de 1892 alguma vez se lembrou de que o carvalho de 1910, a cuja sombra se abrigava toda a Nação, era o mesmo que fôra plantado pelas mãos que atiraram no Supremo Tribunal a semente do primeiro *habeas-corpus*. Mas a Nação o sabe. E é quanto basta.

Ha certos homens que desmentem as leis do mundo moral, como o radio as do mundo physico. Parecia a todos que, depois de Haya, não poderia subir mais. Veio Buenos Aires.

Ahi, sim, o sol chegou ao zenith, pensavamos. Mas veio a Côrte das Nações. E a sua eleição para ella, não pela unanimidade, que o proprio Christo não logrou entre os discipulos, mas por essa maioria esmagadora que é a sua expressão virtual, lhe garantia a presidencia do Concilio Eumenico da Humanidade. A saude alterada, porém, fel-o telegraphar, dizendo que não poderia chegar á Europa a tempo de exercel-a. Mas as 38 nações que lhe deram o seu voto já haviam decidido que a sua carreira

tivesse o mesmo remate da vossa : uma cadeira do Supremo Tribunal.

Estava, porém, escripto nos Livros Santos que o vosso grande collega não tomaria posse do seu cargo :

“... *Et calceati pedes in preparatione Evangelii Pacis*”... calçados os pés na preparação do Evangelho da Paz. (S. PAULO, *Ad Ep.* VI 15).

Não sei interpretar os Livros Santos. Nada entendendo de letras divinas. Desconheço as lindes em que os canones confinam os direitos da interpretação ou da exegese.

Mas de ha muito que me afiz a beber nas Escripturas, com a sêde do estudioso, o enlevo do artista e a devoção do crente. Não vejo emanção mais radiante do mysterio divino do que as aguas eternas da sua bacia, azuladas na transparencia do seu fundo de granito, ora irradiando a palpitação de uma estrella remota, ora refrangendo a linha quebrada de um raio de tempestade.

Foi ao clarão de um destes fuzis que li a prophacia de S. PAULO :

“*Et calceati pedes in preparatione Evangelii Pacis*”.

Diante do mysterio destas palavras, cahidas ha mais de dous mil annos do seio da verdade inspirada, como que para definir os dias occiduos de Ruy Barbosa, quem não estremece, quem se não assombra?

Por que fallam os Livros Santos em um homem que se tinha preparado para ir trabalhar no Evan-

gelho da Paz e não foi? A Christo não se pôde referir a prophesia. Christo não se preparou para deixar de ir. Christo preparou-se e foi. Christo calçou as sandalias e trabalhou até a derradeira jornada no Evangelho da Paz : e o seu trabalho foi a sua vida, que se encerrou com o epilogo da Cruz. A quem mais, então, na historia, se pôde applicar a prophesia?

A propria evidencia do sol ás vezes cega. Deus, quando quiz fazer do inimigo da sua igreja o Apostolo das Gentes, surprehendeu-o, caminho de Damasco, e fulminou-o com a sua luz. Sáulo, prostrado em terra pelo clarão, levantou-se, mas não via nada, embora ouvisse a voz do Senhor, que lhe dizia : Por que me persegues? "*Quid me persequeris*". E quando Sáulo foi siderado pela graça, para cahir Sáulo de Tarso e levantar-se S. Paulo, o sol, na estrada damascena, raiava em pleno quadrante de meio-dia.

A evidencia do milagre não o desmerece, mas não é muito que fiquemos cegos, onde S. Paulo o ficou. Senhor, perdôa, porque duvido dos meus olhos! Senhor, que, com o sol a pino, convertes em servos os teus inimigos. Senhor, que fallas aos que sideras, por que, Senhor, por que a phrase biblica? Para quem, Senhor! para quem, uma vez que não foi para o teu divino Filho?.....

— "*Et calceati pedes in preparatione Evangelii Pacis*".

Ria a ignorancia ; chasqueie a incredulidade ; dê

de hombros o scepticismo, desminta a negação, duvide à propria Fé. Ha qualquer coisa segredando-me que as palavras biblicas, no dia em que se não applicarem a Ruy Barbosa, ficarão tão vazias de espirito divino como a grota funeraria do *Emanuel* após a Resurreição. E o coração, que foi buscar esse reflexo de Evangelho para illuminar o outeiro onde Elle descansa, no cemiterio de S. João Baptista, entre os braços do Gigante de Pedra, tendo ao peito o crucifixo do Cruzeiro do Sul, ficará tranquillo, repetindo estas palavras :

“Deus arrebatata as creaturas na torrente caudalosa dos factos e submerge as resistencias do nosso lodo no abysmo da sua Providencia”.

Antes, porém, que nos separemos, Srs. Ministros, permitti-me o desempenho posthumo de um encargo de Ruy Barbosa.

Vivo ainda elle, que um de vós, senão o maior, seguramente o inexcedido na materia da sua especialização, João Mendes, o Doutor Angelico do vosso gremio, já se libertava da invalidez para melhor subir os degrãos da escada dos céos, o *Climax* dos eleitos. Ruy Barbosa, testemunha do meu carinho por elle, incumbiu-me, pelo telephone, de Petropolis, onde se achava, represental-o no sahimento do corpo do meu velho amigo e mestre.

Preso, porém, no leito, esse dever de coração não me foi dado cumpril-o. Depois, quando fui á sua casa, já a encontrei desmontada e a familia em S. Paulo.

Havia eu demorado em procural-a, para levar-lhe, em algumas linhas autographas de Ruy Barbosa, uma expressão de pezar mais intima e directa do que as minhas palavras. Mas era preciso que se me deparasse uma opportunidade para obter-lhe essas lettras. E quiz a fatalidade que uma operação cirurgica em pessoa de minha familia continuasse me afastando de Petropolis, até o dia em que subi á cidade serrana, para lhe recolher o ultimo suspiro. Ficou, assim, esse dever descumprido.

Permittireis, porém, senhores ministros, que essa delegação se venha cumprir agora, ante vós. Membros da mesma familia, não vos dedignareis de acceitar os pezames de Ruy Barbosa pelo fallecimento de João Mendes.

E que grande falta que faz entre vós essa cabeça luminosa, nutrida pelos fructos da escolastica rejuvenescida, e servida por um conhecimento da nossa legislação igual ao de Nabuco de Araujo!

Vejo-o com os meus olhos, vejo-o claramente visto com estes olhos que, desde a adolescencia, se lhe poisavam na doçura ascetica do semblante, vejo-o como o via em S. Paulo, quer ao lado do pai, varão como elle de extrema grandeza, na casa paciega da familia, no antigo largo da Assembléa, quer á rua Barão de Itapetininga, quando traduzia o livro de S. João Climaco. Eil-o que apparece, sahindo da sala de café, apoiado ao hombro do collega que nunca lhe faltou com os desvelos de irmão, o Sr. Ministro Sebastião Lacerda, para entrar no

recinto, avergado ao peso das dores fulgurantes, que foram o lenho da sua cruz.

Voto mais certo não teriam as homenagens que prestastes a Ruy Barbosa. João Mendes não faltaria a essa sessão, ainda que para chegar á sua cathedra tivesse que reproduzir os passos do Calvario.

Ainda por esse lado se legitimam as condolencias que vos trago. Deixai-me pensar que a serie de contratempos que me empeceram a presença no seu enterro e na sua casa foi providencial, pois me permite, agora, cumprir a delegação de Ruy Barbosa de modo mais solenne, associando, como vós o fizestes, esses dois nomes tão queridos no mesmo luto.

Não se navegam os mares do céu com os astrolabios da terra. Os nautas portuguezes, nas suas *Artes de Marear*, sabiam que as balestilhas, aneis graduados e quadrantes, habeis ao esmo das distancias itinerarias, falliam para a exploração de certas distancias sideraes.

No tempo daquelles cruzeiros, que não ultrapassavam as costas de Guiné e Angola, o piloto, para tomar a altura, precisava que o sol, incidindo sobre o buraquinho onde elle punha o olho, coubesse na estreiteza do seu campo visual.

Os tempos, porém, são outros. A mathematica e a optica, rudimentares naquellas épocas, caminharão a chancas de gigante, e hoje, associadas á mecanica e á chimica para formar a astronomia, operam verdadeiros prodigios. Tanto surprehen-

dem a constituição nuclear dos mundos mais remotos como as suas trajetórias. Prescindem, não só dos instrumentos nauticos de Martim da Bohemia e Pero Nunes, velharias de museu de marinha, mas até do que parecia impossivel, do proprio telescópio, sem o qual Leverrier annuncia Neptuno e a sciencia moderna descobre no firmamento o helium e o coronium, antes de vel-os na terra.

Se um dos velhos lobos de mar de Sagres, Aveiro ou Vianna, que liam por Manoel Pimentel, juravam por João de Montereio, e tinham por horizonte a costa da Malagueta ou a Terra Nova dos Bacalhãos, resuscitasse hoje em dia, seria forçado, de certo, a dar-se conta do ridiculo do seu astrolabio e do seu olho, para investigações de alta astronomia, dessas que entendem com o peso, o volume, a orbita, o esplendor de soes' que, embora extinctos, ainda nos estão enviando, e continuarão a enviar por millenios os seus raios luminosos.

Não pertenceis á familia daquelles cosmographos rotineiros, senhores ministros, que dissestes pela bocca do Sr. Ministro Viveiros de Castro estas palavras immortaes, que merecem ser gravadas no soclo da estatua que lhe ides erigir :

“A presença de Ruy Barbosa neste templo da justiça se me afigura tão natural, ou, antes, indispensavel, como é natural e indispensavel a presença de Deus no tabernaculo.”

Deu-se um dia, neste tribunal, senhores ministros, uma scena tocante, tão rapida, que teria tal-

vez passado despercebida se um dos seus illustres protagonistas não a descrevesse, depois.

Ao terminar de um desses pleitos votados á immortalidade pela sua intervenção, Ruy Barbosa, já em pleno fastigio do seu nome, acercou-se do Ministro Pisa e Almeida e, tomando-lhe da mão, que elle modestamente procurava esquivar, beijou-lh'a commovido.

Todos que conheceram a timidez de Ruy Barbosa imaginam quão grande não era sua emoção para ter o ousio desse gesto. Não estranheis que lhe chame de timido. Al não era. Aquelle coração que, nos grandes momentos da tribuna, ora parecia um látego de estrellas, ora uma jaula de leões que sacudissem jubas e rugissem coleras sagradas, era habitualmente a harpa eolia da modestia, da doçura e do retrahimento.

Mas não encontrou outro gesto para resgatar a gratidão do direito desempenhado, por um voto, então vencido, mas depois triumphante e creando escola. E venceu a timidez.

Mestre da palayra, emudeceu. Quiz ser eloquente, calou. Quiz que o coração fallasse: beijou a mão de Pisa e Almeida. E' assim que as harmonias da creação fallam ao Senhor de todas as coisas a linguagem do silencio: o dia, nascendo no berço de rosas da aurora; a noite, recolhida no véo constellado do seu mysterio; os mares, ondulando na grandeza oscillante das suas bacias; os céos, estrelecendo no sorriso ineffavel das suas promessas.

Dão-se mãos, senhores Ministros, o invisível e o silêncio. Por isto, de certo, não vistes que, quando o Sr. Ministro Viveiros de Castro, abrindo caminho ás vossas homenagens e a palavras não menos duradouras que as suas, terminou sua synthese immortal, a alma de Ruy Barbosa baixou do empyreo para repetir-lhe na mão, tão sagrada como a de Pisa e Almeida, a caricia do seu beijo.

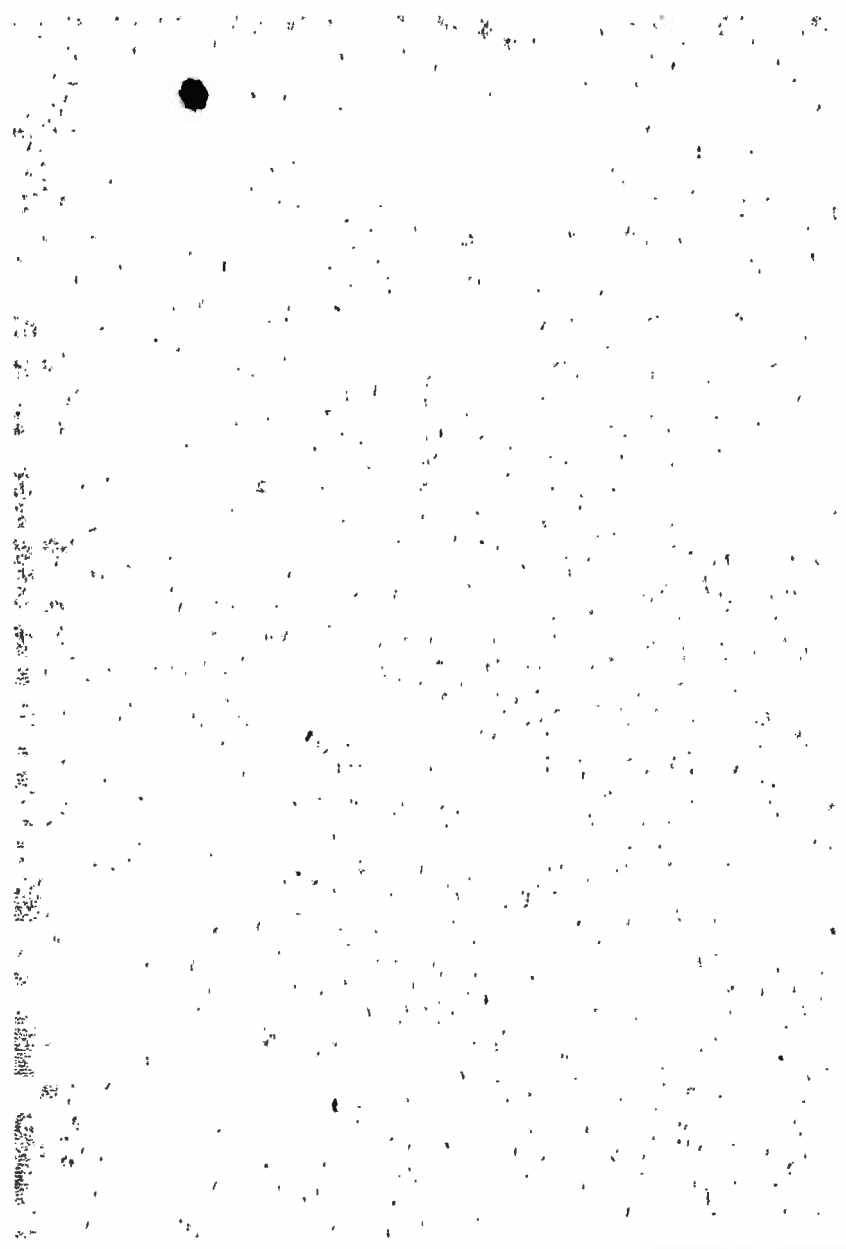
Porque elle não morreu. *Lumen legis* : a luz da lei não morre. Porque elle não se ausentou. *Lumen viventium* : quem illumina os vivos, vivo está. Porque elle não desapareceu. *Exortum est in tenebris lumen rectis* : mesmo das trevas do além-tumulo dardeja o resplendor do justo.

Não morreu. Não se ausentou. Não desapareceu. Vive, esplende, illumina, resurge : *Surrexit* !

Ruy Barbosa não precisa quebrar a tampa desse caixão, onde a sua palavra não foi encarcerada com o seu corpo, para que o vejais de novo flammejar aos vossos olhos.

Sursum corda ! Elevemos os corações a Deus ! Um instante do recolhimento sagrado das cathedraes, que só se povoa da harmonia dos orgãos murmurantes, um instante desse recolhimento, e vel-o-eis apparecer de novo diante de vós, erecto, fremente, illuminado, redivivo na grandeza do seu coração e do seu genio, resplandescendo na divina immensidade da sua gloria, para repetir-vos :

“mas ainda assim a moral é tão superior á força e o direito ao crime que essa justiça, desacatada, humilhada, ferida, oscillante no seu pedestal, continúa a projectar a sua sombra sobre a situação e dominal-a, como a cruz de uma divindade sepultada, annunciando aos deicidas o castigo e a resurreição.”



PRIMEIRA SESSÃO EXTRAORDINARIA

DE 27 DE MARÇO DE 1923

Presidencia do Sr. Ministro André Cavalcanti

A's 12 horas e meia, abriu-se a sessão, achando-se presentes os Srs. Ministros Godofredo Cunha, Leoni Ramos, Muniz Barreto, Viveiros de Castro, Edmundo Lins, Hermenegildo de Barros, Pedro dos Santos, Alfredo Pinto e Geminiano da Franca.

Deixaram de comparecer os Srs. Ministros Herminio do Espírito Santo, Presidente; Guimarães Natal, Pedro Mibielli, Sebastião de Lacerda e Pires e Albuquerque, Procurador Geral da Republica, todos com causa justificada.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior e despachado todo o expediente sobre a mesa.

O Sr. Ministro André Cavalcanti, communicando ao egregio Tribunal o fallecimento do Sr. Ministro João Mendes e do Conselheiro Ruy Barbosa, propoz que se inserisse na acta da presente sessão votos de profundo pesar por esses lutosos acontecimentos; e que se suspendesse por alguns minutos a sessão como homenagem do Tribunal áquelles preclaros servidores da Patria e bem assim se dêsse conhecimento dessas homenagens ás familias dos illustres extinctos.

Em seguida, o Sr. Ministro Viveiros de Castro, pedindo a palavra pela ordem, disse o seguinte:

“Justificando um voto em que no cumprimento do meu dever de votar obedecendo exclusivamente aos ditames da minha consciencia, eu divergi de um dos ensinamentos de Ruy Barbosa, tive occasião de confessar que o admirava tanto que, apesar de estudar com afincio o Direito ha mais de 30 annos,

me julgaria muito honrado se elle me considerasse um dos seus discipulos.

A manifestação desse desejo encontrou eco no coração bondosissimo do grande Mestre. Delle recebi um testemunho de apreço que excedeu de muito as minhas mais arrojadas aspirações.

Discipulo agradecido venho trazer a minha pedra para a glorificação do Mestre.

O Supremo Tribunal Federal, em vida de Ruy Barbosa, prestou-lhe diversas vezes um testemunho irrecusavel da sua excepcional admiração, suspendendo, quando elle occupava a tribuna, a execução da disposição regimental que limita a um quarto de hora o tempo concedido aos advogados para defenderem oralmente os direitos dos seus constituintes.

A sua situação era privilegiada. Sempre fallou pelo tempo que elle mesmo julgou necessario para explanar perfeitamente a materia.

Morto, excepcional tambem deve ser a homenagem á sua memoria.

Proponho, portanto, que colloquemos neste recinto, para que elle presida espiritualmente as nossas sessões, e inspire os nossos julgamentos, o busto de Ruy Barbosa, o brasileiro que mais alto elevou o nome do Brasil no estrangeiro, o pontifice maximo do nosso Direito Constitucional, o advogado sem par cujas razões são preciosas monographias que esgotaram as materias nada deixando a respirar; o jornalista insigne que se immortalizou em memoraveis campanhas, cuja penna era clava poderosa que ajudou efficazmente a quebrar os grilhões do captivo e a derribar o throno; o apaixonado cultor da nossa lingua admiravel cujos opulentos thesoiros ainda mais engrandeceu; e sobretudo, o intemerato paladino da liberdade, o incansavel defensor dos opprimidos.

A presença de Ruy Barbosa neste templo da Justiça, se me afigura tão natural ou antes indispensavel, como é natural e indispensavel a presença de Deus no tabernaculo.

E esta homenagem attestarà aos posteros que nós soubermos fazer a devida justiça aos meritos exceptionaes do grande morto.

A gloria de Ruy Barbosa cada vez mais refulgirá, o seu luminoso espirito ha de pairar sempre sobre o Brasil como um nume tutelar; e iremos sempre procurar na sua grandiosa evangelização os ensinamentos necessarios para que se torne uma realidade entre nós o moderno conceito de *Rechtsstaat*, o Estado juridico.

Que a misericórdia de Deus acolha clemente a alma do inclyto cidadão que tanto serviu á sua Patria, e ennobreceu a sua gente."

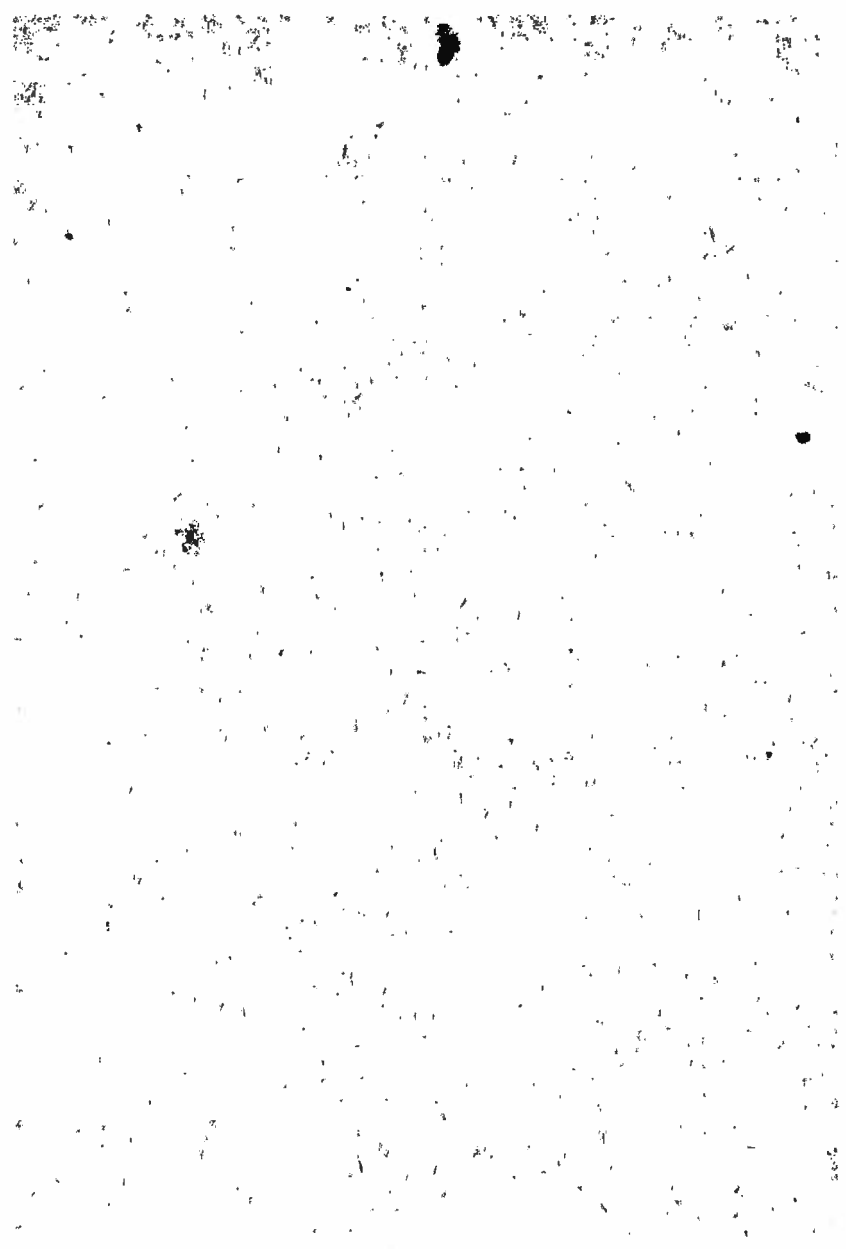
O Sr. Ministro Pedro dos Santos, pedindo a palavra, declarou approvar a proposta do Sr. Ministro Viveiros de Castro, fazendo em seguida um minucioso resumo da vida do eminente extinto, salientando os factos mais notaveis da sua longa e proveitosa vida publica.

A seguir o Sr. Ministro Godofredo Cunha, pedindo a palavra pela ordem, propoz que fosse adquirido um retrato a oleo do eminente Conselheiro Ruy Barbosa para ser collocado no salão de honra do Tribunal.

Postas a votos as propostas acima, foram approvadas, abstenendo-se de votal-as o Sr. Ministro Hermenegildo de Barros, que disse o seguinte :

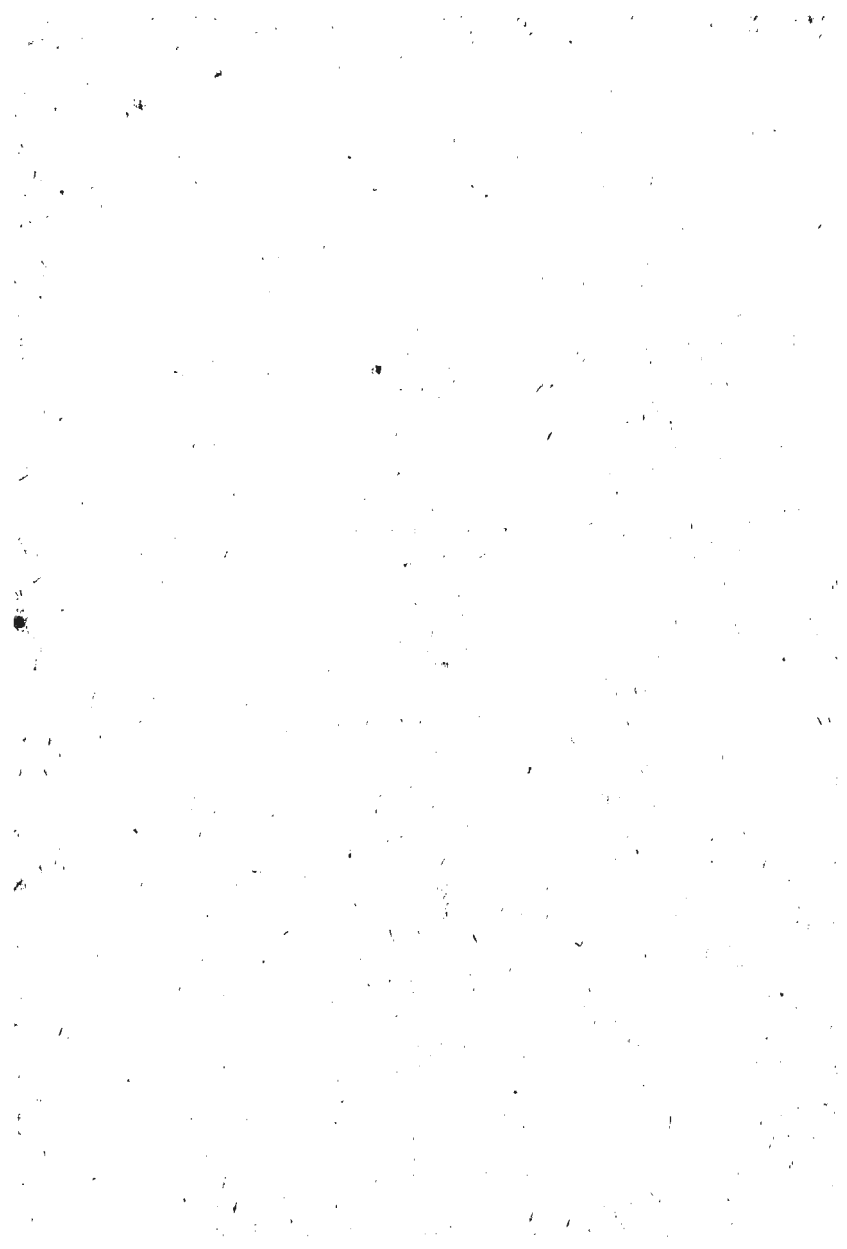
"Já tive occasião de declarar, pedindo a palavra pela ordem, que não tomaria parte em manifestações do Tribunal, que não se referissem propriamente ao exercicio de suas funcções, a não ser que se trate de manifestações de pesar pelo fallecimento de qualquer collega. Fiz essa declaração ao Tribunal, por occasião de ser proposto um voto de pesar pelo fallecimento do Dr. Raul Martins, como já o havia feito no Tribunal de Relação de Minas, conforme consta da acta de uma de suas sessões. Mantenho essa norma de conducta, porque se é possível, em algum caso, haver uniformidade de opiniões, póde acontecer que em outros se estabeleçam divergencias, e seria sempre desagradavel a discussão travada a respeito, no Tribunal. Assim, voto pela proposta de homenagem ao Ministro João Mendes e me abstenho de votar a proposta relativa ao Senador Ruy Barbosa."

(Do *Diario Official*, de 28 de Março).



Ruy Barbosa e Monte Azul

Discurso pronunciado em
Monte Azul no dia 25 de
Novembro de 1924, ao ser
inaugurada a estatua a Ruy
Barbosa.



NA desusada concorrência, no enthusiasmo, no esplendor desta solennidade, a minha pobre palavra, colhida pelo imprevisto, mal pôde se desempenhar do dever de agradecer-vos. Pela vossa, pela de todo esse immenso concurso de povo, acorrido de todas as cercanias, podeis avaliar da emoção indescriptivel com que vejo inaugurar-se este monumento, em que a intuição genial de Correia Lima conseguiu reproduzir Ruy Barbosa com uma expressão antes d'elle não attingida.

E' preciso que o repita. Na collecção, já não pequena, de bustos e retratos de Ruy Barbosa, nenhum dos que conheço tem a perfeição de semelhança deste. O genio do coração opera milagres destes. Monte Azul, pequenina localidade do que ainda alguns chamam sertão de S. Paulo, como se em S. Paulo inda houvesse sertão, Monte Azul pôde ufanar-se de possuir o mais perfeito busto de Ruy Barbosa.

A homenagem aqui não nasceu da necessidade de dar uma satisfação á opinião publica, de lison-

jear uma corrente de admiração, de reivindicar á sombra dos louros do grande morto por um interesse politico. Brotou irresistivelmente do seio da multidão, irradiou de Monte Azul sobre os municipios vizinhos, traduziu-se nessa immensa romaria civica e eternizou-se no bronze maravilhoso que acabamos de descerrar.

O TRANSPORTE DO BUSTO

Quanta piedade, quanta unção, quanto carinho não reveste a cerimonia de hoje! Ha pormenores de uma ternura capaz de abrandar as pedras, minucias de attenção, que rebentam como flores celestes entre as urzes do utilitarismo contemporaneo.

O busto veio pela estrada de ferro até o desembarcadero. Monte Azul não quiz confial-o a um caminhão, ou a um automovel. Nesta cidade Ruy não podia entrar senão nos braços do povo. E a longa romaria se fez. E a não pequena distancia da estação á praça foi vencida a pé. E o busto foi carregado a mão durante todo esse percurso, descobrindo-se todos á sua passagem, como os fieis durante as procissões ante as imagens sagradas.

O LUGAR ESCOLHIDO

Não parou ahi o desvelo desse culto, em que ha alguma coisa de religioso. Monte Azul é uma linda

cidade, construida sobre o mais alto cimo destes espigões. O seu horizonte é incomparavel. A praça central dir-se-ia o nucleo de uma estrella, de que todas as ruas são raios. Foi nesse ponto admiravel que Monte Azul collocou o seu Ruy Barbosa. Para mostrar que a bondade humana se aproxima da divina, collocou-o á sombra da cathedral. Para mostrar que elle é o guia dos verdadeiros patriotas, orientou-o para o norte magnetico. Para symbolizar que a crença da Liberdade não morre no coração dos brasileirosolveu-lhe os olhos para a estrella da manhã, cujos primeiros raios lhe beijam a frente todas as alvoradas.

Não sei de outra commemoração mais tocante que esta. Espontanea, sincera, profunda, sem intenções occultas, congregando todas as classes e todas as edades, até hoje Ruy Barbosa não teve glorificação mais eloquente.

AS CEM ROSEIRAS

O coração feminino trouxe a esta solennidade civica uma nota de maviosa delicadeza. Cem moças vão plantar as roseiras consagradas, que todos os annos desabrocharão nas rosas com que, no dia cinco de Novembro, será enfeitado o busto. E' a communhão do que ha de mais delicado no mundo sensível — a mulher — com o que ha de mais delicado no mundo sensitivo — a rosa.

Ruy não alcançou respirar o perfume da rosa

de Cachemira, a rosa das cem petalas, que depositou no regaço das moças bahianas, senão nas estrophes de Thomaz Moore. Porém o destino não lhe esquivou por tanto tempo a realização desse devaneio senão para revesti-lo hoje de uma significação mais eloquente e sellal-o de um toque de divina suavidade.

Dir-se-ia que a maravilha floral dos altiplanos hymalaios não se lhe sonegou senão para mais accentuar o esplendor com que sorri neste momento onde o rumorejar da vida faz esquecer por momentos a melancolia da saudade. As suas cem petalas transformaram-se nas ancillas desta panathenea espontanea, esculpida no marmore animado da vida, cuja idéa jorrou dos veios mais crystallinos de uma inspiração que enlaçou em torno desta herma o grupo das Tres Graças do Carinho, da Piedade e da Belleza.

Dir-se-ia que, como num conto de fadas, a rosa de Cachemira se transformou numa cidade, nesta risonha Monte Azul, e as suas cem petalas noutras tantas moças, de cujos corações se evola a flagrancia celeste, que embalsama a memoria de Ruy Barbosa.

O' jardineiras das roseiras votivas! Quem sabe se não sois os instrumentos de um milagre maior? Vós bem sabeis que os logares onde chovem mysteriosamente petalas de rosas, annunciam a doce presença de Therezinha de Jesus. Quem nos diz que vós, as cem petalas em que a rosa viva de Monte Azul se desfolha neste momento, junto á herma do

maior dos brasileiros, que vós não vindes annunciar ao Brasil que não deve descrever da protecção divina?

A ROSA E A PRIMAVERA

O coração, eu o dizia ha pouco, tem um sexto sentido — o da adivinhação. Quem disse ás moças de Monte Azul que a flôr preferida de Ruy Barbosa era a rosa?

Na Inglaterra, um dos maiores homens de Estado, o fundador do imperio britannico, Disraeli, lord Beaconsfield, tinha uma flor predilecta : a primavera. Todos os annos a sua estatua e a sua sepultura, no dia do seu anniversario, desaparecem sob as primaveras, que o povo inglez lhe leva.

Ruy foi um apaixonado não só da rosa como da rosicultura. Nos dias tempestuosos da fundação da Republica, morava á praia do Flamengo. Um dos seus raros e innocentes orgulhos era o de ali ter cultivado quatrocentas roseiras, sem deixar um só dia de tratá-las, mesmo durante o trabalho titanico de realizar sozinho a organização politica do regimen. A rosa para elle era a rainha das flores. Talvez por uma como affinidade. Havia na sua alma alguma coisa dessa maravilha da criação : a delicadeza, o perfume, a gamma infinita das côres para o carinho, e o espinho, o aculeo, o dardo para a defesa.

Dir-se-ia que essa predilecção quiz a Providencia assinalal-a de um modo carinhoso. Bello

Horizonte criou uma especie nova com o seu nome. E', talvez, a mais linda das especies mineiras. Mostrou-ma um amigo querido, a quem a fatalidade cortou, brutalmente, a mais alta das carreiras. Vi-a pela primeira vez nas mãos de Raul Soares. O mais clarividente dos novos estadistas mineiros mandou plantar de roseiras Ruy Barbosa a praça da Liberdade. Não ha qualquer coisa de allegorico nesse acto do homem que melhor encarnava o Brasil do futuro? Não parece que antes de afastar-se desta face da terra elle queria consubstanciar numa imagem concreta o seu pensamento sobre o grande brasileiro, a quem, por instantes, questões de campario o levaram a combater, mas a quem nunca deixou de votar a mais entranhada das admirações?

Não sei, ou antes, não me lembro, quem consagrou a primavera a lord Beaconsfield. Mas, futuro a dentro, quando, nos seus anniversarios, uma alma piedosa fôr ao jazigo de Ruy Barbosa com uma grinalda votiva, de certo que não hesitará entre a rosa e as outras flores. E sois vós, senhoras de Monte Azul, que começastes esta consagração. Fizestes-o no dia mais caro ao coração do grande extincto, no anniversario do dia em que elle desposou a companheira que foi a vida da sua vida, a alma da sua alma, a flôr sempre viva da bondade divina no seu lar". Ella mesma, conhecedora dô meu alheamento ao calendario, ainda hontem, pelo telephone, me accentuava mais esse mimo do vosso carinho que lhe tresdobrava o agradecimento.

BUSTOS E ESTATUAS

Referiu-se o vosso illustre orador á pouca sympathia de Ruy pelos bustos, estatuas e retratos, que transpira do seu discurso na Bibliotheca Nacional. Achava elle que taes manifestações eram um modo cortez de desobrigarem-se os vivos com os mortos, saldarem contas e esquecerem-no.

“O bronze é duro, o ouro pomposo, o marmore frio”, dizia.

Sim, o bronze é duro, o ouro pomposo, o marmore frio, quando collimam a lisonja aos vivos e não traduzem o carinho aos desaparecidos. Mas o som surdo, o som de chumbo com que essa moeda falsa resôa na pedra de certos jazigos, como num balcão de mercês e grangearias, não se confunde com o timbre esterlino da verdade. A nota commo-vida da saudade não afina com os violoncellos estudados. Arrancada das fibras mais profundas da carne, a sua resonancia afina apenas com as cordas de estradivarius do coração.

Sim, o bronze é duro, o ouro pomposo, o marmore frio, quando almoedam o interesse, ou tarifam o direito de esquecer. Bronze, ouro, ou marmore, a homenagem interesseira ou distrahida, venal ou negligente, em vão pompea o talento dos artistas, ou a exhibição da riqueza. A pá de cal da indiferença cobre a mentira funeraria com tanta segurança como se, em vez de estadear ao ar livre,

estivesse soterrada duma vez no valle dos sete palmos.

“O bronze é duro, o ouro pomposo, o marmore frio”. Estas palavras de amargura explicam-se. Quando Ruy as proferiu, em 1918, por ocasião da commemoração cinco centenaria da sua vida publica, houve quem quizesse desnaturar a incomparavel cerimonia civica, a incomparavel sa-gração nacional ao maior dos estadistas brasileiros, baptisando-a de “jubileu literario”. Como se a vida de Ruy fosse o culto da arte para a arte e não o culto da arte para o apostolado das idéas que foram a veronica da sua alma! E, então, vendo que queriam sepultar o pensador debaixo das flores com que glorificavam o literato, Ruy sorriu levemente da idéa de lhe fazerem bustos, quando o proscreviam da região dos estadistas. A admiração dos seus amigos não consolava o velho liberal dos desdens dos politicos, que lhe negavam tres vezes os seus cinquenta annos de lutas, serviços e sacrificios. Via-se fundido em bronze, cinzelado em ouro, lavrado em marmore como artista, mas negado como pensador. Era natural que não amasse os bustos. Mas nós o vemos, em dias como o de hoje, fundido num bronze em que respiram a sua alma e o seu pensamento. E podemos dizer-lhe: “Que bençãam maior para a tua vida, que esta? Que compensação maior para as tuas amarguras que o balsamo destas caricias?”

A memoria, como tudo na vida, desmaia e aca-

baria por se extinguir se o pincel maravilhoso da saudade não avivasse as côres e as linhas indistinctas, que o tempo desprezisa e destingue. Mas o coração sente a necessidade, para proceder a esse trabalho de aviventação, de remontará matriz, á fonte, á origem da saudade. Porisso, até o homem primitivo, com um osso de renna, gravava, nas cavernas paleolithicas, os traços da pessoa amada. Dahi o conservarmos todos a effigie dos que nos são caros.

CONSAGRAÇÕES DOS GRANDES

Fui companheiro de Ruy em Haya e Buenos Aires. Sou o unico dos brasileiros que o acompanhou nesses dois estagios da sua carreira gloriosa, porque, dos seus outros auxiliares, os que estiveram numa não foram a outra jornada. Vi o quanto o mundo civilizado o cumulou de honras e louvores. Estive a seu lado quando o embaixador da Inglaterra o visitou em nome do seu soberano, o mais poderoso chefe de Estado do mundo. Estive a seu lado quando o embaixador da França, levando-lhe "a mais alta distincção de que o seu governo dispunha", dizia-lhe que o exercito alliado, o exercito da civilização e da honra, abria as fileiras e inclinava os estandartes para "dar passagem ao campeão da Justiça, ao grande Ruy Barbosa".

Commoveram-me essas manifestações de carinho. Mas a homenagem dos grandes falou-me bem menos ao coração do que outras.

CONSAGRAÇÃO DOS PEQUENOS

Em Março de 1923, o illustre dr. Cardoso Ribeiro, secretario do governo de S. Paulo, viajava pela comarca de Catanduva, quando, ao passar por um modesto povoado, notou uma agglomeração. Inquiriu do que se tratava. Soube que na casa humilde, a cuja porta se apinhava o povo, na ~~saleta~~ principal, ladeado de flores, velado por algumas luzes, havia um retrato de Ruy Barbosa, coberto de crepe, em uma especie de altar, que era visitado por todos que passavam na estrada proxima. O secretario da Justiça, profundamente sensibilizado com aquella tocante homenagem, para lá dirigiu os seus passos. Queria ser, na sua propria expressão, "uma parcella da grande romaria áquelle santuario do dever".

Não conheço prova mais palpavel e emocionante da identificação de Ruy Barbosa, do senso divinatório que approxima a multidão dos seus verdadeiros amigos e alteia a comprehensão dos humildes ao nivel intellectual dos grandes servidores da verdade.

Aquella casinha, aliás, reproduzia o que se passára em Minas, onde o governo poude arrancar a Ruy a presidencia da Republica, afogando-lhe a victoria nas urnas, sob a maré das actas falsas, mas não conseguiu extinguir o seu culto no coração do povo.

CONSAGRAÇÃO DE MONTE AZUL

A gratidão dos politicos é precaria e move-dica. Não tem realidade. Vive de apparencias. Toma o disfarce da protecção e espolia. Afivela a mascara da benevolencia e persegue. Proclama o culto e pratica o esquecimento. Blasona a glorificação, porque um raio de luz do glorificado ás vezes desce sobre o glorificador, mas pratica o repudio.

Mas a gratidão do povo, que é a verdadeira nação, essa é inabalavel como o arcabouço granitico das cordilheiras. Que fez Ruy Barbosa por Monte Azul? Que lhe deu? Bem sabeis que nada.

Monte Azul só deve a Ruy Barbosa o que lhe deve todo o Brasil. O ter sido uma consciencia. O ter sido um coração. O ter sido um caracter. O ter sido um homem de fé. O ter sido um antecipador do futuro. O ter sido um sementeiro de verdades. O ter sido um sacrificado. O ter sido um proscripto da politica. O ter sido um heróe do dever. O ter sido um bom. O ter sido um santo. O ter sido o augusto prototypo da nação. O ter sido uma lição. O ter sido um exemplo.

Graças a essa comprehensão do ideal, graças a esse instincto luminoso do povo, graças a esse senso divinatório do "Brasil maior" é que assistimos, é que podemos ter a ventura de assistir a uma apothose destas, a maior que Ruy recebe desde que morreu.

Monte Azul! Nome prophético! Nome predestinado! A altura e a perspectiva, o cimo e o horizonte, o presente, e o futuro! Ruy descreveu um dia a cidade do Salvador como Nossa Senhora, vestida de azul, tendo aos pés as ondas argentinas da sua enseada remançosa. Assim eu vejo esta localidade dominando, com a sua cathedral e o seu Ruy, o horizonte infinito do progresso e tendo aos seus pés o oceano innumero dos cafesaes.

Salve Monte Azul! Salve Monte Azul, talvez o menor, o mais pequenino dos municipios do Brasil, mas digno de emparelhar com os maiores tanto no progresso e no trabalho como no enthusiasmo e no ideal. Que os destinos propiciem este ninho alcantilado para que da geração de seus filhos o Brasil se orgulhe e desvaneça.

O CORTEJO DE ANCHIETA

Ao chegar a estas paragens occupava-me a memoria, como uma obsessão, um facto da vida de Joseph de Anchieta, o grande thaumaturgo do Novo Mundo, que rasgou o primeiro caminho pela Serra do Mar

O transitio do thaumaturgo occorrera no interior do Espi.ito Santo, longe da cidade então arrial da Victoria. Era necessario transportar os despojos para a casa da Ordem. Mas sendo um mez de calor terrivel a decomposição era quasi certa.

Os discipulos do Apostolo do Brasil, ajudados

dos indios, que elle ensinára e convertera, collocaram o corpo numa rêde e partiram.

De subito, na calma canicular, uma aza pintou no horizonte. Depois outra..... E outra..... E mais outra..... E dezenas e centenas..... E milhares..... E dezenas de milhares..... Passaros de todas as qualidades e tamanhos deixaram as mattas e os campos, e reunidos no ar formaram como que um grande toldo que preservava os despojos do lidador de Deus contra os rigores do sôl

Lá vai o estranho cortejo. Os padres e os indios entoam os hymnos funebres. A cortina milagrosa acompanha-lhes a lentidão de marcha. De minuto em minuto uma araponga dobra a finados como si fosse o sineiro da matta. E o sôl não consegue atravessar com uma só de sua flechas o tecto vivo e movel, que acompanha e protege o cortejo. E o corpo do thaumaturgo chega incorrupto ao mosteiro onde é inhumado.

Com este busto de Ruy dir-se-ia que se repetiu o milagre. Dir-se-ia que elle chegou a Monte Azul debaixo do mesmo pallio de azas vivas como Anchieta

AS ANDORINHAS DE CAMPINAS

Conheceis de certo as andorinhas de Campinas, descriptas numa pagina inimitavel do Mestre.

Ouvi :

“Pelo limpido azul já sem sol, antes que se lhe esváia de todo o oiro dos seus atomos de luz, mas quando o crepusculo entra a desmaiar do seu brilho a saphira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se accentua em negro na cupola do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma setta, desfechada perpendicularmente de além, varasse alli a redondeza anilada.

Era um : e, logo após, já são muitos, já vêm surdindo innumeraveis, já parecem infinitos ; já se cruzam ; se recruzam ; já se encontram e circulam ; já se condensam e escurecem. Eram um grupo ; e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o ceu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sobre as cabeças. Agora, afinal, com os movimentos de uma grande vaga sombria, ponteada de branco, a librar-se entre a terra e a immensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscillando, fluctuando, rasga-se na corôa das palmeiras, açoita os fios telegraphicos, resvala pelos tectos do casario e, ao cabo arfando e remoinhando, turbilhoando e restrugindo, com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de crystaes que se despedaçam, chilreada immensa de vozes e grasnidos ás dezenas e dezenas de milhares, pendem, mergulham e desapparecem numa immensa curva borbulhante por sobre o largo telheiro abandonado, que essa aérea multi-

dão erradia elegeu entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão”.

Campinas também elevou uma herma a Ruy Barbosa, cujo nome se não corre o perigo de corromper-se pela canícula que ameaçava o corpo de Anchieta, nem por isso deixa de precisar de azas protectoras.

Dir-se-ia que as andorinhas de Campinas voaram sobre este busto e acompanharam-no até aqui, para conduzi-lo ás regiões incorruptíveis da historia. Campinas erigiu-lhe o primeiro monumento commemorativo. Dahi começa a jornada da sua effigie pela gratidão nacional. O cortejo funebre de Anchieta para o mosteiro da Victoria reproduz-se na jornada de Ruy Barbosa para o Pantheon da Historia.

Imaginemos que as andorinhas de Campinas, por este sol radioso, estenderam-se como um docel por sobre este limpido horizonte azul e estiveram sobre nós em alturas inatingíveis até o momento em que descerramos este busto.

Porque não as vemos? Porque sentimos que regressaram aos ninhos? Porque nem uma ponta de aza negreja nos ceus?

AS QUATRO AGUIAS

E' que as andorinhas viram que o busto de Ruy Barbosa estava entregue ás quatro aguias do seu pedestal. A sua missão terminara. As quatro

aguia symbolicas são o Trabalho, a Fé, o Ideal, a Esperança. Trabalho, é o trabalho de meio seculo, que fez de Ruy Barbosa o maior escriptor da lingua. Fé, é a fé que durante meio seculo o fez desdenhar das victorias passageiras do mal para crer no triumpho definitivo do Bem. Ideal, é o ideal preservado durante meio seculo das seducções do mando, da transigencia e do interesse. Esperança, é a esperança de que havemos de ter grandes dias e de que as gerações porvindoiras hão de fazer do Brasil uma nação como a Inglaterra onde as maximas revoluções e reivindicações se façam pelo instrumento incruento da palavra.

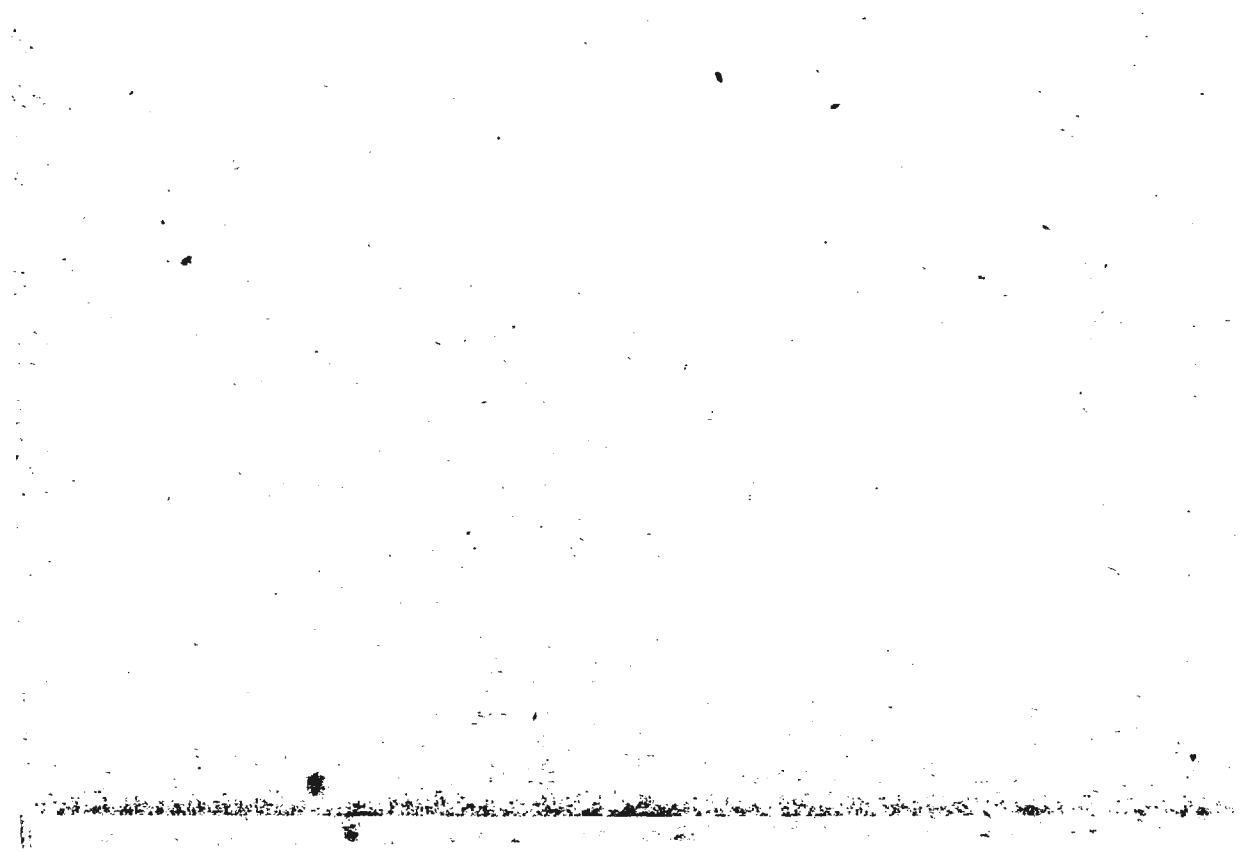
Ahi fica Ruy Barbosa entregue ao vosso coração, filhos de Monte Azul.

Adverti ao mundo ensinamentós das quatro aguia symbolicas. Vós, os que trabalhais, pensai na Aguia do Trabalho. Vós, os que dominastes as rebeldias da duvida, pensai na Aguia da Fé. Vós, os que acreditais na justiça e no direito, pensai na Aguia do Ideal. Vós, os que acreditais no futuro do Brasil, pensai na Aguia da Esperança !

Repetiu-se o milagre de Anchieta. Ruy Barbosa entra na glorificação sob um docel de azas, sob um pallio vivo e animado, sob as azas das andorinhas de Campinas e das aguia de Monte Azul.

Inauguração do Museu Ruy Barbosa

Discurso pronunciado em
11 de Agosto de 1930.



S EJAM as primeiras palavras deste escriptor que até hoje só fallou em publico para obedecer á vocação de um mandato indeclinavel, sejam as suas primeiras palavras de homenagem a este illustre auditorio, que a presença do Chefe do Estado embebe da majestade não só do seu cargo, como da sua pessoa, por tantos titulos digna da gratidão e do respeito de todos os brasileiros. Ante esta augusta figura de estadista, a quem estão em boa hora confiados os nossos destinos, os meus agradecimentos em nome da familia Ruy Barbosa e no meu proprio revestem-se de singular emoção. Borbulha este sentimento, como de uma fonte crystallina, tocada ainda do sol da juventude, do velho convivio que me approximou do seu alto e nobre espirito, desde as origens da sua rapida e gloriosa ascensão na vida nacional. Lembro-me ainda do carinho com que desde a sua promotoria, primeiro cargo publico que occupou, colligira todos os artigos de Ruy na *Imprensa*. Lembro-me ainda que o meu primeiro contacto com o celebre discurso do Collegio Anchieta tive-o por seu intermedio, no Guarujá, mandado

de São Paulo num retalho de jornal, que lhe transcrevia os trechos principais. Trazia, sublinhada a lapis vermelho, esta phrase: "Amou a Patria, viveu no trabalho, não perdeu o ideal".

Dize-me a quem admiras e dir-te-ei quem és. Não falha o brocardo. Na admiração consciente e profunda, que desde os começos de sua carreira, V. Ex., Sr. Presidente da Republica, votava a Ruy Barbosa, estava implicito o seu alto senso dos destinos nacionaes. E já se definira a sua futura attitude no civilismo apostolar de 1910, cujos fructos estamos colhendo no espirito novo que, para honra das suas fulgurantes tradições, hoje anima as nossas classes armadas.

Deus reservou-lhe, entre outras, a graça, meu grande Presidente e caro amigo, de, inaugurando esta casa, não só dar corpo a uma aspiração nacional como ainda seguir a corrente mais intima e espontanea dos seus sentimentos pessoases. A mão do Presidente da Republica, que descerrou a placa inaugural desta solennidade, é a mesma que o velho Ruy tantas vezes estreitou como a de um de seus melhores amigos.

Bem sabe, Sr. Presidente, que certo dia, num desses momentos em que a 'Eternidade começa a rondar-nos de mais de perto, na unica allucinação febril que lhe conheceram os medicos, o seu nome irrompeu, num clamor prophetico, daquelles pulmões por onde respirou tanto tempo o Brasil! Não se sente, Sr. Presidente da Republica, naquella alma

já imantada pelo ultra-sensível, a antevisão deste minuto?

Senta-se ao seu lado, Sr. Presidente, o nobre ministro a quem, em virtude de seu cargo, coube a execução do seu pensamento quanto á casa de Ruy Barbosa. Não se limitou o preclaro titular da Justiça a ordenar os trabalhos de que este prédio, coberto de gilvazes e mutilado por uma sacrilega amputação, tanto necessitava. Acompanhou-os com um carinho infatigável, de que fui, hoje que nos ligam laços de estreita amizade, a quasi diaria testemunha. Sem sair da reserva discreta e da modestia com que embalde pensa penumbrar um dos mais altos valores moraes de que dispõe a Republica, o Ministro Vianna do Castello tem tido para com esta casa uma dedicação operosa e esclarecida, uma dedicação que o incorpora, sem favor, ao numero dos melhores amigos posthumos do grande extinto. A elle depois de V. Ex., Sr. Presidente, de V. Ex., alma desta inauguração, o mais imperecível reconhecimento da familia Ruy Barbosa.

Acabamos de ouvir deslumbrados a palavra de João Mangabeira. Portador de um nome merecidamente illustre, representante de uma dynastia de talentos da mais pura agua, Dióscuro de outro astro de primeira grandeza, o seu raro instincto das delicadezas moraes, Sr. Presidente, desentranhou-se ao designal-o para vogal desta solennidade, numa das suas intuições mais felizes. O nome que elle traz está ligado a esta casa por uma dupla e visceral tra-

dição de carinho e fidelidade. Brilha como a refração de certas estrellas que, mesmo quando pareçam sozinhas ao olho desarmado, estão irmanando no azul a geminação de seus resplendores.

Nascido na Bahia, cujas mãos piedosas cobriram de flores esta casa, elle veio rocial-as e tornal-as ainda mais frescas sob o orvalho diamantino de sua emoção.

No ninho do passaro, que abriu o vôo para grandes migrações, ficam muitas vezes pennas que ainda lhe conservam o calor. Dir-se-ia que "o verde ninho murmuoso" ainda guardou o calor de Castro Alves para os vôos de João Mangabeira. A sua eloquencia librou-se naquellas alturas da Acrópole bahiana, de onde a vista se estende sobre "o verde ninho murmuoso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros". Esse panorama, em que as pupillas de Ruy se embeberam um dia como um beijo da eternidade, era o que, quando vos escutava, João Mangabeira, eu via desdobrado ante mim.

Não foi em vão que a Providencia deu ao pre-sepe tropical em que sorriem as aguas verdes da Bahia os dois braços dos golfos, e sim para que melhor pudesse estreitar os filhos que amamentou com o leite dos sóes. A' vossa palavra, João Mangabeira, senti que a velha heroina, na illusão sempre renascente das mães desventuradas, senti que a velha heroina, recusando a evidencia do desaparecimento, alongava os braços até aqui como para

buscar o filho estremeado, conchegal-o ao seio, imprimir-lhe o seu sopro e reanimal-o ao seu calor.

Não foi só a grande Bahia do talento que falou pela sua voz. Foi também a Bahia do coração. Graças vos sejam.

Poderia, e talvez mesmo devesse, Sr. Presidente e meus senhores, dar por extinto o meu mandato. Mas a generosidade com que V. Ex. me tem acostumado tão mal, não me regateará de certo mais alguns minutos, nesta occasião unica de minha vida. Cumpre-me ainda a obrigação de pedir que seja V. Ex., que incorpore a este museu a presente reliquia. Que são estes dois livrinhos que eu chamo de uma só reliquia? Têm uma historia e commovente. São um symbolo e dos mais significativos.

A historia vamos ouvir-a do proprio Ruy na celebre resposta a Cesar Zama.

“Nasci na pobreza ; e de tal me honro ; porque esta pobreza era a corôa de uma vida, que o amargor do sacrificio não deixou fructificar em prosperidade. Mas se disso me desvanço, não é menor a honra para mim, de ter sabido, com o suor de muitas agônias, transformar espinhos em fructos de bênção, fazendo do meu trabalho um manto de respeito para a memoria de meu pai. E por isso, bem é que a memoria do pai venha trazer hoje o testemunho incorruptivel dos mortos em soccorro do filho indignamente diffamado”.

O pai, “a maior cabeça de sua época, o orador mais perfeito que já conheci”, o pai “não obstante

a austera modestia do seu viver, falleceu onerado de encargos”.

Ruy remiu-os todos gradualmente. Mez por mez, durante o largo espaço de 12 annos”, viveu a tragedia da divida. Num caderninho, que nunca abandonava, trazia annotadas as datas dos vencimentos, as reformas, os juros, as amortizações, os endossos e os resgates de todos esses titulos. E só após annos de uma responsabilidade acabrunhadora e de uma fadiga extenuante, em que me ficou talvez a melhor parte de minha vida, me foi dado afinal colher a flor desta alegria inenarravel: a de sellar a existencia de meu pai com o desempenho cabal de seu nome.”

..... Quando nisto considero hoje, e rememoro como o meu trabalho, na phase inicial da minha carreira, me bastou para os compromissos de duas vidas, a delle e a minha, entra em mim a impressão quasi supersticiosa de que a bênção da acção bôa me acompanhava como um continuo milagre, destacando em fructos o meu esforço laborioso”.

Esse itinerario da honra vem dia a dia sendo retraçado no celebre caderninho. Essa odysseia de algarismos, esse poema do sacrificio escripto com o suor de todas as canceiras e o sangue de todas as renunciias, em vão quiz o tempo deterioral-o, entregando-lhe a capa aos microorganismos do bolor. Salvei-o, mandando reencadernal-o.

Causará estranheza que elle se divida hoje em dois tomos quando era um só. Mas não ha motivo.

A unidade espiritual de um livro não depende da unicidade de tomo. Quer num, quer em dois volumes, a *Odysséa* de Homero é sempre a *Odysséa*. Aqui a divisão se impunha. Os sacrificios de João Barbosa pela educação de Ruy foram tão grandes como os deste pelo desempenho de seus encargos. Os livros que têm os seus retratos servirão para symbolizal-o. Como dois corações que bateram em vida no rythmo de um só affecto, o velho caderninho, dividido em dois, fica doravante nesta casa como um só pensamento : o cumprimento do dever.

Por grande, porém, que seja a belleza deste episodio no campo illuminado do carinho, a sua amplitude symbolica na zona severa do imperativo moral é incomparavelmente maior. O dever é a base de tudo no mundo moral. E' a base da ordem e da justiça. E' a base da única liberdade que pôde existir, a liberdade restringida pela lei. Depois que o tempo e o estudo me amadureceram o espirito, a analyse veiu alforriar-me do velho romantismo politico, graças ao qual, na juventude, fiz da liberdade um mytho indefinido, collocado tão acima da lei e da auctoridade como o Kronos da theogonia saturniana acima do espaço do tempo.

Cahí em mim em tempo. Comprehendi a grandeza de Ruy, quando deu á justiça, que em ultima analyse não é senão o dever, armado da força coercitiva, o primeiro lugar entre os valores essenciaes do regimen. Comprehendi que em todos os seus hymnos classicos á liberdade estava implicita a res-

trição : “*sub lege*” Estudei nas fontes todas as correntes de idéas a cujo sopro se está moldando a civilização, ou melhor, a vida contemporanea. Rastreei Luthero no individualismo pagão que apodreceu no cerne o tronco portentoso da Roma cesareza. Rastreei Voltaire, Rousseau e o Encyclopedismo em Luthero. Rastreei Thermidor na Encyclopedia, em Voltaire e Rousseau. E rastreei Marx e Lenine nos torvos dias tempestuosos em que a guilhotina enchia de sangue humano as sargetas de Paris. Volvi ao catholicismo, onde a liberdade não decapita, volvi ao catholicismo onde ha igualdade perante a justiça e a caridade, a unica que póde existir entre os que nascem desiguais. Volvi ao catholicismo, onde a igualdade não mente. Volvi ao catholicismo, onde a fraternidade não ludibria, porque a sua essencia não nasce da reivindicacão e sim do sacrificio livremente consentido. Comprehendi a superioridade da doutrina christã, que proclamou a *declaracão dos deveres do homem*, sobre todas as outras que se limitam a proclamar os seus direitos.

Não apostato, não abjuro, não renego. Continuo a crer na liberdade, mas debaixo da lei, como creio no sol mas condicionado ás leis que o regem. Hoje, porém, quando se falla em liberdade, exijo que m'a definam, e, quando não m'a definam, defino-a eu.

Como te chamas tu, liberdade de Marat, Danton e Robespierre? Tu és a guilhotina. Como te chamas tu, liberdade de Moscou? Tu és o espin-

gardeamento, o confisco, a rapinagem dissimulada em collectivismo e distribuição. Graças a Deus que estou livre de todos os romantismos, mesmo o moscovita. Amigo e soldado da liberdade, mas como a comprehende o verdadeiro espirito brasileiro, restituído ao esplendor da sua verdadeira tradição latina, considero a outra, mascara da licença, a alcaiota da anarquia, o incentivo á desordem, o pretexto da sedição, a vivandeira do bolchevismo, a harpia da desintegração. Ter-me-á sempre pela frente.

Rotos os laços que me prendiam ao individualismo, depois que lhe descobri as origens reformistas e revolucionarias, e estudei os maleficios, queimei como o Sicambro os falsos numes enthronizados pelos estudos superficiaes de uma cultura apressada. O culto do dever, Sr. Presidente, é o que o Brasil precisa incutir no espirito de seus filhos. Elle redunda na melhor das defesas do direito. Se o dever dos deveres é respeitar a justiça, quem cumprir o dever não póde lesar a outrem.

Assume um caracter nacional a submissão de Ruy ao dever. Deveres para com os pais. Deveres para com a esposa e para com os filhos. Deveres de brasileiro. Deveres de cidadão do Universo. Deveres de catholico. Provar como os cumpriu seria a sua biographia. Para que provar a existencia do sol aos olhos de quem não a põe em duvida?

Apesar da angustia de poupar os minutos, não me consente o culto que voto "aos pedaços vivos de sua alma", que, nesta hora, para nós sagrada, eu

cale o meu carinho por este velho lar, onde recebi de Deus a immerecida dadiva da minha santa companheira e onde nos nasceram quasi todos os filhos.

Quanta saudade palpita em todos os cantos desta casa de Ruy, illuminada pela presença predestinadamente augusta "da corajosa companheira de todas as suas lutas!" Hontem poesia, perfume, graça, raio de sol dourando a vida do marido, hoje Andromaca embranquecida, saudade viva, cinzelada pelas mais puras virtudes christãs, todas as mães e esposas brasileiras podem mirar-se desvanecidas no seu exemplo

Não sou eu só quem o diz. Não é só o carinho que falla. Esta verdade tem hoje aqui uma evidencia bem mais resplendente. Senta-se ao seu lado outra figura feminina, cuja dignidade, cuja bondade, cuja piedade, cujo alto senso dos deveres da sua posição, rompendo os veus do sacrario intimo, todo o Brasil hoje reconhece e proclama. A presença dessa excelsa senhora, a quem de ha muito estou acostumado a admirar como a expressão das virtudes e qualidades, as mais peregrinas, tem aqui o caracter de uma consagração nacional da mulher brasileira á viuva Ruy Barbosa.

Mas, como é difficil a gente forrar-se a esse amavio da saudade, molhado de lagrimas, como o sorriso hellenico!

Alli, naquelle aposento á direita, foi escripta a conferencia de Buenos-Aires, de que fui o primeiro e por muitos dias o unico confidente. Alli, no gabi-

nete da esquerda, onde lia os classicos, reclinado num velho sopházinho, o prefacio do Codigo Civil.

Além, no quarto de dormir, apesar de uma hemicrania terrivel, ditou á sua angelica Antigone, á sua enfermeira em todas as molestias, a parte final do seu discurso a Anatole France.

Se elle ainda pudesse ressuscitar, se ainda pudesse-mos, por um momento, vel-o resurgir em plena gloria, com certeza que este salão seria o lugar preferido pela sua sombra amiga. Quantas vezes aqui não o ouvimos falar! Quantas vezes, aqui, ao escutal-o, não experimentei o terror sagrado, mixto de assombro e de deslumbramento que em nós despertam certos phenomenos da natureza!

Era nas grandes manifestações do civilismo ou da volta da Argentina. A casa repleta de escól da politica e do pensamento.

Mas, de repente, elle apparece, pequenino titan musculado pela gloria ao sol de todas as grandes batalhas de seu tempo.

O auditorio não se deixa enganar por aquella apparencia. O estreito do arcabouço, o fragil do tronco, o encurvamento dorsal, filho do livro e da penna, toda a sua parcimonia physica, tudo desappareceria ante a "Figura di mente", que o esplendor heroico de seus actos esculpira em todas as almas. E' o homem da Abolição. E' o homem da Republica. E' o homem de Haya. E' o homem do civilismo. E' o homem de Buenos-Aires. Galgou um a um

todos os degráos desta calçada de gigantes, para ser o homem do Brasil.

O seu discurso começa por um silencio, que a attenção religiosa dos ouvintes augmenta. Arfam no seu recolhimento vibrações recolhidas em antenas, que alcançam nos confins da Eternidade o drama inicial do Verbo e da Luz.

A energia radiante da sua palavra levanta o véo de mysterios theogonicos e faz-nos viver instantes de Genesis.

Permitte-nos desvendar o mais antigo dos arcanos biblicos : "no principio era o Verbo". Mostra-nos a força cosmica do ventre eruptivo do Chaos.

Em vão o Verbo divino resfriou-se na palavra humana, como a torrente vulcanica na lava. Em vão a temperatura inicial baixou á da nossa athmosfera. Em vão a chamma se transformou em ar para poder entrar-nos nos pulmões, caber-nos na garganta e servir, sem calcinar-nos, á esculptura instantanea da idéa. A palavra de Ruy prescinde das degradações de calor indispensaveis á nossa pobre argila. Rebentaria a columna de mercurio de todos os thermometros, se pudesse ser medida.

Torna-se contemporanea do Genesis. E' energia cosmica. Cria irradiando.

Refundida pelo seu genio, a pobre escoria vulcanica, em que se cunha o nosso pensamento, reassume a tempera e a irradiação primitivas. A palavra na sua bocca deixa de ser o vehiculo physiologico do som, a aza limitada da idéa, para volver ás ori-

gens. Torna-se energia, plasma, torrente. Supprime o tempo, encurta o espaço, arranca a mascara millenaria da energia e transporta-nos ao pico de cuja aresta mais alta jorra nos espaços a bênção luminosa do Ether. Reproduz o milagre inicial. Cria a luz, a jorros, a flux, em cascata, resplandecendo nos assombros de um novo Fiat.

A incarnação iavetica, confinada a um recinto de contingencias, não podia durar. Evanesce-se nas sombras do subconsciente.

Mas alguma coisa de prodigio ficava. Alguma coisa ficara da chamma entrevista: — a alma do pequeno titan, que havia resplandecido num bloco vivo e fulgurante de nervos. Sua alma havia deixado a sua veronica na de todos. Mostrara-nos que a palavra é o rosto do pensamento. Mostrara-nos como o verbo cria a luz, como a luz é espirito, voz, palavra e criação.

A impressão que se tinha, depois de ouvir o pequeno titan musculado pela gloria, traduzia-se por estas palavras:

“Só elle mesmo! Só o Ruy!”

“O Ruy!”

O milagre dessa interjeição votiva: — “Ruy!” Ha nesta palavra um carinho profundo, a intenção sub-consciente de tornar o nome pequeno para melhor caber no coração. Deixou de ser um substantivo proprio. A Nação, pelas suas forças vivas, descategorizou-o grammaticalmente e transformou-o na grande interjeição do orgulho e da esperança

nacionais. Ruy é um grito, um appello, um clamor ao futuro.

Por esse, e não por outro motivo foi que pedimos a V. Ex., Sr. Presidente da Republica, que desse a esse clamor espiritual um irmão no grande mundo cosmico da natureza — a *brasilia coesalpina*, que plantamos hoje.

A arvore é a voz da terra, partida das suas entranhas. Um universo novo, tão grande como o astronomico, tem surgido hoje com os progressos da sciencia. Ha instrumentos que captam, registram e transmittem a voz das plantas.

A capacidade de exploração da optica não fica hoje a dever nada á da acustica. Um mundo novo rompeu o casulo do invisivel e surge no proscenio da terra.

Nossos ouvidos começam a escutar o mundo mysterioso que o Grande Surdo comprou talvez o direito de entrever com o sacrificio da audição terrestre.

A sciencia vem explicar a profunda verdade com que a linguagem humana criou a expressão, commum a todos os idiomas, *voz da terra*. Se tem voz a agua, se tem voz a gleba, se tem voz a semente, se tem voz a raiz, se tem voz a seiva, se têm voz os órgãos da vida vegetal, ouviremos fallar o cedro, o jequitibá, o guarantam, o pau Brasil. Fallarão, como fallava o carvalho de Dódona. E o conjunto das suas vozes, o conjunto de vozes que sobem do

seio sagrado da terra brasileira formará a symphonia heroica da nossa marcha na Historia.

A terra em que mergulham as raizes da arvore symbolica foi colhida nos campos de Pirajá.

Alli, como no tempo de Vieira, contra os Hollandezes, milicias indias, milicias negras e milicias brancas, irmanaram-se para consolidar a independencia proclamada "nas alturas predestinadas do Ipiranga"

Naquelle punhado de terra que hoje se misturou com a pisada por Anchieta e por Nobrega, ainda devem palpitar moleculas de sangue. A agua que regou a céspe de hoje foi captada no S. Francisco, a grande arteria, que é a aorta dos nossos sertões. Nella vibram electrons da maior energia, da maior reserva dinamica de que dispõe o nosso territorio, a cachoeira de Paulo Affonso.

Com essa dupla bênção da terra e da agua, a que se junta, Sr. Presidente, a da sua mão, que representa a do Brasil, é impossivel que a arvore plantada hoje não médre, não vingue, não cresça, não torreie sobre as outras arvores, como Ruy sobre todos nós

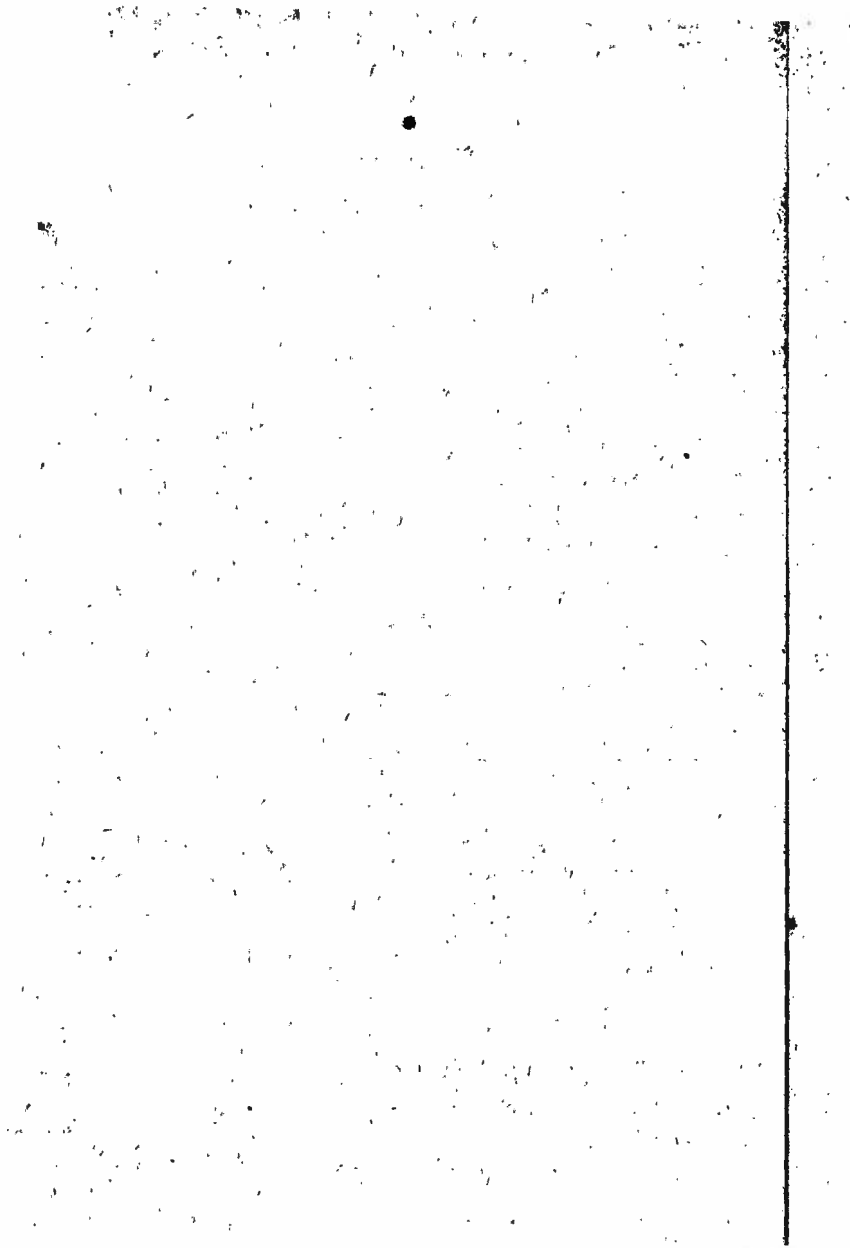
Daqui a pouco a noite estenderá sobre esta casa o véo constellado do silencio. O arbusto sagrado dormirá tranquillo. Nenhum registrador indiscreto tentará surprehender os segredos da sua acustica.

Mas, talvez, que então, das suas raizes, das suas fibras, da sua lymphá, da rêde vascular do seu tronco,

das suas franças, de toda essa actividade, de toda essa elaboração, de toda essa orchestra polyphonica, cujas notas começamos a surprehender, rompa, para levar muito alto a expressão desta solennidade, para leval-a ao Cruzeiro do Sul, a grande interjeição da gloria nacional : o monosyllabo RUY.

Ruy Barbosa
A constituição e o militarismo

Conferencia pronunciada na
Faculdade de Direito de S.
Paulo, a convite do Centro
Academico Onze de Agosto,
em 5 de Novembro de 1931.



A evocação de Ruy Barbosa no dia de hoje nesta casa, que é o cimo mais alto do direito no Brasil, é uma affirmação de vitalidade da consciencia juridica da nação, que não glorificaria o Apostolo, se lhe quizesse renegar a Doutrina.

O Brasil não quer que pereça o regimen da legalidade em que evoluiu e sob o qual attingiu a admiravel integração, legado de honra dos nossos antepassados, que, apesar dos tempos tormentosos que desabaram sobre o mundo universo, ainda hoje conserva.

Mal de nós, se, ao primeiro sobresalto, ao fechar do primeiro sobreceño, abrissemos mão do systema de garantias que sempre tutelaram a nossa liberdade, honra e vida. Passam os temporaes, passam as aversões, passam os cataclysmas, e, sobre a face convulsionada do cosmos, começa a reinar de novo a serenidade eterna do firmamento. O que não passa é a abdicção das consciencias, o suicidio dos povos que se resignam á humilhação das senzalas.

S. Paulo descrente, empobrecido e humilhado;

S. Paulo entregue ao vilipendio, ao desalento e á duvida de si mesmo ; S. Paulo, na sua longa via-crucis, trazendo á frente, como irrisoria corôa de espinhos, a corôa da sua hegemonia; S. Paulo crucificado, matando a sêde em tantas esponjas de vinagre e fêl ; S. Paulo injustamente responsabilizado por todos os erros do regimen ; S. Paulo repartindo a sua miseria com os irmãos mais miseraveis ainda ; S. Paulo não precisa ouvir uma voz de alento, de coragem, de confiança, para retomar as antigas energias, volver ao primitivo tonus nervoso, desempenar-se na pristina estatura do Titan, que fez o Brasil.

As suas reservas de energia estão intactas, são infinitas, e a sua voz ainda pode repercutir de valle em valle, de quebrada em quebrada, de cerro em cerro, em todos os pontos do territorio nacional, bradando que a sua raça e a sua gente, incompativeis com todo e qualquer regimen que não seja a expressão impessoal da legalidade, ciosos da cultura e do sentimento paulistas que não desapareceram no passageiro eclipse da sua prosperidade, continua a acreditar como sempre na supremacia inerme do Direito. Pouco importa que a razão e o senso juridico, batidos pelo cyclone de Moscou, inspirador subconsciente de desilludidos ou exploradores, ameacem apagar-se no horizonte das intelligencias. S. Paulo continua a crer no fôco solar da legalidade, fonte e origem do complexo de leis moraes que for-

mam o Direito e sem as quaes é impossivel a existencia do homem na face do planeta.

Somos um paiz de tradições juridicas, somos um paiz que mesmo na colonia, sob o dominio dos reis de direito divino, só reconheciamos á nossa actividade limites traçados pela legislação. Pouco importa que grandes fossem as suas lacunas e deficiencias, a sua rispidez e draconismo. Era a lei, era a systematização da moral e do bom senso contemporaneo. Obedecer-lhe não reduzia o individuo á condição de escravo.

O limite juridico acostumou-nos á fruição de uma dignidade desconhecida a outros povos menos bem aquinhoados nas suas instituições nacionaes.

Regimen juridico trouxe-nos, desde 1532, esse Martim Affonso de Souza, de cuja armada desceram o capellão com a fabrica ecclesiastica, o juiz, e o almotacé, cellulas da vida judiciaria, destinada a presidir e a regular a vida da nação. Regimen juridico trouxe-nos Thomé de Souza, contemporaneo da grande geração de jesuitas que modelaram a nossa consciencia e cujo sopro invisivel ainda electriza todas as fibras subconscientes do nosso tecido moral. Regimen juridico deu-nos o Imperio. Regimen juridico assegurou-nos a Republica de 89, obra imprecipavel sobre que hoje se assanha a picareta dos iconoclastas.

Estranho poderá parecer este clamor pela reintegração da ordem constitucional, quando elle não parte do seio de uma grande corrente militante. Dois

mezes atrás não me parecia tão urgente essa necessidade. Mas informei-me melhor. Procedi a um inquerito consciencioso. Reconheci que o nosso credito no estrangeiro não se consolidará antes de regressarmos á ordem legal. Reconheci que a grande maioria, senão a unanimidade virtual da nação, sem motivos subalternos o exige. E dou a minha opinião com a independencia de um brasileiro sem ligações partidarias.

Político militante não fui. Saudosista não sou. Adhesista matreiro; cortezão da victoria, ordenança do exito, muito menos. Dengoso serenateiro ao rancho das novas beldades que se ajanellam nas sacadas do poder, sorrindo favores e promessas já não faltou quem de tal me acoimasse. Paciencia! Commigo tudo se dá pelo avesso! Ainda estava o ultimo presidente sitiado em palacio, ainda não abandonára o posto que lhe conferira a nação, e já minha casa era assediada por uma récua de desordeiros que a varejaram, á minha procura, para castigar-me do crime de uma amizade de trinta annos. Pois bem. Almas de bandeja houve, que nessa mesma hora buzinavam não a minha adhesão á nova ordem de coisas, mas o repudio de velhas amizades feridas pelo infortunio. Como se alguma coisa em meu passado pudesse tornar acreditavel tal covardia! Como se a amizade pessoal se tivesse necessariamente de traduzir em certos caracteres altaneiros no incondicionalismo pratico, que exige a abdicação total da personalidade.

Desde 1924, quando percorri o Rio Grande, numa campanha eleitoral pela Alliança Libertadora, desde a Paz de Pedras Altas e o encerramento das lutas riograndenses, que me retirei da actividade politica. Entreguei-me dahi em diante ao estudo constante e apaixonado da nossa historia e da nossa sociologia. Enclausurei-me completamente nos livros. Nunca me arregimentei em qualquer partido. Queria resgatar na segunda parte da vida o erro de não ter dedicado a primeira ao estudo do Brasil. Preferencias, sympathias nas competições pessoais, em que sempre se cifrou a politica brasileira, era do meu direito tel-as. Mas, intervenção na politica militante do paiz nunca mais a pretendi nem tive. Nunca exerci cargo algum, quer na politica, quer na administração. Escriptor, meus livros não eram de loas aos poderosos. Não militei no jornalismo partidario. Onde a minha responsabilidade no regimen?

Guardei intacta a minha isenção de espirito no meio de todas as lutas. Meu feitio é reverso á impressionabilidade dos cargos, por mais altos que sejam. Não tenho a reverencia das investiduras. Susceptivel até o excesso, ao prestigio da persuasão, sou de granito ante o *magister dixit*. A providencia favoreceu-me, desde muito moço, com contactos e intimidades que me ensinaram a ver onde está a verdadeira superioridade. Mal acostumado ao contacto de homens que só exerciam o imperio da intelligencia, habituei-me a só curvar-me á logica,

e a não reconhecer a ninguém outra ascendência senão a livremente aceita pela razão. Era impossível pela concepção do partidário vigente. A consciência tinha de curvar-se á disciplina. *Perinde ac cadaver*. Dahi eu não querer estar em partidos : dahi, aggravado talvez pela franqueza do meu temperamento, o meu incoercível habito de dizer sempre, embora com todos os resguardos da cortezia, o que me parece a verdade.

Esta analyse do meu temperamento era necessaria para legitimar a imparcialidade com que pretendo falar na presente situação brasileira, em risco de desagradar a uns e outros. Descontente no regimen presente, compro com esta declaração o direito de declarar com altivez que tambem o era no regimen passado. E, todos os que sabem lêr, quando, em meados de 1930, publiquei a *Formação Espiritual do Brasil*, meridianamente o perceberam.

Por sobre a superficie bonançosa da Republica Velha, nos seus grandes dias, sempre me dei conta das correntes submarinas que haviam de um dia dar com o barco dos seus destinos á costa do primeiro Recife. Não era mistér ser grande mareante, nem capitão de longo curso, para perceber sob a superficie anilada a intensidade com que as aguas profundas corriam para os parais do naufragio. Não me parecia que a culpa fosse apenas da tripulação ou dos pilotos. Nem por isso, porém, o perigo deixava de existir e quando o timoneiro menos arguto e precavido não dêsse um golpe de barra para o ramanso,

a catastrophe seria inevitavel. Pude prevêl-a. Pude annuncial-a. Pude sentil-a proxima, derrubando mastros, estalando juntas, torcendo cabos, engulindo ancoras.

Não me cumpria fugir do barco onde, embora sem responsabilidades nas manobras, fôra recebido com carinho nas horas do anil e mar bonança. Os murideus do exito politico pensam que levam muita vantagem na previsão do perigo a certas almas nobres, para quem a ausencia no sacrificio constituiria um remorso de todos os instantes. Enganam-se. O que cabe no instincto dos ratos sobra ás vezes na intelligencia dos homens. O que differencia uns dos outros é o grau na escala da natureza — o focinho que aquelles abaixam para o cevadouro e a fronte, que estes levantam para as alturas.

Não está falando um demagogo. Menos um reaccionario. Muito menos um adhesista. Fala um historiador sereno dos phenomenos brasileiros, uma cabeça votada, desde a mais remota adolescencia, aos problemas do espirito e da intelligencia, um pesquisador tenaz, paciente e desassombrado da verdade, um homem que só tem de ha muito na vida o escopo de contribuir para a finalidade brasileira com o mais nobre de seu esforço.

Ainda ha pouco falei-vos em S. Paulo. Deus não me permittiu nascer nesta terra sagrada, onde tenho o tumulo de meu pae e o berço de minha mãe. Mas duvido que alguem mais a estremeça. Aqui estudei, aqui me formei, aqui me iniciei na vida publi-

ca, aqui tenho o mais solido nucleo das minhas relações. Todas as provações de São Paulo, eu as senti no coração.

Nasci no Rio Grande e disse me orgulho tanto como de amar não menos entranhamente S. Paulo. Porém esse sentimento de duplo bairrismo desaparece ante outro maior : o de ser brasileiro.

Não me tomeis, pois, senão nesse caracter : o de um brasileiro que vos abre o coração.

Não considero a Nova Republica um regimen politico diverso da primeira. Nova poderá ser nos homens, nos methods, nas aspirações, mas não na essencia, na contextura juridica, no modelo politico. Não vejo o que ganharíamos em arrancar da nossa historia o sol de 15 de Novembro. Não vejo como o nosso Exercito poderia renegar, sem estremecer, as espadas de Deodoro e de Benjamin Constant e a penna de Ruy Barbosa. Não vejo como a Junta Governativa de 24 de Outubro, a cuja frente estava o discipulo dilecto de Benjamin, Tasso Fragoso, esqueceria aquellas palavras gloriosas com que a Escola Militar concitava o seu orago a occupar-lhe a vanguarda na conquista da liberdade : "Mestre, sêde o nosso guia em busca da Terra da Promissão, o solo da Liberdade !".

Denegrir e baldoar todo um regimen pelo desacerto de alguns dos seus executores, tarefa será de crianças, não de homens. Não era tão mau como se pensa o regimen transacto. Quereis a prova? Não conseguiu o governo provisorio de 89 evitar o

cataclysmas que em toda a parte succede á quêda de um regimen e sobre a calça do edificio esboroado levantar a construcção magnifica, a cuja sombra ainda hoje nos acolhemos? Não prestava o regimen? Engano! Não foi porventura sob elle que Prudente de Moraes pacificou o paiz e restaurou a dignidade da ordem civil? Não foi sob elle que Campos Salles restabeleceu o nosso credito e, salvando-nos da bancarrota, reconstruiu o edificio abalado das nossas finanças? Não foi sob elle que Rodrigues Alves extinguiu a febre amarella e transformou o Rio na mais maravilhosa das capitaes do mundo? Não foi sob elle que Ruy plantou o carvalho da sua palavra apostolar, apontando-nos o perigo da anarchia, propheetizando a queda daquelles que o crucificaram e annunciando o 24 de Outubro, com o rigor mathematico do astronomico que fixa a passagem de um bolide?

Uma vez extincta a camada dos homens cuja cultura politica embebia raizes na grande escola do Imperio, e que a trindade de presidentes paulistas representa com tão grande brilho, desencadeou-se o regimen do cangaço e da tocaia, do pialo e do arroxó. Dir-se-ia que era o espirito maldito de Pombal, em successivas metempsychoses, quem inspirava aos nossos politicos os seus processos curtos e primarios de mando categorico, de maranhas obtusas, de immediatismo imprevidente, de escravização pelo medo, pelo interesse ou pela seducção. A intelligencia começou a passar por indisciplina; a tolerancia, por dobrez; a previsão, por covardia; a visão nitida

dos problemas politicos, por falta de caracter ; o aviso do gageiro diligente, capaz pelos seus dons e experiencia de vêr antes que os outros o nucleo da tempestade distante, por traição ou infidelidade. Não havia problemas futuros a não ser os eleitoraes e sobre estes pesava a confiança cêga daquelles a quem Jupiter quer perder. Pensava-se que o Brasil seria sempre o morgadio seguro do Cattete ou dos seus Lords Protectores. Cerravam-se os ouvidos a todas as reivindicações. O maremoto social, que está abalando o Universo, e sobre cujas ondas rolam os destroços do mais poderoso throno do mundo, nada se fazia para desviar-o das nossas plagas, contentando as classes, cujas reivindicações, muitas da mais estrieta justiça, podiam sujeitar-nos a analogo cataclysm. Nada, porém, era de estranhar depois de um certo periodo. A voracidade do abuso cresce com a propria deglutição. Quando, zurzida pelo feitor, a chibata do castigo ataganta diariamente o lombo do captivo, a epiderme do escravo transforma-se em couro d'anta.

Desde que Ruy Barbosa, eleito presidente da Republica, foi espoliado da sua cadeira, desde ahi que o Brasil, o indio velho vergastado pelo rabo de tatú dos mandões, adquiriu a insensibilidade dos pachydermes. Depois disso tudo era licito esperar. Estava provado, reprovado e triprovado que a comedia eleitoral não passava da chancellada vontade dos conluios politicos. Farça a eleição, farça menor não era o reconhecimento. E dizem que tudo era

devido á Constituição! E por que? Porque era uma reles macaqueação da americana...

IMITAÇÃO

O sr. Oliveira Vianna, pensador cujo nome só profiro com profunda sympathia, foi um dos que fulminaram a pobre Constituição de 24 de Fevereiro, "porque era uma méra transplantação da Constituição Americana". Fica firmado o principio: a imitação não presta. Com surpresa, porém, vejo agora, no seu novo livro "*Problemas de politica objectiva*", que o estudioso fluminense, preconizando a adopção de Conselhos Technicos pelo nosso governo, abonou esse idéa com o exemplo da Inglaterra, França, Suecia e Italia. Mas então que é isso? A imitação deixou de ser um erro? Hontem imitar os Estados Unidos era um despauterio, hoje imitar os outros paizes, um acerto! Arguto como é, o sr. Oliveira Vianna já cahiu em si e viu a inanidade da velha aria da imitação, solfejada ao luar de um nacionalismo ingenuo pelos tenores da nossa Sociologia. Mas, não quer dar o braço a torcer. A prova de que percebeu que foi injusto com as transplantações está no seguinte trecho que equivale a uma sangria em saude:

"Não se trata apenas de copiarmos o que estão fazendo outros povos civilizados. Não se trata de um simples movimento de macaqueação, como os que, ha cem annos, vimos realizando na esphera cons-

titucional e politica. Do [que se trata é de adoptarmos uma politica nova, novo methodo de governo, que, mesmo que não tivesse sido adoptado por um povo, quem quer que tenha um granulo de senso commum está vendo que é perfeitamente racional e justo. O exemplo do que se está fazendo no estrangeiro dá apenas ao nosso pensamento. um poder de persuasão mais robusto" (pag. 180).

Quando se trata de uma transplantação proposta pelo sr. Oliveira Vianna nada mais racional e justo. Quando se trata de idéas do sr. Oliveira Vianna, "o exemplo, do que se está fazendo no estrangeiro, dá-lhe poder de persuasão mais robusto". Já se vê que as transplantações não são assim tão feias como se pintam. E não são.

CONSELHO DE ESTADO

Se fossem, o sr. Oliveira Vianna não estaria agora aconselhando a transplantação do velho conselho de Estado do Imperio para a Republica. Aliás, a meu ver, com razão. E seguindo Alberto Torres, que, aliás, o collocava como um dos ramos do poder coordenador. Não me parece facil, todavia, dados os nossos habitos e costumes, a criação de tal poder nos termos em que o illustre mestre o delinea. Contento-me com um conselho de Estado como o da monarchia com as attribuições e a autoridade, naturalmente adaptadas ao regimen. Quereis ver a vantagem desse instituto? O conselho de Estado,

no regimen monarchico, era consultado nas grandes crises nacionaes, nos momentos decisivos da nossa historia, nas horas de amargura e perigo, em que se rasgam encruzilhadas para um futuro triste ou luminoso. Lembro-me de um facto que Ruy vulgarizou durante o civilismo.

Caxias, general em chefe das forças em operações no Paraguay, incompatibilizado com o presidente do conselho, Zacharias de Góes e Vasconcellos, endereçou-lhe o seu pedido de demissão, abrindo uma crise profunda na politica nacional. Estava o imperador num becco sem sahida. Conceder a demissão era criar uma crise no exercito. Substituir Zacharias, que tambem pedira exoneração, era dar á Nação a suspeita de que o exercito interviera na politica. Consultado o conselho de Estado, todo elle, mesmo os amigos de Caxias opinaram pelo deferimento de seu pedido. Apenas Nabuco de Araujo, attendendo á gravidade da situação, opinou pela quéda do gabinete, confessando, porém, "que o precedente seria funesto para o regimen". Não se dirá que fosse inutil a opinião oracular do conselho de Estado. Mais uma vez elle manifestava que o principio da supremacia civil devia ser mantido a todo custo, fosse como fosse, mesmo quando para fazel-o fosse preciso desgostar momentaneamente a mais gloriosa das nossas espadas.

A proposito desse incidente, já escrevi longamente, ensejando largo debate sobre o assumpto, em que as minhas palavras susceptibilizaram alguns

dos mais fervorosos admiradores do nosso grande cabo de guerra. Não me passa pela mente accusal-o de caudilhismo. Agora, negar que a sua attitude poderia dar azo a um surto de militarismo, independente da sua vontade e até contra ella, é negar a evidencia. O cenaculo de Nestores do Imperio foi o primeiro a admittir a hypothese que não formulariam de certo, se para tal não tivessem motivos. O Marquez de S. Vicente era não só o mais intimo amigo de Caxias, como o seu conselheiro em todas as emergencias difficeis da politica e da administração. Optou pela conservação do gabinete e pela demissão de Caxias. Não duvidou declarar que se o Partido Conservador, de que aliás era um dos chefes, senão o chefe mais acatado, subisse ao poder, "por azo dessa malquerença subiria, era claro, pelo prestigio da espada de Caxias, inaugurando-se assim o regimen da caudilhagem, reforçado pela victoria com que o exercito regressaria do Paraguay." Não foi necessario conceder a demissão de Caxias. O seu patriotismo falou mais alto que os seus resentimentos. Asentiu em continuar a servir sob Zacharias. No emtanto, o conselho de Estado nos dera uma formosa lição : legar á posteridade o exemplo da resistencia civil aos ditames do militarismo, tão facil de explorar em todas as épocas.

ARGUMENTOS CONTRA A CONSTITUIÇÃO
DE 24 DE FEVEREIRO

Mas volvamos aos argumentos contra a Constituição de 24 de Fevereiro. O baldão mais constante dessas lenga-lengas de primarios consiste na affirmação de que o nosso estatuto politico, cheio de excellencias saxonias, era incompativel com a nossa rusticidade mascava. A dar fé ás descargas iterativas desse refrão, os constituintes republicanos, numa crise de mysticismo liberal, teriam legislado apenas para archetypos humanos. — “Não! E' preciso é legislar para os nossos pelludos jecas tatus, para o jagunço, o indio, o mulato, o cafuz, o negro!” Mais de vagar com o andor, senhores philosophos de masso e mona. Lunaticos não eram, nem visionarios, os Titans de 89. Não suppunham estas plagas sublunares povoadas de espiritos como os que illuminam o paraiso de Dante. Não legislaram para archanjos, thronos ou dominações — as differentes categorias de seraphins, mas para homens de carne e osso. A perfectibilidade não se processa só para beneficio dos perfectos. Não se procuram melhorias para distribuil-as depois segundo o grau de cultura do individuo. A electricidade, a chimica, todas as conquistas da sciencia tanto beneficiam o sabio no seu gabinete como o analphabeto na sua choupana. Caipiras, matutos, parcaras, bugres e mazombos podem receber os beneficios da Constituição, sem conhecel-a, pensando até que é uma mu-

lher, como aquelles soldados russos que pensavam que era o nome da Tsarina.

MULHER DE CONSTANTINO

Qual a incompatibilidade entre a perfeição de um instituto legal e aquelles a quem elle vae abrigar sob o seu pallio? E' má a nossa Constituição, porque temos 80 % de analphabetos? Mas, serão por acaso estes os que a vão applicar? Estes só a vão receber applicada. Estes só lhe vão auferir os beneficios.

A Lei é um producto da Moral no sentido de axioma, de conclusão pacifica a que chegou a civilização. Parte de princípios indiscutíveis. A menos de negar-lhe o fundamento, a menos de negar-lhe as bases, bem pouco instaveis em suas linhas geraes, tanto que muitos dos seus postulados são communs a todas as raças e latitudes, força é reconhecer que não é licito ao legislador deixar de lado as formulas que crystallizam o Direito no seu maior estado de pureza. Um simples exemplo do que se passa diariamente nos cafundós deste Brasil. Um delegado atrabiliario ou politiquero trancafia na cadeia um desprotegido. Passam-se os dias e elle a padecer na enxovia... Mas, apparece um advogado de porta de xadrez, dos que enxameiam até em fôro de arraial. Conhecendo o remedio juridico, o leguleio alinhava um grotesco aranzel em forma de petição ao juiz local. Mas naquella endromina ha

uma coisa certa : o fundamento do pedido no art. 72, paragrapho 22 da Constituição, e o nome da victima. E esta é arrebatada automaticamente ao capricho do potentado. Trata-se de uma instituição exotica até no nome, transplantada directamente da legislação saxonica. Pouco importa. Foi amparar a liberdade de uma victima da prepotencia.

E dizem que a roupa feita na Inglaterra, por um bom alfaiate, fica ridicula no lombo dos nossos humildes conterraneos ! Puro engano. Que o diga o dr. Jacarandá, que tem tirado tanta gente do xadrez com os seus *habeas-corporis*. Poderão rir-se do rabula de ebano, com a sua solenne sobrecasaca e os seus formidolosos arrazoados. Mas não deixa de ser com certa emoção que se vê o principe Ubá do nosso fôro, recebendo das mãos de João Sem Terra a carta de alforria de um perseguido.

! Não estou desembainhando a espada de d. Quixote pela Dulcinea de 24 de Fevereiro. Não sustento, como o nobre cavalleiro mancheu, que a formosa castellan de Toboso seja o espelho e flor de todas as perfeições. Não. Até um tanto pelo contrario. Mas dahi a preferir a primeira Maritornes, a primeira fregona achamboada que venha servir de navio-escola aos aspirantes da Moscovia ou das nossas varias Chinas, ha distancia de palmo e pico.

Mudemos de tom. Não ha razão para censuras primarias ao nosso estatuto fundamental. E' uma Constituição que honra o tino juridico de uma geração. Falhas terá. Falhas tem-nas. Mas o seu

arcabouço juridico resiste a todas as tempestades. O cavename, o taboado, a carpintaria, poderão ser um tanto anachronicos. Mas a bussola e o motor estão intactos. Removam-se as partes archaicas e dotem-na de instrumentos modernos. Eduquem a tripulação. Dêem-lhe bons pilotos, boa disciplina e verão que ainda poderá servir por muito tempo.

Falhas tem a Constituição, disse eu. Mas quem o disse primeiro? Justamente aquelle que mais autoridade tinha para fazel-o: Ruy Barbosa. Vencido pela bancada riograndense na Constituinte, onde as patrulhas do sul, com Julio de Castilhos á frente, exigiam que se chegasse ás ultimas consequencias do systema federativo, quasi que separando os Estados da União, nunca deixou de bradar contra taes excessos. Já em 1893 assestava elle no "Jornal do Brasil" as primeiras baterias contra a obra de que fôra o artifice maximo, mas não unico. Em 1898 não foi para outro fim que se fundou a "Imprensa". Em 1910, o maior lemma do civilismo era a revisão constitucional. No entanto, entre os puritanos do velho regimen, o axioma dos axiomas politicos era a intangibilidade da Constituição. Foi o credo de Pinheiro Machado, credo que repercutia em todas as vinte capellas da Federação, entre nuvens de incenso, ao responso de todos os meninos de côro das oligarchias e entre os oradores de banquete que queriam cadeiras de deputado. O adail, o fronteiro mór dessa intangibilidade constitucional, foi sempre o Rio Grande do Sul. Por que tretas de Pedro Malasar-

tes, por que passos e maranhas de prestidigitação, a pobre Constituição de 24 de Fevereiro virou de repente roupa de francezes, taboa de bater roupa, parede de esquina, com a sua intangibilidade, os seus puritanos, a sua ala de namorados, escolhida na fina flor dos nossos Magriços? Não dou de mim em atinar com esses mysterios da escriptura.

E' preciso, porém, dar a Cesar o que é de Cesar. E' preciso, porém, romper o dique das conveniencias, abandonar as reservas da diplomacia, e dizer simplesmente as verdades sobre a nossa situação. Nem creio que vos houvesseis lembrado de mim para outra coisa.

Não se deprenda da minha defesa da nossa Constituição a minha identificação com o regimen politico que correu por sua conta.

DURA VERITAS

O Brasil tinha chegado nos ultimos tempos a um estado de dissolução que não escapava aos olhos menos argutos. As satrapias succediam-se ás satrapias. As successões de governo não passavam de indicações, em que a preferencia do soba federal ou estadual preteria todos os titulos de competencia, serviço e merecimento. Outro não era o mecanismo das indicações legislativas. Criara-se uma atmosfera irrespiravel para as aspirações legitimas. Pessava sobre o talento, o esforço, a competencia, uma condemnação perpetua á sombra. Por vezes rom-

pia-se um sulco no paredão das trevas. Surgia na ribalta uma verdadeira superioridade. Mas como? Por que lhe haviam reconhecido merito? Não. Porque um conjunto de coincidencias felizes, um laço de parentesco, uma protecção poderosa lhe déra a senha da loja maçonica. Na alfandega das oligarchias, porém, só se reconhecera o afilhado ou o protegido. O merecimento entrara. Mas de contrabando!

Junte-se a isso a situação material. O observador que lançasse os olhos sobre o Brasil, de 1910 a 1930, ficaria estarecido de espanto. Só o capitulo dos empréstimos está a pedir o ferro em braza de um Tacito. Empréstimos estaduaes que se volatilizam, empréstimos federaes que se reduzem a fumaça. A bulimia! A voragem! Mas, que culpa tem disso a Constituição? Exonerou os responsaveis de culpa e pena? Por que não os chamam aos tribunaes? O Norte especialmente, o nobre e glorioso Norte, a meu ver o ponto de onde primeiro surtiu o grito da brasilidade, foi o que mais soffreu. O desleixo, a desordem, a incuria foram taes que permittiram esse anachronismo vivo, essa regressão multiseccular á barbarie, esse flagello vivo dos serções — Lampeão e a sua quadrilha.

Em tudo isso nem um organismo central, nem um sensorio commum para apprehender e coordenar as aspirações da nacionalidade, as suas directrizes eternas, as necessidades da sua extensão, da sua cultura e da sua defesa. Aos presidentes da Republi-

ca pouco tempo lhes sobrava para agitar a preparar o terreno da successão. Dispunham de um poder autocratico maior do que os antigos Tsares. A sua omnisciencia só tinha um limite — o tempo. Dois annos depois de empossados, já estavam de pé, no portaló, porque a figura do successor provavel já se tornava o nucleo em torno do qual começavam a gravitar os satellites do poder. Embalde foi proposto um Conselho de Estado, composto de summidades, superior á politica, incompatibilizados por lei para qualquer outro cargo. Essa guarda viva da nossa tradição politica, esse conselho amphitónico dos interesses permanentes da nacionalidade não se criou. E ficámos no regimen do Deus dará.

POLITICA PLATINA

Provas tive-as eu por duas vezes da necessidade desse Conselho de Estado, que foi sempre a bussola fiel da velha monarchia. Por duas vezes falei a dois presidentes da Republica sobre a politica platina. Conhecia-lhe bem os segredos. Não me falhava a memoria. Era o depositario oral da tradição do segundo Rio Branco. Passara semanas ao seu lado, recolhendo o que elle recebera do pae e este do velho Paulino, o grande visconde do Uruguay, o maior dos nossos diplomatas. A displicencia com que fui ouvido por esses dois politicos, a quem a séde gestatoria do Cattete communicára a infalibilidade e o dom da previsão, edifi-

cou-me. Não era eu quem falava. Eram Paulino de Souza e os dois Rio Branco. Mas o seu vogal era eu. As minhas palavras estavam fadadas a cair no vazio. Si houvesse, porém, um Conselho de Estado, a voz do passado, cheia de ensinamentos, desceria ao presente unvida de suprema autoridade.

A tradição politica do Imperio, a tradição de Paulino de Sousa e de Rio Branco, é simples como o sol. O Brasil não pode ter uma situação militar inferior á dos seus vizinhos do Rio da Prata unidos. As necessidades da nossa defesa obrigam-nos a effectivos e armamentos, de terra e mar, iguaes aos dos nossos vizinhos. Como se vê, não ha ahí nenhum proposito de hostilidade. A extensão das nossas fronteiras maritimas, por um lado, a extensão das nossas lindes fluviaes e terrestres, por outro, obrigam-nos a prever o futuro, a menos da mais suprema das inconsciencias. Não temos, nem podemos ter, ambições territoriaes. Não temos, nem podemos ter, resentimentos ou desforras. Não temos conflictos de interesses economicos ou industriaes. Produzimos generos differentes dos nossos vizinhos e sobre elles repousa a nossa economia. Tudo nos une e nada nos separa — como muito bem disse Saenz Pena.

Estou de accôrdo que assim devia ser. Foi essa a moral que se apprende na moral de “Simão de Nantua” e no “Thesouro de meninos”. Mas, os povos modernos preferem Hegel, Clausewitz, von

Bernhardt. Conheço a Argentina. O escol da sua cultura afina pelos sentimentos do seu grande Presidente. Porém quem nos garante que sempre assim seja? Porém, quanto á arraia miuda, teremos a pretensão de dizer que occorre o mesmo? De mim, o que sei, é que ainda ha muito espirito anacronico que suppõe uma questão de dignidade nacional trazer espertas, sob a cinza do tempo, as brazas do sonho, que se definia na formula — vice-reinado do Prata!

Quem quer que leia, com o espirito despreconcebido, o formidavel aparelhamento militar da Argentina, terá de ficar estarrecido. Contra quem e por que? As suas velhas pendencias territoriaes com o Brasil e com o Chile estão resolvidas pacificamente. Não ha conflictos de interesses quer com um, quer com outro. Por que motivo então a esquadra da Argentina é maior que a do Chile e a do Brasil reunidas? Por que motivo, dispõe ella, só de aviões de bombardeio, 120 dos mais possantes? Por que motivo a sua frota aerea é quatro vezes maior e mais efficiente de que a do Chile e a do Brasil reunidas? No capitulo — canhões e metralhadoras, submarinos e gazes asphyxiantes — nem é bom falar. Estamos praticamente desarmados. Ora quem quer que conheça o ABC da politica, não ignora que nos momentos de convulsão intestina, de situações internas irreconciliaveis, de prodromos de guerra civil, o remedio que o machiavelismo aconselha em todos os tempos é o

da guerra internacional. A caldeira dos odios fratricidas abre as valvulas de escapamento para a atmospheria das rivalidades historicas e a sua energia util vae alimentar as machinas internas lançadas contra o inimigo. Santo remedio! Desarmam-se os partidos. Cessam as competições, esquecem-se os odios, confraternizam os inimigos e a unidade do espirito nacional restaurada não collima outro escopo senão o da victoria e da conquista. O argumento de que uma nação em grave crise financeira não pode brigar, não colhe.

As armas de guerra estão compradas; a mobilização decidida em todas as minucias; os planos estrategicos estudados em toda a sua complexidade. Dinheiro para provisões, vitualhas, rações e combustiveis não falta; e, quando falta, ainda ha o recurso das emissões de papel moeda e das dividas. A taes empresas as nações de esmagadora superioridade sobre a outra se podem abalançar *le coeur léger*. Não oneram o futuro da sua Patria. Todos os onus que a possam transitoriamente oberar têm uma garantia: a riqueza do vizinho, que vae ser preada e o imposto de guerra, que elle terá de pagar, queira ou não, pondo a lingua de fóra, com os gorgomillos asphyxiados pela garra adunca do vencedor. E' essa a perspectiva real do que nos espera, se não tivermos a prudencia elementar de não tentar a cobiça estranha com o chamariz da nossa indefensibilidade.

CLASSES ARMADAS

Por esse e não por outro motivo, a minha maior preocupação na politica brasileira são as classes armadas. Entendo que esse problema prima a todos os outros, como o da vida e da liberdade a todas as premencias do individuo. Na hierarchia dos nossos problemas, considero o primeiro o aperfeiçoamento e a cultura das nossas classes armadas. O espirito que as deve animar constitue a unica das garantias que temos, as que trabalhamos á sua égide, porque — não nos enganemos — o soldado ainda é hoje, mais do que nunca, a fronteira dos povos. Considero um crime de lesa-patria tudo aquillo que sirva para amortecer, no Exercito ou na Armada, o espirito nacional. Revoltei-me com a campanha de descredito feita em nome de um sedição humanitarismo contra os heroes que no Paraguay desafrontaram a honra do nosso pavilhão, lavando-o no proprio sangue. Exigencias de propaganda politica, assanhada contra o Imperio, baldouaram os nossos heroes com a pecha de capitães de matto ou feitores de escravos, responsaveis pela grande covardia de esmagar um “pequenino povo indefeso”. Esqueciam uma realidade. Davam-nos como provocadores. Nos momentos em que essa epidemia de lyrismo antibrasileiro grassava na rua do Ouvidor, entre os coripeus de uma seita philosophica, os pobres veteranos do Paraguay esgueiravam-se humildemente pelas esquinas, escondendo as

veneras e condecorações, com medo do ridículo, dos remoques, das discussões intempestivas sobre a nobreza dos moveis que haviam tirado ao sol a espada dos Caxias, Osorios, Porto Alegres, Tamandarés e Amazonas.

Reservou-me a providencia a fortuna de exhumar e dar a publico os documentos da premeditação paraguaya, longa, constante e pertinaz, colhendo na sua rede toda a imprensa européa amotinada durante a guerra contra o "desalmado" do Brasil. Quando publiquei a obra em que transcrevo esses documentos, as nossas classes armadas respiraram em pleno desafogo. Estava provada e reprovada a provocação paraguaya. A tradição de nobreza das armas nacionaes reatava-se. A solução de continuidade só existira na cabeça dos nossos inimigos. A espada do Brasil, que nas mãos de Caxias lhe desafrontara a honra não tinha a ferrugem da covardia e injustiça. A prova de que o Brasil precisava da reparação que lhe dei está em que, completamente desconhecido do exercito o seu autor, tão depressa se publicou meu trabalho, foi logo publicado no "Boletim do Estado Maior do Exercito" e logo em seguida distribuido em separata numa edição especial. Desde ahi até hoje que se estreitaram as minhas relações com o nosso exercito. Devo-lhe uma confiança tal no desinteresse com que o procuro servir e nos moveis com que me approximo das suas mais esforçadas figuras, que sinto o meu reconhecimento muito acima das forças de solvabilidade.

Diz-me a consciencia que tambem nunca lhe faltei nem lhe menti e que elle sempre comprehendeu a minha imparcialidade.

Ides vel-o. Assisti em Setembro do anno passado ás manobras de Guaratiba, em companhia do Presidente deposto e escrevi sobre as mesmas uma carta ao chefe da Primeira Região Militar. Reben-tou a revolução. Essa alta dignidade militar reco-lheu-se á vida privada, sem ter adherido ao movimento victorioso. Não obstante essa cir-cumstancia a minha carta era tão impessoal, tão extreme de politica, tão embebida nas verdadeiras directrizes do espirito militar, que mereceu as honras de uma exumação para ser transcripta nas paginas da "Defesa Nacional", a grande revista onde pulsa o melhor do coração do exercito Brasileiro.

Logo depois dava-me a grande revista a honra de chamar aos seus trabalhos e ao gremio de que é orgam, elegendo-me seu representante civil.

Considero tal investidura um dos melhores galardões da minha vida.

E não é só isso. Uma prova de que as nossas classes armadas são superiores a intrigas mesquinhas. Genro e collaborador de Ruy Barbosa, apontado por tantos primarios como inimigo das classes armadas, notoriamente amigo pessoal de grande numero dos politicos depostos, essa dupla interdicção apparente não bastou para que se me cerrassem as portas da gloriosa officina, onde um nucleo de officiaes de escol elabora a futura grandeza das nossas armas.

Alli não se discutem personalidades, alli não medram ambições subalternas. Alli, bem pouco, depois do armistício de Itararé, me vi sentado entre Paes de Andrade, o chefe das forças legalistas, e Góes Monteiro, chefe do Estado Maior Revolucionario. O nosso exercito de hoje tem uma cultura igual á dos melhores do mundo.

A paixão politica durante o civilismo apontava Ruy como inimigo do exercito. Esquecia o amigo de Pelotas e Deodoro, o impetrante do *habeas-corpus* dos treze generaes, o defensor de Waldenkolk, o jornalista expulso de Portugal por ter ousado responder, num artigo do "Diario de Noticias" de Lisboa, a um escriba alfacinha que insultara vilmente a nossa marinha. O proprio marechal Hermes da Fonseca, competidor na eleição de 1910, e competidor contra o qual elle desferiu todos os fuzis da sua revolta, fez questão de recebê-lo no Club Militar e dar-lhe assim uma prova publica de que não o tomava por um adversario da sua classe. E eu ouvi, sentado ao lado de Ruy, depois da sessão solenne, dizer ao seu grande adversario: "Que como seu tio, o grande Deodoro, não podia ouvir sem revoltar-se a calumnia que apontava o glorioso organizador da Republica de 89 como inimigo das classes armadas".

Ha amigos e amigos. O exercito deve sabel-o. Uns lisonjeiam as suas paixões, transigem com os seus erros, enfloram os seus desvarios. E' o se-

quito de todos os triumphos, a farandola de todas as victorias.

Outros, porém, para honra da especie humana, querem as classes armadas adstrictas á disciplina, entregues unicamente aos seus arduos trabalhos, amando a sua missão como os congregados amam a sua ordem, alheios á politica, ás paixões, aos interesses, ás intrigas, ás lutas. Ruy pertencia a esta classe. Não admittia a politica no exercito. Dahi, quantos pensavam de fórma opposta bradarem que esse antagonismo com elles vinha da hostilidade á sua classe. Inimigos da farda, porém, são os que a penduram no cabide das ambições subalternas, pensando que o exercito são elles.

EXERCITO PROFISSIONAL

Muito ha que fazer na fileira. A carreira das armas não é uma sinecura. A educação do soldado, educação que, para ser completa, tanto ha de ser physica como moral, basta para absorver a actividade de um official. O proprio soldado não tem lazes nem disponibilidade de tempo para se empregar noutra coisa. Não foi, pois, sem surpresa que vi aventar-se a idéa de se criar para o soldado a obrigação de entregar-se a outros trabalhos que não os da sua classe. Se o soldado faz o seu serviço militar, pergunto eu mesmo aos meus botões: quando, como e em que hora poderia elle entregar-se ao amanhã e á cultura da terra, á construcção de pon-

tes e estradas ou a qualquer outro serviço? Da Rússia sei que criou o exercito de trabalhadores. Mas a expressão que aqui conviria melhor é a de cohortes ou turmas militarizadas. O exercito comunista não me consta que tenha empregado as suas unidades na cultura intensiva do trigo ou noutra qualquer modalidade do plano quinquennal, que não é mais do que o conhecido processo de Taylor, applicado em ponto gigantesco pelos mujiks da Russia.

O intuito do serviço militar não é o barateamento dos generos de primeira necessidade, nem a execução de obras de engenharia. Para que temos, então, o Ministerio da Agricultura? Para que temos, então, o Ministerio da Viação? O principio da divisão do trabalho e da especialização, tão pratico e tão economico, esse principio que até as formigas seguem escrupulosamente, ficaria postergado se os soldados começassem a plantar e os trabalhadores, deixando a enxada ou o tractor, a embocar o clarim ou a curvetear os ginetes. Devemos deixar o soldado entregue a si mesmo, absorvido no seu proprio mistér. Se delle o distrahirmos, seremos os responsaveis pela sua inefficiencia no dia em que appellarmos para elle.

O meu conceito das profissões armadas leva-me ás vezes insensivelmente a assimilar-lhes os deveres aos das ordens religiosas. Quem quer que conheça a historia da civilização, quem quer que conheça a historia da igreja, não poderá deixar de reconhecer a superioridade incrível com que a obra dos padres

congregados supera a dos padres seculares. A energia do individuo como se multiplica no seio da comunidade. Os serviços das duas ordens que melhor conheço, Jesuitas e Benedictinos, archivam serviços incomparaveis á causa da civilização e da humanidade. No entanto, o horizonte dos seus membros é confinado directamente na estreiteza de deveres obscuros, anonymos e asperos. As milicias, ao meu sentir, devem ter esse conceito do dever, que não lhes confirma a actividade senão para melhor desenvolvê-la e mais seguramente empregá-la no tragico e glorioso momento em que ella escreve com o melhor do seu sangue a eternidade da sua razão de ser.

DISCIPLINA

Fallemos da disciplina, que é a alma do Exercito. Fallemos da absorção exclusiva no dever militar, que é a razão de ser das classes armadas. Toda a vida pensei que entrar e sair do Exercito, dividir a actividade em varios campos, função fosse da Guarda Nacional, viveiro de todas as profissões e actividades. O rubi do bacharel, a esmeralda do medico, a saphira do engenheiro não têm incompatibilidades com as esporas do tenente ou as platinas do capitão. O gesto, nesse caso, é quasi sempre a satisfação de uma vaidade inoffensiva. As fumaças guerreiras de muito burguez pacato acham muitas vezes que a sua patente foi o melhor dia da sua

vida. A gente sorri e passa ao retintim das espadas mavorticas, que tilintam no asfalto das capi-taes, pensando que vão para novos Austerlitz!

Quanto aos militares de carreira, é outro cantar. Adstrictos ao dever militar, pelo nó mais cego da disciplina, se militares querem ser, outra finalidade não devem ter na vida. O Exercito, pela delicadeza da sua missão, é exclusivista, absorvente, intolerante, como as ordens monasticas. Quem lhe pertence, só a elle deve pertencer emquanto lhe pertence. Com elle não ha, nem pode haver partilhas. Não sou eu que assim o entendo. Apprendi-o na historia com uma pleiade de generaes cujo peito se estrellava de condecorações adquiridas ao sol de vinte batalhas. Napoleão III, querendo consolidar o seu Imperio, chamou o seu ministro da Guerra e expoz-lhe o seu plano. Dividiria a França em cinco vice-reinados. Poria á testa de cada um delles um marechal de França, com vencimentos de cem mil francos annuaes, que equivaleriam hoje a dois milhões, e dar-lhes-ia um palacio principesco para a séde do governo. Indicou os nomes escolhidos e pediu ao ministro que os consultasse. Feita a consulta, não houve uma discordancia, todos recusaram. Napoleão III chamou-os á sua presença, esperando vencel-os pelos seus argumentos. Mal acabava de expor-lhes o plano, o general Pelinier, em nome de todos, tomou a palavra: "Sire, nós somos obrigados a declinar do seu offerecimento. Como quer V. M. que os soldados do seu Exercito troquem a

sua profissão pela de beleguins? A nossa missão é defender a "Patria e não opprimir os civis". O sobrinho de Bonaparte cahiu em si, não insistiu, callou-se. Tivera, num relance, a visão verdadeira de que toda e qualquer posição, por mais alta que seja, diminue o militar quando o arranca da sua missão.

MILITARES E MILITARISMO

A grande maioria da classe militar é contra a intromissão dos seus membros na politica. Mas o que é mais curioso é que essa idéa não é nova. E desde 1893, em pleno regimen de Floriano, militares havia que assim pensavam. Roberto Trompowski, figura das mais brilhantes do nosso Exercito, a 8 de Março de 1893 publicou no "Jornal do Commercio" a seguinte carta:

"Li a moção da directoria desse club e, a meu ver, ella está concebida em termos pouco precisos quanto ao seu objectivo. Penso que, a bem da nossa classe, e por iniciativa da mesma, deve-se promover a revogação dos artigos constitucionaes que nos dão o que o militar francez não tem.

Nós, que em tudo procuramos imitar á França, por que não haurimos na sua incomparavel legislação o que ella encerra de eminentemente sabio e providente sobre os direitos politicos conferidos aos militares? Dir-se-á que tendo o Exercito e a Armada a suprema responsabilidade pela instituição

da Republica, precisam intervir na politica, para consolidarem a sua obra. Sophisma, puro sophisma. A classe militar só pode convenientemente preencher a sua missão especial, quaesquer que sejam as circumstancias do nosso paiz, sendo de todo estranha ás lides politicas. Resignamos, pois, já e já, direitos que não se compadecem com os legitimos interesses e imprescriptiveis deveres da nossa classe.

Neste sentido dirija o club instante appello a todos os camaradas de terra e mar, que occupam posições politicas ou cargos que, por sua indole, compitam á classe civil. E se alguns recusarem acquiescer a tão justo convite, ou, por seus actos e palavras, mostraram-se já infieis ao compromisso tomado, já infrutiferos a semelhante compromisso, sobre elles cáe a tremenda responsabilidade dos males que porventura venham a nos opprimir”.

E' a theoria da França, é a theoria do Japão, é a theoria da Allemanha, é a theoria da Inglaterra, é a theoria da Italia, é a theoria dos Estados Unidos, é a theoria da propria Turquia. Note-se que quando o marechal Trompowski fazia aquella profissão de fé, estavamos em pleno dominio de interventores. Na Bahia reinava o coronel Abreu e Lima; no Espirito Santo, o tenente-coronel Serzedello; no Paraná, o coronel Valladares; no Amazonas, o capitão Eduardo Gonçalves; no Maranhão, o tenente Machado; no Piauhy, o capitão Coriolano; nas Alagôas, o capitão Besouro.

Mas, o Exercito começou a ser a primeira victi-

ma da situação. O visconde de Pelotas, a primeira patente do Exercito, foi deposto no Rio Grande do Sul ; o interventor do Ceará, um general do Exercito, foi deposto pelos alumnos da Escola Militar e o palacio presidencial reduzido a cinzas. Treze generaes são espoliados violentamente dos seus vencimentos e patentes.

Os que preconizam o militarismo têm sempre á mão, para confundir os que o profligam, o exemplo do Grande Corso. Grande erro. Poderiam ter á mão tambem o nome de Cesar. Tanto um como outro im procedem. Cesar e Napoleão foram desses genios cuja eclosão custa seculos de trabalho á humanidade. Aquelle foi o maior escriptor, o maior estrategista, o maior estadista do seu e talvez de todos os tempos. Chefiou um exercito, mas não consta que d'elle se tivesse servido para esmagar os civis. Foi um dos maiores obreiros da civilização moderna. Este, pode-se dizer que da sua alma ainda vive a França. Mas a sua maior batalha não foi Austerlitz — foi o Codigo Civil. Quem lê a acta das sessões em que se debateu esse incomparavel monumento juridico tem a surpresa de ver que a ultima palavra, a de mais bom senso, a de mais clareza, a de mais tino juridico, não sahia sempre dos labios dos grandes jurisconsultos alli reunidos, mas do vencedor de Arcole e de Austerlitz. Transigia Napoleão com o immiscuimento dos militares na politica? Ides vel-o.

Celebrava-se uma sessão do Conselho de Estado

a 4 de Maio de 1802. Já era o senhor da França, mas ainda não se corôara. Presentes á sessão seis generaes, feitos conselheiros de Estado : Gouvion Saint-Cyr, Dumas, Brune, Lacuée, Dessoles e Andréossy. Discutia-se "Intromissão dos militares na politica". Napoleão, depois de ouvil-os, assim se expressou :

"Em todos os paizes — disse elle — a força cede ás qualidades civis, as bayonetas se abaixam ante o sacerdote que fala em nome da religião e ante o homem que se impoz á consideração geral pelo saber. A amigos meus, militares, que tinham certas velleidades, não hesitei em predizer que o governo militar nunca poderia vingar em França, a não ser que a nação estivesse embrutecida por cincoenta annos de ignorancia. Quanto a mim — continuou Napoleão — não é como general que estou governando, mas porque a nação acredita que eu tenho em mim as aptidões civis necessarias ao governo, e se assim não pensasse o meu governo não teria meios e maneiras de aguentar-se. Trinta milhões de homens somos nós, unidos pelo laço da instrucção, da propriedade e do commercio. Trezentos ou quatrocentos mil militares nada são em face dessa massa. Aos militares é inherente o instincto de tudo quererem violentamente ; aos civis, o de tudo submeterem á logica, á verdade, á discussão. Embora sejam diversos os prismas, embora muitas vezes nos enganem, o certo é que o debate gera a luz. Não hesito, portanto, em entender, quanto á preeminencia,

que ella compete incontestavelmente ao elemento civil.”

O facto pode ser encontrado na “Correspondencia Official” do imperador.

Falou Napoleão dos dentes para fóra? Não. Sempre nomeou civis para a superintendencia das provisões e abastecimentos militares. Quando ha um inquerito, nomeia um civil. Cambacéres, um civil, é o seu fiscal de promoções. Teria, por isso, Napoleão, odio aos militares? Ter-se-ia vendido aos “casacas” ou aos “cartolas”? Estaria desdenhando das classes armadas? Não faltará quem o creia.

Desde que o militar entra na politica, principalmente quando elle occupa os mais altos postos, fica inutilizado para a fileira. A atmospheria do poder embriaga. Quem uma vez mandou, nunca mais poderá ser mandado. E’ o velho rifão de que “ninguem volve de boa mente de porqueiro a porco”. Hontem, o palacio do governo, os ajudantes de ordem, os automoveis officiaes, os desejos adivinhados, o dynamo das intenções, dos designios e dos desejos, rolando sempre sobre as bilhas silenciosas da execução. Ninguém acima delle! A omnipotencia! A infallibilidade! Hoje, o dever cacete, a tarefa humilde, a designação aborrecida, a confusão na massa anonyma, os olhos da indiferença, o desconhecimento dos transeuntes que não mais se voltam na rua! O superior, então, passa a ser o inimigo, o invejoso que lhe recusa os dons maravilhosos, cujo reflexo elle via nos olhos estaticos dos

subordinados. Nessa tragedia de rei desthronado periclitam, quando se não somem de todo, as grandes virtudes que fazem a força dos exercitos — o espirito de sacrificio, o esforço anonymo, a paciencia, a desesperança de recompensa, a abnegação de si mesmo, o espirito de colméa, mercê do qual o soldado não trabalha pela gloria do seu nome e sim pela gloria da communitade armada.

Dizendo estas verdades, bem sei a que iras me exponho. Pouco se me dá, porém, dos resultados da minha franqueza. Amigos e como irmãos conto entre os militares. Dou a minha palavra de honra que a nenhum delles consultei, justamente para deixal-os isentos de qualquer responsabilidade. Antes de vir para S. Paulo apresentei á “Defesa Nacional”, grande e nobre associação de militares, a que tinha a honra de pertencer, como representante civil, a minha exoneração do posto que alli occupo. Não quero que se pense que esses queridos companheiros de trabalho e preocupações pelo futuro do Brasil me deram ou que lhes fui pedir a minima solidariedade ás minhas palavras de hoje. Não os consultei. Errei? Errei sózinho. Tenho, porém, fé no futuro. Creio no Brasil. E como o Brasil nunca poderá ser grande emquanto os militares não forem só militares, tenho a certeza profunda e inabalavel de que no seio dos proprios militares ha de arraigar-se um dia a convicção de que estou certo.

ALGUNS PONTOS DA REVISÃO

Sursum corda ! Levantemos os corações. Confessemos os nossos erros buscando reparal-os. Confessemos as nossas faltas com a mesma franqueza com que reverberamos as alheias. Todos erramos — governantes e governados, civis e militares, aqueles muito mais do que estes. A infallibilidade não é apanagio de ninguem. Contingentes todos, todos sujeitos estamos ao jogo das paixões, dos interesses e dos appetites. Todo temos culpas no cartorio, embora alguns confisquem os cartorios e dêem aos outros com as culpas.

Passemos uma esponja sobre as lutas de hontem. Procuremos o futuro, unidos num só pensamento — o de servir ao Brasil. Aproveitemos o presente para preparar o futuro. Firmemos dois ou tres principios e levantemol-os como o labaro de uma nova cruzada.

O proprio governo tem o dever de olhar com sympathy a nossa campanha. De nós lhe não poderão vir dissabores. Queremos apenas lutar com a espada incruenta da palavra.

A revolução que venceu não é mais revolução : é governo. A sua incandescencia desapareceu para crystallizar-se num corpo de linhas e arestas rigidas. O estado de transição não interessa mais : desapareceu. O estado permanente é que subsiste e é sobre elle que têm incidido as observações e os

estudos dos que procuram encaminhar os phenomenos politicos.

Precisamos de uma Constituição, não por motivos subalternos, mas para darmos ao mundo a certeza de que não somos um rebanho de illotas, incapazes de governarem-se por si proprios e de quem a confiança estrangeira deve fugir, como o diabo da cruz. Não a queremos num abrir e fechar de olhos, não a reclamamos como um corpo de bombeiros. Saibamos esperar. Mas até quando? *Quousque tandem?*

Já é tempo de se poder ao menos prever a época em que a nação vae ser restituída á posse de si mesma.

No entanto, seja como fôr, tempo já é de começarem os estudos e as suggestões, sobre a nova carta constitucional. A meu vêr antes de ser discutida na Constituinte, nada impedia que fossem apresentados projectos pelas competencias que illuminam as nossas letras juridicas. Creio que os principios em torno dos quaes ha mais evidente bom senso e militam maiores forças de opinião são os seguintes : manutenção da forma republicana federativa e do regimen presidencial ; a conservação da autonomia dos Estados, regulamentada, porém, a faculdade de contrahir empréstimos ; a reduçãõ, com um systema de freios e contrapesos, do arbitrio do Executivo ; a responsabilidade dos ministros e seu comparecimento perante o Congresso ; a criação do Conselho do Estado e a liberdade de culto, se-

gundo a Constituição de 24 de Fevereiro ; a outorga ao Poder Judiciario da faculdade de organizar-se e nomear os seus membros e a intervenção da magistratura em todas as phases do processo eleitoral, desde o alistamento até o reconhecimento dos candidatos eleitos. Cada um desses pontos exigiria largas explanações. Apontal-os é quanto nos é possível neste instante.

A VOZ DA ACADEMIA

Neste momento os destinos do Brasil estão entregues a dois riograndenses : o honrado chefe do Estado e o ministro, a quem a opinião sagrou como o seu condestavel. Se elles quizessem ouvir a voz desta Academia, que lhes escutou os sonhos de moço, desta Academia onde formaram a consciencia e aprenderam a amar o Brasil, a velha, e gloriosa mãe de tantas gerações, hoje, no anniversario do maior de seus filhos, assim lhes falaria :

“Moços, a quem a fortuna sorriu e a quem a resaca da opinião levou no dorso de uma onda ao promontorio de syrtes do poder, não percais de vista o ephemero das vossas existencias ante a eternidade do Brasil ! Nunca sobre os hombros de nenhum dos seus successivos governantes pesaram responsabilidades tão terriveis. Tudo se modifica. Tudo se transforma. Na convulsão orogenica de paixões que se processam neste momento, a ninguem é dado calcular o tamanho da cratera que amanhã se póde

escancarar sob os vossos pés. Se se tratasse somente de vossas pessoas, bem sabemos que não vos faltam fibra e coragem para afrontal-a.

Em momentos taes, bem sabeis que o de que menos se cogita é da vida. Mas qual a vantagem de qualquer sacrificio? Sois hoje a representação symbolica de instituições que só se fôram na apparencia, mas sob as quaes vivemos até hoje. Não vos falta coragem ante as procellas. Não precisareis de lições para salvaguardar a dignidade do vosso posto, mas se precisasseis, ellas vos não faltariam. Mas se a vossa autoridade amanhã sosso-brasse, o que tem acontecido a outras, que embebiam as raizes nos seculos e pareciam desafiar a Eternidade, Deus sabe por quantos lustros duraria o eclipse da nossa noite tenebrosa !

Filhos tambem desta casa, aqui vos armastes cavalleiros do Direito. Não acheis passadista ou juvenil a designação. O Direito ainda é a ecliptica constante, immutavel e eterna, traçada pelo sol da consciencia humana no seu curso em torno dos acontecimentos. Não troqueis os direitos de progenitura no coração dos vossos patricios pelo prato de lentilhas de uma investidura que nada representa, quando a maioria da Nação, mesmo os vossos amigos, e para vosso beneficio, clama pelo seu termo, ou antes pela fixação do seu termo. Não porque nos governeis mal, mas porque a Nação quer governar-se a si propria.

Imagino que aqui chegais com a plena consciencia

cia das vossas responsabilidades, e se, pedindo um conselho, uma inspiração, um viatico espiritual á grande pleiade dos vossos conterraneos que por aqui passaram, a esses que devotaram toda a sua mocidade e toda a sua madureza a este Brasil que hoje vemos tão mesquinho, á vossa evocação, mais de um vulto glorioso surgiria das sombras destas arca-das. E ouvil-os-ieis falar.

Eu sou Silveira Martins, a cabeça incompara-vel, a figura inexcédível e inexcédida do Rio Grande do Sul, o estadista que quanto mais se lhe estuda a carreira, mais cresce na consideração da posteridade. Eu sou o Titan de quem se cunhou a effigie de um Zeus trovejante e irascível, sacudindo a tribuna com coleras de leão e rajadas de Stentor. Mas bem sabeis que tive o senso pratico e a malicia utilitaria do heroe grego para beneficiar a nossa provincia de alfandegas, portos, serviços postaes e estradas de ferro, para mais uma vez provar que o senso das realidades não é incompatível com o genio, nem pri- vilegio dos mediocres. Meu sopro era tão pos- sante que ainda faz estremecer, tres decadas depois do meu desaparecimento, o coração do meu partido. Fazei a Constituinte !

Eu sou Julio de Castilhos. Vim da Conven- ção para a Constituinte e da Constituinte para o Rio Grande do Sul. Sou um filho espiritual de Ro- bespierre, adoptado por Augusto Comte. Adoptei a dictadura scientifica, mas a Constituição de 24 de Fevereiro nunca me impediu de exercel-a e de

legal-a por um quarto de seculo ás mãos immaculadas de um homem que é o vosso orgulho, de um varão de Plutarco, de quem se pôde divergir, mas a cuja consciencia ninguem pôde contestar a pureza das neves alpinas. Fui republicano, porque a minha geração suppunha que extinguindo a indumentaria do sceptro, da côroa e do manto real, toda e qualquer monarchia de facto poderia passar a ser republica de rotulo. Pagando o tributo a esse romantismo scientifico, estabeleci uma monarchia descoroadada nos Pampas. Mas não vos enganeis. Não se governam quarenta milhões de homens como se governavam dois. Mesmo no meu pago natal, levantei contra mim a mais formidavel das revoluções que ensanguentaram o Brasil. Não vos deixeis illudir. O Rio Grande do Sul de 1931 não é Rio Grande do Sul de 1892. Fazei a Constituição.

Eu sou Pinheiro Machado. Conquistei o meu logar na politica a ponta de lança. Enrijei nos entreveros o cerne de aroeira da minha energia. O espaço que medeia da barraca do guerrilheiro ao Morro da Graça foi a parabolada da Republica. Estou no centro do regimen como a pyramide de Kheops no seu deserto. Sou um symbolo de todas as suas instituições, de todas as suas conquistas, de todos os seus calculos, de todos os seus mysterios. Se me applicardes o methodo com que a sciencia moderna tem estudado as dimensões, as cryptas, as galerias, os angulos, as incidencias, as correlações geodesicas e astronomicas do velho monumento dos pharaós,

tereis na minha vida, na minha carreira, no meu poder omnipotente, a revelação de toda a mecanica, de toda a architectura, de toda a geometria do regimen. No centro mais remoto da minha consciencia encontrareis a medida sagrada, o covado hieratico da minha disciplina : a intangibilidade constitucional. Lembrae-vos da minha phrase : "Orgulho-me de ser o chefe dos levitas do Alcorão". Sabeis quem eram os levitas do Alcorão? O Alcorão era a Constituição de 24 de Fevereiro, e os levitas ereis vós.

Fizestes-vos na minha escola, crescestes á minha sombra, subistes em nome dos meus principios, derramastes o sangue por elles nos campos de batalha. E agora quereis renegar-me? Concedo que os tempos sejam outros, que o amanhã não esteja condemnado ao hontem como Mazeppa ao seu cavallo, e que preciseis abrir as janellas da nossa casa, que é o Brasil, ás correntes saneadoras da opinião universal, ao sol da experiencia, ao ozone da Justiça. Mas não é preciso renegardes todo o passado. Deixai os alicerces da velha construcção, que são eternos. Não a subvertais nos seus fundamentos. As fórmulas de governo não valem nada. O que vale é a consciencia de quem as executa. Revêde, revisai a Constituição de 24 de Fevereiro, mas não a abjureis. Dai-nos uma Constituição.

Isso, ouvirieis dos politicos. E a sua autoridade é sempre incompleta, porque a restringem os antagonismos de ideal, as diversidades de crença e de partidos. Mas, se a voz do sangue rio-grandense

ainda pode acordar nos seus tumulos, pelo seu timbre inconfunavel, os heroes adormecidos no Pampa, seria uma figura maior do que essas todas, porque a todas representa e todas nella se reveem com orgulho, a que assim vos falaria :

“Escutai-me, meninos. Eu sou Osorio. Venho de Humaytá, com a mesma lança na mão. Estou presente como outrora, quando me evocou José Bonifacio, o Moço. Ouvi-me. Assisti á libertação dos argentinos. Fui o primeiro que cheguei á Casa Rosada, onde se encastellava a tyrannia de Rosas. Quando desfilei pelas ruas de Buenos Aires, sob as ordens do Bayard brasileiro, o conde de Porto Alegre, as damas e as crianças portenhas atiravam-me beijos e flores. Sou o symbolo da confiança do povo, mesmo estrangeiro, no nosso exercito. Sarmiento, prophetizando a minha gloria nascente, teceu com os fios do meu ponche de pala a mais luminosa das suas paginas. A bandeirola da minha lança levantei-a sempre mais alto que o pennacho branco de Henrique IV, no carinho da victoria. Vivo, já era o legendario. O vosso Ruy já em 1879 dizia que essa denominação não era uma figura de rhetorica e que eu só, talvez, até então, houvesse logrado o privilegio de o ser pela voz do Brasil inteiro. Fui eu que lhe ditei em 13 de Maio de 88 as palavras immortaes, com que elle saudou a redempção dos escravos negros, num editorial intitulado “Dia Maximo” :

“Espada redemptora, tu cresceste no horizonte

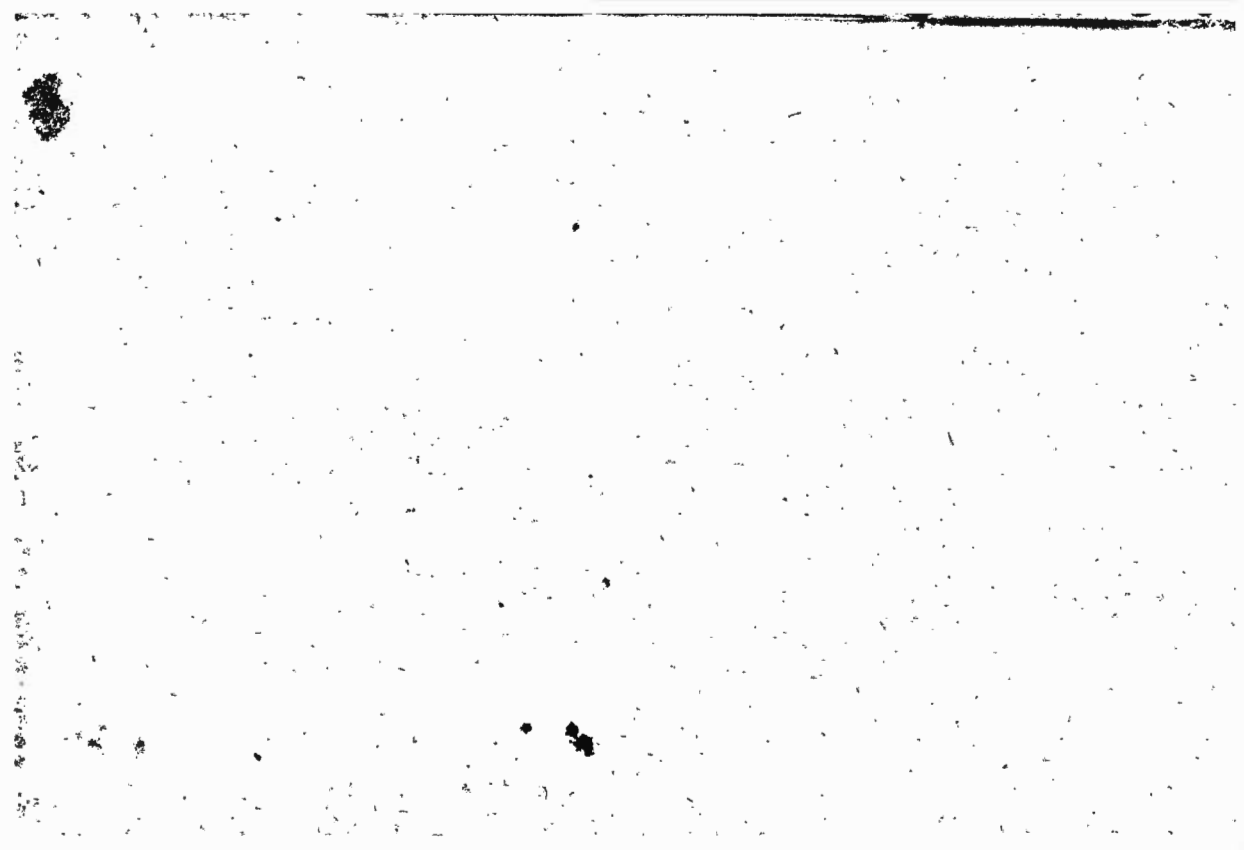
da patria, grande, luminosa, serenadora, entre as ameaças de tempestades, como a curva do arco-iris, o signal de alliança entre a nação, o escravo e o soldado. Desde então incorreste na desconfiança, nas perseguições ; mas no coração das classes populares, que te viram scintillar ao lado do direito inerme, asseguraste laços de fraternidade que te hão de associar para sempre ás conquistas civis do nosso progresso, á transformação liberal das nossas instituições”.

Eu conheço o coração do Exercito. Elle não trocaria por uma victoria passageira o divorcio permanente da confiança nacional. Se é isso que vos embaraça, fazei a Constituição.

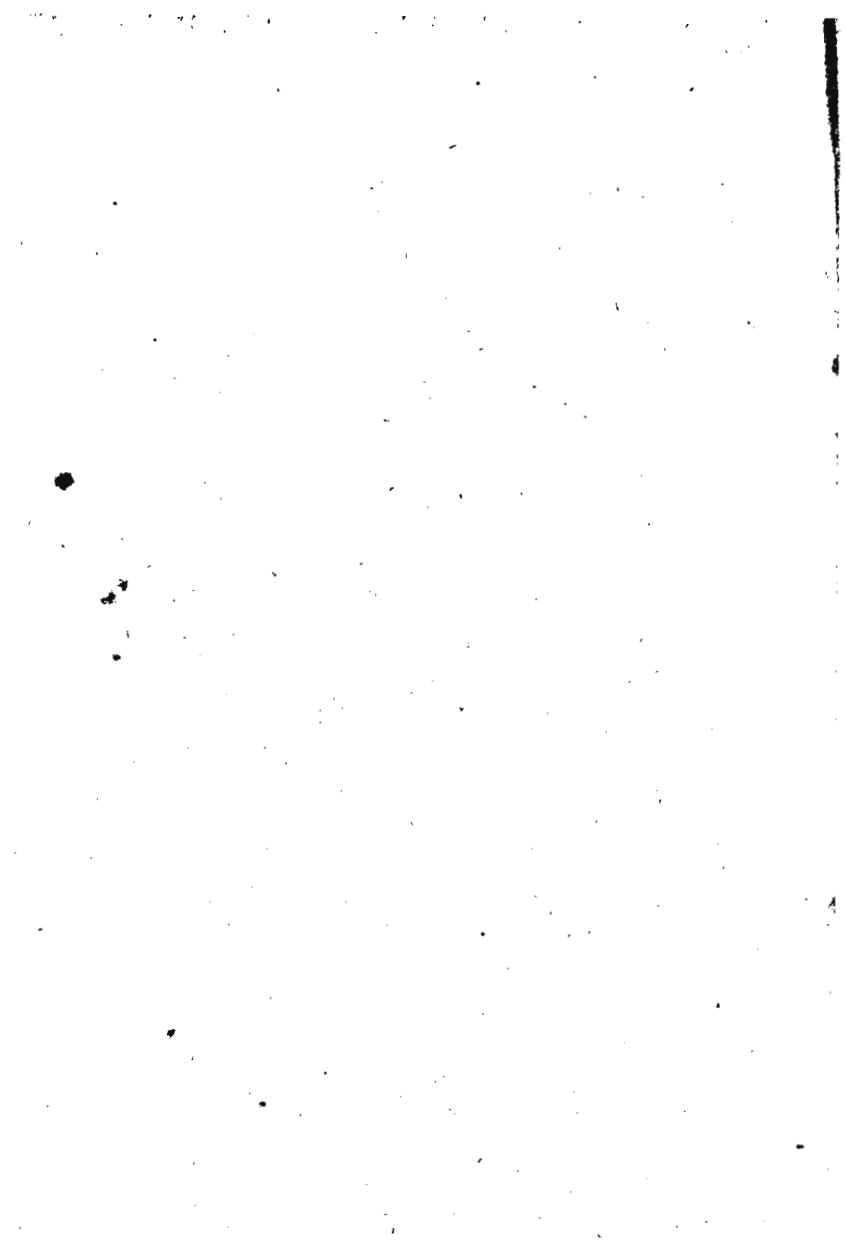
Eu conheço o Rio Grande do Sul. A recta que vae de Pedras Altas ao Irapuázinho é hoje o meridiano da esperança nacional. O Rio Grande do Sul está hoje tão unanime, como o vistes hontem ao vosso lado. Se é isso que vos embaraça, fazei a Constituição.

Quem contra ella se oppõe? Perguntai-a e só vereis sombras. Não deixeis que se diga que sois vós que as agitais. Não renegueis a obra dos titans de 89, obra maxima do Exercito. Aperfeiçoai-a, modificai-a, mas guardai-lhe os lineamentos. Honrai-lhe a tradição. Bemdizei-lhe os artifices, irresponsaveis pela mutilação da sua obra.

Fazei a Constituição ! E os primeiros libertos da abolição branca, não vos illudais, sereis vós mesmos. Tereis repetido o “Dia Maximo” da nacionalidade.



José Bonifácio, o velho



NÃO lhe escatimo a admiração no que merece. Mas não me tôa que o transformem num biombo chinês, pintado de dragões, para esconder a galeria dos vultos da Independencia e da Constituinte, todos, aliás, menores que elle. Apologia não é historia. Exagero não é medida. Amplificação não é verdade. Cesar só precisa do que é de Cesar.

Já tenho escripto sobre José Bonifacio sem considerações sentimentaes nem preconceitos, dizendo lisamente a verdade. Era mais facil o dithyrambo. Recusei-lho. Reivindiquei contra elle e em favor de D. Pedro I o grande papel nos tempos da Constituinte.

A collaboração da andradolatria desvaloriza com baixos relevos de fantasia a sua medalha historica. Querer dar-lhe o que não tem, é soldar enfeites de alquime a uma obra acabada, que deformam. Deante desse sacrilegio é necessario o esmeril do gravador, que raspa as rebarbas, e que não pôde ser confundido com a lima fraudulenta da bilhonagem. O instincto nacional não se enganava

chamando-lhe o Patriarcha da Independencia. Revestida dessa unidade interatomica, analoga á dos metaes que mais resistem ao Tempo, a sua estrutura moral ganha em força, cohesão, intima e infrangibilidade. De nada mais precisa o ouro numismatico do seu perfil para viver na eternidade tal como se fundiu na temperatura candente da tradição.

Grande elle o foi por si só, sem dependencia da politica ou da eventualidade. A sua vida interior era um clarão espiritual continuo. Tinha as intermittencias inherentes ao envolucro contingente e precario. Era homem. Era, como nós, da raça do Limo e do Sôpro. Mas os proprios pharóes, que são da raça do Ferro e da Luz, não são por ventura intercadentes?

Amou a terra como um titan, a cuja especie parecia pertencer. Desceu ao fundo das minas mais profundas do Tyrol, da Bohemia, da Carinthia e da Noruega. Descobriu e classificou doze mineiros desconhecidos. Viu, antes talvez que nenhum outro dos latinos, que o carvão de pedra, o ouro negro, era o pão do progresso. Antes de Ruskin, amou a arvore na sua belleza e na sua utilidade. Descortinou todo o futuro da machina. Pelos seus estudos e projectos sente-se que tinha medido toda a parabola da nossa civilização. Defendeu os aireitos dos indios, legitimos senhores da terra, com a convicção dum Anchieta ou dum Vieira. Combateu a escravidão e denunciou-lhe os inconvenientes numa

epoca em que até grandes espiritos como Bernardo de Vasconcellos não lhe viam os perigos, escondidos sob a apparencia do proveito immediato. Com a capacidade de visão concreta e de senso pratico que caracteriza os verdadeiros estadistas, esquadrinhou, esmiuçou todas as nossas possibilidades agricolas e commerciaes. Não conheço nada de mais commovente do que a pagina em que elle arrola todos generos que podem servir para a nossa exportação desde o algodão até a humilde vela de sebo.

O seu *Projecto Economico para o Brasil* mostra um pensador habituado a sondar a fundo os nossos problemas : a abertura das estradas, a navegação dos rios, a extincção das formigas, a industria textil, a criação, a pesca intensiva, a propagação da machina agricola, a cultura do algodão, do linho e da seda, a mineração, a metallurgia. Como que prevê os perigos do urbanismo e a sua repercussão sobre a lavoura. E reclama a publicação dos roteiros das bandeiras, aspiração nacional a que a estrella do Sr. Washington Luis lhe permittiu satisfazer, exhumando-os dos archivos dos velhos cartorios e dos velhos manuscriptos dos jesuitas, preocupação constante de Eduardo Prado e Capistrano.

Ha em José Bonifacio um disequilibrio irremediavel com o meio. Era o primeiro, mas embalde, depois d'elle, se procurava o segundo. Lá, muito longe, assomavam outros que não vale a pena enumerar, tão conhecidos são. Não lhe chegavam com a cabeça aos hombros.

A sua vida interior devia ser o scenario duma dessas tragedias intimas, ante cuja reconstituição estavam desalentadas as possibilidades da intelligencia. Ter nas mãos o barro ductil e informe e não poder insuflar-lhe o sopro do oleiro ! Ser um dynamo e não ter a transmissão ! Ser um propulsor e não ter a engrenagem !

Buddha escondeu um dia a aurora num ovo de *garouda*, o passaro gigantesco das Indias, o Roca de Aladino de que o *epiornis* de Madagascar parece ter sido o ultimo descendente. Mas a vida não cessou de palpitar dentro do ovo, que o deus, estatico e immovel, puzera ao collo, continuando engolfado na sua perenne meditação. Fallava a luz, pedindo o horizonte. Fallava a terra, pedindo o trabalho. Fallavam as creaturas, pedindo o amor. Fallava o casal mais velho do Universo, o que nunca se divorciou, a Alegria e o Soffrimento. Fallava, enfim, o Destino clamando pelas suas prerogativas.

Buddha reflectiu um instante : — “Ora, a Luz !... Esquece-se da treva, que a extingue”. — “Ora, a Terra !... Terá saudades do arado que lhe dilacera os flancos ?” — “Ora, o Amor !... Este, então, que vive se queixando da traição e da morte !” — “Ora a Alegria e o Soffrimento !... Quem os vê, pensa que se adoram e mal a pobre Alegria entra por uma porta, já o malvado do marido está no encalço, brigando pelo logar !... — “Ora, o Destino !... Elle, o mais immoral dos numes,

o que vasou os olhos de proposito para fugir á responsabilidade dos seus crimes...”

Insensatos, que querem renunciar á delicia do *não ser* ! Pois que se avenham ! E sem levantar os olhos do umbigo, mandou mentalmente, sem mexer um musculo, que um relampago fosse rebentar o ovo de encontro ao mais alto penedo do Himalaya. No mesmo instante a vida renascente baixava sobre a terra aos primeiros raios do sol.

José Bonifacio tinha na sua intelligencia o seu ovo de Buddha. Dentro della estava toda a aurora do Brasil, o horizonte, o trabalho, o progresso, a vida. Era um mundo que precisava rebentar e não sabia como. Não tinha um relampago para ir quebral-o de encontro a um pico de luz. A altura do Ypiranga não lhe bastava : era pequena. Dessa impossibilidade de realização, num paiz que o não comprehendia, nasce o antagonismo entre idéas e actos, que se lhe póde sem irreverencia apontar. Liberal, que chega até quasi á republica, como se póde ver no seu *Rascunho de Constituição*, transige com a autocracia. Embebido dum largo sentimento de humanidade, que abrange indios e negros, chega até á perseguição dos adversarios. Eram os écos da tragedia intima : a necessidade de mandar, fosse como fosse, para engrandecer o Brasil e de remover todos os obstaculos do caminho.

Não dissimulo as suas fraquezas : é dever do critico desapaixionado. Mas comprehendo, desculpo e chego a admirar os seus moveis : é direito do

pensador. A desniveação entre José Bonifacio e sua época criava-lhe direitos tão de excepção como a sua personalidade. Tinha na cabeça a aurora do Brasil, anciosa pela eclosão. Tinha os direitos de um homem que falla em nome dum mundo.

Só havia um lugar para elle : o primeiro, o mando imperativo e total Mas esse Colbert não achou um Luiz XIV. Não pôde mostrar o que valia Privou-nos dum concurso que representa talvez vinte annos de progresso.

A corrente dos phenomenos historicos é, não raro, paradoxal e contradictoria.

Quem os quizer acompanhar, terá de obedecer, então, ás suas antinomias. Haverá maior contradicção do que chamar a José Bonifacio de primeiro sem segundo e applaudir a Dissolução da Constituinte que o fulminou?

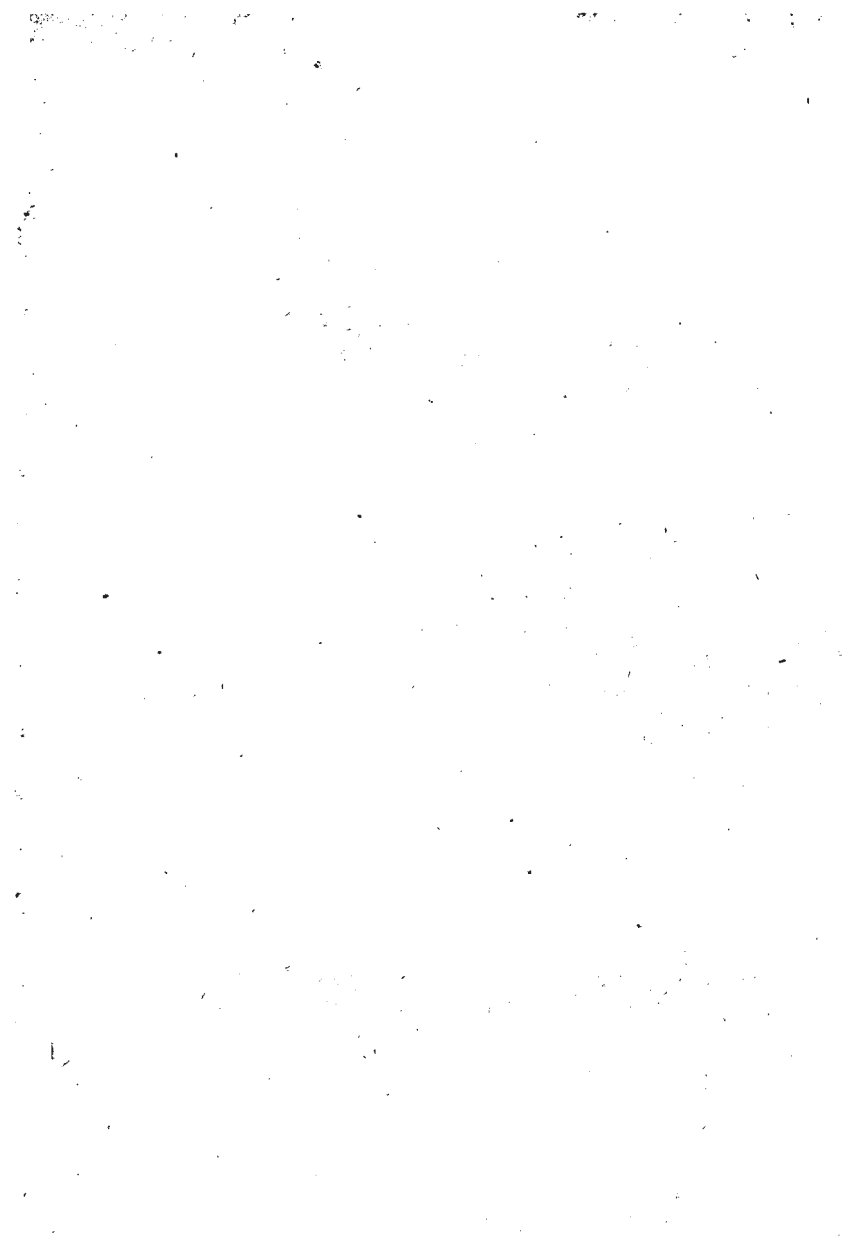
A resposta é facil. Primeiro, um acto não muda a essencia intima do individuo. E o grande Andrada não deixaria de o ser por um minuto impensado. Depois (e esta é a razão) a quadra não comportava o arranque da sua personalidade e a sua força propulsora se perderia numa nau sem leme, agitada pelo maremoto das paixões. Era dum periodo de estabilização e apaziguamento que o Brasil precisava. E só o throno podia dar-lh'o, numa época em que as discussões expiravam no limiar do Direito Divino.

Creio que o meu José Bonifacio, com o seu lastro de contingencias pessoas, não é menor do que o dos

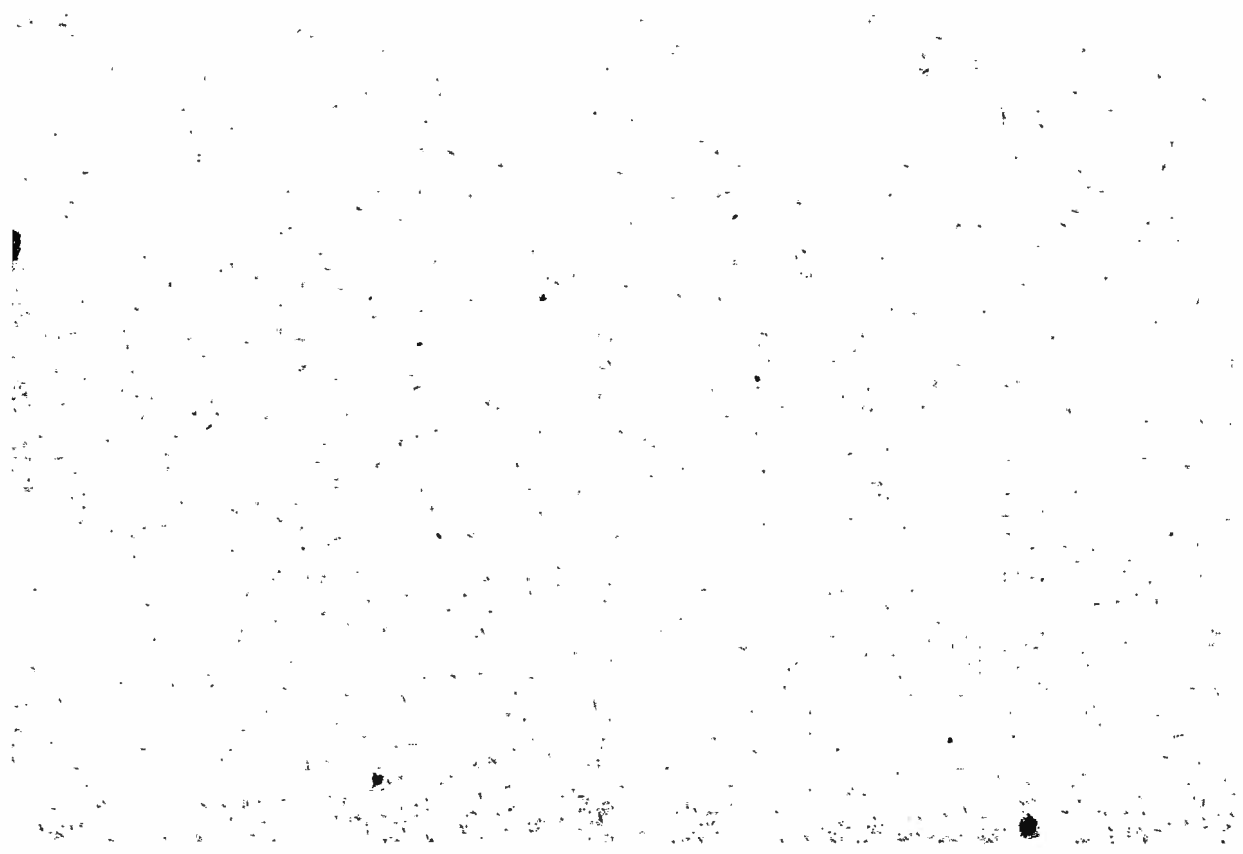
seus orthodoxos, sendo mais humano e verdadeiro. Quem quer que me dê a honra de ler, compreenderá que, restringindo onde devo, não empunho o machado do lenhador.

Pela sua dignidade, pelo seu desinteresse, pelo seu patriotismo, pela sua prodigiosa intelligencia, pela sua immensa cultura, pelo seu papel no 7 de Setembro, foi José Bonifacio um dos mais altos specimens da nossa cultura. E' o verdadeiro Patriarcha da Independencia. Eu o vejo avultar nas perspectivas do passado, como uma dessas gigantescas figueiras brancas, que assignalam as excellencias da gleba paulista em que nasceu. Elle, porém, é um duplo padrão : da terra e do homem.

A terra que produziu no seculo dezoito um José Bonifacio não tem o direito de descrever de seus filhos, bem que esteja mais acostumada a ser-lhes madrasta do que mãe.



José Bonifácio, o moço



A NDRADA por um conjuncto de qualidades atavicas, sobrinho e neto do patriarcha, reviam-se nelle a integridade, o desinteresse e a honradez dos antepassados. O sangue dos O' Learys dava-lhe a intensidade de vida interior, a lava subjectiva dos irlandezes.

Era uma natureza eóle. Sensível ás vibrações da harmonia, escutava os accents intimos dos seres e das coisas. Tinha mais de um ponto de contacto com o grande Lamartine, para quem a Posteridade está agora recommecendo

Ambos, pela visão objectiva, conseguiram triumphar do estigma dos sonhadores com que a poesia inhabilita os seus iniciados aos olhos dos que entendem "que a politica tem de ser uma divindade cega e surda-muda". Ambos applicaram a imaginação e o senso da utilidade aos negocios da Patria, que dos proprios, tanto um, como outro, sempre se esqueceram, não por incapacidade, mas pelo divino desinteresse da abelha, que se esquece da propria, para só lembrar-se da finalidade da colmea.

Nesse Lamartine sem aventuras, o amor, como

um arroio de margens placidas, nunca transbordou do alveo conjugal, paradoxalmente encrespado pela ressaca de um zelo vago e absorvente.

Filha da hyper-sensibilidade e não da razão, essa mentalidade exclusivista e ciosa até dos pensamentos da consorte querida, acarretou-lhe um grande desgosto.

A esposa, cuja rara formosura se aureolava da mais peregrina virtude, deixou-se plasmar pela intransigencia do seu zelo. Enfermando na sua ausencia, preferiu morrer a deixar-se examinar por um obstetra.

Lembra aquellas rainhas de Hespanha, que, para não ferir o supercilioso orgulho dos Habsburgos, preferiam perecer num accidente a serem salvas pelas mãos sacrilegas dos vassallos.

O esquite, que lhe levou a mulher estremecida, levou-lhe tambem o coração. Concentrou a sensibilidade nos filhos e a intelligencia nos grandes problemas da Patria.

Nunca teve a occasião de ser o centro da vida nacional, como o grande francez. Nunca teve ensejo de arrancar das mãos da plebe enfurecida a bandeira vermelha da anarchia e de salvar em pleno naufragio moral o pavilhão das instituições liberaes. Mas quem os estudar attentamente verá em ambos as mesmas reservas de elevação e descortino, sobrepairando em vôos de aguia, á resonancia e ao rhythmio da obra poetica.

Castro Alves conheceu-o em S. Paulo como seu

mestre em direito. Ha entre ambos um jogo de acções e reacções, em idéas e sentimentos, cuja influencia é facil de reconstituir no rastro abolicionista e liberal das duas individualidades. Comprehenderam-se e approximaram-se. José Bonifacio dava ao alumno a honra de repetir-lhe versos de cór.

José Bonifacio, grande como era, tinha de ser sensivel a todas as grandezas. A maior grandeza de Castro Alves é a de ser brasileiro.

O neto dos Andradas sentiu-o, primeiro talvez que ninguem.

Toda a harmonia pantheista do Brasil cabe na alma de Castro Alves. A nossa flora e a nossa fauna deram-lhe themas iterativos com que orchestrou a sua obra, que é a Symphonia da Abolição. Como se quizesse alçar o pensamento á altura e á força das cachoeiras, no seu preludio escachoa o rhythmo de Paulo Affonso. E o epilogo da epopéa symphonica, em seus clarins, em suas trompas, em seus oboés, em seus instrumentos de metal e corda, de percussão ou de sopro a cujos sons estremece o auri-verde pendão, annuncia ao lado de Colombo, padroeiro da America, o vulto do Andrada, padroeiro do Brasil.

A obra redemptora de Castro Alves se balisa entre dous colossos: Paulo Affonso e José Bonifacio: a *Cachoeira* e o *Navio Negreiro*.

Coube ao segundo José Bonifacio ser o professor do moço bahiano em S. Paulo. Mais que o profes-

sor, o amigo. Quando elle falleceu, o mestre, que o estremecia, procurou um symbolo para a sua saudade, symbolo em que coubesse toda a sua admiração e toda a alma do Brasil.

E achou-o. *A' margem da corrente.* E' o rio da vida que passa. Suas ondas reflectem tudo. Principalmente as nuvens que passam, e os homens que passam como as nuvens. Mas tudo tem voz : as aguas, as aves, as flores, as arvores, os céos. Achar o que traduza esse péan da natureza seria o problema, se justamente o caracteristico do genio não fosse resolver os problemas antes de os pôr em equação. Fallam aguas, aves, flores, arvores e céos. A harmonia irrompe abrupta e argentina, rorida e clara, como a voz plangente e saudosa da natureza tropical. E' o sabiá que canta. E' todo o Brasil que canta na voz do sabiá.

O sabiá que gorgeia no olho da palmeira de Gonçalves Dias poderá desferir o canto de mais alto. Mas o que canta na laranjeira em flor de José Bonifacio tem mais saudade.

As cordas da sua garganta são mais parecidas com as do coração brasileiro, traduzem melhor a nossa lingua, exalam melhor o perfume dessa "flor amorosa de tres raças tristes".

O principe Maximiano de Neuwied achou na voz dos passaros cantores a mesma differença que ha entre os instrumentos de sopro e os instrumentos de corda. Os nossos pertencem á segunda especie. Ao passo que o rouxinol é a flauta argentina dos

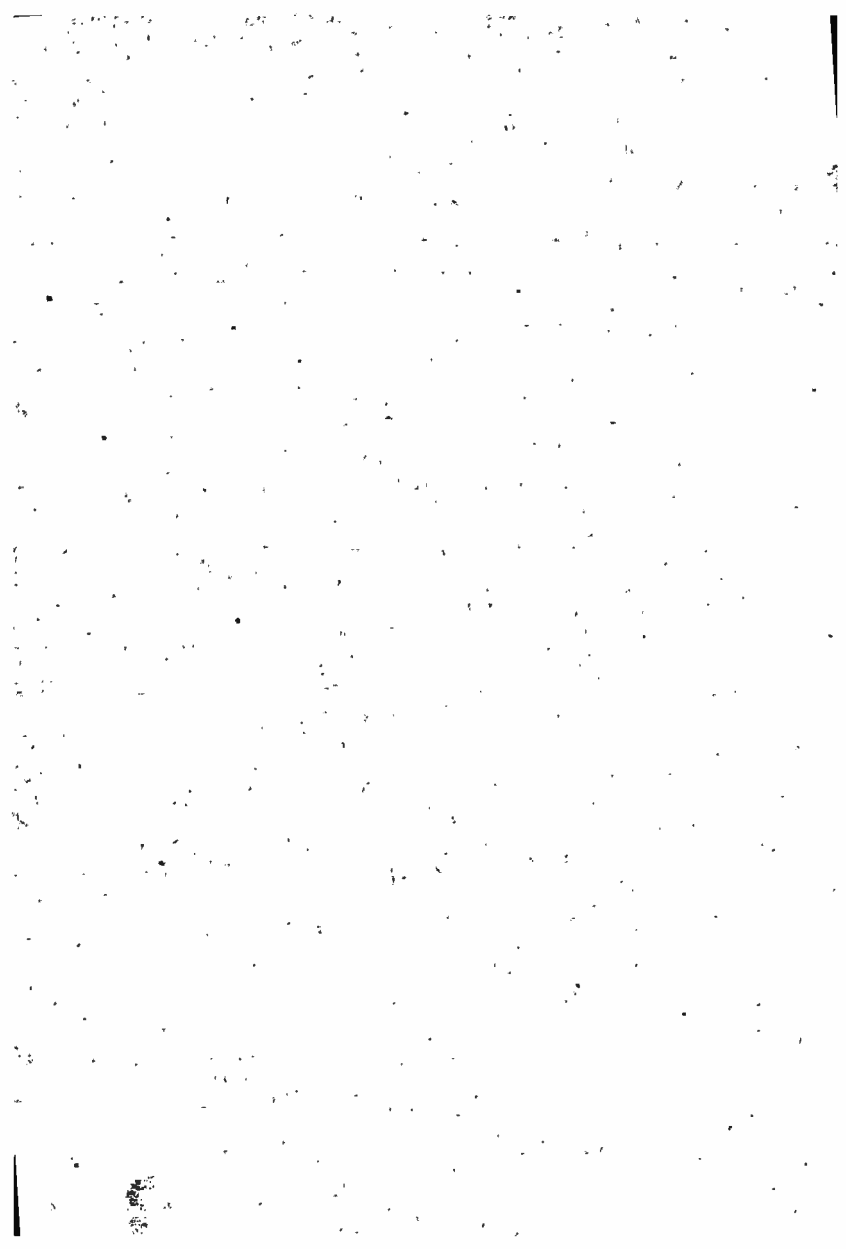
balsedos europeus, o sabiá é a verdadeira *viola de pennas* das nossas devezas.

E não ha nada que falle mais do que a corda ao nosso coração tambem feito de cordas.

A' margem da corrente... Canta o sabiá... E' o Brasil que eleva um hymno ao maior dos seus poetas.

A sombra do grande Andrada ouviu a apostrophe do *Navio Negreiro* : arrancou dos ares o pendão negro desfraldado pela pirataria escravista "nas aguas da jurisdicção divina".

E mandou que o neto dissesse ao poeta dos escravos que a corrente dos tempos, espelhando a sua imagem, iria um dia desembocar na abolição, na immortalidade e na gloria.



Brasílio Machado

**Discurso pronunciado em
1928 na Faculdade de Direito
de S. Paulo.**



Dr. Alcantara Machado

NENHUMA palavra me podia chegar tão fundo ao coração como a sua. Nella escuto a de seu pae, o grande Brasilio Machado, orador dos maiores que já ouvi, desses que fazem da palavra a substancia mesma da vida e da belleza.

Terceira geração de uma dynastia de intellectuaes, que já se entreabre em affirmações fulgurantes na quarta, o louvor de um Machado de Oliveira faz estremecer as raizes mais fundas da minha saudade, do meu culto e do meu reconhecimento.

Lembro-me como se fosse hoje. Foi aqui no S. Paulo de hontem que já é o de antanho. Promotor publico da capital, coube-me a hora e o sacrificio de enfrentar o Titan da tribuna forense, não digo de S. Paulo, mas affirmo que de todo o Brasil.

Durante a defesa senti prosaicamente a impressão do menino palmatoado pela mão paterna. Senti o perigo. Compreendi a situação. De um lado, o mestre dos mestres e do outro, o principiante inexperiente e sem titulos. A impressão physica, a autoridade moral, a superioridade esmagadora mar-

morizavam-me. O olhar de Brasílio Machado já era de si um argumento. A pallidez ardia-lhe nos olhos como uma fascinação. Da sua proverbial austeridade, servida por uma logica de ferro, emanava uma força irresistivel. Da sua voz irradiavam certezas a que ninguem se podia eximir. E que voz !

Expunha e deduzia num timbre metallico de anatomista. Se o quadro de Rembrandt se animasse, aquella voz cortante e incisiva, destinada apenas á logica, devia sahir, com a mesma inflexão, dos labios de Adriano Vulp. Esse, o argumentador.

Mas chegava a parte humana da causa. A frieza cortante desaparecia. E a voz se transfigurava, correndo todas as gammas da emoção, para accender fuis e siderações no sarcasmo e na revolta e modular como um stradivarius na piedade.

Era esse o seu triumpho. Não perdia a linha. Não sahia dos moldes mais sobrios da oratoria moderna, de que foi um dos precursores. Mas de repente, depois de ter cavilhado a evidencia no espirito do auditorio, apparecia o artista, o poeta. Tinha-se então um espectáculo maravilhoso : a estatuação instantanea da palavra num bloco acustico de harmonia e chammas. Não vi, não vi orador forense igual a Brasílio Machado. Imagine-se a minha situação nesse remoto dia de 1902 em que me coube a missão suicida de enfrental-o !

Deu-me Deus a força de comprehender num relampago a situação. Alcei-me para falar. Deixei de lado o processo e analysei o causidico. Pintei-nos

a ambos. Procurei diminuir-lhe o magnetismo, desmontando-o, peça por peça, numa analyse que era uma glorificação, que o commovia, mas que era uma verdade, que o perturbava, por lhe descobrir o segredo da armadura.

Só depois desse trabalho de desimantação, com que intentei deslocar, da causa para o patrono, toda a seducção de que elle a revestia, é que entrei a discutir o caso dos autos.

Venceu como era de esperar o grande advogado. Mas achou interessante o modo pelo qual interrei o debate, fazendo valer a minha fraqueza diante da sua força.

Teve a generosidade de orgulhar-se do seu discipulo. E ao dia seguinte mandou-me um livro com estas simples palavras — “A Baptista Pereira, em recordação dos “nossos” debates forenses perante o jury de S. Paulo”.

Esse adjectivo era uma consagração. “Nossos debates forenses!” Como se eu fosse alguma coisa diante d'elle! Não me desvairou o elogio, mas commoveu-me a generosidade. Guardo preciosamente esse livro como um dos meus numes tutelares. Podeis ahi avaliar, sr. dr. Alcantara Machado, o que me vae na alma quando na vossa escuto resurrecta a voz do meu querido mestre.

Que de tal pae tal filho se esperava, já o erigia Camões em regra. Encasulado numa modestia, cuja origem está na aristocracia de um temperamento ultra-sensível, o vosso valor era tal que hoje

todos o reconhecem e sois um padrão da cultura paulista aos olhos do paiz.

Antecipei-me a essa consagração. Amigo fraternal de vosso irmão — raro talento com cuja renuncia á actividade gregaria não me conformo — com elle apprendi a seguir-vos, a lêr-vos, a admirar-vos.

Realizais o milagre que desejo para as nossas elites.

Compreendeis que a Via Lactea que se arqueia sobre os nossos céos não impede que se bebam algumas gotas do leite da loba romana.

Unis a cultura latina á brasileira. Conservais desta tudo que tem de profundo, de instinctivo e racial sem renegar aquella. Lapidais o vosso diamante interior com o diamante já lapidado.

Jurista, politico, historiador de quem S. Paulo bandeirante espera um grande trabalho de resurreição historica, já na forja, a honra da vossa palavra desce sobre mim menos como uma consagração do que como uma bençam.

E' a bençam do Velho Mestre que resurge na do Mestre Novo

D. Francisco de Souza



UMA indicação de Rodolpho Garcia, já um tanto esquecida, mas avivada por Paulo Prado, levou-me á Bibliotheca Nacional, á cata duma collectanea facticia onde, sob titulo alheio ao assumpto, se encontram preciosos documentos sobre D. Francisco de Souza, Governador de S. Paulo, que póde ser considerado o iniciador da era das bandeiras. Tenho uma grande curiosidade por tudo que concerne a Gabriel Soares, o nosso maior escriptor e pensador quinhentista, cuja vida muito se entrelaçou á do Sr. de Beringel. Dobrado motivo para dar-me a essa busca.

Fui á Bibliotheca Nacional, esse maravilhoso archivo de preciosidades, cujo abandono é um triste indice da nossa cultura e onde ha todo um andar abandonado ás traças, sem que os seus empregados possam impedir-lhes as irreparaveis devastações.

Não ha alli catalogo que preste. Nem talvez a decima parte da Bibliotheca está indicada nas fichas. Os empregados, notavelmente cortezes, estão sempre promptos a ajudar pesquisas e informações. Mas elles proprios não têm pontos de refe-

rencia. Mario Bhering, seu director, é um notavel erudito. Funcionario modelo, está sempre disposto a guiar, ensinar e procurar com o consultante. Constancio Alves, capacidade de escol, memoria que é uma encyclopedia falada, tambem alli dirige uma secção. Ambos fazem o que podem. Mas a verdade é que, se podem fazer alguma coisa pelo consulente, nada podem fazer pelos livros. O pessoal é insufficiente e mal pago. A tuberculose já tem ali varrido varios continuos, principalmente entre os que puxam á mão uma caranguejola, conhecida sob o nome de elevador. Aliás é este o unico que funciona. Os outros dois, optimos ao que parece, não andam. As verbas são ridiculas. Qualquer comprador de livros abastado gasta mais por annò para satisfazer ás exigencias da propria cultura do que a Bibliotheca Nacional para satisfazer ás de todo o paiz. Não ha alli uma vassoura electrica ou uma machina aspiradora de poeira.

Nenhum Governo teve até hoje um movimento de cuidado e interesse sincero por essa Bibliotheca. Problemas muito mais serios do que essa ridicularidade de livros e papelorios os têm preocupado.

As consequencias desse abandono são taes que hoje só um grande esforço poderia reparar os erros accumulados. A Bibliotheca está ameaçada de transformar-se em pasta. Em papel frunchado já está em grande parte. Ao que me consta ha um andar irteiro em que os damnos já são irreparaveis.

Esse abandono não se explica. A nossa Bibliotheca Nacional é uma das mais ricas do mundo. Poucas a superam em incunabulos. Em toda a America, em gravuras, nenhuma a excede, mesmo a de Nova York. Não a posso analysar aqui. Mas todos os competentes sabem que estou dizendo a estricta verdade. Ao passo que em Buenos Aires se inaugura a millesima bibliotheca publica, a unica que temos no Rio desaparece comida pelas traças!

UM APPELLO AO FILHO PRODIGO

Inda é talvez tempo de remediar erros passados. Dê-m-se aos actuaes directores elementos necessarios, primeiro para um expurgo geral de bichos e poeira, depois para uma nova catalogação. Requisite-se o pessoal necessario. Imite-se o exemplo do Itamaraty, onde o Sr. Octavio Mangabeira conseguiu reunir sob a direcção de um especialista notavel, o Sr. Mario de Araujo, um corpo de technicos que tem transformado numa joia a velha e chaotica Bibliotheca.

Estas linhas de appello não são de censura a ninguem. Honro-me de velhas e excellentes relações com Mario Bhering e com Constancio Alves, estas ainda estreitadas por maior convivencia. Com ambos tenho versado o assumpto destas linhas. A culpa não é delles e sim dos Governos.

O Sr. Vianna do Castello não pode estar tão informado do que se passa na Bibliotheca Nacional

como o seu collega Octavio Mangabeira do que occorria na do Itamaraty, installada sob suas vistas immediatas, em dependencia annexa ao seu Ministerio. Sei que tem feito quanto lhe é possivel para soccorrel-a e que a sua boa vontade não se tem desmentido um só instante. Limitado, porém, por verbas exiguas, o seu auxilio não tem tido a efficiencia que seria de desejar.

Está na presidencia da Republica o Sr. Washington Luis, velho amigo dos livros e provector cultor da nossa historia, que lhe deve os mais inestimaveis serviços.

O rude e austero Capistrano, numa carta, que é uma consagração, escripta em 1915, quando lhe agradecia o seu "trabalho quasi definitivo" sobre D. Rodrigo Cesar de Menezes, perguntava-lhe: "Quando voltará á historia o filho prodigo?" Pouco antes, Max Fleiuss, um desses secretarios perpetuos em quem se consubstancia todo o pensamento de uma instituição, concitava-o a "que não perdesse tempo em politica".

Deus escreve direito por linhas tortas. O filho prodigo ainda não voltou ao lar. Mas medrou em poder nas suas peregrinações. Póde reconstruir os muros da casa paterna, que ameaçam desabar.

Daqui rogo publicamente ao preclaro historiador que é o actual Presidente da Republica, que não deixe consummar-se durante o seu quadriennio a ruina da nossa Bibliotheca. Quando não por al, em consideração ao seu proprio nome,

Creio que não se achará no Congresso um patriota que, sabendo do estado em que se acha aquelle grande e insubstituivel patrimonio collectivo, tenha a coragem de recusar a sua assignatura a um projecto em que se consignem duzentos contos de reis para a sua salvação. Dando-lhe o Sr. Presidente da Republica o prestigio de um apoio, que seria até injurioso não esperar do historiador Washington Luis, o filho prodigo, quando regressar ao lar paterno, terá o direito de ser contado entre os seus bemfeitores.

O "CODICE CASTEL-MELHOR"

Voltando ao *Codice Castel-Melhor*, direi que só depois de muitas pesquisas e investigações conseguí eu mesmo desencaval-o. Antes de mim, porém, uma senhora de notavel competencia paleographica, a quem o grande Capistrano deveu muitas cópias, começara a traduzir os garrachos quinhen-tistas de alguns documentos. Paulo Prado anteci-para-se-me. Eram para elle as cópias. Quando tive ensejo de sabel-o, já me dera á tarefa de traduzir mais de metade das instrucções do Duque de Lerma. Não prosegui. Ninguém poderá utilizal-as melhor do que o editor da serie que "para melhor se conhecer o Brasil" se foi abrigar sob o nome de Eduardo Prado, redivivo no sobrinho.

O "MEMORIAL" DE BENTO MACIEL
PARENTE

Li todo o precioso Codice. Antes de mim já o tinham feito Capistrano e Rodolpho Garcia. Deste ainda não appareceu o volume de notas a Varnhagem em que o cita. Daquelle constam breves referencias nos preciosos *Prolegomenos á Historia de Frei Vicente do Salvador*.

Muitas coisas ineditas alli se offerecem ao estudioso. A *Relação de Simões Estacio* — que preconste, só era conhecida em dois exemplares. Ali se acha o terceiro. O *Memorial de Bento Maciel Parente*, com a summula de seus serviços, é, ao que penso, completamente inedito. Nunca foi reimpresso. Apenas Capistrano se lhe refere nos seus *Prolegomenos* aos capitulos de Frei Vicente.

Foi feito para acompanhar a *Petição de Bento Maciel a Philippe II*, esta publicada por Candido Mendes nas *Memorias do Maranhão*.

Não tem data de impressão nem nome de typographia. Parece-me, comtudo, que deve ser da mesma época e do mesmo prelo de Geraldo da Vinha, em que foi tirada a *Relação de Simão Estacio*.

Bento Maciel é uma grande e curiosa figura. Devemos-lhe a expulsão do estrangeiro da parte norte do rio Amazonas. Morreu em caminho do Ceará, para onde o remetiam, em 1641, preso á falsa fé pelo Almirante Cornelisz, se é verdadeira a descrição de Frei Giuseppe de Santa Teresa, na sua raris-

sima *Istoria delle Guerre*, desconhecida a Varnhagen, pelo menos, neste passo, que narra de modo diferente.

Parece-me que a noticia mais curiosa desse *Memorial* é a referente a S. Paulo.

Para lá foi Maciel Parente na mesma nau de D. Francisco de Souza, com quem ficou durante tres annos, como Capitão das entradas e descobrimentos, e mais tres, como Sargento-Mór de cinco villas das capitancias do Sul.

NEGOCIAÇÕES DE D. FRANCISCO EM MADRID

Além desse *Memorial de Serviços*, cuja existencia antes de Capistrano só se conhecia por uma referencia de F. Teixeira de Moraes, na sua *Relação Historica e Politica*, de 1692, traz o *Codice Castel-Melhor* as negociações que se entabularam entre o Duque de Lerma e D. Francisco de Souza, em Madrid, para que este procedesse em S. Paulo ao descobrimento das minas.

Nessas negociações de Felipe II e seu valido com D. Francisco está declarada a importancia que o monarcha das Hespanhas dava aos descobrimentos. Elle não o dissimula. Confessa-o em palavras decididas.

Dá a D. Francisco grandes poderes. Aceita todas as suas suggestões quanto ao engajamento de especialistas em mineração. E promete-lhe quan-

to lhe pede, desde que descubra as minas. Essas negociações, completadas pelas instrucções dadas a D. Francisco e publicadas por Mello Moraes no *Brasil Historico* (vol. 2.º, pags. 49, 69 e 89) são preciosissimas. Vem esse documento provar que o bandeirismo não se compunha de movimentos esporadicos, obedecendo a intuitos pessoases de escravização de indios, como se tem dito. — Não. Era um movimento coordenado, cuidadosamente resolvido e estudado na metropole, obedecendo a uma finalidade politica e administrativa. A leitura dessas negociações illumina o pensamento de D. Francisco de Souza em S. Paulo. Quando elle estimulava o espirito aventureiro dos paulistas e organizava bandeiras, não obedecia a um interesse particular. Executava as ordens do seu Governo, empenhado em descobrir as riquezas da America e engrandecer-se á sua custa.

Mas, como lhe seria impossivel engrandecer-se sem nos engrandecer, muito gratos lhe devemos ser. D. Felipe II, sem que o soubesse, estava pondo nas mãos dos paulistas a arma com que estes iam realizar a nossa integridade geographica, antecedente á politica.

Curiosidades do destino! Era o Rei de Hespanha, que dava ao Brasil o instrumento necessario para cohibir as pretensões hespanholas e fixar as nossas divisas em fronteiras que elles nos cubiçavam. Deixo á exploração dos estudiosos o precioso *Codice Castel-Melhor*, assim chamado porque

pertenceu á livraria do celebre bibliophilo, Conde do mesmo nome.

Antes de acompanharmos D. Francisco a S. Paulo, é mistér, por uma resenha das entradas, anteriores á sua acção, dar uma idéa do que tinham sido até então as tentativas de descobrir os thesouros da terra.

O SONHO DAS RIQUEZAS

A Hespanha descobrira o Perú. As riquezas de Potosi cantavam nas imaginações. A America Occidental regorgitava de thesouros, augmentados pela lenda. Era natural que se esperasse da America Atlantica as mesmas maravilhosas surpresas.

As expedições fructuosas dos Hespanhoes, as informações que de todos os lados chegavam á Metropole, entre as quaes sobresaem as *citadas por Eugenio de Castro, á pag. 25 da sua admiravel introdução ao *Diario da Navegação de Pero Lopes de Souza*, bem cedo contribuíram para amadurecer na Metropole a idéa dos descobrimentos.

O Brasil, completamente inexplorado, devia conter thesouros iguaes aos da America Hespanhola. Para isso, porém, era preciso conhecê-lo. As primeiras entradas obedecem a esse proposito.

ENTRADAS E BANDEIRAS

E' preciso distinguir entre as entradas e as bandeiras. Aquellas tinham um fim principal de

defesa, segurança ou desbravamento. Propunham-se a exterminar o indio ou a escravizal-o. Estas tinham o fim da descoberta de riquezas, dando ao apresamento do indio o valor accidental dum elemento de serviço, orientação e auxilio. A distincção entre ambas reside nos intuitos. O da entrada era a razzia ; o da bandeira era a mina. Se ambas, ás vezes, se confundiam no modo de tratar o indio, por muitos outros se differencavam. Para o bugreiro sem rei nem roque só existia uma alçada — a da sua fereza. Para o bandeirante, tal como o criaram os paulistas, depois de D. Francisco de Souza, havia uma organização militar e juridica. O chefe da expedição fazia os inventarios dos que morriam no sertão com todas as formalidades. E graças a isso, é hoje possivel reconstituil-as em parte.

A entrada representa o primeiro desbravamento do sertão. Á bandeira, a sua exploração, mais ou menos methodica, tanto quanto o compativel com os escassos recursos da época. A entrada foi a derubada. A bandeira, a plantação.

Tenho a impressão de que até a chegada de D. Francisco de Souza a bandeira mais importante foi a de Gabriel Soares, em 1591. Gabriel Soares guiava-se pelos roteiros e informações que seu irmão João de Souza lhe enviara momentos antes de morrer. Esses papeis foram parar ás mãos de D. Francisco de Souza, que conhecia o bom senso, a cultura e o senso pratico dos dois irmãos. Dahi talvez a segurança com que contava com as minas.

Dahi talvez a reiteração que levou ao espirito do Duque de Lerma e de Felipe II, de que a Hespanha podia tirar mais ouro do Brasil do que ferro das minas de Biscaya.

Parece que as informações dos velhos roteiros ás vezes tinham um certo fundamento. Ao que consta, na região lindeira da Bahia, Minas e Mato Grosso tem-se encontrado prata e na região de Minas que limita com o Espirito Santo existem esmeraldas. Se se confirmarem esses duas versões o sonho dos tres Souzas sairá do terreno da phantasia para o das antecipações.

Mas antes de chegarmos a Gabriel Soares façamos uma resenha das primeiras entradas.

ENTRADA PERO LOPES

1531

Pero Lopes de Souza dá noticia da primeira entrada. Pero Lopes aportou ao Rio a 30 de Abril no quarto d'alva. Dias depois o capitão mandou quatro homens pela terra a dentro. Andaram por terra 115 leguas de ida e outras tantas de volta. Encontraram um capitão de gentios. Esse cacique voltou com elles dando ao chefe da armada presentes de crystaes e dizendo-lhe que no rio Paraguay havia muito ouro e prata. Mais de um dos reconstituidores dessa viagem pensam que os quatro aventureiros apanharam o valle do Parahybuna, galga-

ram a serra da Mantiqueira, passaram pelo local de Barbacena e atingiram o sopé da serra do Ouro Branco, situada um pouco ao sul de Ouro Preto. Não me parece possível. Basilio Magalhães accentua a impossibilidade de quatro estrangeiros cascados, galuchos nas manobras viageiras, sem guias nem interpretes, palmilharem em 60 dias 230 leguas em regiões montanhosas, ainda cheias de feras, reptis e indios. (*Basilio, Expansão Geographica*, pagina 10.)

ENTRADA PERO LOBO OU FRANCISCO DE CHAVES

1531

Segunda exploração mandou Martim Affonso fazer quando chegou a Cananéa. Partiram dessa ilha em 1 de Setembro de 1531, 40 besteiros e 40 espingardeiros, sob as ordens de Pero Lobo.

Francisco de Chaves promettia dentro em dez mezes tornar ao porto com 400 escravos carregados de prata e ouro. Não se sabe nada quanto ao resultado dessa expedição. Parece que foi toda trucidada.

ENTRADA SPINOSA

1553

A expedição de Spinosa é de 1553. Thomé de Souza confiou-a ao aventureiro hespanhol devido á pratica dos metaes que adquirira no Perú. Sahiu

de Porto Seguro. Compunha-se de 12 christãos e de grande numero de indigenas. A melhor reconstituição do seu roteiro é a de Calogeras, segundo a opinião de Capistrano de Abreu. Spirosa entrou pelo rio Caravellas. Acompanhou o Jequitinhonha, e alcançou as cercanias de Diamantina. Transpoz o divisor do S. Francisco, alcançando um dos seus affluentes da margem direita. Ahi fizeram canoas e intentaram voltar para a Bahia. Mas desistindo de idéa, fizeram por terra o trajecto do S. Francisco ao Rio Verde e ganharam a bacia do rio Pardo por onde volveram ao mar. O unico documento que existe sobre essa expedição até hoje é a carta do P. Aspilcueta Navarro, datada de 24 de Junho de 1555. Fez parte da expedição ; narra miudamente o que viu, mas não tem palavras sobre metaes ou pedras de qualquer natureza.

VASCO RODRIGUES CALDAS

1561

Em 1561 um vereador da Camara Municipal da Bahia de nome Vasco Rodrigues Caldas fez tambem a sua entrada. Pelo que diz reiteradas vezes o Padre Manoel da Nobrega, era esse um homem de grande valor, dotado de heroismo e resistencia. A expedição composta de cem homens subiu cerca de sessenta leguas o rio Paraguassú, visando provavelmente alcançar as minas de Sincorá.

Como se vê, havia muita realidade nas vagas informações da época.

Sincorá havia de ter o seu dia como teve. Essa expedição, segundo uma carta dirigida pelo Padre Leonardo do Valle em 1562 á Companhia de Jesus, e que está num Codice manuscripto no Instituto Historico, foi dizimada pelo gentio (Tupigitaen, diz á carta, tupinaé, diz *Basilio*), que os obrigou a "desandar o caminho" abandonando toda a fazenda e munições para retroceder mais depressa.

ENTRADA BRAZ CUBAS E LUIZ MARTINS

1562

Em 1562 Mem de Sá ordenou a Braz Cubas que verificasse o que havia sobre jazidas de ouro na Capitania Vicentina. O bispo Sardinha communicara a D. João III o seu achado nos ribeirões da Serra do Mar, facto confirmado numa das cartas de Anchieta.

Mem de Sá deu a Cubas um companheiro pratico, Luiz Martins. Em 1560 partiram ambos com grande acompanhamento. Nada se sabe de positivo sobre o seu roteiro, que se prolongou por trezentas leguas. Encontrou apenas pedras verdes. Antes, porém, dessa entrada, em 1560, já Braz Cubas descobrira ouro: é o que declara a lapide da sua sepultura.

ENTRADA MARTIM DE CARVALHO

1568

A expedição de Martim de Carvalho é contada por Gandavo, cuja credibilidade foi tão pouco levada em conta que do seu sobrenome se fez um adjectivo synonymo de arrotador de grandezas. Os velhos paulistas quando queriam taxar a alguém de blasonador chamavam-lhe "gandavo". A expedição de Martim de Carvalho constou de 50 ou 70 portuguezes, afóra os indios. Durou oito mezes. Encontrou ouro e pedras. Norteou-se para o local onde de facto mais tarde appareceram as pedras de côr.

FERNANDES TOURINHO

1573

Em 1573 Sebastião Fernandes Tourinho organizou uma grande expedição com quatrocentos companheiros. Vindo de Porto Seguro em barcas, entrou pelo São Matheus e por um affluente deste alcançou a lagoa de Juparanã, de onde partiu para Itambé ou Diamantina. Volveu em seguida para leste. E depois de varias voltas desceu pelo Jequitinhonha até a Bahia, depois de ter descoberto ouro, esmeraldas e saphyras.

ENTRADA HELIODORO EOBANO

1571 (?)

Sahiu do Rio essa expedição. Descobriu ouro de lavagem na costa sul-paulista, em Iguape e Paranaguá. Salvador Correia visitou essa região em 1572, o que indica que Eobano a descobriu anteriormente.

ENTRADA DE ADORNO

1574

O Governador Luiz de Brito e Almeida, influido pela chegada de Tourinho com as amostras dos indios, organizou nova expedição. Deu-lhe o commando a Adorno, neto de Caramurú, aparentado com a casa dos duques de Genova, apeados do poder pelos Doria, e emigrados para o Brasil para fugir ás perseguições. Mandou-o descobrir o Norte do rio Doce.

Adorno, pelo valle do Mucury, alcançou as nascentes do Arassuahy, transpoz a serra e alcançou o barranco do Jequitinhonha. Composta de 150 colonos e 400 gentios, a expedição, que durou 14 mezes, volveu á Bahia em 1575, trazendo amostras de pedras preciosas. Dividira-se em duas no caminho. Adorno estava com a que continuou no sertão. Quando volveu ao litoral trazia 7 mil indios escravizados.

ENTRADA DIOGO MARTINS CAMPOS

1575

Procurou seguir a rota das bandeiras de Tourinho e de Adorno, em busca de ouro e pedraria. Tinha por appellido o *Mata Negro*. Não deixou traço da sua passagem.

ENTRADA MARCOS DE AZEVEDO COUTINHO

1577

Como Diogo Campos, seguiu o rastro de Adorno e achou grande quantidade de pedras verdes que confundiu com as esmeraldas.

ENTRADA JOÃO COELHO DE SOUZA

1583

Consta que seguiu o roteiro de Adorno. Foi a de maiores consequencias ulteriores, por ter inspirado a Gabriel Soares e D. Francisco de Souza.

ENTRADA DE SEBASTIÃO ALVARES

1587

Refere Frei Vicente do Salvador (Capitulo 20, livro III) que Sebastião Alvares explorou o rio

S. Francisco, ajudado de um indio de nome Priá, a quem o Governador mandou uma veste encarnada e uma vara de meirinho.

A narração de Frei Vicente é incompleta. Basilio diz que durou quatro annos a expedição, mas não refere como terminou.

ENTRADA DE FRANCISCO DE CALDAS

1588 ou 1589

Explorou o São Francisco. Pereceu toda a mão dos indios, revoltados com a sua traição e sob as ordens de *Braço de Peixe* e *Assento de Passaro*. Parece ter sido logo em seguida á de Alvares.

Todas essas entradas não têm hoje outro valor que mostrar a mentalidade da epoca. A que traços mais fundos deixou foi a de Adorno, recomeçada por João Coelho de Souza e mais tarde por Gabriel Soares. O grande escriptor, que deixou a melhor historia do Brasil da epoca, era irmão daquelle. João Coelho, sentindo-se fallecer em pleno sertão, teve o cuidado de remetter a Gabriel não só o seu roteiro como tambem amostras dos mineraes preciosos que achara. Vivendo de escravizar indios, devassador de sertões, não faltavam a Coelho os requisitos necessarios a um bom explorador. Gabriel acreditou no irmão. Quiz em pessoa repalmar o seu traçado. Foi á Europa em Agosto de 1584 buscar o apoio da Corôa. Levou annos a

conquistal-o. Mas acabou vencendo. Voltando ao Brasil em 1590, a bordo do *Grifo-Dourado*, naufragou na enseada do Vasa-Barris. Dahi, a expressão "deu tudo em vasa-barris", tão digna de não ser esquecida pelos amantes da boa linguagem.

GABRIEL SOARES

A Bahia, pelo seu maior contacto com a metropole, como capital ultramarina, tinha então bem mais importancia que a nascente Piratininga. Ali ecoavam por ventura mais vivas as lendas e tradições dos el-dourados sertanejos. Não raro por lá repon-tavam em relativa abundancia pedras coloridas e metaes preciosos encontrados pelos bugreiros nas mãos dos indios.

Na Bahia encontrou-se Gabriel com D. Francisco de Souza, que era o governador a quem competia executar as ordens que obtivera d'El Rei. Francisco de Souza deu-lhe todas as extensas medidas reclamadas. Gabriel partiu para o sertão. O seu itinerario, graças ao *Codice-Sabugosa*, pertencente ao Instituto Historico, foi recomposto pelo Dr. José Luiz Baptista. A expedição partiu de Jaguaripe. Passou por Nazareth. Alcançou as aguas do Jequiriçá. Marginou o seu lado direito, até alcançar o divisor do Paraguassú, isto é, a serra de Cayrirú. Cruzou a estrada que ia para as minas do rio de Contas. Chegou á estação João Amaro, da Estrada de Ferro da Bahia. Atravessou a serra do Orobó,

até chegar ás de Jacobina, que identificou com as notas do roteiro de Belchior Dias Moreira. Voltando para o sul chegou ao morro do Chapéo. Entre o sertão deste e o de Paramirim, em lugar imprecisavel, abandonado pelos companheiros, falleceu Gabriel Soares de Souza. Seus papeis foram remetidos a D. Francisco de Souza, o governador, que com tanto carinho o acolhera e estimulara. A versão de que foi abandonado pelos companheiros póde ser verdadeiræ. Mas não se compadece muito com o facto do seu corpo ter sido remetido para a Bahia afim de ser enterrado, segundo dispoz em testamento, junto ao altar-mór da Cathedral, tendo na lapide apenas esta inscripção: "Aqui jaz um peccador".

D. Francisco de Souza, indo para lá, tambem pagou seu tributo á lenda.

E' accusado por Varnhagen de se ter apoderado do roteiro de Gabriel. Julião da Costa, immediato deste, queria proseguir as diligencias. D. Francisco ter-lhe-ia ordenado que retrocedesse para apossar-se dos roteiros. Esse facto é de 1592, porque o testamento foi aberto a 10 de Julho do mesmo anno.

Não pude verificar a sua entrada nos sertões da Bahia. Francisco Vianna diz que em 1598 partiu a explorar as minas de Roberio Dias, informação confirmada por Mirales, firmado em Rocha Pitta. Dado, porém, que a data dos dois escriptores é Outubro de 1598; que D. Francisco foi Juiz da Festa das 11 mil Virgens na Bahia, no mesmo anno;

que nesse mesmo anno quiz apressar no Rio os navios de Jasper, segundo Knivet, claro ficaria que não teria sido pelos sertões bahianos que tentou chegar ás minas de Melchior Dias, que a lenda confunde com Roberio, a menos que a entrada não tivesse sido das mais rapidas. Foi justamente o que se deu. Melchior Dias levou a dissimular a D. Francisco o caminho real para as jazidas. Este prendeu-o. A expedição podia ter gasto 2 ou 3 mezes, se tanto. Os chronistas dizem que Melchior levou *muitos dias* enganando o Governador.

Parece que a fama confundiu os dois roteiros, o de Gabriel e o de Melchior, para pintar D. Francisco como querendo apropriar-se de ambos. Dahi talvez o chamarem-lhe D. Francisco das Manhas. E' bom notar que esse vocabulo, na época, não tinha sómente a accepção pejorativa de tretas e ardis confessaveis. Significava tambem ~~habilidades~~ habilidades e artificios diplomaticos. Confere com Camões, quando chama Leonardo de "manhoso cavalleiro".

Seja como fôr, é impossivel negar que foi na Bahia que D. Francisco de Souza se contagiou da febre das minas. Tenho de mim para commigo que deve ter sido Gabriel Soares que lha transmittiu. Gabriel era um espirito altamente objectivo. Só se nutria de realidades. A grande obra que nos legou repousa inteiramente sobre observações concretas.

Um homem desses não poderia acenar miragens a D. Francisco. Se este acreditou em velhos roteiros é porque devia ter motivos de muito peso.

Antes de acompanhar o novo Governador das capitanias do Sul até a rude Piratininga quinhentista, vejamos qual a situação desta para com os índios ainda dominantes no Brasil.

S. PAULO E OS ÍNDIOS

Causa de muito bem

A carta de Anchieta, aos 16 de Abril de 1563, escripta de S. Vicente ao Padre Mestre Diogo Laynez, Preposto Geral da Companhia de Jesus, descreve o ataque da villa, que se deu a 4 de Abril, sexta-feira da Paixão, sendo os atacantes rechassados e vencidos, graças ao auxilio de Tibiriçá. Anchieta commenta judiciosamente: "Esta guerra foi causa de muito bem". E reconhece que para aquella gente "não ha melhor pregação do que a espada". Não ha melhor documento sobre o espirito da epoca. O proprio Apostolo do Novo Mundo reconhecia então a improficuidade da palavra para responder ao tacape e á frécha. (Essa carta proveniente da collecção Barbosa Machado, é muito curiosa. Descreve o baptisado de um velho indio de mais de 130 annos de idade, a quem Anchieta fez christão. Inda era vivo João Ramalho). Em 1565 Tamoyos e Tupiniquins inda dominam todo o territorio da capitania. Os camaristas de S. Paulo reclamam de Estacio de Sá as necessarias providencias, sem as quaes terão de abandonar Piratininga (*Paulo*

Prado, Paulistica p. 51). Em 1585 a Camara requer em Abril que se faça guerra campal aos Carijós, que dizimavam os brancos, até mesmo os padres da Companhia. Requereu mais a repartição dos indios entre os moradores. Essa campanha foi organizada e commandada pelo Capitão Mór Jeronymo Leitão. Durou seis annos, isto é, terminou em 1591, depois de ter attingido Paranaguá, batido os Caribós e limpado de aldeias as margens do Tieté. (*Taunay H. B.* 1. 171).

Os indios cercavam de todos os lados a pequena Acropole. Dotados da elasticidade dos cipós, ameaçavam constringil-a em seus laços inextricaveis. Era preciso cortar-os a facção para abrir uma picada para o sertão. Dura que fosse a campanha do extermínio dos indios, era nos primeiros tempos uma necessidade fatal. Brancos que lhes cahissem ás mãos eram logo devorados. Uma relação da epoca fala em 145 colonos sacrificados em pouco tempo.

A audacia, a agilidade, o apuro dos sentidos tornavam invisiveis os terriveis aborigenes. Mal defendido pelas suas cercas e tranqueiras de pau a pique, o modesto villarejo de 200 fogos, e 1.600 habitantes brancos, vivia na intranquillidade. Qualquer descuido podia ser a destruição. Uma hostilidade vigilante e formidavel acompanhava-lhe surdamente os passos. A aldeia de Pinheiros não tinha sido dizimada mais de uma vez? Nas matas do Caáguassú, isto é, nas que da Avenida Paulista e Bella Cintra caminhavam para o Ypiranga, onde

morriam em caatingas, não se lhe tinham descoberto traços de passagem?

Para não morrer, Piratininga tinha que matar. Era a legitima defesa. Os proprios padres da Companhia tinham de render-se á evidencia. Não foram totaes os resultados da entrada de Jeronymo Leitão. As margens do Anhemby, cobertas de araucarias, estavam limpas. Mas até onde? E os outros caminhos? E foi por isso que a Camara, mal regressou Jeronymo Leitão, pediu nova entrada. Este acquiesceu em commandal-a de novo. Mas não chegou a fazel-o, sendo substituido por Affonso Sardinha, o minerador do Jaraguá e de Ipanema. (1592).

Depois da expedição de Jeronymo Leitão, S. Paulo começou a respirar. Obedecera a uma necessidade inelutavel. Era preciso que a pregação á espada, cuja legitimidade a alma evangelica de Anchieta fôra obrigada a reconhecer, precedesse á da palavra. Se até o grande jesuita permittira a primeira, é que a publica salvação, irrefutavelmente, não se podia afastar dessa trilha.

O S. PAULO DE FERNÃO CARDIM

Nota sobre S. André

Do que era S. Paulo em fins do seculo xvi, sabemos por Fernão Cardim, que descreve a sua viagem de S. Vicente a S. Paulo, pelo caminho do mar,

primitivamente alargado por Anchieta e depois por Nobrega. Estacionou em Santo André, onde já encontrou gallinhas, leitões, uvas, figos e conheceu pela primeira vez as nossas guabiobas e jaboticabas, referindo ás primeiras como "fructas amarellas, de feição e tamanho de cereja", e as segundas como "camarinhas brancas e pretas".

Mas mesmo depois da entrada de Jeronymo Leitão, S. Paulo comquanto mais desafogado ainda teve seus dias de perigo.

ENTRADAS DE GUERRA

Muitas foram as entradas de recalque feitas pelos paulistas contra os indios. Em 1592, Antonio de Macedo, filho de João Ramalho, e Domingos Grou bateram o gentio junto ao rio Jaguary. Se é certo que este buscava os sitios mais fundos e mais piscosos, talvez que algum encontro se tenha empenhado perto da fazenda, proxima a Campinas, que foi do Barão de Ataliba Nogueira. Essas algaras de rechasso nesses locaes eram chamadas guerras do Parnahyba, denominação que em dado momento abrangia todas as entradas para o oeste. (Taunay, S. P. XVI, P. 137).

Em 1593, Diogo Fernandes vae combater os gentios do Pirahy e volta sem o ter feito devido á sua mansidão.

Em 1594, porém, o gentio de Mugy torna-se temeroso. A Camara reúne-se sob a presidencia de

Jorge Corrêa e intima Affonso Sardinha que vá combatel-o em Sabauna. Queixam-se os edis do egoismo do litoral. Não eram vãos os receios de Piratininga. Nesse mesmo anno, em 1594, aproveitando a sahida de Affonso Sardinha, os indios atacam-na de novo, cabendo a Jorge Corrêa libertal-a. (Taunay, idem, p. 129).

Em 1595 Bastião Freitas e Manoel Soeiro entram pelos sertões, talvez a castigo dos indios recém-atacantes. Parece que se trata de duas entradas differentes. (Taunay, idem, p. 141-142).

Em 1596 sae de S. Paulo uma das mais celebres entradas, commandada por João Pereira de Souza, chamado Botafogo, por descender do sesmeiro que deu origem á praia do mesmo nome no Rio de Janeiro (João Pereira de Souza nunca se assignou Botafogo). Sahiu de S. Paulo em começos de 1596. Foi preso entre Março e Outubro do mesmo anno, e substituido por Francisco Pereira. Em Julho de 1597 a bandeira ainda estava no sertão (Inv. e tes. v. 1, p. 87). Mas em 25 de Outubro do mesmo anno já regressára, apresentando em juizo o inventario de João Prado feito no sertão. (Idem, p. 93). O motivo da prisão de João Pereira foi ter falsificado uma previsão do donatario. Dessa bandeira secciona-se um grupo sob o commando de Domingos Rodrigues, que attingiu o territorio goyano.

Em 1596 sae do Rio e chega até S. José dos Campos a celebre bandeira de Martim de Sá cuja descripção immortalizou Antonio Knivet. Estudada

por José Hygino, Derby e Theodoro, a sua importancia é relativa.

Entre 1596 e 1599, data da chegada de D. Francisco, ainda havia entradas de guerra no sertão, de que se encontram traços nos Inventarios e Testamentos da época. De uma dellas fez parte Francisco da Gama, obscuro alfaiate, e da outra o poderoso Afonso Sardinha. Creio que são de importancia secundaria.

Do que fica exposto infere-se que a segurança paulista ainda era precaria. E' possível conceber que o primeiro cuidado de D. Francisco fosse pôr-se a cavalleiro de qualquer surpresa. Dos meios de que lançou mão ficaram documentos. Façamos, o mais succintamente possível, o apanhado da sua carreira pelas escassas informações de que hoje é possível dispôr.

A CARREIRA DE D. FRANCISCO DE SOUZA

A carreira de D. Francisco de Souza era cheia de serviços. Servira em Tanger sob as ordens de João de Menezes. Commandou um dos galeões da esquadra que levou D. Sebastião para a Africa. Sobrinho de D. Diogo de Souza, almirante da frota, esse parentesco mostra a importancia da sua linhagem. Adherindo aos Felippes, foi capitão mór da comarca de Beja. Foi-lhes fiel. Lutou pelas quinas de Castella contra Drake e o Prior do Crato. Foi nomeado governador de Angola e

só o fallecimento de Francisco Giraldes, que por duas vezes tentou inutilmente chegar ao Brasil para empossar-se de governador, lhe daria o seu cargo. Ha uma especie de predestinação nos temporaes que por duas vezes forçaram Giraldes a arribar a Lisboa. Dir-se-ia que o destino queria que D. Francisco de Souza succedesse a Manoel Telles Barreto.

Nomeado, chegou á Bahia num domingo da SS. Trindade, do anno de 1591. Durante a viagem toda a gente da não enfermou, excepto elle que os veio curando. Ao desembarcar, porém, adoeceu por sua vez. Aboletado no collegio dos padres da Companhia, esteve desenganado. Mas os bons ares e o bom tratamento restabeleceram-no.

Uma caravella de Lisboa chegou dias depois, trazendo-lhe a noticia de que estava viuvo. A perda da mulher fixou-o na resolução de ficar para sempre no Brasil. Frei Vicente do Salvador que, segundo diz Pizarro, veio em sua companhia, faz delle o melhor dos retratos, chamando-lhe "o mais bem-quisto, respeitado e venerado governador que houve no Brasil". Da sua liberalidade se conta que chegava a extremos taes que não sabia negar. Conhecia-se tanto a si mesmo que costumava dizer que era ladrão quem lhe pedia a capa, porque o mesmo era pedil-a que tirar-lha dos hombros e leval-a.

Veio com poderes de lançar empréstimos por conta da Fazenda Real. E' assim que requisitou de Diogo Dias Querido, quando aqui arribou de via-

gem para a India, a não São Francisco, e trinta mil cruzados. Essa requisição e mais a do cruzado do açucar e a do dinheiro dos defuntos deram-lhe a fama de perdulario e manirroto. No emtanto, esse dinheiro se destinava ás guerras na Parahyba e á defesa contra os corsarios que nos cursavam as costas.

PRIMEIRA IDA A S. PAULO

1599

D. Francisco sahiu da Bahia para São Paulo nos ultimos mezes de 1598. Parou no Espirito Santo onde enviou uma expedição ás esmeraldas. Descendo para o Rio de Janeiro, aqui permaneceu por dias. Querendo fazer vela para São Vicente, quatro canoas de corsarios, tomando a barra, impediram-lho. Valeu-se do velho ardil indigena de esperar o inimigo á foz do Carioca, quando fosse fazer aguada. Teve sorte. Matando quasi todos os tripulantes duma das quatro canoas, os corsarios retiraram-se. Em São Vicente apresou um galeão hollandez de Lourenço Bicar, onde encontrou mais de 100.000 cruzados de valores. Capistrano e Knivet chamam esse Bicar de Bitter. O navio chamava-se *De Gulden Veerelt*, isto é, o Mundo Dourado.

D. Francisco apossou-se delle á falsa fé. A taxa de perfidia deveria ser-lhe imputada, se não fossem os costumes do tempo. O "hereje" nessa epoca não era gente. Faltar-lhe á palavra não era desdoiro. Enganal-o não passava de ardil de guerra.

Chegou a São Paulo depois de 10 de Abril de 1599, diz Capistrano.

Por provisão de 27 de Maio de 1599 deu licença de minerar aos que pagassem o quinto do metal extrahido. Segundo Pedro Taques, já partira para as minas a 23 de Maio.

E' difficil reconstituir-lhe os passos em São Paulo.

Em 24 de Março de 1600 e a 27 de Julho de 1601 estava em Santos.

Em 26 de Junho de 1600, armando cavalleiro Sebastião Freitas, falla nas minas de Biracoyava e outras por onde andou e na ilha de Santos por ter novas de andarem por São Sebastião quatro velas inimigas.

Em 11 de Fevereiro dá providencias sobre o ouro, prohibindo que circule em pó e determinando que fosse reduzido a barras com as armas reaes. Annuncia a sua partida a 14 para Monserrate (Ipanema) onde quem quizesse poderia tirar ou mandar tirar ouro, pagando o quinto.

Até Julho de 1601 por tres vezes desceu á costa.

Nesse mesmo anno armou cavalleiro Antonio Raposo.

Em 19 de Julho estava em São Paulo, onde deu regimento a Diogo Gonçalves Laços prohibindo a mineração excepto a Affonso Sardinha pae e filho, até chegarem os mineiros esperados do reino.

Na mesma data deu regimento á bandeira de André de Leão que vae procurar metaes no sertão.

Ahi declara que vae para a Bahia e consigna que foi em São Paulo que pela primeira vez, mediante o favor de Deus, descobriu minas.

Apesar de ter deixado o Governo, continuou ainda alguns annos em São Paulo, "faltando-lhe coragem de desprender-se daquelle terra", diz Capistrano.

A 9 de Agosto de 1603 chegava D. Francisco do interior com sua gente e em Dezembro foi com ella ás minas de Monserrate. (*Capistrano. Notas, a fr. Vicente do Salvador. P. 257*).

O primeiro hotel de São Paulo originou-se da vinda de D. Francisco e principalmente do seu sequito. A Camara deu a concessão desse hotel a Marcos Lopes, que só poderia ter de lucro 10 % na carne, nos beiju's e na farinha. Foi, pois, Marcos Lopes o precursor dos opulentos hoteleiros de hoje. Naquelle epoca era desnecessaria a albergaria. A hospitalidade a todos se estendia.

O Bispo de Tucuman, passando por Piratininga, conta um facto curioso. Mandava ao mercado buscar generos. Não os encontrava á venda. Recorria aos particulares, para que lh'os cedessem, pagando-os. Mandavam-lhos de graça. "Nesta terra andam as coisas trocadas!" ,— exclama o bispo. "Cada casa é republica, sem que a terra o seja!" A fundação da locanda de Marcos Lopes deve ter obedecido ao acanhamento de dar mesa e bolêto a desconhecidos, talvez herejes e rebeldes das Flandres. Vinham com D. Francisco varios estran-

geiros, falando linguas estranhas, e de certos *reparadores*. A reserva paulista poude mais que a hospitalidade. Fundou uma casa de pensão para aboletal-os.

Os estrangeiros que vieram com D. Francisco chamavam-se Jacques de Oalte, minerador, e o engenheiro Giraldo Betink, que veio casar-se na familia Paes Leme, tão numerosa hoje.

Capistrano de Abreu assignala que veio na mesma comitiva um gentil-homem florentino de nome Baccio da Filicaya que durante cinco annos trabalhou com D. Francisco, escrevendo minuciosa narrativa da sua viagem. Se esta, referida em Gorini, o seu biographo, vier a descobrir-se, teremos o mais precioso dos documentos sobre S. Paulo seiscentista.

Não era pequena a comitiva de D. Francisco em 1599. Além desses estrangeiros e de outros operarios, cujos nomes se perderam, vinham com elle : o Capitão Diogo Lopes de Castro e seus officiaes, com uma companhia de infantes de guerra e o grande Bento Maciel Parente, que, nessa epoca, era o nosso maior sertanista, sendo além do mais homem de excellente cultura, como se pôde ver pelas notas marginaes com que glosou alguns documentos do *Codice Castel-Melhor*, que incontestavelmente lhe pertenceram e que são da mesma letra que a sua assinatura autographa, lançada num delles.

No Rio ainda se lhe aggregou á comitiva o

cirurgião José Serrão, ao que parece, genro de Fernão Dias, o velho.

Nessa primeira viagem D. Francisco, até 1601, prohibia a exploração de minas, excepto aos dois Affonso Sardinha, que exploravam o Jaraguá. Esperava novos mineradores do Reino, dizia.

Talvez, porém, que outro motivo o inspirasse : não querer que S. Paulo se desfalcasse dos seus elementos mais audaciosos, com os quaes contava para preparar com grande antecedencia as explorações que tinha em mente.

São dessa sua primeira estadia em S. Paulo as bandeiras de André de Leão e Nicolau Barreto, cuja importancia seria cioso encarecer.

SEGUNDA VIAGEM DE D. FRANCISCO

A 19 de Março de 1605, recebeu D. Francisco uma ordem regia transmittida por via de Diogo Botelho para transpôr o oceano. Parece que ainda estava em S. Paulo. Levou consigo os mineiros, que com elle haviam trabalhado, impedindo que communicassem a quem quer que fosse os resultados das pesquisas. Seguiu para Madrid directamente e conseguiu a protecção do Duque de Lerma. Lá se demorou por muito tempo.

D. Francisco de torna viagem embarcou a 22 de Janeiro de 1609. Aportou em Pernambuco a 19 de Fevereiro. A sua viagem durou 28 dias. A 4 de Março fez registrar a carta regia, que lhe dava

o governo do Espírito Santo, Rio e S. Paulo. D. Diogo Botelho, Governador Geral, não gostou da divisão de poderes : dahi a sua não occulta má vontade para com D. Francisco.

Capistrano acompanha as etapas da segunda chegada de D. Francisco a S. Paulo. A 3 de Janeiro de 1609 já se sabia da sua vinda. A 25 de Abril já estavam á sua espera. A 26 tinham noticia certa de que ficara no Rio. A 6 de Junho estava em Santos e a 15 em S. Paulo. (Capistrano, *Prolegomenos*, pag. 258).

Ali permaneceu até 1610 talvez preparando a viagem do seu filho D. Antonio, que ia ao reino negociar algumas coisas e obter outras Del-Rey. Dos ultimos tempos do governador D. Francisco constam algumas providencias como a fixação do valor do marco de ouro em 30\$000, a incitação ao minerar, etc. Pouco antes de fallecer, os juizes ordinarios de S. Paulo foram ás minas por sua ordem.

Do Rio, D. Francisco partiu para S. Paulo. Ali morreu, a 10 de Junho de 1611, segundo Pedro Taques. Achava-se em tal estado de pobreza que a vela que lhe metteram na mão foi mandada esmolar ao convento dos Jesuitas pelo Padre da Companhia, que lhe assistiu os ultimos momentos, diz frei Vicente do Salvador.

Ha quem veja nessas palavras uma piedosa invenção com o fito de accentuar por um episodio irresponsivel o character desinteressado do grande go-

vernador. Mas mesmo que o seja, a illibada pobreza em que falleceu é indubitavel.

No Museu do Ypiranga entre os bandeirantes cujas estatuas symbolizam o esforço paulista, Antonio Raposo Tavares parece destacar-se como a principal. Não foi a esse que D. Francisco de Souza sagrou cavalleiro, na rude cerimonia effectuada no tosco barração de taipa, onde se reuniam os homens bons de Piratininga. Foi a Antonio Raposo, o Velho, um dos cinco homonymos, cuja identificação se deve a Washington Luis. Pouco importa. As bandeiras não têm nome mais glorioso que o de Antonio Raposo. Na sagração de um delles sagram-se os cinco, que o receberam na pia baptismal. Era uma pranchada duas vezes symbolica a que Antonio Raposo, o Velho, recebia no hombro esquerdo da espada de D. Francisco de Souza. Investia-se um cavalleiro. Mas mais do que isto sagrava-se a era dos descobrimentos.

A VERDADEIRA OPINIÃO SOBRE D. FRANCISCO

A opinião geral sobre D. Francisco de Souza tem-se firmado em Varnhagen, que deu demasiado credito quer a D. Diogo Botelho quer a Feliciano Coelho. Ambos são testemunhas suspeitas. D. Diogo Botelho ficou positivamente arrepelado contra o Governador das capitancias do Sul, a quem devia a sua *capitis-diminutio* no senhorio geral destes Brasis,

Feliciano Coelho accusou-o de construir engenhos para si á custa da Fazenda Real. Mas é preciso não esquecer que D. Francisco dera assistencia aos Franciscanos numa causa em que estes litigaram com elle, depois que os taes engenhos do Senhor de Beringel nunca ninguem lhes logrou pôr os olhos em cima.

Nesta questão, como em quantas aprofundava o seu maravilhoso tino historico, disse Capistrano a ultima palavra refutando o Visconde de Porto Seguro. Nas mesmas aguas navega Taunay, cuja alta autoridade em questões de bandeirismo e historia do Brasil dispensa qualquer encarecimento.

Mesmo antes de conhecer as instrucções do Duque de Lerma, por onde se vê tão claro o pensamento de D. Francisco, já escrevia o benemerito autor de tantas obras da mais alta relevancia estas palavras de synthese: "Foi o verdadeiro precursor do bandeirismo, o primeiro agente propulsor dos paulistas pelas solidões da America do Sul a dentro."

Quer me parecer que a Historia ratificará a opinião de Taunay

CHRONOLOGIA DE D. FRANCISCO DE SOUZA

1591 — 9 de Julho. Desembarca doente na Bahia. Hospeda-se no Convento dos Jesuitas. MIRALES diz que chegou a 24 de Outubro,

1595 — Suspende Jorge Corrêa do cargo de Capitão Mór de S. Paulo.

1598 — Foi Juiz da Festa das 11 Mil Virgens, na Bahia. (Mirales 342).

1598 — Em Outubro, da Bahia parte para o descobrimento das minas de ouro e prata.

1598 — Está no Rio onde tenta apresar os navios de Jasper. (Knivet R. T. vol. 41, pag. 258).

1599 — Chega a S. Paulo depois de 10 de Abril. (?) Capistrano.

1599 — 23 de Maio. Parte para as minas de Biracoyava. (Pedro Taques diz que chegou a São Paulo a 11 de Novembro ; mas o documento citado por Taunay demonstra o seu engano.)

1599 — 27 de Maio. Dá licença para minerar. Apresa em Santos o *De Gulden Veerelt*.

1600 — Já tinha ido ao littoral.

1600 — 24 de Março. Estava em Santos.

1600 — 26 de Junho. Arma cavalleiro Sebastião de Freitas. Por esse documento se vê que já estivera não só nas minas de Biracoyava como em outras e na Ilha de Santos.

1601 — Arma cavalleiro Antonio Raposo Tavares.

1601 — 11 de Fevereiro. S. Paulo, Providencia sobre o ouro.

1601 — Até Julho já tinha tres vezes descido a Santos.

1601 — 19 de Julho. Regimento a Diogo Con-

calves Laços. Regimento á Bandeira de André Leão. Vae á Araçoayaba.

1603 — 9 de Agosto. Chega a S. Paulo do interior.

1605 — 19 de Março. Recebe ordem para ir a Portugal.

1606-1608 — Lisboa e Madrid.

1607 — E' nomeado Governador da repartição do Sul.

1609 — 22 de Janeiro. Embarca para o Brasil.

1609 — 19 de Fevereiro. Aporta em Pernambuco.

1609 — Abril. Rio de Janeiro.

1609 — 6 de Junho. Santos.

1609 — 11 de Junho. S. Paulo.

1609 — 15 de Junho. Morte em S. Paulo.

No alvorecer de S. Paulo



Explicação necessaria

HA muito que me era familiar a figura de D. Francisco de Souza, objecto das preocupações de todos os que se occupam com a nossa historia, entre os quaes em primeiro logar o insubstituivel Capistrano. O *Codice Castel-Melhor* chamou-me a esse terreno um tanto abandonado, devido a preocupações mais urgentes. Não pôde haver assumpto mais interessante para os que amam o nosso passado do que essa figura tão pouco conhecida. O S. Paulo dos fins do seculo xvi e começos do seguinte é um campo digno de exploração, principalmente depois da publicação dos documentos officiaes, que jaziam abandonados nos seus cartorios e archivos, e das publicações notabilissimas de Affonso Taunay.

Pareceu-me tambem interessante dar uma demonstração pratica do ouro que se pôde garimpar nesses veios, que o sedimento das margens, esborcinadas pelos enxurros, dia a dia, estreitam e mingnam. O triste estado em que se acha a Bibliotheca Nacional, onde o ouro não é de faisca mas de bétas profundas, impelliu-me a mostrar o quanto convém acudir-lhe em tempo, desde que, numa jazida mais pobre,

em pouco dias, um estudioso vulgar pôde encontrar elementos para recompor e animar um momento historico da nossa vida.

Escrevendo a pousada de D. Francisco de Souza em S. André da Borda do Campo agrupei em torno delle os personagens anonymos e esquecidos nos velhos autos dos cartorios paulistas. Não o pude fazer sem um pouco de fantasia.

Muito mais rudes e pobres eram na realidade os Piratininganos. Mas se, cedendo á necessidade de polil-os um pouco, entrei no terreno da imaginação, mesmo ahi me afastei o menos possivel da realidade. Quasi todos os personagens cujo nome cito viveram realmente e realmente figuram nos velhos papeis da epoca, donde tambem tirei os trajés, os moveis, os utensilios e a lençaria.

O engenho dos Erasmos existiu realmente em S. Vicente. Certos trajés estão vestindo os personagens a quem realmente pertenceram. Os dois corumins e a egua ruça pertenceram realmente a Lourenço Gomes. D. Guiomar foi de facto a primeira anti-escravista do Brasil, de que ha documentos. Quem se der ao trabalho de ler-lhe o testamento, vel-o-á facilmente. Seu filho mais velho de facto chamou-se Ruy. Fernão Dias casou-se com Catharina Camacho, e Francisco de Seixas com Isabel Escudeiro.

A mantilha feita de pennas de beija-flor pertenceu realmente á mulher de Luiz Furtado. Outro tanto se dá com o collar de Paula Gomes. As ca-

deiras de Estado levadas á Camara para arranjar a sala de D. Francisco estão designadas como pertencentes a quem de facto pertenciam. Outro tanto occorre com os livros de Martim Rodrigues. André Escudeiro foi procurador dos padres e arrematou em praça por uma divida contestavel o sitio dum orphão. De que Camões por volta de 1600 já tinha chegado a S. Paulo, ha documentos irrefragaveis, entre os quaes duas estrophes lançadas no dorso dum testamento, em pleno sertão, que pertence a um amigo meu.

Ha poucos typos anachronicos. A Biguá e a Tinguý são duas hetairas de oitenta ou noventa annos passados. Quando mais não fosse, pelo appropriado dos nomes achei vantajoso conservar-lhes a tradição, bem como a da Chica Homem, mestiça de bugre, virago, domadora de potros que morou nas fraldas da perambeira que descia do morro de S. Bento para o Anhangabahú, localização talvez aceitavel para a *Tapera do Indio*, dado que a tradição colloca por ali a morada do velho cacique Tibiriçá. Chica Homem era goyana. Dahi o habito do fumo. Conheci-lhe a tradição mais ou menos em 1900, graças a tres matronas paulistas que por sua vez a tinham recolhido de paes e avós.

A virago paulista morreu estripada por um touro. E' quanto lhe sei da historia, creio que omissa nas chronicas paulistas. E se introduzi figura tão apagada na espera de D. Francisco foi mais pela esperanza de chamar para ella a attenção dos estudiosos.

do que pela sua originalidade. De Baccio de Filicaya e de Pedro Taques não preciso demonstrar o synchronismo. O *Sabid Pi-Pi* é uma reminiscencia de collegio. Era a alcunha dum precursor de futuristas, que nessa ingenua onomatopéa pretendia reproduzir o canto do alado trovador das nossas laranjeiras.

A remissão ás fontes onde encontrei os elementos reaes aqui concatenados occuparia cerca de cento e vinte citações, penosas de ordenar a quem não dispõe de ajudantes.

A principal foi a serie dos *Inventarios e Testamentos* das velhas bandeiras, nos tres primeiros volumes.

CHEGADA DE D. FRANCISCO A BORDA DO CAMPO

O aviso

Por essa madrugada de 15 de Abril de 1609 na villa de Piratininga os muros das neblinas interceptavam a vista a tres passos de distancia.

No emtanto fervia por toda a parte um estranho bulicio. Escravos e indios, com seus gabardos e capuzes de algodão vizinhos, com seus ferragoulos de baêta ou panno, accoiriam á Casa da Camara, fronteiraça á Igreja, cujo sino grande não cessava de repicar.

Era o signal costumeiro de perigo ou de incendio. Mas havia bons quinze annos que não havia

ataques de indios. Mais do que isso. Estava combinado que a chegada do Sr. governador seria assim annunciada. Não era, pois, o temor que punha para fóra dos catres, tão cedo, os rudes piratinhanos. Era o aviso dessa hora. Demais o sino repicava festivamente.

Dentro de uns trinta minutos, estava repleto o rocio da Camara. De todos os lados, a pé ou a cavallo, espantando as gallinhas, os porcos e o gado tamboeiro, soltos pelas vielas de transito, que mais mereciam chamar-se picadas do que vielas, affluíam peões e cavalleiros, ansiosos pela boa nova.

Quando a impaciencia chegara ao auge e ja começavam a resmungar as rudes pragas quinhestistas, abriu-se afinal a porta nova da Camara, feita de um tronco de cabiúna cortado no caminho do Garepe. Apareceu então á soleira, um moço de seus vinte e oito annos, magro, narigudo, de olhos vivos, ensombreiroado dum chapelão de feltro comprado numa urca flamenga. Era Gonçalo Madeira, o Moço, almotacel dos debulhos do gado aquelle mez. Trazia um gibão de pelle de porco, tornada fina como um linho pelo rude processo do attricto na pedra. Percebia-se que era esgalgado de pernas, sendo até um pouco rancatrilha da esquerda, que cambaya o seu tanto. Era muito conhecido por "seu Joaquim", appellido que lhe dera Lourenço Ruxaque, seu professor, no tempo em que este e João Moreira, aquelle rapaz tão bom, tão guapo e tão intelligente que andara por Pernam-

buco e até diziam que tinha nascido por lá, iam fazer companhia a Gonçalo Madeira, o Velho, o rude e generoso varão affonsino, de barbas côr de prata, entresilhado numa cama, já ferido de morte, mas tendo ainda de côr o seu Virgilio todo. Estudara com um padre que morava na capella de Monserate. Era procurador de causas, como Bado. Inda estava muito verde, mas dizia-se que tinha geito para a coisa. André Escudeiro sempre mettido em demandas só nelle tinha confiança. Que nova traria elle?

“O governador chega a Piratininga hoje mesmo. Faz uma *portada* no sitio do André e parte para cá em direitura. Deixei-o hontem ao cahir da noite no alto da Paranapiacaba, onde dormiu. Os caminhos estão bons. Fiz a viagem em seis horas, é verdade que a galope. Chega hoje com certeza. O sino do Carmo avisará quando elle apparecer no Ypiranga!”

Gritos que estrugiram foram poucos. Já eram então os piratininganos concentrados, casmurros e laconicos. Um commentario daqui, uma pergunta dali e foi tudo. Cada qual foi para casa tratar da roupa com que o iria receber e expedir a tarefa mais depressa, para ter a tarde livre.

Neste comenos, surgia o sol, esgarçando triumphalmente as neblinas.

Gonçalo Madeira correu as esporas num quadralvo repousado, pelo qual trocara o seu ruano exausto, e picou alegremente para os lados do

Carmo. Ia, como quasi toda a villa, esperar o governador em Santo André da Borda do Campo. Façamos como elle.

André Escudeiro mandara fazer um galpão de taipa coberto de telhas, para abrigar as pessoas de prol que vinham de Santos com D. Francisco ou que de S. Paulo iam ao seu encontro. Não perderia a despesa. Logo que tivesse tempo, mandaria fechar-a e dividil-a em camaras e camarotes para alugar como pouso aos passageiros do Caminho do Mar. Para os serviçaes indios e africanos bastava um immenso rancho, coberto de sapé. Mais pelos arreios e provisões de bocca. Não pela domesticidade, composta quasi que exclusivamente de escravos. Chuva não quebra osso de gente, que dirá de negro...

A sua fazenda estava bem á beira do caminho, mais ou menos no sitio onde hoje se colloca a granja modelo do Dr. Baeta Neves. A casa era cercada de jaboticabeiras brancas e pretas junto a cujos troncos, dando voltas, corriam filetezinhas dagua, colhidos por grossos taquarussús numa fonte proxima; receita dos indios para fazel-as produzir boas frutas. Annos antes, por lá passara certo padre da Companhia, de nome Fernão Cardim, que jurava que as *camarinhas* eram mil vezes melhores que todas as frutas de Portugal.

A chegada do Sr. Francisco de Souza, Governador Geral das capitancias do Sul, era ansiosamente

esperada. André Escudeiro não tivera quem lhe disputasse a honra de recebê-lo. A sua casa de taipa de pilão era a melhor que havia á beira do caminho. Depois já era conhecido do Governador e podia, auxiliado pelos padres, tratá-lo melhor que ninguém.

Era André Escudeiro um dos homens mais activos e poderosos da villa. Sabia sempre pôr-se á boa sombra. Procurador dos padres, amigo dos vigários, tinha por si a igreja. Seus escrupulos, ao que parece, não eram muito grandes. Mas era um homem com quem todos precisavam de andar bem. Tinha uma linda filha de nome Isabel. Queria dal-a em casamento a um dos principaes da cidade. Mas a menina batia o pé : havia de casar-se com o Chico Seixas. A's vezes, quando a mãe insistia, censurando-a, ella respondia : "Pois sim... Caso com quem mamãe quizer, comtanto que seja com o Chico Seixas". Nesse dia estava Isabel alvoroçada e ao mesmo tempo temerosa. Viria ou não o Seixas? Teria receio de que o pae o desconsiderasse? — Não era possível. Receber o Governador era um dever. E o pae, que tomara a si hospedar toda a villa, não podia fazer uma excepção para o futuro genro. Fôra para este que se preparara, e sentia-se linda, com a sua vasquinha de setim sob um mantêo de damasquillo da india vermelho e verde, com os seus sapatinhos de cordovão cor de amora.

Vejamos, porém, os paulistas que foram receber D. Francisco na antiga S. André,

Quem será aquelle grupo retrahido e modesto que conversa á sombra de um guaperune?

Acompanha a cunhada, menina ainda, mas mãe de um garoto de quatro annos, uma senhora, de quem não se podia dizer que era bonita, mas de quem seria injustiça dizer que era feia, de tal modo se revestia o seu todo de um aspecto de singular distincção. Tinha um leve estrabismo. Mas o seu olhar e a sua expressão physionomica revestiam-se de uma tal bondade que o mesmo era conhecê-la que querer-lhe e respeitá-la. Muito piedosa e serena, filha de um velho licenciado que a extremava de todo o mundo, excepto da mulher, tinha comprehendido o genio do marido e soubera fazê-lo e fazer-se feliz, não exigindo figos ás vinhas. Era a mulher de Diogo Martins Machuca, e a senhora mais intelligente da villa, embora pelo retrahimento e pela discrição muito pouca gente a conhecesse de verdade. Puxara-lhe a filha mais velha pela modestia, e pela intelligencia. D. Guiomar não era de muito luxo. Vestia panno do reino escuro feito por um modelo que lhe havia emprestado a senhora de Lourenço Gomes, Dona Tareja. A cunhada não. Estava todo no apuro, desde o mantêo de requeimadilho de Toledo até os chapins. Parecia irmã da sobrinha, a joven e morena Briolanja, viçosa moçoila toda de azul com um corpete de panno do reino, com manguilhos rendados de muda, atacados por fios á mostra de torçal da mesma côr.

Quando D. Guiomar se casou, não lhe falta-

ram Cassandras ás bôdas. Diogo Machuca não lhes deu importancia. E estavam os dois envelhecendo, amigos e felizes.

Essa nobre senhora era conhecida pela bondade com que tratava os seus negros. Convem explicar que nesse nome se incluíam tanto os africanos como os indios, desde que fossem escravizados. D. Guiomar, no seu sitio de Quitauna, tratava-os a todos com uma brandura, que não impedia a severidade. Era adorada pelo seu espirito de justiça, e os seus indios domesticados guardavam-na melhor do que todos os arcabuzes da villa. Dizia-se que até os brabos a respeitavam. Tinha lido a Chronica do Cid e fizera uma promessa a N. S. do Carmo de dar ao primeiro filho o nome do Campeador : Ruy.

D. Guiomar levava pela mão um diabrete de treze annos, que nascera numa casa de taipa do Caáguassú, donde se podia vêr a cruz da igreja de Santo Antonio. A pequena, que se chamava Lila, queria saber de tudo, puxava pelo pae e outros dizem que até pelos avós, tudo gente da mesma tineta, mormente um delles que até fôra a Madrid discutir com os sabios das Hespanhas.

A pequena queria por força receber o governador. Os paes, como esta era muito boa e tinha feito progressos na escola, levaram-na até Santo André. A pequena, porém, estava desolada com a falta de Lourenço Ruxaque, a quem queria fazer umas perguntas sobre a origem dos indios.

D. Violante de Souza, viuva de Gonçalves

Madeira, o Velho, estava de tafetá pardo, forrado de canequim. Não era senhora de prosapia. Vivia para os outros. Tinha resolvido o problema da vida pela dedicação. Quebrara um pé na horta á beira do rio, mas nem por isso perdera a actividade. Um parente ou um amigo enfermo, por mais longe que morasse, podia contar com a sua visita e a sua assistencia. Tinha a dedicação obscura, a mais gloriosa de todas, essa que só se paga do sacrificio pelo sacrificio, essa que só encontra altares nos corações que sabem pagar em carinho a abnegação e o heroismo das renunciias, que se dissimulam para não exigir recompensas. Tinha muitos criados. Não precisava trabalhar. Mas ficaria enferrujada se descansasse. Os famulos aproveitavam disso para vadiar. Era uma vida bem vivida. O orgulho dos filhos consistia em que não descesse da humanidade, encarnada nelles aos seus olhos. Queriam que ao cerral-os na Santa Paz do Senhor Ihe pudesse levar, com o derradeiro clarão da terra, a particula divina que encontrara nos seus corações.

Passava os dias na cozinha, salgando carnes, enchendo linguças e enrolando umas pamonhas de pimenta, receita dum aventureiro que estivera no Mexico. Esses amarrados de milho verde, André Maciel e João Moreira extorquiavam-nos á guryxada da casa, a troco de gaiolas de papa-capins, coleirinhos, cardeaes e até sabiás. Por elles morria até o proprio capitão-mór que, ás vezes, honrava a casa com a sua presença. Vivia no meio de escravas

indias, a quem tratava como filhas. Com ellas aprendera o nheengatú, a lingua boa, o latim daquelles tempos, cujo conhecimento levava á comprehensão de todos os dialectos. E' verdade que esse latim brasileiro se confundia então com o guarany e que a prestimosa D. Violante suppunha apenas falar a lingua em que o Padre José lhe ensinara algumas orações.

D. Lourenço Gomes, que prestes ia entrar aos bilreiros, na bandeira de Martim Rodrigues, lá estava com a sua capa azeitonada e o seu aspecto de guarany. Para tratar da sua egua ruça de estimação, fazia-se acompanhar de seus pagens Bartholomeu e Chico, tarijó o primeiro, temiminó dos guayanazes o segundo. Era o homem mais perdulario da colonia. Mas tinha sorte. Atirava o dinheiro pela janella e elle lhe entrava pela porta. Mas elle sabia ganhal-o : era uma pomba com azas de gavião. Depois que comprara um engenho de canna, deixara em segundo plano os seus marmeleiros, diante dos quaes Diogo Machuca tirara de uma feita o chapéo, dizendo : "Honra aos remadores duma canoa que tem aguentado tantos temporaes !" Sua mulher era uma santa. Tinha um genio parecido com D. Guiomar. Casadas ambas com dois homens de grande coração, mas insusceptiveis de jugo, tinham conseguido ambas dominar os maridos pelo prestigio da doçura. Tinham aberto uma escola de tolerancia para as faltas, que só eram filhas de sirandagem e do espirito gregario dos maridos,

escola a que tinham chamado a mulher de Henrique da Cunha, tão boa e conformada como ellas, embora mais moça. Os tres maridos se queriam muito.

D. Carlota Gomes não viera. Ficara em casa vestindo de dançarinas e freiras um batalhão de formigas tanajuras, para mandar aos netos, que estavam no engenho. Tomara os habitos das cunhans domesticas, cujo idioma falava quasi tão bem como D. Violante, sua comadre. No tempo das içás não comia outra coisa. Bem torradinhas, com um lombo de lagarto, mormente do tuyassú, cuja carne é côr de prata, não conhecia melhor acepipe.

Pedralvares, irmão de Paulo de Proença, lá estava muito sizudo, dentro da sua marlota de panno roxo guarnecido, desempenando um typo robusto de homem antigo. Ao lado sua mulher, a seductora Anna de Farel, com seu saio de tafetá avelludado, guarnecido de verde. Não tivera tempo de aproveitar os oito covados de damasquillo azul, que mandara buscar ao Reino, e que a mulher de Sebastião Freitas lhe invejava. Mas inda assim era uma das elegantes. Tinha sempre nos arcazes meia duzia de vestidos novos, de que tomavam conta duas açafatas.

Uma grande expressão de intelligencia avivava-lhe os olhos que a myopia muita vez lhe fazia entrecerrar, num geito que amiudava, de certo por saber que lhe ia a matar. Não tinha os traços pequenos das

bonecas. Mas era muito bonita com o seu nariz um pouco bicudo, o seu donaire, e o seu lindo sorriso.

Diogo Machuca, que, numa festa de igreja fizera o papel do Romeiro no mesmo acto em que ella representava de Castellan, e desde ahí ficara muito seu amigo, admirava-lhe muito a intelligencia, que ella mostrava em tudo até na escolha das amigas. Pedralvares era homem que nascera de frente de um relógio de sol. Se já os houvesse dos pequenos, de bolso, seria o caso de dizer que nasceu com o relógio na mão. Queria ordem e methodo em tudo. Sabia impor-se pelo senso da realidade. Tinha de nascença o dom de enxergar a desordem e corrigil-a. Era um character. Falava pouco. Mas fazia muito. Era dos mais velhos amigos de D. Francisco, desde que este pisara em S. Paulo. Este lhe dera incumbencias de sacrificio de que se sahira cercado de sympathias e louvores. Muito differente de Diogo Machuca, passando mezes sem se procurarem, eram grandes amigos, talvez mesmo por essa diversidade.

Das amigas de Anna Farel, é mister destacar uma certa guayaná, raça tão fina de traços como a tamoya, de modos e ademanes cheios de sympathia, casada com um morenãõ tabajara que já tomara o nome castelhano de Unate, e era o braço direito dum dos maioraes da terra. Era curioso como essa gente assimilava a civilização! Quando D. Leonor de Siqueira preparava com certas favas torradas uma bebida preta, melhor que a jacuba, ninguem se lem-

brava que corriam apenas dez annos depois da sua catechese. Mas era assim mesmo na Piratininga de então. Não se dera a mesma coisa, com a moço-
lia flamenga que fôra raptada na *De Gulden Veerelt* por um Pagé tapinarana, que parecia não se occupar senão das danças e banquetes da tribu, a que presidia, pulando com o seu cocar de pennas de guará e a sua tanga de jussára? Pois não é que os dois, convertidos e arrancados pelos padres, elle dos ritos de Tupan, ella das ingrezias flamengas, já se tinham tornado dos principaes da villa? Pois não é que se tinham casado e que se tinha dado o phenomeno de se transformarem na gente mais querida da villa, pelo seu genio alegre e chão, cheio da ingenuidade sadia da tribu? Pois não é que um dos Mendozas, parente até de Gonçalo, os adoptara como filhos, todo baboso quando a *alliviança* da nora lhe trouxe o primeiro netinho?

Chamava a attenção de todos com a sua formosa cabeça grisalha, desmentida pela frescura da tez e pelo brilho dos olhos, D. Suzanna Rodrigues, viuva de Damião Simões. Era tão bonita como a filha casada com um parente de Lourenço Ruxaque, moço que contava lindas historias de mares e de noites. Muito serena e muito senhora, embora nascida á bocca do sertão, numa villa tosca e sobresaltada de perigos, tinha a intuição das coisas do espirito. Protegia os tocadores de viola e guitarra. Quando apparecia algum temiminó, tangendo instrumentos primitivos, D. Suzanna mandava cha-

mal-o e reunia algumas pessoas de amizade para se iniciarem nos mysterios da musica selvagem. Da sua moradia, encravada num trecho largo da sesmaria do Almeida, via-se a casa de André Maciel e Paula Gomes, que asseveravam que ella não faria má figura nas estranhas por onde tinham andado. Eram, além de vizinhos, amigos e os unicos a quem ella mostrava o livro de um certo italiano, que descera ao inferno. D. Suzanna occultava a todo o mundo esse codice exquisito, que tambem falava do paraíso, de medo que a sua noticia chegasse aos ouvidos dos padres que lho podiam levar a mal. D. Suzana Rodrigues era rica. Poderia ir á Europa se quizesse. Confessava, porém, que preferiria ver o Rio do Grão Pará, onde viviam as Amazonas.

Era um anjo de paciencia.

Um tupinambá que os padres haviam casado com a mais linda das tamoyas, dona dos segredos das tintas vegetaes — aburantam, genipapo ou cumarê — ouvira certos versos do padre José, milagrosos como elle porque as ressacas e marés se os conseguiam encobrir quando chegavam não os logravam apagar, quando fugiam. Quiz tambem fazer versos. Mas em vêz de inspirar-se na formosa cunhan, que todos os dias descia com elle ás praias do rio, onde pintava a cutis macia dos tecidos de jussara e o dorso rijo dos tacapes, apenas logrou traduzir uma confusa reminiscencia da tribu natal, quando tomava banho com os curumis da sua idade, á sombra das pitangueiras em flôr : “Sabiá, pi, pi !”

Excentricidades de morubixaba-mirim que não se pejava de passar por um trombudo talamanes, tão enfeitado pelo seu pobre verso como o botucudo pelo tambetá das beíçolas.

Pois não é que a bôa da D. Suzanna até nessa sensaboria fingia achar graça !

Faz parte do grupo uma certa loirinha, cuja cabeça parece uma copa florida de ipê. Estava ainda de dó por um irmão que lhe morrera frechado á traição numa pescaria. Deixou, porém, a perpetua preta do seu luto para vir toda enfeitada e cheia de requififes esperar o Sr. Governador. Trazia uma raxeta de Londres verdosa combinando com a rica mantilha toda feita de pennas de beija-flor. E' casada. Dizem que se separou do marido por incompatibilidade de genios, sem que ambos, bôa gente, tivessem outro motivo um contra o outro. Ronda em torno della, paciente e tranquillo, com o seu geito de negociante flamengo, Luiz Furtado, homem de grande irmandade, da qual fazia parte um socio do *Engenho dos Erasmos*, em S. Vicente, tudo grey da melhor.

Custodio de Paiva e sua mulher Anna Cerqueira, irmã de André Maciel, conversavam com Geraldo Betink, o flamengo que viera descobrir minas e sabia um pouco de castelhano. Custodio de Paiva, homem que tinha muita graça natural, e quando mocinho amarrara muitos pileques sem nunca, com-tudo, perder a certa linha que tinha de nascimento, estava de roupeta e calções de panno azul com pas-

samanes e convidava o estrangeiro para umas pescas de dourado num rio dos sertões onde havia uma linda cachoeira.

Anna de Cerqueira trazia saial de gorgurão perola e corpete da mesma côr, sob um mantêo de picote golpeado, côr de cinza e forrado de azul. Era bonita. Tinha traços duma velha tia, que fôra religiosa em Portugal, embora os tivesse melhorado muito, só conservando o ar de familia. Moça de muito character, era uma excellente dona de casa e fazia com suas proprias mãos pixuás de farinha cuja receita já estava fazendo furor em Madrid, onde Paula Gomes a ensinara a uma dama de honor da Rainha.

Outro casal de paulistas ali estava: André Maciel, casado com Paula Gomes. A filha de Paula Camacho, casada aos quinze annos, então com os seus trinta e quatro, continuava tão bonita como em solteira, comquanto menos franzina. Alta, esbelta, olhos garços, vivos e intelligentes, era conhecida pelo seu genio despachado mas franco. Tendo volvido ha pouco de Madrid, não era de admirar que estivesse entre as mais bem vestidas; de Londres florentino e chapins de veado, para cujo feitio tivera o cuidado de levar o couro para a Córte, com grave desgosto de Domingos Gonçalves, o sapatreiro, que garantia que elle tambem poderia tingil-o de azul e fazer obra tão bôa como em Madrid. Chamava a attenção o seu collar de pedras de ambar. Tinha tres voltas com extremos de azeviche e

abrochava-se por dois grandes coraes vermelhos. Queria outro de esmeraldas. O marido, guapo mancebo que fazia boa figura com o seu gibão de chamalote e suas calças de agulha, não lhe dava muita importancia ao capricho. Na Hespanha, onde tinham deixado os filhos no collegio, tinham visto muitas fidalgas na Semana Santa de Sevilha. Quando Paula insistia com o marido pelas esmeraldas, lembrando-lhe o dinheiro que gastava numa colleção de escopetas, este inchava as narinas, num cacôete que lhe fechava o indicador para esfregar a bicanca e respondia: “Collar de esmeraldas?! Só se o herdares dalguma Marqueza!”.

A essas palavras, pensando que falavam delle, acercou-se João da Costa, o avaliador, o ultimo que chegava da Côrte, a serviço da Real Fazenda, e, portanto, o mais na moda. Todo de preto, trazia comtudo uma nota menos severa na quartapiza de renda brugense, que lhe acairelava a fimbria das mangas, um pouco estufadas.

O seu collarete de gomos, cortado em linho de mão, que não passara na roca, era inveja de Gonçalo Madeira, o moço, todo dado a finezas de traje.

Trouxera da Côrte curiosas historias: singularidades de reis e amores de marquezas. Dahi pensarem que falavam nelle. Dona Paula pediu-lhe: — “Tire em escripto aquella historia, que hontem ouvimos, sim?” — Elle prometteu e passou.

Gaspar Fernandes, casado com Domingas Antunes, conversava com Diogo Sanches, um rapa-

gão um tanto gordalhufo que se lhe aggregara no Ypiranga, onde tinha roça de milho.

Homem desafeito a modas, Gaspar não queria saber de sedas nem de velludos.

Estava todo vestido de linho cinzento, com a sua camisa de ruão desafogada no pescoço. Era o melhor gineta da terra. Nascera, por assim dizer, em cima do cavallo. Com meia duzia de companheiros formara uma especie de associação para correrem parelhas.

Sua dona, essa sim. Vestia-se como as ricas donas da terra. Irmã de Paula Gomes, era bonita como ella, embora de modo differente. Tinha um perfil de linhas muito finas que lembrava um pouco certas imagens de santas, que se viam num painel encontrado no navio flamengo saqueado em Santos.

Seu traje era de tafetá, côr de perolas, com os seus chapins de bezerro alvazão inda com pêlos, completado tudo por um cinto do cordovão, de cri-vos enxaquetados, com as duas orlas pespontadas a vermelho.

Henrique da Cunha, moreno, entroncado, de altura meã, enérgico, raramente culto e raramente integro e leal, tendo uma grande vida interior sob apparencias de frieza, conversava com Luiz Furtado, loiro á moda flamenga, cara cheia e placida, tão dado ás musicas selvagens e ás cantigas, de volta com D. Suzanna, cujas tertulias frequentava. Ambos estavam vestidos á moda. As cores, porém, divergiam. Henrique da Cunha estava chanmente de saragoça

escura. Luiz Furtado, mais inçarilho ou mais preocupado com a dona de olhos azues, com quem se pretendia casar, se esta em Roma conseguisse as dispensas do primeiro consorcio que não dera certo, para conseguir-lhe a côr, estava de verde escuro. Com elles conversava José Bado, figura de grande sympathia e um dos melhores letrados da Villa. Falava que fazia gosto. Escrevia como um livro. Os edis da Camara tinham-lhe dado em certo tempo a missão de vigiar pela segurança da villa. Era um genio delicado e contemporizador, mas justo. Constava que os edis o iam mandar para o Rio a bem dos interesses da capitania. Henrique da Cunha gabou-lhe o tabardo de panno de Inglaterra e os calções ponteados em gomos.

José Bado sorriu-se e tomando do braço Antonio Godinho, que se lhe approximava, retorquiou : "Não penso mais em finezas e tafulices. Contento-me em não ser de todo panasqueiro. Agora quem tem de pagar o seu talapate ás damarias é o nosso caro Antonio. Depois que os edis da Camara o chamaram por ajudante tornou-se mais cuidadoso. Tenho grandes esperanças nelle. Pennujou-lhe a barba criando dedicações entre os alumnos de latim do Collegio. Ha de subir. Vocês vão ver como vae agradar a D. Francisco de Souza, sem precisar de grandes mesúas. Vejam-me como já se acasquilhou. Esse mantéo de pennagris combina bem com o ferragoulo de tafilete. Esse é que está na idade de talaverar !"

Ao seu lado, outro grande amigo de Bado, Venancio Paes, almotacel das bicas e fontes, contava-lhe que ordenara um pregão a toque de caixa vedando com penas severas o seu accesso nocturno. Era uma vergonha o que ali se estava passando. As fontes não eram logar para se liquidarem disputas de brigas de gallo e galdramas. Não queria vêr D. Francisco aborrecido com conflictos de escravos e reinões cavorteiros e insubordinados.

Vestia um gibão de tafieira cor de chumbo e calções da mesma côr, sem golpeios. No cinto de cordovão uma fivela de prata, por todo luxo. Era um rapaz que media os actos da juventude pela reflexão da maturidade. Pensava no que dizia mas não dizia tudo que pensava.

Não sabendo fingir, sabia calar. Meão, moreno e troncudo, a sua sobriedade em tudo era uma elegancia moral.

Sob as ramadas, em algazarra, conversavam muitos homens da Villa, Bartholomeu Rodrigues, João Maciel, Simão Alves, Salvador Chaves, e José Camargo.

Um dos muitos Laras conversava com Fr. Antonio do Amaral, o Carmelita. Todos os dias vestia a opa de irmão do Carmo, sahia pelo quintal de casa e ia levar flores ao altar de Nossa Senhora, no Convento. Dizia-se que morava mais no Carmo do que em casa e parece que isso lhe dava sorte por que elle e a familia medravam em cabedaes.

Num rancho a parte, quinchado tambem de

sapé, onde se reuniam os tropeiros em viagem, jogava-se jogo grosso na "primeira", trazida da Espanha ha pouco tempo, mas facil de apprender, tendo então os setes por bisca maior. Jogavam Luiz Fernandes, o fundidor, moreno e magro, impassivel e fidalgo nas perdas, que eram sempre grandes, André Maciel, o ferreiro, parecido com os turcos da "Chronica do Grão Capitão", André Gonçalves, o carpinteiro, gordo, alegre, risonho, jogador até a medula, um bicho na coragem das paradas. Aleixo Jorge, o serralheiro, primo de Lourenço Gomes, moço muito esbelto, casado com uma formosa moçoila que lia corrido o livro de D. Suzanna Rodrigues e que dizia com um geitinho especial os versos dum soldadinho de chumbo, onde tinha um pedaço assim: "Tengo el pecho pintado de rojo".

Em torno delles varios mirones acompanhavam as peripecias da partida como perús de roda, destacando-se um certo letrado de mão cheia, irmão do Carmo, de cabeça e barbica branca, que estava num dos seus periodos de abstinencia.

A terra era de bons costumes, virtuosa e patriarcal. Mesmo assim não se pudera impedir a moradia de duas cortezãs, que habitavam um pouco afastado da cidade. Não davam escandalo, porque viviam escondidas e não iam arrotar grandezas nas procissões, provocando os ciumes das donas honestas e zelosas dos maridos. Uma dellas morava no caminho do Caaguassú. Alta, de cabellos e olhos castanhos, mestiça de estrangeiro, chamava-se Tin-

guy. A outra, morena como um jambo, protegida de um rico exportador de marmelos, considerado por todos uma joia, guardava dos tempos em que não vivia só para elle a alcunha de Biguá. Tinham geito para appellidos os nossos rudes avós. Tinguy é uma planta que embebeda e atordôa os peixes permittindo pegal-os á mão. Biguá é um palmipede que enxerga de longe, bem do alto, os peixes mais gordos, mergulha n'agua como um relampago e apanha no bico aquelle que escolheu. Não se podia caracterizar melhor o poder das duas aspacias dos tropeiros e sertanistas. Ambas tinham vindo juntas, vestidas mais discretamente talvez do que as donas honestas e com tão bons modos.

A unica particularidade notavel da sua indumentaria é que os seus chapins eram de pelle de cobra : os da Biguá de surucucú, com os seus desenhos de tapete, os da Tinguy de coral com os seus aneis vermelhos e pretos.

Os homens miravam-nas de longe, com vontade de tirar dois dedos de prosa, mas sem coragem, excepto dois ou tres, que não davam importancia a essas tolices e tinham a confiança das suas donas. Quem veio lhes dar uma secca foi a Chica Homem, virago que matara dois indios a machado, á porta da Igreja, no ataque de 1594. Escarranchada num pedrez bravo, de botas de veado com grandes esporas de púa, era o typo mais esquipathico da villa e merecia o sobrenome porque até domava os potros mais rebeldes. Fumava. Ella mesma seccava

as folhas de fumo que depois pitava o dia inteiro em tacos enormes. Acompanhava as entradas no sertão. Tratava dos feridos, sabendo receitas maravilhosas como as do cipó chumbo para tiros de bala, do alho pisado em óleo para contusões e de infusão de burra leiteira para hemorragias. Desta ultima planta que é muito venenosa quando não empregada em medida, tirava leite que, coalhado e feito bolas, pulava muito no chão, para delicia das crianças.

Nos recontros com os indios, quando era preciso, ella empunhava o bacamarte como os mais destemidos. Era querida e respeitada porque se lhe não conhecia vicio nenhum. Morava numa palhoça que ella mesma fizera na fralda dum barrocal junto á Tapera do Indio, á margem do correjo onde davam muitos inhames e taiobas.

De repente estrondam como roqueiras os tiros dos arcabuzes. O trupitar da cavalgada torna-se cada vez mais distincto. Os esculcas, escalados a distancias curtas, de modo a se ouvirem, mesmo quando as voltas do caminho lhes impedissem o verem-se, transmittiram-se o grito de aviso: "Ahi vem elle! Ahi vem elle!"

Nos grupos recolhidos sob os galpões ou disseminados ao ar livre correu um reboliço. "D. Francisco!". "Ahi está o homem!". Cada qual procurava a sua montaria para correr ao encontro do Governador. Não foi preciso. Em cinco minutos elle chegava ao pouso de André Escudeiro.

Era um homem alto, de aspecto energico e altivo e olhar desassombrado. Vestia, como o Felippe II do retrato de Pantoja de la Cruz, um justilho preto de mangas, abotoado até o pescoço, debaixo duma gargantilha de renda branca que lhe ornava a barba, talhada como a do *Medico Desconhecido* no retrato do Greco. Tinha á cabeça a capigorra preta sem abas que Felippe II puzera em uso. Não se cansara da viagem. Estava habituado a grandes excursões na Bahia, onde sempre que podia tomava do seu cavallo para ir pessoalmente inspecionar serviços. Era tambem um modo de combater a vida sedentaria e gastar uma actividade physica, que precisava expansão. Ao seu lado troteava Bento Maciel, alto, musculoso, corado, mas queimado do sol. Já fôra nomeado Capitão Geral das minas e descobrimento, mas ainda não envergara o uniforme. Estava todo vestido de um couro muito fino a que se acostumara no seu engenho do Paiol correndo os serradões do norte, cheios de espinhos. Baccio da Filicaya era homem dos seus quarenta e oito annos, corado, meão, meio grisalho, começando já a ter falta de cabello no lugar do cercilio. Era um homem todo cheio de curiosidade, indagando de tudo, tendo corrido muito mundo e lido muitos livros.

Parecia-se de confundir com Diogo Machuca. Acreditava nas minas do Brasil e dava muito alento a D. Francisco, com quem tinha velha convivencia. Na colonia iria ganhar amigos entre os que sabiam, indifferentes entre os leigos e inimigos entre nenhuns.

Os paulistas acercaram-se do grupo que formaram os tres. Mas, por pouco. A maior curiosidade era pelo Capitão Diogo Lopes de Castro e seus officiaes, que traziam uma companhia de soldados, infantas do presidio da Bahia. Era natural. Tratava-se dos primeiros uniformes de tropas regulares que viam os bandeirantes.

Os maioraes politicos e administrativos da cidade já tinham ido esperal-o no Alto da Serra. Gaspar Cunha, juiz ordinario e dos orphãos pela Ordenação, vinha com elle, com os seus avaliadores Corrêa e João da Costa. Ao lado de João Jeronymo Bado, o primeiro advogado paulista, vinha Antonio Rodrigues, tabellião e escrivão dos orphãos.

Gaspar Cuba acercou-se de Bado, que dias antes chegara do Rio. Perguntava-lhe se vira certo compadre, seu companheiro de infancia, daquelles a quem mais queria, embora ás vezes passassem annos sem se ver. Contava-lhe que estava cansado. Trabalhara muito. Queria deixar Santos. Venderia o seu engenho de marmelada por qualquer coisa, mas precisava descansar. Não fazia falta.

Antonio Rodrigues atalhou respeitoso :

“Que Vossa Senhoria se mude para Piratininga, vá. Questões de saude não se discutem. Mas que não faça falta, quando é o homem mais querido de Santos, maravilha !”

Vejamos aquelle grupo de homens.

Martim Rodrigues era o maior letrado da villa.

Diziam até que os Padres do Collegio recorriam a elle nas suas difficuldades, quando tinham de lêr algum documento antigo, em letra pouco intelligivel. Pallido, magro, aspecto doentio, era feito todo de acanhamento e doçura. Tinha grande familia e ganhava a vida procurando causas, embora não fosse licenciado. Entendia de tudo. Estava sempre prompto a ensinar, principalmente aos mestres, que são mais humildes para aprender do que os ignorantes. Padre Antonio do Amaral considerava-o quasi que um santo, embora elle não fosse dos mais assiduos em comparecer ás festas de Igreja. E' verdade que quando era preciso tocar o orgão, elle, que o fazia melhor que ninguem, nunca falhava.

Um franciscano, para quem compuzera um sermão, mandara-lhe da Europa um ferragoulo de raxa de Florença, guarnecido de passamanes arroxeados, para substituir o seu modesto gabão de raxeta, que uma filha, á força, guarnecera de betangil. Nunca tivera coragem de vestil-o, por achal-o muito gagé. Quizera até barganhal-o por um livrinho atôa, que vira nas mãos de um soldado, que se fôra aos indios. Por signal que o tal livrinho, coisa pequena, obra de um palmo de comprido, si tanto, tinha na capa um passarão á moda de garça, picando o peito com o bico. Tivera tanta sorte que o soldado, ainda mais maluco do que elle, não acceitara o escambo, mesmo com uma espingarda e um polvarinho de bico de tucano por quebra,

Martim Rodrigues tinha parcelas de genio, isto é, a intuição dos phenomenos, e a paciencia de estudal-os, verificando as relações de causa e effeito. Havia um raio vinciano no espirito daquelle humilde e acanhado rabula de aldeia quinhentista. Adoecera de uma perna : uma ferida braba, que interessara o osso e resistira a todos os physicos da Bahia e do Rio. Mas elle, que observava como os indios velhos se curavam, tentou o mesmo recurso. Expoz longo tempo, durante semanas, o logar enfermo aos raios solares. Ficou bom. Curara-se radicalmente de uma necrose da tibia, com espanto dos surjões que lhe queriam amputar a canella. Presentira a heliotherapia e os raios ultra-violeta. *

Amigo dos indios, com quem repartia o pouco que tinha, estes lhe ensinavam os seus segredos. Curou dois leprosos com oleo de canudo de pito, que guardava num velho póte, que tinha por tampa o rosto bochéchudo de um cherubim. Desde ahi esse oleo tomou o nome de papo de anjo. Liquidou duas ou tres cataractas com extracto do arre-diabo. Não havia ulcera superficial que resistisse ao seu pó de angelim amargoso, nem hydropisia ou barriga dagua que não desaparecesse com o seu cozimento de gravatá. Izabel Escudeiro estava muito triste de umas sardas que a estavam perseguindo. Não fosse o Seixas achal-a menos bonita ! Martim Rodrigues riu-se. Em menos de uma semana só de lavar o rosto com agua de herva-capitão não tinha

mais nada. Perto delle não havia maleitas nem sezões.

A salsa, que já fôra importada pelos padres do Collegio, e a raiz de parreira brava com cujas infusões os jesuitas do Paraguay antecipavam o quinino, ás vezes com vantagem, tornaram-se corriqueiras na colonia, graças a elle. Outro tanto occorreu com uma especie de centopéa, a ambua, que esmagada em alcool, é topica para todas as verrugas.

Nunca negava um factó verificavel, antes de examinal-o, pouco se lhe dando que aberrasse dos principios infalliveis das doutrinas abstractas. Não descansou emquanto não pôde verificar uma reza de bicheira. Tres vezes sem dizer nada a ninguem, trouxe para perto da choupana de um velho negro rezes inçadas da terrivel praga. Mandava um camarada previnir o rezador e avisal-o a elle Martim por um tiro da hora certa em que o negro dizia a reza da *sympathia*. Das tres vezes viu os bichos pularem aos cardumes da pelle furada das alimarias. Não disse nada a ninguem. Mas ficou inteirado dos dogmatismos da incredulidade.

Lé com lé, cré com cré. Martim Rodrigues conversava com Paulo de Proença, o Moço, filho de Antonio de Proença, o Velho, dos primeiros desbravadores da terra. Era uma curiosa figura. Trabalhara muito até certo tempo. Fizera independencia exportando caixões de marmelada de S. Vicente. Tinha um geito frio, distante e indifferente.

Mas só por fóra e para os extranhos. No fundo realmente era um bom que, conhecendo os homens, tinha vergonha de ser bom. Por isso, em vez de pedir recibos dos beneficios que fazia, passava logo quitação dos mesmos e pensava noutra coisa. Para não soffrer da ingratição nunca esperou do reconhecimento. Na convivencia de um tio que morrera moço, grande sabedor de pergaminhos, apprendera o culto do passado, que é o unico remedio que até hoje se encontrou contra o Tempo. Logo que se tornou independente disse adeus á marmelada e engolfou-se nos livros. Era muito original. Achava que todo o mundo tinha o direito de viver á sua guiza. Promettera a Lourenço Ruxaque mandar imprimir nos prelos de Geraldo da Vinha certos papeis curiosos que aquelle conseguira salvar das traças, e que lhe pareciam de importancia para o futuro. Lá estava elle com o seu justilho cor de fava de ingá e calções de tufos e golpes direitos, acompanhado dum estrangeiro ruivo, que falava uma lingua estrangeira, á mó de flamengo. Este perdera o braço numa grande guerra. Era um homem tambem de grande intelligencia, emboa ás vezes tivesse o mau gosto de achar graça nas sem-saborias do Sabiá Pi-pi.

Lourenço Ruxaque era um homem que tinha muitas parencças com Martim Rodrigues. No moral já se vê, que no physico era exactamente o contrario, alto, loiro, de olhos azues, desempenado, comquanto emmagrecido pelo estudo. Martim Ro-

drigues, que sabia tudo, dizia que herdara esse typo de avós que tinham guerreado na Terra Santa, levando um estandarte com tres martelos de ouro em campo de góles. Morava entre Piratininga e a Borda do Campo, não longe de Domingos Carvoeiro, num casarão bem grande, cheio de coisas curiosas que gostava de colleccionar, e que os Padres diziam que um dia haviam de ter grande valor. Não fôra receber o governador. Um caeteté lacranara-lhe a perna num passeio para os lados da Ibirapuera. Inda não podia montar a cavallo. Fazia falta. Era um dos principaes da terra, bom como o pão e puro como as aguas de pedra.

O ALMOÇO

Na Borda do Campo os primeiros a cumprimentar D. Francisco tinham de ser os representantes de igrejas e irmandades. Lá estavam o irmão Francisco Soares, superior do Collegio dos Jesuitas, os representantes de Santo Antonio, da Irmandade do Rosario do Homen Pretos, que era o seu mordomo Matheus Lopes, os da Misericordia, do SS. Sacramento, e o da igreja de Monserrate, pelo qual o velho Fernão Dias tinha uma grande devoção, que, constava, era compartilhada pelo proprio Governador. A Irmandade do Carmo estava luzidamente representada por Fr. Antonio do Amaral, vigario da villa, pelos religiosos João Pimentel e Constantino da Cruz, por Fr. Ignacio de Souza que allegava pa-

rentesco com D. Francisco e por Paulo Lopes, religioso criado por Francisco Godinho no Espirito Santo e de cuja intelligencia se diziam maravilhas.

André Escudeiro puzera mesa para duzentas pessoas. Os padres seus amigos lhe tinham dado a assistencia da sua ucharia, da sua copa, da sua domesticidade.

As suas confessadas, habeis doceiras, tinham requintado nas receitas, passadas de mão em mão em livros preciosos, vindos de Portugal dos Conventos de Freiras, tão celebres em pastelaria e confeições. A materia prima não lhes faltava: havia açúcar á farta. Não haveria requinte. O milho verde, o figo, o marmelo eram a materia prima. Beijús, sequilhos, biscoitos e roscas de polvilho abundavam. Dez peroleiras de vinho, tirados os batiques, sangravam figueira e malvasia. Duas grandes talhas de barro, cheias dagua, esperavam inutilmente pedidos de renovação. As bichas, quartinhas, cantaras, picheiras, sumichas, manigrepes e moriugas, todo o arsenal ceramico em que se empregava a fantasia dos oleiros primitivos jaziam inutilmente cheias sobre a mesa. E as peroleiras se esvaíam.

O governador sentou-se á mesa servido por André Escudeiro. Sobre as varias toalhas de Olanda, unidas umas ás outras para cobrirem a mesa extensissima, havia um estendal de viandas: leitões, macucos, perús, gallinhas, perdizes, todos collocados sobre folhas de taioba. A colonia não dispunha de baixellas, onde coubessem os grandes assados de

espeto e forno. Por uma excepção, as peças mais finas, destinadas ao governador, estavam em grandes travessas de porcelana da India, de que só havia tres. Escudeiro esperava que o governador começasse por um grande Perú que engordara a fubá e que, antes de cair na faca, fôra embebedado á cachaça.

D. Francisco correu os olhos sobre a mesa e disse: "Rude soldado sou, que me desacostumei das coisas finas. Semanas e semanas corri os sertões da Bahia sem outro alimento que a farinha de guerra, que vocês sertanistas chamam passóca, sem saberem que estão levando nos alforges o *frumentum* com que Cesar conquistou as Gallias. Vocês não sabem as coisas boas que têm! Olhem, em Madrid, á mesa do duque de Lerma, quando via um faisão armado numa travessa de ouro, eu tinha pena delle que não conhecia o nosso macuco. Dêem-me um peito daquelle".

Em dez minutos tinha D. Francisco feito a refeição, cujo postre foi uma pamonha de milho verde envolvida em folhas de taiobá. Tomou do unico copo de vidro que havia e que era o seu, e disse:

Ao futuro desta capitania que está nos descobrimentos das bandeiras". Fr. Antonio Amaral levantou o seu copo de estanho, cheio de malvasia: "Em honra do Sr. Governador e d'El Rey o Sr. D. Felipe! Para que prospere esta capitania e para que contem com a lealdade dos seus honrados vassallos de Piratininga".

Levantando-se da mesa e pedindo, isto é, or-

denando que o não imitasse mais ninguém, D. Francisco, que já conhecia quasi toda a sociedade de Piratininga, dirigiu-se a uma senhora. André Escudeiro, solícito, nomeou-a : “D. Guiomar !”. D. Francisco observou affavelmente ao seu escudeiro : “Attenda aos outros. Lembre-se que é o dono da casa e que o governador é um bandeirante sem etiqueta”. D. Guiomar sorriu-lhe um sorriso de sympathia. “Mulher de Diogo Martins?” perguntou o governador.

D. Guiomar acenou que sim. “Já a conheço de nome” — obtemperou. “Continue a ser boa com os seus escravos. Basta de crueldade. Já recalcamos os indios, precisamos agora humanizar a colonia”. — Sr. D. Francisco de Souza”, retorquiu a paulista, “eu não consentiria em ser servida por escravos. Os meus famulos são todos livres. Não os alforrio já por que não posso. E tenho de respeitar o juizo de meu marido, que é o de todos aqui. Mas por mim mesma jámais serei senhora de escravos”.

Isabel Escudeiro, ao lado de D. Guiomar, mal escondia a afflicção. Francisco de Seixas não viera ! Inda tinha os olhos vermelhos. D. Guiomar fôra buscal-a ao seu estreito camarote — alcovado para a sala de jantar por uma janella interior. — Ali se atirara desolada sobre os lençoes de Olanda do seu leito, a cuja cabeceira pendia da parede a imagem de Nossa Senhora de Monserrate, a quem tantas

vezes pedira o milagre de torcer-lhe a vontade do pae.

— “Que tem essa linda moça?” perguntou o governador. Isabel afogueou-se de vergonha e emoção. Os olhos inda lhe ficaram mais humidos. D. Guiomar tambem se calou.

— “Amores contrariados?” perguntou D. Francisco. O sorriso contrafeito de Dona Guiomar foi uma affirmação.

— “De quem se trata?” perguntou-lhe este.

— “De Francisco de Seixas, muito bom moço e de bôa familia mas que não tem fortuna”, informou D. Guiomar, com um raio de vaga esperanza. D. Francisco pousou a mão no hombro de Isabel :

— “Fique tranquilla, minha menina. Se o seu pretendente só tiver esse defeito fique certa de que se casará com elle. Do resto eu me encarrego. Estamos numa terra nov'a e rica. A questão é encaminharmos os homens. Para isso vim para cá. Socegue e confie no seu governador”. A promessa não era vã. Annos depois estava cumprida, ao voltar Seixas da bandeira de Nicolau Barreto, onde salvou a vida dum certo Glimmer.

De repente, um tropear de cavallos dos lados da villa annunciou a chegada de retardatarios. Era Affonso Sardinha, que os maus caminhos tinham atrazado. Morava em Jarabatiba (Pinheiros, lado de Butantan). Combinara com Vicente Bicudo, seu compadre, virem juntos pela Emboaçava, (Araçá). Quizera aggregar-se-lhe a gente de André de

Burgos. D. Lucrecia Leme pedira-lhe que trouxesse os filhos, Luiz de 15 annos e Fernão de 13, pageados pelo Vicente, curumim carijó, que regulava com os dois.

Os tres pequenos, moradores em Pinheiros, foram pontuaes. A' hora aprazada já estavam os tres muito graves, bem montados e armados, no ponto aprazado. Mas os Burgos, moradores mais longe, tiveram de fazer uma volta, devido ás aguas da varzea, para pegar o espigão. Só se haviam encontrado á orla do Matto Grande. (Caágassú, hoje Avenida Paulista). De lá desceram pelo alto da sesmaria do Almeida (Consolação) e chegaram á villa com atrazo. No caminho ainda tinham *portado* no sitio de Domingos Carvoeiro, no Ypiranga, onde tinham encostado o estomago com um pouco de palmito, e mel, regados de jacuba. Chegavam um pouco tarde... Mas D. Francisco, que era homem tão sem aquellas, não repararia...

D. Francisco abraçou o velho bandeirante. Perguntou-lhe pelas minas de ferro. Prometeu que a primeira visita seria a Biraçoyaba.

Um dos filhos de D. Lucrecia desmontara e passara as redeas ao curumim. Não dera attenção a nada nem a ninguem. O proprio governador não lhe merecera um olhar de natural curiosidade. Entretido a conversar com uma gentil pequenota, de nada dava fé. D. Francisco divertiu-se com aquella abstracção. Acercou-se-lhe. Bateu-lhe no hombro.

— “Como te chamas?”

— “Fernão Dias Paes”, respondeu o homeminho.

— “E esta menina?”

— “Catharina Camacho, minha noiva!”

— “Bravo, meu rapaz, promettes. Tão novo e tão noivo... E não hesitas ao responder, nem baixas os olhos falando. Gosto de ti. Não esquecerei teu nome! Fernão Dias Paes! Que Deus abençõe os teus descendentes! Se sahirem por ti, serão homens!”

Disse e pediu os cavallos. Eram onze horas. A's cinco, depois de ter descansado um pouco na casa de Antonio Proença, sogro de Pedro Taques, a meio caminho do Ypiranga, entrava em Piratininga e ia directamente para a Casa do Conselho onde se aboletaria algum tempo. (Largo de São Francisco, defronte da Academia?)

D. Francisco tinha ficado perplexo ante o problema da sua hospedagem. Os religiosos do Carmo e os do Collegio, desde muito que reclamavam essa honra. Cada casa julgava-se com mais direito que a outra. Não podia tambem dar a um particular a sua preferencia. Se o fizesse, boquejar-se-ia a lo grande. Era forçado a negar ao seu querido Afonso Sardinha esse prazer. O grande minerador e sertanista era homem de negocios. Teria de decidir de seus pleitos e pretensões. Se lhe fosse receber obsequios, teria independencia precisa para fazel-o?

Em tal difficuldade, optou pela resolução mais

inesperada. Hospedar-se-ia com Bento Maciel Parente, e Baccio da Filicaya, na Casa do Conselho. Sabia que estava arruinada, e que chovia dentro. Pouco se lhe dava. Mandaria retelhal-a e concertar, a taipa de pilão, alguma fenda das paredes.

Já o declarara no Alto da Serra, onde pernoitara, á vespera.

Mal sabia elle que, tão prompto manifestou esse intento, um peão foi a toda brida communicar-o a André Escudeiro. O incansavel paulista não teve uma nem duas. Mandou Gonçalo Madeira a toda a brida avisar os Camaristas, que tinham ficado.

Prevenidos de madrugada, puzeram-se os edis em campo, uns arrebanhando moveis e utensilios, outros improvisando uma cozinha, numa ramada junto á Camara.

Grande era a bôa vontade. A's duas horas podia chegar D. Francisco á Camara, que nada faltava.

No salão do nobre Governador pompeavam as cadeiras do Estado, de Bartholomeu Ruiz, de D. Guiomar Rodrigues e Gaspar Fernandes. Bem que Innocencio Preto farejara que o Governador ia precisar dellas! Offerecera 50 cruzados pelas tres. Bartholomeu mandou-o á fava.

A cama fôra emprestada pelos irmãos do Collegio. Era pobre, mas limpa e de jacarandá. Nella haviam dormido os irmãos Anchieta e Nobrega. Para forral-a aos mosquitos, era preciso um sobre-céo com cortinas, que os padres não tinham. Ar-

ranjou-se. Junto á cama, sobre um bofete, um gomil e um prato de agua ás mãos, que hoje chamamos bacia e jarro. Tres toalhas com suas rendas de azul e branco, cahiam duma forquilha de piúva. A cama estava branca como o linho do altar, lavado com folhas espremidas de ananaz. Eram os travesseiros de flandres com suas rendas pelas ilhargas, e abertos em crivo de ponto pelo meio, mostrando um fundo de setim. Os lençoes de Olanda dos mais finos. Num escabello, junto ao leito, dois livros mandados por Martim Rodrigues :

*A Chronica do Grão Capitão e o
Retabulo da Vida de Christo.*

O mais difficil tinha sido achar os preparos de mesa. Belchior Carneiro emprestou toalhas e guardanapos. D. Guiomar tinha umas porcellanas da India. Não estava em casa. A sua mucama, todavia, sabendo para quem eram, não duvidou emprestal-as. D. Violante contribuiu com quatro colherés de prata. Ao resto, no que faltasse, Affonso Sardinha, apesar de não querer malquistar-se com o Governador, impondo-lhe finezas, proveria por interposta pessoa.

Chegara a casa o Governador. Depois de receber cumprimentos de toda a villa, pretextou cansaço para ficar á vontade. Reteve, porém, Bento Maciel Parente, seu companheiro de viagem, Pedro Taques, seu antigo secretario, e Baccio da Filicaya, seu biographo, homem de grande cultura

e engenheiro-mór do Estado. Communicou-lhes os seus intuitos. Tinha a certeza de que no Brasil havia varios Potosis desconhecidos. Era preciso descobri-los. Até então só se tinha dado com o ouro de lavagem e com pedras de côr. espalhadas á flor do solo. Mas era certo que havia incalculaveis riquezas, avaramente escondidas pela terra. Era obrigação dos paulistas busca-las. Quando não as encontrassem, não perderiam o trabalho de procura-las. Conquistariam immensos tratos de terra fertil aos indios que as defendiam e aos povos vizinhos que as cubiçavam. Estava ali com o proposito de incrementar essa exploração, a que dedicara toda a sua vida e em que empenhara toda a sua fortuna. Não sabia se lograria vêr os frutos do seu trabalho. Mas tinha a certeza de que elle não seria infrutifero. Seus dois companheiros, Bento Maciel e Baccio da Filicaya. partilhavam da sua convicção. E eram homens de cultura e experiencia. Considerava Pedro Taques paulista, o melhor dos paulistas. Casado com Anna de Proença, tudo fazia crer que se radicasse naquella bemdita terra, onde constituiria familia. Queria o seu auxilio. Queria que convencesse aos paulistas que o seu futuro estava nos sertões e que, no caso de mangrarem as descobertas mineraes, bastariam as terras novas e virgens para indemnizal-os. Queria ampliar S. Paulo e o Brasil. Pedia a Pedro Taques que o ajudasse.

Pedro Taques só lhe respondeu nestas palavras :
"S. Paulo ou tem de morrer de inanição como Santo

André ou tem de alargar-se. Não ha dois caminhos, senhor Governador. Ao sertão ! A's bandeiras !”

“Se não acharmos ouro, pelo menos acharemos terra”, opinou Bento Maciel Parente.

Fazia-se tarde. O Governador pela porta entreaberta viu os dois livros de Martim Rodrigues sobre a toalha branca do bofete. Examinou-os e sorriu.

Em S. Paulo já se lia ! Era um bom symptoma. Das gestas e dos agiologios ingenuos era só um passo para coisas mais altas.

Tambem trouxera alguns livros, principalmente um de que se não separava.

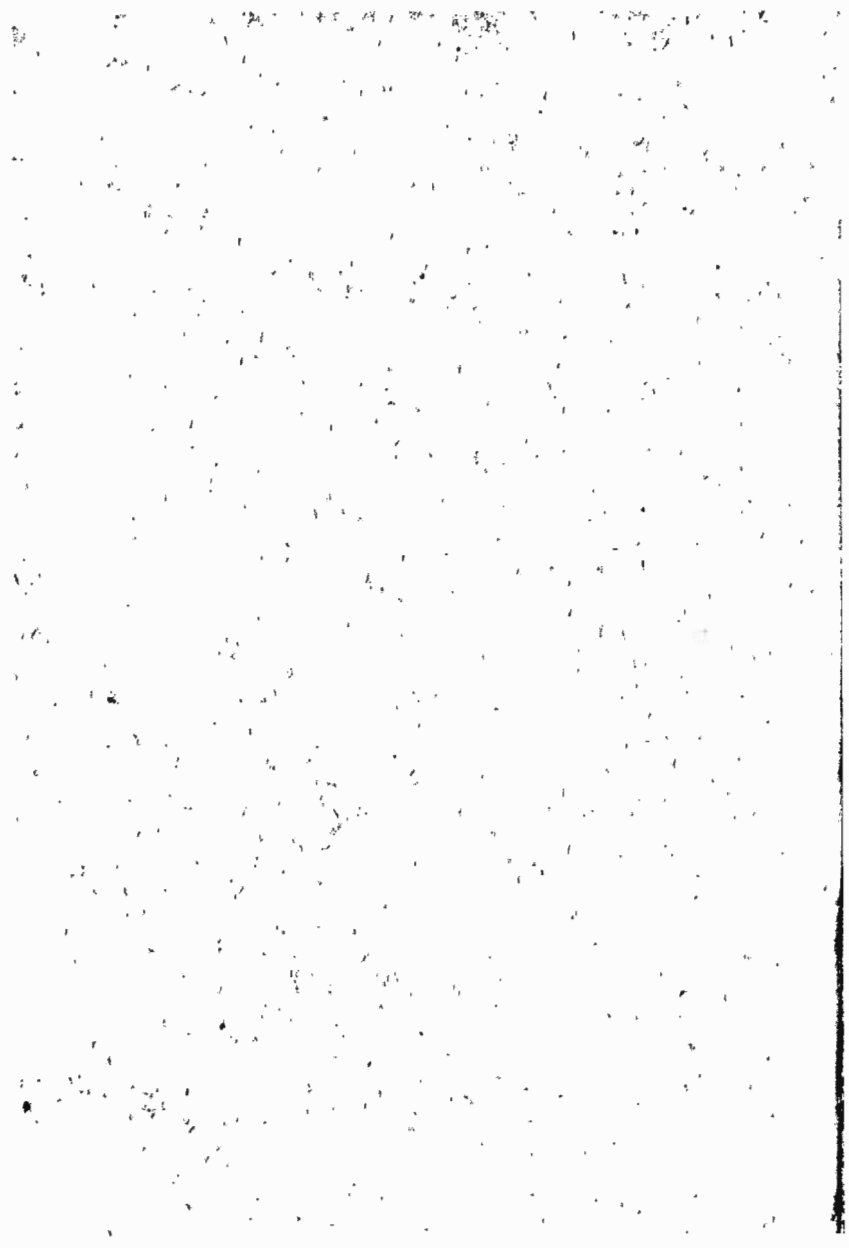
Tirou-o da pasta de couro, fechada por grossos torcaes de seda, onde guardava os documentos mais importantes. Pedro Taques, que só lia as Ordenações, divisou-lhe no frontispicio um portico de columnas e uma ave, á moda de garça, que já vira ha tempos. Contou a D. Francisco que conhecera livro igual em mãos de um soldado, que fôra á guerra dos temiminós. Tinha certeza de que era a mesma obra. Mesmo Martim Rodrigues fizera loucuras para possuil-a. Propuzera trocal-a por um arcabuz novo com sua bolsa de chumbo e polvarinho de tucano. Dava até de choro ou de inhapa um ferragoulo novo do Reino. Tudo inutil. O aventureiro declarou que não o trocaria por nada no mundo. E internou-se pelas selvas com elle. Curioso ! pensou D. Francisco. “Tão pouco ha que foram impres-

sos e já estão os *Lusiadas* correndo os sertões do Brasil !

No dia seguinte ficaram decididas as bandeiras de André de Leão e Nicolau Barreto. Mas seriam preparadas com todo o rigor, sem a pressa dos improvisos. Pequenas entradas limpariam a sua estrada de índios, fariam roças de milho, feijão e mandioca em pontos aprazados e escolheriam as melhores aguadas, á beira de bons pastos. A experiencia de Bento Maciel, velho matteiro, tinha conselhos preciosos.

Talvez que fosse assim que os paulistas resolveram caminhar pelos sertões, buscando os thesouros das minas. Não os encontraram. Só duzentos annos mais tarde, Portugal, arranhando-lhes a superficie, entremostraria a plausibilidade do sonho quinhentista. Não foi todavia inutil o duro labor daquella geração. Não encontraram o segredo das esmeraldas e do ouro de betas.

Mas descobriram o Brasil.



Brasil e Estados Unidos

Ensaio publicado por ocasião da vinda do Presidente Hoover ao Brasil em 1929.



A INCONFIDENCIA

QUANDO aqui esteve, em 1927, na Conferencia dos Jurisconsultos, como delegado dos Estados Unidos, James Brown Scott, meu velho amigo de Haya, tive occasião de fornecer-lhe algumas notas sobre as relações da minha com a sua grande terra. Narrei-lhe os seguintes factos, pouco vulgarizados.

O sopro da Inconfidencia veio dos Estados Unidos, cuja Constituição, trazida por Alves Maciel (que talvez se lhe refira no seu interrogatorio sob o euphemismo de "Historia da America Inglesa", comprada em Birmingham), foi o "Fiat-Lux" de Tiradentes. Sabe-se a conclusão a que ambos chegaram, no famoso encontro em Agosto de 1788, aqui no Rio: que o Brasil devia seguir o exemplo da Independencia Americana. Alves Maciel era companheiro de José Joaquim da Maia, o estudante que, numa carta celebre, revelava a Jefferson, em

1787, os seus sonhos de independencia. Não teve o auxilio invocado. Jefferson, que tinha deixado o poder, não se quiz envolver em questão tão grave. Mas na sua correspondencia deixou a prova de que recebera com sympathia o pedido do joven estudante. Na sua carta de Marselha, a 4 de Maio de 1787, dizia elle a John Jay: "Os brasileiros consideram a revolução da America do Norte como precursora da que elles desejam: e dos Estados Unidos esperam todo o soccorro. As maiores sympathias se desenvolveram entre elles para conosco". Jefferson dava assim á Conjuração Mineira o seu attestado de filiação. E a prova de que nos seguia com attenção, está nas palavras propheticas com que antecipou a nossa independencia: "Não será para admirar que o Brasil todo se levante e mande a familia real para Portugal. O BRASIL É MAIS POPULOSO, MAIS RICO, MAIS FORTE E TÃO INSTRUIDO COMO A MÃE PATRIA". (Carta de 14 de Maio de 1817, a Lafayette).

Como a "Inconfidencia", a "Confederação do Equador" nasceu com os olhos fitos no modelo do Norte. Mandou para lá, onde já tinha estado Domingos Martins, um emissario especial, Antonio Gonçalves da Cruz, o "Cabogá".

O pensamento dos pro-homens de Recife era, quanto se pôde verificar pelo seu processo, a troco do reconhecimento da sua autonomia, fazer dos Estados Unidos o centro da sua vida economica e commercial.

Brown Scott, além de grande auctoridade em Direito Internacional, desde a Conferencia da Paz, em 1907, em que foi o elemento mais activo da Delegação Norte-Americana, é um ardente pesquisador da historia do nosso continente. Aconselhou-me a escrever um ensaio sobre os pontos em questão. Solicitado por preocupações mais urgentes, nunca o pude fazer. Mesmo agora tenho a consciencia de que estou apenas aflorando o assumpto.

AFFINIDADES PROFUNDAS

Cedo começou o Brasil a divisar nas instituições norte-americanas a grandeza a que também aspirava e se sentia com forças de attingir. A reacção racionalista, o "Encyclopedismo" que na "America Inglesa" tivera força para transformar uma repulsa contra o imposto numa guerra de independencia, que excedia aos intuitos do proprio Washington, chegou ao Brasil com o seu exemplo.

E' exacto que sempre soffremos mais a influencia da França, cuja lingua sempre nos foi familiar, e da Inglaterra, que sempre foi o nosso mercado monetario. A nossa vida sempre se desenvolveu lendo o livro do Sena e comprando o producto do Tamisa. Mas, guiados pelo seguro instincto da nossa finalidade, nunca perdemos de vista o exemplo norte-americano.

Ambos contemporaneos de nascimento ; ambos recebendo uma terra inexplorada ; ambos sujeitos

a um jugo metropolitano ; ambos obrigados a criar a primeira riqueza com o braço negro ; ambos forçados a conquistar o territorio aos aborigenes ; ambos constituindo nações immensas ; ambos producto de um caldeamento de raças, Brasil e Estados Unidos tinham de formar-se em bases analogas senão identicas. Não é estranhavel que a nossa evolução, de character irresistivelmente diverso da européa, apesar de semelhanças apparentes devido ao regimen monarchico, estabelecesse em nossas duas vidas analogias, pasmosas na apparencia, mas naturaes no fundo. Estranhavel é, ao contrario, que não esteja vulgarizado o parallelismo que domina os phenomenos historicos dos dois paizes.

A COLONIZAÇÃO

Começa o parallelismo na colonização relativamente recente.

Um livro de triste actualidade, o *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, aliás, em casticismo e factura a sua obra prima, acaba de contrapôr a grandeza austera dos puritanos da "Mayflower" á inferioridade dos nossos colonos, e de deduzir desse confronto a nossa irremediavel fallencia ethnica e politica. Simples accesso de hypocondria no brasileirissimo pesquisador que largou o casulo de Fradique Mendes para se tornar a alma da benemerita *Sociedade Cupistrano de Abreu*, entristeceu-me como uma apostasia esse livro saturniano.

Expliquei-mo e desculpei-o comtudo, como uma crise hepatica, de natureza passageira. Não me contentando, porém, com axiomas simplistas, fui estudar de perto a primitiva colonização dos Estados Unidos. Não me foi difficil rastrear a odyssea dos "Fathers" desde os condados inglezes, que deixavam para fugir á perseguição religiosa, até Rotterdam e Leyde e de lá até Plymouth, na costa americana e acompanhar-lhe as consequencias. Compulsei não só as obras que a descrevem, como o *Diario*, de WILLIAM BRADFORD e a *The Reveils of New Chanaan*, de THOMAS MORTON, como ainda dezenas de escriptores que a commentam. Verifiquei que o episodio da "Mayflower" é mais um symbolo, digno aliás de todo o respeito, que uma realidade: que elle valeu mais pelo que suggeriu do que pelo que fez — *not so much for what it achieved as for what it suggested* (FISKE. *Beginings of New England*. p. 86). Conclui que o cunho impresso pelos PILGRIM na nacionalidade foi infinitamente menor, por exemplo, que o de Horace Mann, o criador da educação nacional, o renovador do ensino americano. O estudo desse assumpto levou-me a uma recapitulação minudente da historia norte-americana.

Antes, porém, de vermos de perto a expedição da "Mayflower" olhemos para o espirito que a suscitou: a Renascença.

ANSIA DO OURO

Os Estados Unidos são filhos do mesmo espirito aventureiro que o Brasil. Os primeiros que perlongaram as suas costas foram hespanhoes, portuguezes e francezes.

A Renascença era a ansia de viver. Sahida da renuncia medieval, enthronizava a vida como o supremo bem. Buscava dar-lhe os meios de ser larga, artistica e feliz. Para isso até hoje só se encontrou um talisman : o ouro, que é a potencialidade de todas as aquisições.

A Renascença, ao nascer, achou no berço dois presentes de fada : a Conquista e a Persuasão, isto é, a polvora e a imprensa. Buscando novos rumos para o commercio do Oriente, cujas maravilhas Marco Polo lhe fizera entrever, esbarrou com a America. Teve a polvora para dominar o gentio e a imprensa para angariar gente e capitaes.

A propaganda achava um terreno virgem nas imaginações inda não embotadas para a lettra de fôrma.

Os primeiros vagidos do prélo traduziam-se em prospectos, folhas volantes ou boletins de uma pagina, impressos a tinta preta e vermelha, que contavam maravilhas das viagens ultramarinas e andavam de mão em mão como documentos irrefragaveis.

Buscando pelo Norte esse caminho do Oriente que os navegadores latinos buscavam pelo Sul,

Frobisher chegou ao norte do estreito de Hudson, em 1577. Não achou a "Passagem do Noroeste". Em compensação, levou para Londres uma pepita de ouro encontrada nas regiões arcticas. Foi o rastilho do incendio. Comquanto para muitos espiritos simplistas, a cobiça tenha sido monopolio dos que colonizaram o Brasil, accendeu-se a cupidez dos mercadores da City. Quem o diz não sou eu. E' o grande BANCROFT, nestas palavras textuaes: "*The news excited the wakeful avarice of the city*".

Estava de accôrdo com JOHN SMITH, que dizia: "tolo seria eu se pensasse que outro motivo, senão o desejo de enriquecer, poderia levar alguém á Nova Inglaterra". (FISKE, *Beginings*, pag. 79). Parece que a propria Elizabeth não ficou insensivel á *auri sacra fames*, uma vez que contribuiu em grande parte para as despesas de uma nova frota de 15 navios, commandados pelo mesmo Frobisher. A molestia do seculo, como lhe chamou MICHELET, "*la faim, la soif, le besoin absolu de l'or*", contagiava os proprios thronos.

Ao passo que Frobisher explora as regiões hyperboreas, Drake conquista immensas riquezas nos portos hespanhoes do Pacifico. Começa a lenda e começam os sonhos. Desenham-se em todas as imaginações as visões do Eldorado. Está lançada a semente da colonização.

THRIFTLESS RABBLE

Chegados os colonos á America, tanto no Norte como aqui, tiveram de "caranguejar" pelo littoral. O aborigene, senhor das florestas e dos rios, dono unico dos seus segredos, estava prompto a repellir a intrusão do forasteiro.

A vida e o commercio tinham de se arrastar penosamente. A subsistencia tinha de depender por largo tempo do fornecimento metropolitano. A gente que povoava as novas colonias era, na maioria, de má qualidade: aventureiros e desclassificados.

"They were a disordely, thriftless rabble, picked up from the London streets", diz FISKE, pag. 90. O seu maior contingente era fornecido por tripulantes de navios, tão endurecidos na luta contra os elementos e contra os homens como em vicios de toda a natureza. Tinham sido arrancados aos carcereiros dos portos *"kidnapped from the jails and slums of english seaports"*, diz FISKE. Ha um documento precioso sobre esses primeiros tempos. Os 105 colonos da expedição de Newport não conseguiram bons resultados. John Smith quiz aproveitar os seus elementos; chegaram-lhe mais 120 colonos. Vendo que estes nada produziam, a "Companhia de Londres" reclamou.

Smith respondeu-lhe que em vez de mil aventureiros desclassificados lhe mandasse 30 operarios, calafates, carpinteiros, hortelões. Estamos longe de excellencias moraes... Se é certo que uma

parte dos Estados Unidos nasceu para a vida nacional nas rudes casas de madeira, que os austeros calvinistas, á tarde, depois da rude labuta da lavoura e da pesca, faziam resoar de canticos religiosos, não é menos certo que todos os seus elementos emigratorios não eram da mesma estofa. Dizer que os Estados Unidos são filhos unicamente dos "*Pilgrims*", além de ser uma injustiça para com os catholicos que fundaram Maryland, é uma inverdade historica. Equivale a dizer que o Brasil nasceu do rude "*Collegio*" de taipa, onde Anchieta e seus companheiros ensinavam as ladainhas aos catechumenos. Não. Lá e aqui, houve esse rebutalho humano, que é inherente a toda a colonização.

Se tivemos degredados (aliás em pequeno numero), os Estados Unidos tambem os tiveram. GEORGES WILLIAM (para só citar um entre muitos) refere-se ás "*disordely persons, or convicts sent to Virginia by an order of the King of England. (Hist. of Negro Race)*."

ESCRAVIZAÇÃO DE BRANCOS

Quereis a prova de que "cá e lá más fadas ha?" Entre os primitivos colonos dos Estados Unidos era corrente... a escravidão branca! A 14 de Maio de 1652, chegou da Inglaterra o navio *João e Sara*, transportando escossezes, que foram escolhidos a bordo "como cavallos numa feira".

Os proprios tripulantes da "*Mayflower*" não se

sentiam incompatíveis com a escravidão. Em Julho de 1622, receberam 60 escravos irlandezes e escossezes, que lhes mandava o negociante londrino Thomas Weston, capitalista da expedição. Mas o espirito nacional é tão caracterizado na America do Norte que difficilmente se encontra a relação de taes factos em seus livros. Embalde procurei-lhes a confirmação nos mais notaveis. Encontrei-os na "Historia Universal" de ONCKEN, vol. Estados Unidos.

Cito-os porque penso que em nada diminuem a grande nação factos communs a todos os paizes.

EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO

Não tivemos, é exacto, os peregrinos da "Mayflower". E' preciso, porém, lembrar que quasi todos morreram. Segundo o proprio governador da comunidade, William Bradford, momento houve em que só restavam seis a sete pessoas validas. Mais de metade tinham morrido, ás vezes duas e tres pessoas por dia.

Pouco tempo depois da chegada reduziam-se os colonos a quarenta e nove. Tão grande mortalidade denota a falta de experiencia dos organizadores da colonia.

Mas não percamos tempo em minucias. Reconheçamos a boa qualidade da gente da "Mayflower". Mas não para invejal-a. Quando em 1620, os Estados Unidos receberam o seu primeiro nucleo

de gente boa, já havia quasi um seculo que o Brasil recebera um elemento immigratorio em tudo comparavel áquelle : em 22 de Janeiro de 1532, Martim Affonso de Souza, numa armada de duas naus e tres caravellas, chegava a São Vicente com uma gleba de povoadores,meticulosamente escolhida, composta tanto de trabalhadores como de nobres. Com um espirito de previdencia e humanidade que o honra, o velho Portugal não escolheu para mandarnos a escumalha das ruas de Lisboa.

EUGENIO CASTRO, no seu admiravel *Diario da Navegação*, esgotou a parte nautica e geographica da expedição. Mas a sua relação dos tripulantes, que orçava por quatrocentos, segundo o *Diario da Navegação*, de Pero Lopes, é incompleta. Esparsos os seus nomes em Pedro Taques e outros autores, ou em velhos documentos forenses e ecclesiasticos, talvez faltasse ao benemerito escriptor tempo de arrolar os que se salvaram do esquecimento.

Que não deve o Brasil aos colonos martimaffonsinos ! Uns trazendo as mulheres, outros mandando-as buscar de Portugal ou das Ilhas ; outros cruzando-se com as filhas de João Ramalho, Antonio Rodrigues, Tibiriçá e Piquirobi, as suas vergonteadas hoje cobrem o Brasil, como esses gigantescos baobabs, cujos galhos, tocando na terra, se transformam em novos troncos.

Os brasileiros devem orgulhar-se tanto da expedição de Martim Affonso como os americanos da "Mayflower". Se já tivéssemos espirito nacional ;

se soubessemos o que é a tradição e o seu caracter educativo ; se já tivessemos comprehendido que o divino egoismo da patria é a fórma mais elevada do instincto de conservação ; se seguíssemos no que tem de bom o exemplo dos norte-americanos que guardam no Capitolio de Boston, como uma reliquia, a *Relação* de BRADFORD, passando a 22 de Janeiro de 1932, isto é, dentro de poucos mezes, o quarto centenario da expedição de Martim Affonso, já a estas horas um grande movimento de investigações estaria colligindo quanto se lhe refere para commemoral-a dignamente.

A melhor prova da qualidade dos colonos de Martim Affonso é que São Vicente logo depois de fundada começou a produzir e a trabalhar, tomando grandes proporções a lavoura da canna, cujas primeiras mudas foram mandadas buscar á Madeira. Frei Gaspar enumera doze engenhos, quasi todos anteriores a 1557. Tanto crescera em 25 annos a novel povoação !

A exemplo dos Estados Unidos, com a sua "Sociedade dos Descendentes da "Mayflower", onde o estudo das linhagens dos "Patriarchas" é a principal preocupação, esboçemos um debuxo rapido da familia martim-affonsina.

GENEALOGIAS

As arvores de costado têm quasi sempre um fundo romanesco. Não é difficil architectar paren-

tescos com as dynastias européas : basta inserir enxertos em vergonteadas daquelles troncos. Não é outro o processo pelo qual a Casa dos Levi-Mirepoix prova que descende de um primo da Virgem Maria, de quem fica assim sendo prima toda a illustre familia : "*Notre Dame, ma cousine*". . .

Mas nem tanto ao mar, nem tanto á terra. O paulista não ia tão longe : provava a sua ascendencia com certidões de cartorios, camaras ecclesiasticas, provisões, ordens regias, que se referiam a factos notorios e recentes.

A pesquisa das origens não representava no brasileiro da colonia um accesso de philaucia : era, muito pelo contrario, uma necessidade vital. A limpeza de sangue era indispensavel por dois motivos. Primeiro, para exercer qualquer cargo ou funcção, por minima que fosse. Segundo, para forrar o individuo a attritos com a Inquisição, cuja maior tarefa era descobrir antepassados de sangue "infecto" em todas as familias. Mas não era uma vangloria e sim uma defesa.

Dessa absoluta necessidade de ter sangue limpo nasceram as preoccupações genealogicas dos seculos dezesete e dezoito, de que a obra de Pedro Taques é o imperecivel monumento. Apesar dos seus cincoenta annos de pesquisas serem o melhor attestado dos seus escrupulos, vê-se hoje que a sua probidade, atacada por Candido Mendes, é invulneravel e que se apoiava em documentos acima de qualquer suspeição. O historiador do Maranhão

duvidou da existencia de um delles : o testamento de João Ramalho. Coube a Washington Luis a fortuna de achar-lhe a cópia no archivo de Paulo de Souza Queiroz, que o recebera entre os papeis do Patriarcha. Triumphava em toda a linha a consciencia do grande carmelitano.

PEDRO TAQUES

Pedro Taques não se dava ao esteril trabalho de procurar a nobreza pela nobreza. Affonso Taunay mostra a modestia dos seus intuitos :

“Acaso imaginou prender os primeiros povoadores de São Paulo ás dynastias européas, sequer ás casas titulares portuguezas ! Absolutamente não ; provêm os troncos, de que se orgulha, da pequena nobreza do reino, da boa burguezia ; aos mais afidalgados attribue modestos morgadios e commendas.

Titulos para elle altisonantes são a “limpeza de sangue” dos christãos velhos, livres da mescla de “judeu, mouro ou qualquer outra infecta nação” — o emprego no real serviço e a ausencia de “mecanismo” nas progenies”.

Procurar a pureza de linhagem será talvez uma futilidade.

Não pensava, comtudo, dessa maneira Benjamin Franklin que, apesar de filho de um modesto ferreiro, foi á Inglaterra especialmente para estabelecer a sua arvore genealogica. Não é de admirar, portanto, que Frei Gaspar obedecesse ás mes-

mas preocupações quando dizia dos seus maiores : "A nobreza côm que Martim Affonso povoou São Vicente, foi mais numerosa e mais distincta do que suppõem até os mesmos que della descendem". Com ellé se acha o autor do *Santuário Mariano* : "A villa de Santos he uma das quatro principaes capitancias de S. Vicente, e dista de S. Paulo 12 leguas. Povoou-a Martim Affonso de Souza de muito nobre gente que consigo levou de Portugal".

Vejamos um pouco quem era e de quem provinha essa nobre gente.

NOBREZA COLONIAL

Seria tirar a unidade deste estudo, intercalarlhe outro. Deixo, por isso, de lado a enumeração dos companheiros de Martim Affonso de Souza. A *Nobiliarchia Paulista* de Pedro Taques não é, senão a historia dos seus cruzamentos, que irradiaram por todo o Brasil, levados pelos bandeirantes. Não me posso, porém, furtar a algumas curiosidades. A familia de Pedr'Alvares aqui já se achava no seculo XVI, representada por Branca Cabral, sua bisneta, casada em 1547, com Simão da Costa. Os Godoys de Castella, os Rendons, de Leão ; os Contreras, Espinosas, Escobar e Zunigas (um dos quaes deu o nome ao actual largo do Paysandú, outr'ora "Tanque do Zuniga"), vindos do Paraguay ; os Barros, que são Paes e Penteados, e quando aqui chegaram, já vinham providos em cargos de capi-

tães-mores e ouvidores ; os Schetz, opulenta familia de Antuerpia e possuidores do engenho dos Erasmos ; os Lemes de Bruges, que deram almirantes á França ; os Taques, que descendiam de um porta-estandarte d'el rei d. Sebastião ; os Ponce de Leon, os Laras, os Toledos, os Pisas, os Sotto-Mayor ; toda essa gente de grande linhagem aqui se cruzou com a grei da terra, formada dos descendentes dos colonos Martim-affonsinos, já fundidos com os aborigenes.

Seria um erro imperdoavel pensar que essa gente tinha todas as selecções que um "linhagismo" cégo busca deduzir da sua origem. Não. Tinham a selecção do sangue e não era pouco. Quanto ao mais, deviam pagar e pagaram o tributo devido ao tempo e ao meio.

Não eram ricos, nem instruidos. Tinham vindo em busca da riqueza facil das minas, attrahidos pelo sonho que dominava a Europa. Ruralizavam-se á força : tinham de plantar e criar para comer. Apresavam indios porque necessitavam de braços. Mas iam desbravando e cultivando. E com o seu esforço pessoal e egoista, a Providencia ia traçando os lineamentos da Chanaan.

OS JESUITAS

Qual a moralidade dos colonos Martim-affonsinos ? — Era optima, apesar de um ou outro desvio individual.

A austeridade de D. João III imprimira-se nos seus vassallos de um modo profundo. Nenhum paiz teve um nivel moral mais alto do que Portugal sob o seu reinado.

O elemento educador dos jesuitas, que chegaram logo depois dos Martim-affonsinos, encarregou-se de disciplinal-os e cohibil-os, a elle e a seus descendentes. Procurando desde logo criar a familia brasileira á sombra da religião, não toleravam o amor livre. Só lhes fugiam á influencia certos filhos de João Ramalho, que se afastaram de Piratininga e de quem Anchieta amargamente se queixa.

Não ha episodio mais significativo da severidade de costumes dos tempos do que o de Pedro Dias, leigo da Companhia. Tomou-se de amores por Teberêbê, filha de Tibiriçá. O tempo, as circumstancias e os costumes indigenas facilitavam que a possuísse sem formalidades. Inda não tendo professado, a sua québra do celibato seria venial. Não pensaram assim os padres. Solicitaram de Roma um relaxamento de voto. E foi o proprio Ignacio de Loyola quem, por uma carta que ainda existe, o mandou a Luiz da Gran, que realizou o casamento.

Tiveram os americanos os *Pilgrims*. Nós tivemos os jesuitas. E não sei quem foi aquinhoado melhor. De toda essa geração de santos e educadores, que culminou em Anchieta e Nóbrega, é impossivel avaliar o que recebemos. Por um desses paradoxos em que a historia é fertil, a sua obra veio completar a dos seus velhos e irreductiveis inimigos :

os bandeirantes. Tanto é exacto, que o homem trabalha como esses tecelões da tapeçaria : pelo avesso da t'ela que se vae formar !

Os jesuitas são ferteis em surpresas. Quem é aquelle missionario que, acompanhado de indios, desce, dias e dias, um rio immenso, cercado de f'eras e inimigos, dormindo ao relento, expondo a vida de instante a instante ?

Será Antonio Vieira na exploração do Amazonas ? Não póde deixar de ser. Só elle, cujas missões apostolicas representam quatorze mil leguas de percurso, parece ter encontrado um rio tão grande... Engano. E' o padre Marquette descobrindo o Mississipi.

RELAÇÕES COM INDIGENAS

Grandes atrocidades, explicaveis aliás, pelos tempos, mancham as nossas relações com os indigenas. Mas não estamos sozinhos. A destruição das missões, por Antonio Raposo e outros, equivale ao exterminio dos Pokanokets, a cujo cacique Metacam, por alcunha Rei Philippe, cortaram o corpo em pedacinhos, cerceando-lhe mãos e cabeça postos a premio por 30 shillings. Accusam os nossos colonos de incitar os indios á embriaguez, fornecendo-lhes alcool mais forte que o de "cauim". Outro tanto se deu nos Estados Unidos como consta do *Relatorio* de EDWARD RANDOLPH a Philippe V. Os iroquezes desapareceram pelo alcool, que os

deixava como loucos. Deixar peças de roupas usadas por variolosos para contaminar os indios, foi tambem uma atrocidade commum aos dois paizes. Ante os sentimentos da época, que consideravam o indio um animal nocivo, contagial-os de bexigas era tão innocente como dar veneno a ratazanas.

Mas os jesuitas, além de condemnarem essas atrocidades, sempre se bateram pela liberdade dos indios. As lutas e perseguições que soffreram não tiveram outra causa. Nobrega, o primeiro jesuita que poz os pés no Brasil, ao desembarcar fez questão de sahir da nau com uma grande cruz ás costas. Mal sabia elle que bem mais pesada era a que o esperava em terra : a defesa dos aborigenes !

Nesse particular a nossa evolução divergiu da Norte-Americana. Lá se formou e se seguiu em ponto grande a mentalidade que Varnhagen, teutão de origem, embalde quiz implantar aqui : a do exterminio do indio.

Os nossos dois grandes problemas eram o indio e o negro. Graças á formação moral, recebida dos jesuitas e que, mesmo depois delles expulsos, inda nos moldava inconscientemente os sentimentos, sempre os tivemos por irmãos, num grau accidental de inferioridade, mas irmãos. A Providencia nos recompensou desse espirito christão. Confinados na domesticidade, ou nos mistéres inferiores, o colono estrangeiro, principalmente o portuguez, que aqui aporta, e pertence ao mesmo nivel, cruza-se com elles e branqueia o pigmento de seus descen-

dentés. Não temos problemas ethnicos. Uma evidente evolução caucasica em menos de um seculo terá feito, talvez, desaparecer os ultimos vestigios dos chamados sangues inferiores.

Façamos, porém, um oasis nesse deserto de piedade. Nem só nas durezas tem a nossa, analogia com a historia norte-americana.

PARAGUASSU' — POCAHONTAS

Uma formosa india, a mesma que salvára a vida de John Smith, pensando que este morrera, acceita a côrte de outro colono com quem se casa. Vae a Londres e é recebida pelos reis, que não acham desdoiro receber Rebecca, lady Rolfe, a antiga "princesa" Pocahontas.

Não parece a historia da Paraguassú, casando-se com Diogo Alvares e recebida na côrte de Henrique Segundo e Catharina de Medicis?

MINERAÇÃO E MACHINA

Tivemos precotemente o surto da mineração. Foi a nossa desgraça, essa illusão de riqueza. Della quem mais depressa se forrou foi São Paulo, quem, como observou Arthur Orlando, "tendo a suprema ventura de lhe tirarem em 1720, Minas, em 1738, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, e em 1748 Goyaz e Matto Grosso, dedicou-se á criação de gado

e á cultura dos cereaes". Minas demorou mais tempo a convalescer da sua riqueza.

Todos os braços foram distrahidos para a industria extractiva, cujos productos eram enviados para além-mar, não deixando aqui nem poeira das barras em que se amoedava o ouro. Enquanto isso, os Estados Unidos plantavam, criavam e exportavam. Nós mandavamos capitaes para a Europa. Elles recebiam-nos. Não nos era permittido ter uma fabrica nem um prelo. Elles enriqueciam e liam. Quando começaram a extrahir o ouro do Klondyke, já estavam agricolamente organizados. Só lhes restava esperar o ferro e o petroleo. Outra razão concorreu para elles subirem, enquanto nós estacionavamos. A actividade fabril sempre nos foi vedada. O "mecanismo" era uma derogação: representava o envilecimento. O nosso divorcio da machina, o segredo do mundo moderno, representava a maldição para o nosso trabalho, reduzido a um decimo do seu rendimento. Tarde nos libertámos desse estúpido preconceito de que inda estamos soffrendo as consequencias.

E' verdade que os Estados Unidos sustentaram guerras com os francezes e inglezes pela sua independencia. Nós tambem tivemos a nossa, comquanto menos visivel: a guerra do tronco com o mata-pau. Portugal, sugando-nos a seiva, não foi menos que uma guerra: deixou-nos exangues.

Ninguem se orgulha mais do que eu da raça portugueza. Meu livro, *O Brasil e a Raça*, é

um hymno ás suas qualidades atavicas. Posso dizer a verdade. Portugal, com a sua politica colonial, no seculo XVIII, exauriu-nos. Mas não ficava com o nosso ouro. Deixava-o absorver pelo commercio inglez, que fazia com elle o que elle fazia comosco : impunha-lhe os productos das suas manufacturas. Nas *Aventuras de Munckausen* ha um trecho curioso. O famoso barão, depois de um grande combate, cheio de cutiladas de rachar, desaltera o seu cavallo num rio. Passam-se minutos e minutos... O cavallo não pára de beber... O gineta, intrigado, quer vêr até onde vae aquella sêde, que o pasma. De repente, qualquer coisa o faz olhar para traz. Vê o corcel cortado pelo meio, mas bebendo... E' a imagem de Portugal comosco. Tinha uma sêde inextinguivel do nosso ouro, que aliás, nesse tempo, era legitimamente seu. Mas não o guardava. A Inglaterra cortára-o pelo meio, como o tordilho de Munckausen. Quando a Inglaterra quiz fazer o mesmo com a America Ingleza, esta sacudiu o seu jugo. Dahi levar-nos quasi um seculo de luz no campo do progresso.

Que resulta deste estudo? Que a expedição de Martim Affonso de Souza equivale á da "Mayflower", á qual antecedeu nada menos de oitenta e oito annos.

Não nos deixemos magnetizar pela dramaticidade da intransigencia religiosa. Se falta aos Martim-affonsinos aquella concentração de vida inte-

rior que se sente nos "*Fathers*", que emigravam para conservar a pureza da sua confissão religiosa, tiveram elles, no emtanto, certas qualidades não somenos : a audacia, o denodo, a ambição, o zelo do nome, a tenacidade, a fé.

E' um erro pensar que os catholicos da época valiam menos que os lutheranos e calvinistas. Os "*Pilgrims*" eram os seus proprios sacerdotes. Carver, Brewster, Winslow, Bradford, o proprio John Robinson, valeriam mais que Luiz da Gran, Leonardo Nunes, Nobrega, ou Anchieta? Os seus discipulos valeriam mais que aquelle leigo, de que nos fala Frei Bartholomeu dos Martyres, que fez questão de morrer com o Padre Ignacio de Azevedo e seus companheiros, recusando a vida ao huguenote que lh'a queria salvar, uma vez que não era Padre?

Outra conclusão logica dos factos narrados neste estudo é a de que tanto aqui como nos Estados Unidos, o movel principal da colonização foi o ouro, e que, como sempre acontece, a máttula de aventureiros e desclassificados acorreu pressurosa, nas mesmas aguas que os bons elementos. Outra, que um confronto do São Vicente em 1650 com a Nova Inglaterra e a Virginia da mesma época não nos envergonha, pelo contrario.

Começamos 'a vida independente em condições muito inferiores ás dos Estados Unidos, sendo o nosso periodo de opulencia um factor de decadencia e não de progresso. A formação moral dos jesuitas, porém, compensou a nossa pobreza. Embebeu-nos

o coração de humanidade. Formou uma raça que deve ser, não a ignominia, mas o orgulho dos que lhe pertencem.

O ABOLICIONISMO

Tiveram os Estados Unidos a guerra da Secessão. A sua causa principal para muitos espiritos americanos, e dos mais altos, não foi a libertação dos escravos dos Sul. O que movia os chefes da Virgínia era a vontade de, libertando-se do Norte, formarem uma grande nação independente, que pudessem dirigir e explorar a seu talante. O "*Dred Scott case*" foi uma oportunidade e não um motivo. O Sul era riquíssimo. A exploração do fumo e principalmente de algodão, dava-lhe indiscutível primazia sobre o Norte.

O abolicionismo nunca foi popular nos Estados Unidos: "*Nobody more hated and despised than the abolitionist*".

Esse testemunho da impopularidade dos abolicionistas é de Bushnell Hart, cujas obras são classicas e da maior autoridade na historia americana. Propagandistas houve que, não se conformando com o regimen da rolha generalizado, cahiam sob o da bala, como Blijah Loveloy, assassinado em Alton. Salmon P. Chase, em cujo escriptorio, na rua 3, em Cincinnati, nasceu o partido republicano, que hoje governa os Estados Unidos, e ministro da Fazenda de Lincoln, fazendo uma conferencia numa escola, a

algumas milhas de Cincinnati, foi vaiado e recebeu uma saraivada de ovos. Os amigos pessoases (escravistas todos, como se vê das *Memorias de Donn Piatt*, que narra o episodio), os amigos pessoases que o acompanhavam como guarda-costas, sahiram de pistola em punho, atirando para o ar, para debandar os apedrejadores. Ao voltarem, Chase ainda limpava o rosto com o lenço e continuava impassivel o seu discurso. *Donn Piatt* confessa que para elle e para a maioria dos seus compatriotas, um abolicionista "era não sómente um ladrão-negro, mas ainda um associado de negros e um perturbador da paz". Esse odio de raças ainda hoje perdura nos Estados Unidos, provocando o mais sério dos seus problemas.

"UNCLE TOM CABIN" E "VOZES D'AFRICA"

Nessa atmospheria de rancor ha, comtudo, largos trechos de azul. Houve grandes caracteres que resistiram á hostilidade geral. Basta lembrar a figura compassiva e suave de Fanny Kemble, orvalhando com a sua piedade o immenso martyrio negro, de Harriet Beecher Stowe, com o seu celebre livro e de William Garison, o José do Patrocinio "yankee". Ainda neste particular, é flagrante o nosso parallelismo. Castro Alves representa entre nós, com as "Vozes d'Africa" e o "Navio Negreiro", o mesmo papel que Beecher Stowe com a "Uncle Thomas Cabin", obra de que se disse: "foi um dos mais poderosos elementos para a criação do Par-

tido Republicano, para a eleição de Lincoln e para o proselytismo abolicionista". (EDWIN P. WHIPPLE, "in" *First Century of Republic*", pag. 393).

"HARPERS FERRY" E "JABAQUARA"

Entre os factos importantes da nossa abolição, contam-se a incitação á fuga e o homizio aos evadidos. Quintino de Lacerda preferiu essas ás outras armas ; dahi a formação do quilombo do Jabaquara. Um norte-americano, a quem essa idéa da redempção devia custar a vida, John Brown, fez da sua fazendola de "Harpers Ferry" no Kansas, o "Jabaquara" yankee.

"MONITOR" e "AMAZONAS"

Voltemos á guerra da Seccessão. Gigantesca, como tudo que é yankee, custou um milhão de vidas e cinco bilhões de dollars ouro. Não trouxe nenhum augmento territorial á grande nação, que se limitou em recolher as ovelhas tresmalhadas ao aprisco da federação. Inda ahi o nosso destino se aproxima do norte-americano. A nossa guerra com o Paraguay onde o embate de homens e as despesas foram arithmeticamente menores, mas se estabelecermos uma proporcionalidade, quasi equivalentes, não nos deu tambem um palmo de terreno. Consolidou, porém, a unidade nacional, extinguindo aspirações separatistas, que a endosmose platina fizera surgir

no sul, e criou entre as diversas unidades provinciaes, um laço de tradições heroicas e soffrimentos communs. Em quantos trechos a nossa campanha não lembra a do Norte! A nossa situação deante das correntes de Humaytá era a mesma do "*Monitor*" ante as blindagens inexpugnaveis do "*Merrimac*", a Humaytá fluctuante dos escravistas.

A manobra de Barroso no *Amazonas*, fazendo da prôa ariete, é a de Farragut, no "*Harford*", expugnando as defesas de Mobile-Bay, chave do porto de Nova Orleans.

ENCILHAMENTO

Tivemos encilhamentos no Imperio, como o do periodo Souza Franco, e crises commerciaes e bancarias, como a que levou á ruina a grande casa Bahia. O mesmo occorreu nos Estados Unidos, onde, logo depois da guerra, se desenvolveu uma especulação infernal e onde só em 1873 as fallencias montaram á cifra de 225 milhões de dollars, isto é, um milhão e oitocentos mil contos. Cambio vil, insolvabilidade, moratoria, jorros de papel moeda desvalorizado, todas essas vicissitudes comprehensíveis, se não desculpaveis num povo que se organiza, tudo isso se deu nos Estados Unidos. Quando, ha dois annos, fiz esta mesma observação a Brown Scott, elle me respondeu com a velha phrase latina: "*Arcades ambo*".

TERRITORIAL CLAIMS

A similaridade de phenomenos de toda a ordem entre as duas nações podia continuar quasi indefinidamente. A marcha para o oeste e a conquista dos desertos, são em ambos o inicio da opulencia. Acompanham-nos os mesmos incidentes : a espoliação dos indios e o simulacro de titulos legitimos. Os "grillos" de terra não são invenção dos nossos piratas forenses, como muita gente suppõe. Antes delles criarem o theodolito do "olhometro", como disse Monteiro Lobato, já argutos cartularios forjavam documentos e até livros para estribarem "territorial claims", que ás vezes não passavam de "grillos" em ponto grande, de "grillos" inter-estadaues.

Se a historia norte-americana fosse, como devera ser, mais conhecida entre nós, vêr-se-ia que as linhas geraes do nosso desenvolvimentos equivalem ás della, com pequenas variantes oriundas de causas occasionaes que o tempo fará desaparecer. Uma grande barreira impede-nos, mais que a distancia, o conhecimento da historia norte-americana : a lingua.

Quando esta não existé, surge outro empecilho : a careza do livro americano e a falta de estabelecimentos que lhe facilitem o accesso. De modo que muita gente pensa que a historia dos Estados Unidos tem tantos pontos de contacto com a nossa como a dos Marcianos...

Para muitos, apesar da sua evidencia e da sua imperiosidade, as nossas observações sobre os pontos

de contacto existentes entre as duas raças serão tendenciosas e forçadas. Paciencia ! os que conhecerem a historia americana terão de confessar-lhes a procedencia.

Incomprehensivel á primeira vista, esse phenomeno de parallelismo tem contudo a mais simples das explicações. Ambos os paizes são filhos da colonização. Ambos nasceram na mesma época historica. Ambos foram o receptaculo de grandes correntes immigratorias. Ambos tiveram uma só base economica no escravo. Ambos tiveram de conquistar o seu sólo ao indigena. Ambos são christãos, comquanto de confissões differentes. Ambos são republicas há quasi um seculo, não se podendo tomar senão como um accidente secundario a republica coroada que foi o segundo imperio no Brasil. Tanto os Estados Unidos como o Brasil, são aspectos do mesmo phenomeno : a ascenção da America nos destinos do universo, corollario fatal da sua grandeza e das suas infinitas possibilidades, deducção logica de premissas eternas, que não escaparam ao genio de Burke e Canning ao proferirem as suas famosas prophcias.

Não foi outro o motivo pelo qual Ruy Barbosa calcou a nossa sobre a Constituição Norte-Americana. A similhaça de phenomenos sociaes e politicos aconselhava a similhaça de leis. Não colhe o argumento da differença de raças. Embora os Estados Unidos sejam a transplantação de instituições inglezas, estudos recentes começaram a provar que tam-

bem foi muito largo o contingente da Hollanda. E isso não impediu os frutos admiraveis da sua adaptação.

RELAÇÕES BRASILEIRO-YANKEES

Mesmo quando mais violento nos Estados Unidos o sentimento sobre a fórma republicana, as suas relações com o Brasil Imperial eram mais estreitas do que com todos os outros governos da America. Foram elles os primeiros a celebrar o reconhecimento da nossa independencia ; foram elles que deram a um brasileiro a honra de resolver a pendencia mais importante até então sujeita ao arbitramento : o caso do "Alabama", um de cujos arbitros foi o Barão de Itajubá ; foram elles que, com o Laudo Cleveland, resolveram o caso mais debatido das nossas questões de fronteiras. A primeira vez que uma testa coroadá visitou os Estados Unidos foi quando lá aportou D. Pedro II. A primeira vez que um Secretario de Estado sahio dos Estados Unidos, foi quando Elihu Root veiu ao Brasil.

Quando estalou a grande conflagração, duas grandes vozes symbolizaram a America : Ruy Barbosa e Woodrow Wilson, pela ordem chronologica das suas attitudes. O primeiro representava uma força que desaparecia ante a do colosso do Norte. Mas as nações a quem elle levava o seu contingente receberam o seu concurso com um respeito mesianico, não menor que o votado ao seu companheiro

do Norte, affirmando que elle fôra “um momento da consciencia humana” e assegurando-lhe o respeito que merecia no Universo, pela votação em primeiro lugar que lhe deram para juiz da Côrte Permanente de Haya. Cabia á America, pelo pensamento e pela força, reivindicar a eternidade do direito servido pela força contra a força divorciada da justiça. Mais uma vez seguiam juntas as duas nações. As linhas parallelas, desta vez humanizadas, tinham uma evidencia material : chamavam-se Ruy Barbosa e Woodrow Wilson.

CONTRIBUIÇÕES NORTE-AMERICANAS

O que o mundo deve aos Estados Unidos no terreno material é quasi impossivel de enumerar. Os systemas de aquecimento das casas ; o gelo artificial ; as cercas de arame ; os ascensores ; a pavimentação a asphalto e a madeira ; as metralhadoras ; a dynamite ; uma infinidade de machinas agricolas e industriaes ; o ar comprimido para a mineração ; novas ligas metallicas ; os aparelhos de segurança das estradas de ferro ; a fabricação parcellada dos elementos de qualquer machina ; a “standartização” dos productos ; a bicycleta ; a motocycleta e o automovel ; a machina de escrever, primeiro ideada por um padre brasileiro ; as linotypes ; o telephone ; a luz electrica ; o bonde, enfim, as mil applicações da electricidade, cujo mago é o grande Edison, honra e orgulho da humanidade.

E' muito ! Mas ha mais a enumerar. As machinas de fição e tecelagem de Mac Cormick ; a machina de costura de Elias Howe, aperfeçoada por Singer, a vulcanização da borracha, conseguida por Good Year ; a applicação da daguerreotypia ao retrato por Draper, inicio das maravilhas da photographia moderna ; a anesthesia pelo ether, de Morton e Jackson, á qual a cirurgia deve os seus melhores progressos ; as rotativas de Richard Hoe, que tornaram possiveis as fantasticas edições dos jornaes modernos. Todas e cada uma dessas descobertas ou aperfeçoamentos, todos do seculo passado, representam para a Humanidade um beneficio real e, portanto, um serviço que ella deve aos Estados Unidos.

No terreno da assistencia humana, a sua acção não tem similares no mundo. Os seus millionarios criaram universidades, bibliothecas, hospitaes, asylos, museus, instituições de hygiene e prophylaxia que em toda a parte parecia só caberem nas forças dos governos. A obra de Andrew Carnegie e John Rockefeller tem proporções que assombram tanto como os "sky-scrapers" da City.

LIÇÕES NORTE-AMERICANAS

Quanto podemos aprender com o exemplo americano ! A marcha para o Oeste é a tangente da nossa opulencia. O seu amor á lavoura, o segredo do nosso futuro. Mas a grande lição que devemos

tirar de seu exemplo é o orgulho de nós mesmos. Immensa caldeira de raças : fusão de todos os sangues da Europa, os Estados Unidos souberam criar uma unidade ethnica, um typo nacional que é um milagre de força e robustez nos homens e de belleza nas mulheres.

Quando John Ruskin comprou dez aquarellas de Holmann Hunt, para enfeitar as escolas publicas de Londres, afim de que as crianças crescessem no contacto da belleza, não suppunha que o seu exemplo seria seguido um dia nos Estados Unidos. Alli, hoje, os museus periodicamente se desguarnecem de suas obras primas, que, transportadas para as escolas, lhes levam os seus typos ideaes. Se é exacto que depois das obras de Phidias appareceram typos humanos que se assemelham ás suas estatuas, talvez não seja temerario deduzir dessa familiaridade com as obras primas da arte o nascimento do typo americano. Póde ser temeraria a conjectura ; mas tem abonos. Se a conhecesse o velho Montaigne com aquella preocupação do facto concreto, que lhe dá tanto sabor, talvez commentasse : "As ovelhas de Jacob nasciam da côr das varas postas ante os olhos das mães. A filha de Caricléa, rainha da Ethiopia, nasceu linda e branca. Parecia-se com o retrato da Andromaca, que era o embevecimento da mãe".

FUSÃO RACIAL

Escreptores norte-americanos assignalam que, já em 1700, os descendentes dos colonos primitivos

de raça ingleza eram submergidos pela massa adventicia dos hollandezes, suecos, allemães, francezes, escossezes e irlandezes. Já nessa época os americanos legitimos não constituíam senão um terço da população. Mas o nucleo primitivo, graças á educação, poude conservar energica e cohesa uma consciencia nacional que acabou por absorvel-os. Grande exemplo. O estrangeiro de origem ou descendencia immediata não constitue senão um decimo do nosso total demographico. Donde devemos concluir que o Brasil, por sua vez, nada tem a recear da fusão dos varios sangues estrangeiros que lhe correm nas veias.

Objectar-me-ão, talvez, com a influencia africana, hem menor do que parece. Já demonstrei a inanidade desse preconceito, que a sciencia já abandonou (*O Brasil e a Raça*). Não vale a pena perder tempo com elle. Um cruzamento evolutivo encarregou-se de reduzil-o a um factor infimo nos destinos da raça.

Quando mais não fosse, os Estados Unidos nos ensinariam a crêr em nós mesmos. Não vejo mal maior do que duvidarmos das nossas forças e das nossas possibilidades. A convicção da inferioridade é um começo de paralyisia, que enfraquece e envenena todo o organismo. E' a mais fatal das inibições. O exemplo dos Estaods Unidos, filhos da mais variada mescla ethnica que se conhece, nos convence de que a nossa deficiencia racial é um méro fantasma, que só póde ser acolhido por espiritos derrotistas. Sou dos que pensam com o Sr. Paulo Prado

(não o do *Retrato do Brasil*, que devia antes chamar-se *Mancha do Brasil*, palavra que, na sua dupla accepção pictural e nodoante, lhe quadra-ria melhor) mas com o da *Paulistica*, penso com o benemerito discipulo de Capistrano de Abreu, que o Brasil já é “uma esplendida realidade”.

A EDUCAÇÃO

Se quizermos descobrir a mola mestra da grandeza norte-americana, não precisamos ir buscá-las origens da nacionalidade. Entregue a si mesmo, abandonado, o fundo moral e religioso dos norte-americanos, herdado dos Puritanos e dos Quakers, cedo desapareceria sem deixar vestígios. Não ha planta que se desenvolva se não a tratam. Mas a grande nação comprehendeu que a cultura humana tem as mesmas necessidades que o cultivo da terra. Antes de mais nada, empenhou-se em criar homens. Fez da educação o plexo cardiaco do seu organismo. Assentou a sua instrucção em bases de uma solidez e de uma largueza que desafiam confrontos. O cuidado que Frederico da Prussia deu aos seus soldados, os Estados Unidos deram-n’o aos seus educandos. Na época de Horace Mann nenhum paiz da Europa podia competir com elles, não só nas questões de pedagogia como no interesse com que o espirito nacional as acompanhava, collocando-as num nivel muito superior ao das paixões partidarias.

Emerson asseverou que as gerações se formavam

cincoenta annos antes. Que vantagem não levam os Estados Unidos a todos os outros paizes, tendo sido os primeiros a comprehendel-o !

Nada mais ingenuo do que pensar que a grandeza norte-americana é filha apenas da opulencia do seu sólo. Este, não ha duvida, é um dos factores essenciaes. Mas outro se lhe avantaja : a formação cuidadosa do homem que o explora. Com o seu profundo senso pratico, o americano comprehendeu que todos os thesouros da terra estão abaixo deste : o thesouro humano, a cultura e a energia pessoal sem as quaes tudo o mais não vale nada. Porque tudo o mais fica por fazer.

Esse é o grande exemplo que nos dão os Estados Unidos, cujo esplendor, cuja opulencia, cuja hierarchia no universo, cuja gigantesca contribuição para o aperfeiçoamento da especie nos estão gritando : dêem homens ao Brasil.

A DOCTRINA DE MONROE

Vae o Senhor Hoover sentar-se na cadeira glorificada por Washington e Lincoln. O que deve elle esperar de nós? O que devemos esperar d'elle?

Nós lhe votamos toda a sympathia e admiração que nos merecem tanto o seu grande paiz, como a sua formidavel personalidade. Pensador e realizador, conhecedor dos phenomenos mais complexos da politica e da vida economica universal, como provou a sua miraculosa intervenção na grande guerra,espi-

rito religioso e justo, como os que mais o sejam, o Presidente Hoover vae em breve receber "a graça da funcção", essa influencia mysteriosa, immanente aos altos postos e que se vê illuminar de uma sabedoria desconhecida até aquelles chefes da egreja que maiores tributos pagaram ás fragilidades humanas. Da altura de onde vae exercer o seu dominio, peado, theoreticamente, de restricções constitucionaes, mas, na pratica, dotado de um poder de que não disputaram nunca os monarchas absolutistas da Europa, o Presidente eleito dos Estados Unidos ha de medir com segurança os seus deveres para com seus conterraneos, para com os seus vizinhos, para com a America, para com a Humanidade, e finalmente para com os imperativos moraes que as outras nações collocam no dever e que a sua raça, privilegiada entre todas, colloca no Senhor das Nações.

As outras nações americanas esperam delle a tranquillidade e a segurança que os mais fracos e menos armados só podem esperar da consciencia dos mais fortes. Para que o titanismo dos Estados Unidos não se torne uma ameaça aos seus irmãos americanos, é preciso antes de tudo que a doutrina de Monroe não passe aos olhos da moderna geração de um "obsoleto shibboleth", como a definiu Canyon.

Um dos nossos grandes escriptores, Eduardo Prado, escreveu *A Ilusão Americana*, hoje de divulgação universal, graças ás traducções e commentarios em lingua castelhana. E' forçoso convir que muitas das previsões pessimistas desse genial

libello accusatorio se realizaram, embora sempre com o protesto de grandes consciencias norte-americanas. Não creia o Sr. Hoover quando lhe disseram que as nações americanas estão tranquillias. Em todas ellas, ha espiritos que julgam que o livro de Eduardo Prado ainda está em plena actualidade.

Não pertenço mais a esse numero. Embora reconheça que os impulsos da ambição são tão allucinados como os da fome, hoje que os Estados Unidos são o paiz mais rico do mundo, penso que delles estejam isentos. Não repete as tragedias da Torre de Ugolino quem está na da Abundancia. Demais o paiz onde sempre mais opposições encontrou o imperialismo monroista foram os proprios Estados Unidos.

Crendo que o periodo de sua organização está completo ; que o cyclo do seu "devorismo", em certo ponto confundido com as necessidades da sua defesa, se encerrou ; que a doutrina de Monroe não mais será interpretada como a bandeira negra da pirataria territorial ; que a interpretação que lhe dão espiritos da altura do Elihu Root será a que vingue doravante nos seus estadistas, penso que os Estados Unidos começarão a dar largas aos sentimentos de solidariedade humana, que têm sido a inspiração dos seus maiores estadistas.

Penso que acabou a "Illusão" e que ahi vem a "Realidade Americana".

A nossa attitude ante os Estados Unidos deve ser a de amigos dedicados, mas não exclusivos. Não

podemos esquecer o que devemos á Europa, principalmente á Inglaterra, durante todo o decurso da nossa vida independente. Mas tudo indica que elle deve ser o melhor dos nossos amigos, desde que só nos peça o que John Robinson, para quem Deus e a Justiça se confundiam, pedia aos *Pilgrims* no seu "Adeus": "Só me sigam enquanto eu não me afastar do caminho da Justiça". "Follow me no further than you shall see me follow God".

O Presidente dos Estados Unidos, na sua circumnavegação do continente, precisa colher impressões sinceras a respeito do seu paiz. Cobril-o-ão de rosas e louvores. Cercal-o-ão de applausos. Mas entre os carinhos e aclamações, o seu espirito pratico, o seu scepticismo benevolo ha de sentir o laivo das apprehensões e o estremecimento do receio. Ninguem, com a responsabilidade de posições officiaes, ousaria dizer-lhe que é chegado o tempo do seu grande paiz entrar no caminho dessas promessas que a humanidade tem o direito de esperar da mais poderosa das nações do Universo, no momento em que attinge ao apogeu da sua grandezza. E' preciso que um escriptor sem outras responsabilidades que não as pessoases, e com a insuspeição de filho do paiz americano cuja politica está mais estreitamente unida á do seu, lembre-lhe que já passou para este o tempo dos direitos e que é chegado o tempo dos deveres, e que os Estados Unidos precisam definir o conceito actual da doutrina de Monroe. Ninguem mais autorizad que o Presidente Hoover, nenhum mo-

mento mais opportuno que este. Se o chefe da mais formidavel das nações contemporaneas interpretar Monroe como a solidariedade e não como a conquista, a America inteira terá para elle os olhos que seus compatriotas têm para o patriarcha de Mount-Vernon.

Lincoln crystallizou, num periodo rigido e luminoso como um diamante, os principios que o norteavam depois da terrivel guerra, a cujos destinos presidira : "Malicia para ninguem ; benevolencia para todos, firmeza no direito. Uma vez que Deus nos concede vêr o caminho verdadeiro, perseverar nelle. Fazer todo o possivel para estabelecer uma paz douradura, tanto interna como com todas as nações". O Presidente Hoover conhece o caminho verdadeiro. A America espera e confia que nelle persevere. Para que, ao fim do seu governo, depois de ter contribuido quanto em si coube para deixar no mundo uma parcella mais de justiça e aperfeiçoamento moral, possa repetir estas palavras de um dos seus poetas, em que perpassa um sopro de orgulho :

"O beautiful ! My country ! What were the world without thee !!

A organização do Brasil

Conferencia realizada em
22 de Janeiro de 1932 em
S. Vicente.



“**O**S brasileiros devem orgulhar-se tanto da expedição de Martim Affonso como os americanos da “Mayflower”. Se já tivéssemos espirito nacional ; se soubéssemos o que é tradição e o seu character educativo ; se já tivéssemos comprehendido que o divino egoismo da patria é a forma mais elevada do instincto de conservação ; se seguissemos, no que tem de bom, o exemplo dos norte-americanos, que guardam no Capitolio de Boston, como uma reliquia, a *Relação* de Bradford, — passando, a 22 de Janeiro de 1932, isto é, dentro de poucos mezes, o quarto centenario da expedição de Martim Affonso, já a estas horas um grande movimento de investigação estaria colligindo quanto se lhe refere para commemoral-a condignamente”.

Essas palavras foram escriptas em 1929, pelo brasileiro que tem a honra de vos falar nesta solenidade.

Graças a Deus que a expectativa implicita naquelle appello foi ultrapassada, e que S. Paulo ainda achou forças, nos atormentados dias que estamos vi-

vendo, para a magnificencia e o esplendor desta commemoração, que vale por uma affirmação de energia e de fé.

A data de hoje é a mais alta da nossa historia. E' o verdadeiro natalicio do Brasil. Pedro Alvares revelou-lhe o territorio. Martim Affonso trouxe-lhe o espirito, a vida, a alma que iam animal-o.

Bem podia Malheiros Dias, na *Historia da Colonização Portugueza no Brasil*, monumental archivo das nossas origens, dizer que elle trazia o embryão de um mundo. Em verdade, Martim Affonso trazia a bordo da sua armada o Brasil.

Todos os lineamentos do Estado ahi se desenhão. A'quella sociedade primitiva não falta um só dos elementos essenciaes. E' só deixal-os crescer e ahi está o Brasil de hoje. Vida religiosa? — Não veiu o capellão? Vida juridica? — Não veiu o juiz? Vida administrativa e politica? — Não veiu o Governador Geral para organizal-a? Vida nacional? — Não veiu Portugal para crial-a, defendel-a, garantil-a?

Não veiu só Portugal, veiu tambem o portuguez. Veiu o portuguez, o mais eugenico dos povos, o sangue dotado do maior poder assimilador que se conhece. No cruzamento com outras raças a sua casta prevalece e redul-as, ao cabo de certo tempo, á sua especificidade. Graças a ella as nossas sub-raças se amalgamaram num producto que é a synthese, o resumo, a flor e que será um dia a gloria da raça latina.

Anthropologicamente forte, a obra do portuguez no Brasil corresponde á sua rizeza. Só no capitulo das fortalezas com que elle nos conseguiu defender da cobiça estrangeira, haveria um mundo de coisas a dizer. Não ha um ponto das nossas costas, que precisasse de um forte, que lá não o encontremos. As obras das fortalezas de Santa Cruz e do Principe da Beira parecem de titans.

Não foi ao Deus dará que cresceu o Brasil. Foi com a vigilancia e o trabalho,. Foi defendendo seus portos e fronteiras. Foi consolidando a paz por um grande preparo para a guerra. Foi criando gerações e gerações de engenheiros militares, inexcediveis e inexcedidos na época, como esses admiraveis Alpoim, André Ribeiro e Fortes que a recente obra de Felix Pacheco, modelo de exegese e de bibliophilia, veiu pôr em tão grande evidencia.

Medida do que foi o engenheiro militar portuguez seicentista, temol-a na Trindade. O corte do Porto da Canôa, num rochedo a pique, é um trabalho cycloptico. O artilhamento desse rochedo vulcanico e o seu povoamento, tão difficil que foi abandonado, demonstram uma energia sobrehumana.

A POLITICA DO SEGREDO

O Brasil já era conhecido de Portugal antes da expedição de Pedro Alvares. Duarte Pacheco Pereira, o autor do *Esmeraldo de Situ Orbis*, o deixa provado em mais de um trecho : "... e na quarta

parte (da terra ou Quarto Continente) e na quarta parte que Vossa Alteza “mandou descobrir além do oceano”, assim escrevia elle a D. Manuel.

Pedro Alvares Cabral veio officializar o conhecimento do Brasil e documentar a prioridade portugueza na sua conquista. A “politica do segredo”, mantida á custa de ingentes esforços, estava prestes a ser conhecida. Era um golpe habil inutilizal-a, antes que os espiões genovezes, venezianos, hespanhóes e francezes rasgassem os véos que a envolviam. Não era possivel manter por mais tempo o mysterio de “uma tão grande terra firme”. Piratas de todas as nacionalidades riam da grandeza do mar oceano e aprovavam para o desconhecido.

Urgia officializar o descobrimento e registrar-lhe os titulos. Foi o que fez Portugal. Communicou ao Vaticano, o grande cartorio da época, a immissão de posse de Pedro Alvares. Extendeu a notificação aos reis de Hespanha e França. Era um golpe de mestre que consolidava uma situação juridica.

O arbitro da christandade não podia deixar de reconhecer a Portugal os dois elementos da posse, no velho conceito do Direito Romano. O *corpus*, isto é, a materialidade do appropriamento, dera-lhe Pedro Alvares. O *animus sibi habendi*, elle o chancellava no fôro, a que teria de chamar os possiveis concorrentes. E' de imaginar a cara com que ficaram, é de imaginar como não deram ao diabo a cartada, quando receberam de d. Manuel a nova

do descobrimento do seus "bons irmãos" de França e Hespanha.

Mas era tarde demais. Pedr'Alvares entregára a Portugal a nova terra. E, tendo-a collocado acima de possiveis usurpações, zarpou do Brasil, onde nunca mais voltou.

Chantada a cruz em Porto Seguro, firmada estava a posse e com isso a sua missão. Chantou-a e fez-se de vela para a India, a encher os porões de pimenta, o grande negocio da época.

OS CONCORRENTES

O Direito Internacional era nesse tempo tão relativo como hoje. Os povos navegadores davam ao Vaticano mais ou menos a mesma importancia que as nações de hoje á Côte de Haya. Muita deferencia e muito respeito emquanto não sobreviesse a necessidade de esquecel-os.

Começaram a rondar e a explorar a terra de Cabral. O francez já era muito agil de espirito e muito subtil para dizer que os relatorios ao Pupa e ás potencias européas não passam de trapos de papel. Francisco I não os quiz rasgar, preferindo dispersal-os ao sopro da ironia : "mostrem-me o testamento em que nosso pae Adão legou aos reis de Portugal e Castella as terras dos nossos descobrimentos".

E se nssim pensava, melhor o fazia. Cartearva-se com o rei de Portugal. Derramava-se em pro-

testos de fidelidade. Todos sabemos o que isso vale. Mas aqulava os piratas de Dieppe e Honfleur a vi-rem explorar as nossas costas. E quando Portugal os pegava com a bocca na botija, lavava as mãos — eram tão insubmissos aquelles seus vassallos !

A CRISE EM PORTUGAL

Portugal não podia occupar-se com a terra de Santa Cruz. Debatia-se numa crise terrivel. Em 1503, a crise da pimenta, “o lume dos olhos de Portugal”, como lhe chamava Gaspar Corrêa, abalou os seus alicerces economicos e financeiros. Lisboa ficou aturdida e faminta. Vivia da pimenta como o Brasil do café. E a maré da super-produção veiu reduzil-a á miseria. Vasco da Gama, na segunda expedição, volveu com os porões atulhados de 26 mil quintaes. O governo decretou a estabilização : 20 cruzados o quintal (o preço normal era 30). E o “stock” se accumulava na casa da India, subindo em 1506, depois das chegadas de Affonso de Albuquerque e Fernão Soares, a mais de 50 mil quintaes. Inda não se inventára o processo da queima, como solução de crises. Mas já se conhecia a valorização. O Estado, isto é, el-rei, valorizou a pimenta. Impoz um preço razoavel, como a falta de concorrentes lhe permittia, e Portugal começou a nadar em dinheiro. Tão grande era o valor desse commercio que Antuerpia lhe deveu o seu esplendor, por se lhe tornar o grande entreposto no Norte euro-

peu. Por mais de um século viveu Portugal dessa especiaria. “E’ a coisa mais importante que dessas partes vem para minha fazenda”, dizia d. João III em carta ao vice-rei da India. “Era a razão de ser de Portugal como unidade no mundo economico”, attesta Lucio de Azevedo no seu admiravel estudo *Epocas do Portugal Economico*.

Desafogado da crise, organizados os negocios da India, começou Portugal a pensar nas terras cabralinas. Tinha noticias certas de que os rivaes, principalmente os francezes, gaviões da altaneria maritima, a andavam achorando de vôo alto. Mandou uma armada de guarda-costas escumar o nosso litoral de aventureiros. Não teve outro fim a expedição de Gonçalo Goelho. Os açores e gerifaltos de São Malo foram daqui escorraçados. O ironico Francisco I sentiu que as duzentas velas armadas por d. Manuel eram um argumento bem mais valioso que o testamento de Adão...

ANTECEDENTES DA EXPEDIÇÃO

Tres periodos tem a nossa colonização na época. A chancellia da posse por Pedr’Alvares. A limpeza dos mares por Gonçalo Coelho. A criação de uma nação por Martim Affonso.

O curioso na historia de Portugal é o papel da intelligencia. Nada do que criou foi fruto do imprevisto.

O nivel mental da raça não lhe consentia ab-

sorver-se no immediatismo. Surda á grei de Panurgio, nunca se escravizou ao chamado senso pratico. Olhou sempre o futuro. Enquanto outras nações limitavam a sua actividade ás questões de momento e ás soluções empiricas, o pequenino Portugal gisava as linhas e delineava os planos de empreendimentos que não podiam amadurecer sem a collaboração dos seculos.

Quem estudar a historia synchronica da Europa quinhentista, quando os sabios e humanistas portuguezes eram disputados para ensinar nas Universidades estrangeiras, quando a autoridade de seus navegantes e cosmographos começava a substituir a de Ptolomeu, comprehende como essa nação de dois milhões de almas chegou a ser a primeira potencia do Universo. O thesouro da sua intelligencia supria a todos os gastos da sua ambição.

Repito : em nenhum outro paiz transparece tão claramente o poder criador da intelligencia. Nada do que Portugal conseguiu foi obra do acaso, desse acaso que expulsou da Inglaterra os puritanos da "Mayflower", os futuros colonizadores dos Estados Unidos, desse acaso que os exilou na Hollanda, cuja tolerancia religiosa os scandalizou a tal ponto que, para fugir-lhe, deram de prôa para o desconhecido.

Como criou elle o seu poder naval ?

Vendo que a solução do seu problema estava no oceano. Intelligencia. Submettendo a rija e rude marujada que nos pintam as taboas de Nuno Gonçalves á escola e á disciplina. Intelligencia.

Mas onde culmina a precisão e descortino portuguez é no reinado de D. Diniz. Genova era a rainha incontestada dos mares. A sua sciencia da navegação, herdada dos phenicios e arabes, a maior da época. D. Diniz, apesar de poeta, planeja simplesmente esta coisa extraordinaria: contratar uma missão maritima genoveza.

Não tem ridiculas susceptibilidades nativistas nem improcedentes orgulhos. Antecipa o descortino dos japões, assimilando o esforço e a experiencia alheios. Investe um estrangeiro, o genovez D. Miguel Pezagno, no posto de almirante da Armada Portugueza. Nomeia genovezes alcaides e arraizes das suas galés. Põe sua esquadra á altura das melhores da época. Não sabe para quem, mas está preparando um formidavel instrumento de poder e conquista. O futuro lhe dará o homem que lhe recolha o esforço. O infante D. Henrique surge com o seu gabardo negro no promontorio de Sagres.

D. Diniz fez. D. Henrique executou. E ambos o que foram senão a intelligencia, vista primeiro em abstracto, na ideação, e depois no concreto, na execução?

Não foi de outra maneira que surgiu o Brasil. Neste ainda é mais claro e mais nú o poder criador, a intelligencia, fagulha divina que Dante chamou: *Il primo mobile*.

O espirito portuguez sente para logo o valor da nova terra. Diogo de Gouveia, de Paris, tem-na obsessivamente ante os olhos. Insiste uma, duas,

tres, não sei quantas vezes com el-rei que a não perca de vista, que a povôe, que a colonize. E não passava de um humanista, sem pretensões a homem de Estado!

Martim Affonso, por sua vez, está de volta em Lisboa, no Paço. A anedota que então occorre não teria sentido algum, se não imaginarmos que, fascinado pela sua capitania, não falava noutra coisa. Disse-lhe el-rei: "Martim Affonso, ao que vejo me aconselharias a mudar-me com a minha côrte para a nova terra!" — "Porque não, alteza? Se poderieis alli criar um dos maiores reinos do Universo?"

Neste episodio, de que nos guardou, creio que Gaspar Correia, as palavras textuaes, de que dou aqui a interpretação e o sentido, vê-se mais uma vez a faisca da intelligencia atravessando as cerrações do porvir como um feixe de holophote que chegasse aos nossos dias.

Na expedição de Martim Affonso, tudo se engrena, dispõe e coordena. Um pensamento superior a tudo preside. Sem desinfestar o litoral de piratas, toda e qualquer colonização seria precaria. Seus marinheiros e soldados, adstrictos á mais severa disciplina, são os primeiros do mundo. Mão de ferro traz a nação unificada e cohesa na disciplina e no respeito. Expulsar francezes e hespanhoes é um brinquedo.

Como sabe da necessidade urgente da sua intervenção? Dois aventureiros, Henrique Montes e

Gonçalo da Costa, genro do mysterioso bacharel, este na Armada de Diego Garcia e aquelle na de Caboto, partiram destas plagas para a Europa. Ambos lhe prestaram informações sobre as terras que haviam deixado. A admiravel conferencia de Eugenio Castro, ante-hontem realizada no Instituto Historico, regista-o documentadamente.

Esse conhecimento do pé que os hespanhoes estavam tomando aqui deve ter contribuido para apressar a expedição de Martim Affonso, na qual regressou como informante Henrique Montes, cuja presença nessa armada é tão impressionante como a de Duarte Pacheco Pereira na de Cabral.

MARTIM AFFONSO

Quem foi elle? Um nobre portuguez, um militar portuguez do seculo XVI, e isso bastaria para defini-lo. Mas vejamol-o de mais perto. Filho de Lopo de Souza, a gerarchia do pae se revela na amizade de Gonzalo de Cordoba. E' com elle que se hospeda aquelle que os hespanhoes chamam "el gran capitan". Martim Affonso fica-lhe ás ordens: uma especie de addido. A' despedida passa-lhe aos hombros um collar de ouro. O moço estremece. O presente lhe tóa ao orgulho como uma retribuição disfarçada das finezas paternas. Recusa. Criado e crescido junto com o futuro rei de Portugal tem o mesmo melindre e a mesma susceptibilidade. Recusa.

Gonzalo de Cordoba comprehende. E' da mesma escola, a escola de Carlos V. Sente que está diante de um verdadeiro fidalgo. Tem um gesto de rara belleza : tira do cinto a propria espada e passal'h'a ás mãos, dizendo : "Ora, senhor, bem vos entendendo, deveis de querer armas..." E elle a tomou "com grande acatamento e muito a estimou, trazendo-a sempre comsigo".

Dizem que a espada de Martim Affonso está em S. Paulo, onde passou do Museu Sertorio ao Museu do Estado. Conta o padre Galanti que tem no verso da lamina a inscripção : "Não me saques sem razão" e no anverso : "Não me embainhes sem honra". Mas não passa de lenda. Nunca ninguém viu em S. Paulo a espada authentica de Gonzalo de Cordoba.

Foi Martim Affonso bom humanista, falando tão bem o latim como a propria lingua. Companheiro de Garcia da Horta numa viagem, teve noutra a honra de o ser tambem de S. Francisco Xavier, o Apostolo das Indias. Escolar de Salamanca, era tido e havido como uma das boas cabeças da época.

Martim Affonso nasce com o Brasil em 1500. Parece que o destino quiz sellar com essa coincidência a sua missão. Mas não é tudo. Não lhe bastou ficar em S. Vicente. Quiz conhecer o interior. Transpoz a Serra do Mar, encontrou-se com João Ramalho em Santo André e chegou a Piratininga, onde assignou a sesmaria de Pero Góes. Não foi o fundador de S. Paulo porque a primeira Pira-

tinga não conseguiu medrar. Foi, porém, o primeiro a ver o partido a tirar dos sertões, o primeiro que assignou um documento juridico em Piratininga, o primeiro a mostrar a necessidade de vingar a Serra do Mar.

A expedição de Martim Affonso é um modelo de providencia e descortino. Foi preparada com um tino e um cuidado de que não ha exemplo nas congeneres. Vinha organizar o Brasil. Nada esqueceu na sua missão.

Desembarcaram com Martim Affonso o juiz, o capellão, e o almotacel, isto é, a organização judiciaria, ecclesiastica e fiscal. Marinheiros e soldados desceram colubrinas, falconetes, berços, a rudimentar artilharia da época; as milicias começavam a velar o berço do recém-nascido. Ferreiros, alfagemes, calafates, pedreiros, pescadores, fabricantes de rêdes, começavam a constituir a "cidade", na symbolica expressão de Fustel de Coulanges. Fundou-se o primeiro cartorio. Abriu-se o primeiro livro de actas municipaes. A vida collectiva, a consciencia collectiva nasciam. Não era uma expedição que chegava: era um arrebol que surgia. Inaugurava-se o Brasil.

Afeitos a admirar o estrangeiro e a detrahir o que é nosso, só agora começamos a reivindicar a significação real do evento que hoje celebramos. Nossos escriptores (e nem mesmo os maiores escapam a essa observação) extasiam-se ante a "Mayflower" e os seus puritanos e attribuem a grandeza

dos Estados Unidos á qualidade dos expedicionarios, á sua energia, á sua fé e desdenham da expedição de Martim Affonso, muito mais importante, muito mais gloriosa, muito mais efficaz.

Pura illusão, desfeita hoje pelos proprios americanos, que confessam que o valor da expedição de Bradford e seus companheiros é apenas symbolica. Frutos reaes não deixou. Foi mal e deficientemente organizada. Quasi todos os tripulantes da celebre náu morreram á mingua, dizimados pelas privações, devido á imprevidencia com que se haviam apercebido de recursos para uma installação numa terra praticamente deserta.

Note-se que a "Mayflower" tentou a sua colonização 87 annos depois da affonsina, quando já os recursos eram outros.

Muito antes de 1619, data dos "*Pilgrims*", já era S. Vicente uma povoação prospera e policiada, onde florescia mais de cincoenta engenhos de canna. Já as grandes figuras de Aspicuelta Navarro e Anchieta tinham apprendido a lingua dos indios e escripto a sua grammatica.

Mas, não é tudo. Com o sangue dos Martim-affonsinos deu-se o phenomeno da duplicação do grão do trigo nos esquaques. Um grão dobrado de casa em casa, nas sessenta e quatro do taboleiro de xadrez, sobe a algarismos astronomicos. Applicado o calculo ao Brasil dá-se o mesmo : verifica a gente que raro é o brasileiro que não entronca naquella forte e gloriosa progenie.

GENEALOGIA

S. Paulo é um lugar privilegiado para esses estudos. Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques correram os seus velhos cartorios a tempo de levantar a arvore de costado da maior parte de suas familias. Luiz Gonzaga da Silva Leme, na *Genealogia Paulista*, codificou os seus trabalhos. Ricardo Gambleton Daunt, Augusto Cardoso, Moretz Sohn, Leoncio Gurgel, João Baptista de Souza Filho, Alcantara Machado pae e filho, e muitos outros, sem falar no benemerito e incansavel Taunay, numa serie de monographias têm dado grandes contribuições ao estudo das origens paulistas. Washington Luis fez traduzir pelo grande paleographo Manuel de Souza e publicar os velhos documentos que estavam apodrecendo nos cartorios. Por ahi se vê que raro é o brasileiro que não tenha um costado martim-affonsino. Será futilidade esse estudo? Para mim é de fé que não. Creio no atavismo e na hereditariedade. Por que recusar ao homem o livro de linhagem que se não recusa aos puro-sangues?

Não conheço estudo mais leve, ameno e proficuo do que o genealogico. Nenhum põe o individuo num contacto mais forçado com a historia, com a chronica ou com a tradição. Nenhum torna mais claras as linhas que pespontam, através dos seculos, a tela da civilização.

Rara é a familia paulista que não descenda dos

companheiros de Martim Affonso. Descobrir essas ligações é recapitular a historia do Brasil. Só os descendentes provados de João Ramalho e Antonio Rodrigues devem orçar por duzentos mil, calculavamos ha pouco numa roda de estudiosos em S. Paulo. E os das filhas de Piqueroby e Tibiriçá, as lindas cunhans indigenas, cuja belleza assignalam os primeiros chronistas, e foram as mães dos primeiros paulistas? E os dos tripulantes da Armada que aqui se acasalaram?

Toda essa *gens* martim-affonsina se espraiou no Brasil pela epopéa bandeirante. A' proporção que alargava o territorio, fixava-se e multiplicava-se. Ha Silva Prado no interior de Matto Grosso e do Rio Grande do Sul, Mendes de Almeida, na Alta Amazonia e nos sertões maranhenses. Estão ahi representado o sangue de João Ramalho e Antonio Rodrigues, Tibiriçá e Piqueroby.

Levantar esse cadastro é uma tarefa que se impõe aos brasileiros. Será a melhor resposta a quem nos accusar de raça inferior.

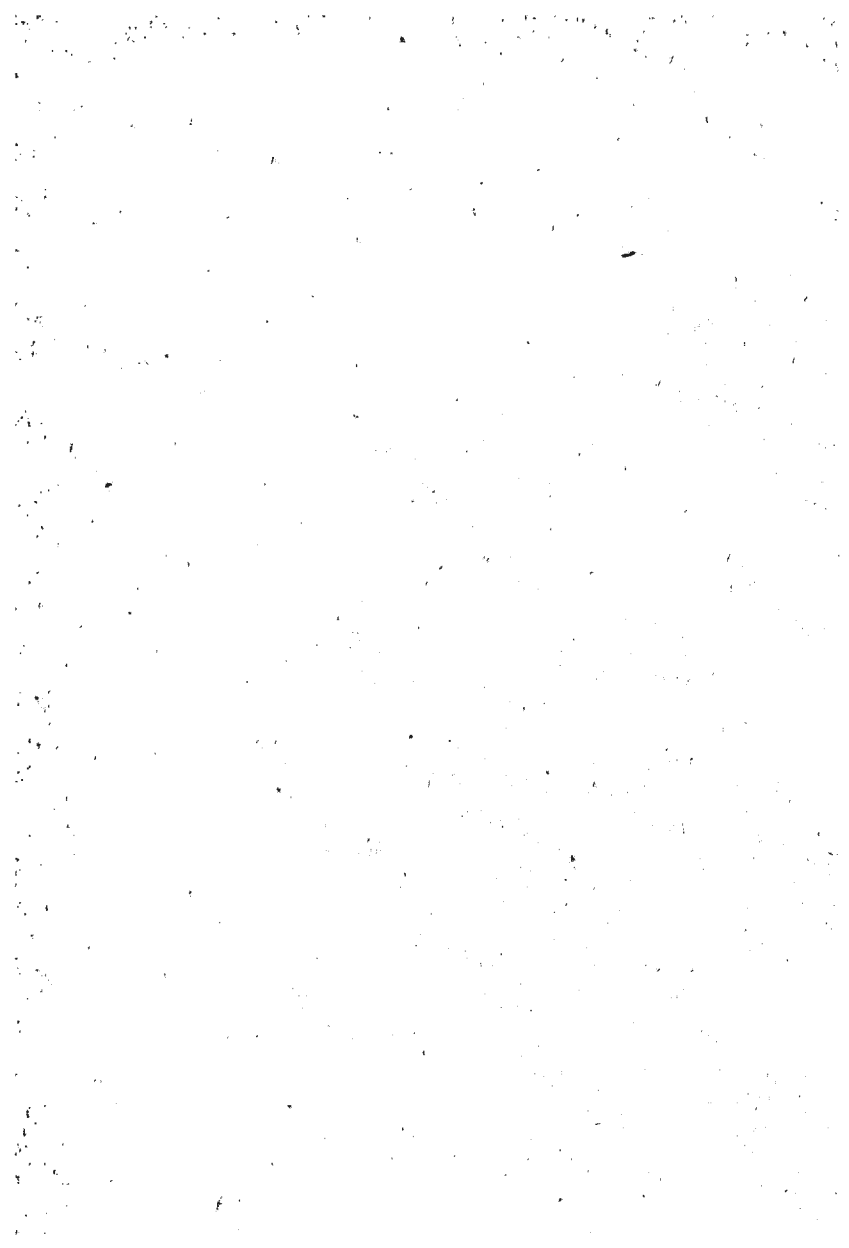
Grande honra me liberalizastes, convidando-me para vogal desta solennidade. Esta angra esmeraldina, suave como a curva do seio donde jorrou o leite que aplacou os vagidos do primeiro brasileiro, sobre cujo berço velassem as conquistas millenarias da civilização, é um symbolo. Aqui, pela primeira vez, abrigou-se esse berço á sombra dos poderes divinos e humanos, conjugados para acompanhar e defender a nossa infinita fraqueza ao longo de todas

as vicissitudes da passagem na terra. Ligando o meu nome a este centenario, dais o melhor premio que podia almejar a minha insignificancia, em que só uma coisa se salva : a mais entranhada das devoções pelo Brasil.

Cellula Mater é o brazão de S. Vicente e nenhum outro lhe quadraria melhor. Foi aqui que realmente nasceu o Brasil, porque o Brasil só começou a ser Brasil depois de organizado pelas forças eternas da civilização.

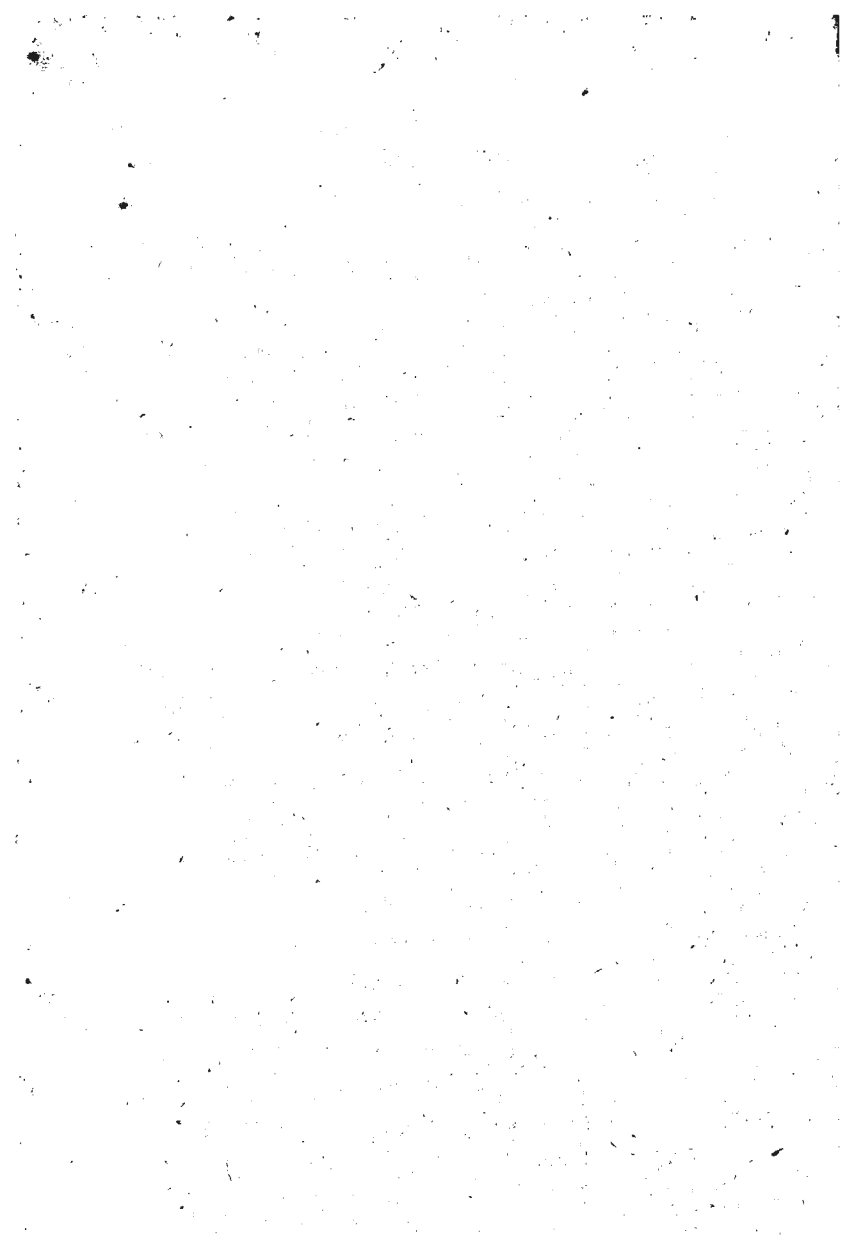
Daqui subiram, vingando os atascaes e mangues do Cubatão e os penhascos e perambeiras da Serra do Mar, os primeiros mamelucos, precursores e paes da raça de gigantes, que, bandeirando ouro e escravos, conquistaram a nossa immensidade territorial, legando-nos, na expressão de Joaquim Nabuco, uma das maiores casas da terra. Temol-a sabido manter até hoje, mau grado todas as tormentas, mau grado todos os abalos sismicos que perturbam por vezes a marcha normal dos nossos destinos. Comprehender o que é S. Vicente na historia do Brasil é retemperar a energia para continuarmos a manter, acima de todas e quaesquer dissensões, a integridade e a cohesão que fazem a nossa grandeza. Essa integridade, essa cohesão, motivo do mais legitimo dos orgulhos, recebemol-as intactas de nossos paes. Intactas temol-as de transmittir ás mãos de nossos filhos.

Ave, S. Vicente ! *Cellula Mater* de S. Paulo !
Ave, S. Vicente, *Cellula Mater* do Brasil. !



O Rio Grande do Sul dos Farrapos e Garibaldi

Conferencia realizada no
Palacio do Itamaraty, encen-
tando as commemorações Ga-
ribaldinas do Brasil, a 27 de
Maio de 1932.



COMMEMORAMOS o meio seculo do transito de Garibaldi.

Podemos fazel-o sem reservas? O glorioso *condottiere* desembainhou a espada contra o Brasil? Lutou pela secessão nacional? A epopéa dos Farrapos teve um cunho separatista?

— Não.

A Revolução de 35 foi a mais brasileira de todas as revoluções. A mais nobre. A mais legitima. A mais fecunda em suas consequencias. Comparada com as que a antecederam, meros episodios symbolicos, reivindicacões platonicas, embora ás vezes asselladas com o sangue de martyres, a Revolução de 35 avulta pela sua organização, pela sua objectividade, pela sua longa duração de dez annos. E' preciso, porém, vel-a sem paixões, sem illusões, sem deformações, de um ponto de vista superior aos credos e partidos. Só então se comprehenderá que se o lemma dos Farrapos foi "Tudo pelo Rio Grande do Sul!" —, nessa formula estava implicita outra, que determinava os actos dos seus chefes supremos: "Nada contra o Brasil!"

ORIGENS DO RIO GRANDE DO SUL

Para dar a sentir o Rio Grande do Sul farroupilha, o Rio Grande do Sul que Garibaldi viu e sentiu, precisamos, inda que em formulas de concisão algebrica, lembrar a formação racial do gaúcho e a sua situação no phenomeno brasileiro.

O celebre mappa de Carrafa (1637-1641) passou muito tempo como o primeiro que mencionava o territorio rio-grandense. O Brasil, pelo Tratado de Tordesilhas, terminava um pouco abaixo de Santos. Dahi, o velho cartographo caracterizar a terra gaúcha como adjacencias do Paraguay : *Paraguaria cum adjacentibus*. A sua unica nomenclatura de monta é a do porto de S. Pedro.

Mas o grande Rio Branco, nume tutellar desta casa e cujo nome profiro com uma emoção que todos os velhos funcionarios do Itamatory comprehendem, acabou com a prioridade do mappa de Carrafa, juntando ás *Memorias* apresentadas á Suissa, na questão do Amapá, um Atlas facticio de mappas, alguns mesmo desconhecidos á maioria dos cartographos. O Atlas de Maiollo (1515) designa o Rio Grande como a terra do *Gentio dos Patos*. O mappa de Diogo Ribeiro (1529) mostra que esse nome passou ao porto : *Porto dos Patos*.

Era, pois, o torrão gaúcho conhecido desde o seculo XVI sob denominações portuguezas e só a incuria da Metropole permittiria que a mesopotamia do Sul, vital pela sua peculiaridade geographica para

a Terra de Santa Cruz, fosse algum dia chamada de *adjacencias do Paraguay*.

A gloriosa phalange de jesuitas que plasmou a consciencia nacional, e de que Anchieta é a figura symbolica, teve a visão, que tanto tempo faltou aos estadistas reinóes, do futuro daquellas terras.

Segundo a *Relação Annual*, de Fernão Guerreiro (1606-1607), já os jesuitas João Lobato e Jeronymo Rodrigues tinham ali estabelecido uma missão, a mando do Geral Fernão Cardim. Por sua vez, Nobrega, tão grande estadista como apóstolo, já enviara dois dos seus missionarios a catechisar os indios. Esses esforços se perderam pela incuria dos Governadores Geraes.

O primeiro explorador do Rio Grande do Sul foi o Ven. Padre Roque Gonzaga. O protomartyr da igreja rio-grandense fundou São Nicolau, o primeiro povo das Sete Missões Orientaes e a capella de Assumpção, onde os Padres Castilho e Rodrigues Alonso foram martyrizados, em 1628.

Um mappa de 1732, dedicado ao Geral Francisco Retz com estas palavras : "Terras regadas com o suor e o sangue dos filhos da Companhia de Jesus", assignala os tumulos de varios missionarios sacrificados pelos indios.

E' esse o baptismo do Rio Grande do Sul : o sangue dos heroes inermes que nunca hesitaram em sacrificar a vida pela fé. Por elle o Rio Grande do Sul se articula na grande obra anchietana : a forma-

ção espiritual do Brasil. Por elle se firma a prioridade da occupação portugueza.

O RIO GRANDE DOS JESUITAS

A *Conquista*, de Ruiz de Montoya, menciona varios povoados no Rio Grande de 1.600 e tantos. No local da gloriosa Rio Pardo, destinada a ser o baluarte do Brasil contra o castelhana e a porta da campanha e do povoamento, erguia-se a missão de S. Cristobal. Na comarca de Santa Cruz, vizinhã a Rio Pardo, o povo de Jesus Maria, fundado pelo Padre Romero, S. J., onde viviam dez mil indios. Ao Norte, os povos de S. Joaquim e S. Teresa. No local de Cruz Alta, o da Natividade. Todos esses na bacia do Jacuhy, então chamado Iguahy. Na bacia do Ibicuhy elevavam-se os nucleos de S. Thomé, S. José, S. Miguel e Cosme. O destino desses povos foi triste. Destruiram-nos as bandeiras de Antonio Raposo. Data dessa época a mudança das primitivas Missões para a margem oriental do Uruguay. Teria sido tal destruição necessaria á incorporação do Rio Grande do Sul? Criou-se algum titulo de occupação territorial? Nada mais duvidoso.

A actividade dos jesuitas civilizando os indios e criando um typo de communismo branco, que lhes assegurava a existencia com um minimo de esforço, desconhecido aos proletarios de hoje, foi completamente deturpada pela torpe propaganda de Pombal.

O bronco e gigantesco intrujão, que até hoje envenena espiritos desprevenidos com a odiosidade das suas invenções, criou, por meio de seus escribas e de seus pamphletos, a lenda de um imperio jesuitico militar para combater Portugal e Castella no Sul da America. A sua politica vingou. As suas patranhas fideicommettidas á Posteridade ainda se resolvem no dominio das verdades consagradas. Raros são ainda os que conhecem a engrenagem da sua campanha de diffamação. E ainda hoje passa por um beneficio o exterminio das Missões, que varreu do solo do Rio Grande povoações indigenas de uma tal importancia que as suas ruinas ainda hoje causam admiração.

O que já era a publicidade naquelles tempos !

Curioso é que o melhor documento contra as invenções de Pombal nos seja fornecido por D. Pedro Cevallos. Nenhum militar castelhano nos fez tanto mal. Força é, porém, confessar que esse homem rude e fragueiro era um character. Ao passo que o Padre Altamirano não se pejava em conspirar contra a evidencia, accusando os jesuitas das Missões de açularem e sublevarem os indios contra os seus algozes, Cevallos confessa lisamente o que viu, isto é, exactamente o contrario. Os missionarios envidaram todos os esforços para impor a resignação a populações inteiras despejadas de suas casas e terras, tangidas como rebanhos de alimarias, exiladas para o desconhecido, para o desconforto, para a miseria. Mas o seu prestigio, a sua persuasão

encontraram limites : o desespero dos aldeados. Os pobres, filhos das selvas, a abandonarem seus lares e lavouras, preferiam bater-se em combates, onde perdiam mil e quatrocentas vidas, ao passo que as tropas invasoras numeravam apenas sete baixas. Essa, a temibilidade dos vastos exercitos, instruidos por officiaes europeus, que a calumnia pombalina forjou ! Essas, as manobras infernaes dos jesuitas !

Arrostando as coleras do poderoso ministro castelhano, a quem servia — tão implacavel inimigo dos jesuitas como Pombal — Cevallos reduz os romances deste, antecipação dos de Eugenio Sue, que pinta o jesuita como a mais intrigante e tenebrosa das criaturas, á mais completa inanidade.

POVOAMENTO DO RIO GRANDE

Quanto não atrazou o Rio Grande essa politica ! Quanto mais cedo não se teria incorporado á civilização !

Por que se povoou tão tarde ? Varias causas concorreram para essa móra. Portugal não reclamava as terras abaixo da capitania de S. Vicente. Hespanha só se occupava do Rio da Prata.

O Rio Grande defendia-se das incursões pelo inhospito do seu costilhão, que parece o de um deserto a quem o perlonga. O mar que lhe bate as dunas é aggressivo e perigoso. Abras, golfos, enseadas, bahias, embocaduras não as ha propicias e remançosas. As de Torres e Rio Grande, esta obstruida de bancos

movediços, mal se configuram na costa, segundo uma curiosa observação de Gabriel Soares, curiosa porque nos autoriza a admitir que o celebre autor do *Tra-tado do Brasil* as tenha perlongado. Vingando-as, conseguindo penetral-as e entrar em contacto com a terra, esbarrava o forasteiro com o indigena, e um indigena cuja tradição de ferocidade se consolidara desde a trucidação de Solis e seus companheiros, victimas dos Charrúas.

Essa abordagem difficil e esse littoral inhospito por muito tempo preservaram de invasões forasteiras a Terra dos Tapes. Só a pouco e pouco, quando as primeiras penetrações foram desvendando as maravilhas da sua uberdade, a belleza dos seus campos, a riqueza das suas florestas, a distribuição providencial das suas aguas, o sadio dos seus ares, é que o Rio Grande entrou a ser conhecido e povoado.

LAGUNA E A COLONIZAÇÃO

Laguna, onde se fixou Brito Peixoto, foi o ponto de partida dos primeiros povoadores da campanha do Sul. Elle e seu genro João de Magalhães são os patriarchas da familia riograndense. Santa Catharina é a mãe do Rio Grande do Sul. A estrada da Laguna ao chamado Continente (a mesma que em sentido inverso iria percorrer Garibaldi, transportando por terra os seus gloriosos lanchões) foi tão essencial ao Rio Grande como o cordão umbelical ao nascituro.

Alexandre de Gusmão, na opinião de Camillo

Castello Branco, a maior cabeça, talvez, do seu seculo, foi quem encorporou, pelo Tratado de Madrid, de 1750, obra exclusivamente sua, toda a região austral do Brasil ao dominio lusitano. Toda a região subtordesilhana, se é brasileira, devemol-a ao grande santista, a quem a perseguição de Pombal cortou a mais luminosas das carreiras. Já fallecera quando se executou o Tratado. A fôrma selvagem da execução não lhe pertence. O que ninguem lhe pode tirar é o espirito da transacção diplomatica. Foram o seu genial descortino e a sua cultura juridica que firmaram para a nossa diplomacia o principio do *uti possidetis*, o talisman do nosso grande Rio Branco em todas as suas victorias diplomaticas, o baluarte moral das nossas fronteiras, Não é o unico serviço que lhe devemos. Foi elle tambem que resolveu a colonização do Rio Grande do Sul pelos açorianos. Que especie de gente era essa?

Os AÇORIANOS

Já estavam os flamengos, que as haviam descoberto, nas ilhas dos Açores, quando portuguezes, empenhados em fugir ás crises agricolas da Metropole, as foram colonizar. Os fôros de sangue destas primitivas levas foram conservados pelo seu genealogista Gaspar Fructuoso, no seu precioso elenco de familias insulanas, intitulado *Saudades da Terra*. Pena é que o paciente e seguro chronista, imbuído dos preconceitos religiosos reinantes, passasse como

gato por brazas sobre os cruzamentos luso-flamengos. Não se conformava de certo com a mescla luterana, que vinha desdourar estirpes que, embora empobrecidas, haviam abrolhado das mais nobres cepas da Metropole. Assim é que passa em silencio as expedições colonizadoras de Jacome de Bruges, de Joz van Huert e de Guilherme van der Hagen, com cujos descendentes iriam fundir-se as subsequentes levas portuguezas.

Desse caldeamento dos dois povos que colonizaram o archipelago surgiram specimens de rara selecção, em que ora repontavam os typos altos e louros das Flandres, ora os specimens morenos e enxutos da Peninsula. O flamengo, se não deu ao açorita mais amor á terra, ensinou-lhe mais paciência e gosto no seu amanho, e a paixão da jardinagem, que ainda hoje revive nos admiraveis parques, que são o orgulho dos insulares. Deu-lhe tambem aquella libertação do fanatismo, aquella temperança religiosa que é o apanagio da Hollanda e que os puritanos exilados da Inglaterra taxavam de indifferença. Mas o sangue hollandez deixou-se assimilar pelo lusitano. No seculo XVIII os Açores são caravellas fundeadas no Atlantico com uma tripulação do seculo XVI.

OS CASAES

O armador Felippe de Oldenberg foi incumbido no transporte das familias que deviam trocar

as paragens risonhas do Archipelago pelas terras desconhecidas da America. Esse grupo de colonos, cujo numero e cujo nome talvez inda venham a ser totalmente verificado, desembarcou em Laguna, e de Laguna ganhou as coxilhas bemditas do Rio Grande.

O isolado das ilhas, a escassez de viajantes haviam preservado os insulanos desses contactos que insensivelmente deformam e amolentam e que já Dante anathematizava na sua Florença, contagiada pelas novidades da França. Guardavam todas as características do velho tronco peninsular: a aggressão, a veracidade, a simplicidade. Viviam ainda na idade heroica portugueza. Eram contemporaneos de João de Barros e Thomé de Souza. Não lhes tinham de certo a épica envergadura. Passára a éra das conquistas e das armas. Havião trocado o arnez pela charrua, os borzeguins de ferro pelas rudes sapatorras de couro cru, que aos domingos substituiam os sócos quotidianos. Mas respiravam ainda em pleno seculo XVI. O açoriano dezoitocentista era o portuguez de quatro costados, o contemporaneo dos soldados e navegadores de dois seculos atraz. Indumentaria, utensilios, costumes, preconceitos, usos e linguagem eram literalmente seiscentistas.

E' preciso não esquecer que a maior geração de Portugal foi a seiscentista, a que mais visivelmente continuou a inclyta geração, e os altos infantes do poeta. Dom João II, contemporaneo de

Carlos V, não lhe cedia o passo em magnanimidade, severidade e grandeza. O grande rei plasmou á sua imagem o seu povo. O mimetismo subconsciente do vassallo fez com que este se modelasse á imagem e semelhança do austero soberano.

O *tonus* moral de D. João II, que é o de Anchieta, Nobrega, Thomé de Souza, continua o da era do Infante, donde lhe irradiaram o espirito de aventura, a integridade, o heroismo. Inda se conservava intacto nos Açores do seculo XVIII.

Dir-se-ia que o Atlantico ali immobilizára um pedaço do Portugal precamoneano e, montando-lhe guarda, de todos os lados, lhe lavava diariamente as praias, carregando-lhes nos reflexos os detricitos das innovações.

INFLUENCIA AÇORIANA NO RIO GRANDE

Quem colonizou o Rio Grande do Sul foi, portanto, o lusitano da idade heroica, providencialmente conservada nas ilhas. Tudo o prova. Um cotejo minudente entre a vida açoriana e a do antigo Rio Grande, de que ainda se guardam a tradição e vestigios, offerece curiosos pontos de identidade. A roca de fuso, o ponto de renda, os bilros de marfim, a nomenclatura dos objectos caseiros, o luxo dos palitos esculpidos, as receitas culinarias, as especialidades de pastelaria e doces, o nome das plantas, a pharmacopéa caseira, as preferencias agiologicas, vieram-nos do Archipelago. E' exacto

que, transformado no néo-gaúcho, o filho do ilheo, morando na campanha e adaptando-se ao meio, adquiriu novos hábitos e esqueceu os antigos. Mas estes, em certas famílias radicadas em zonas urbanas e conservadas pela parte feminina, são ainda possíveis de rastrear e recompor. Resistiram á triplíce influencia indígena, platina e metropolitana.

Longe de mim affirmar que as influencias atavicas criaram um typo exclusivo, cheio de todas as qualidades e virtudes, para a raça riograndense. Não. As correntes immigratorias traziam de tudo e de todas as classes sociaes, predominando as mais modestas. Mesmo os portadores de nomes illustres tinham renunciado aos braços, incompativeis com a humildade dos seus mistéres. Mas em todos os *melting-pots* raciaes castas ha que conservam irreductivelmente os caracteres hereditarios e parecem dotadas dessa expansão molecular do tornesol, que é a melhor prova da infinita divisibilidade da materia, castas que não desaparecem no oceano das gerações como a gota daquelle corante nos quintilhões de gotas da agua sobre cujo recipiente cahiu.

Essas evasões á promiscuidade, essas resistencias atavicas é possível rastrear-as. Tanto ás vezes pelas tendencias moraes como pelos caracteres physicos.

Não sei explicar o phenomeno. Mas é antigo. O contemporaneo de Cicero identificava a maior parte das *gens romanas pela pinta*. Ao primeiro lance de olhos reconhecia um Tullio, um Scipião, um

Lucilio, um Afer, um Lentulo. Pela verruga. Pelo nariz. Pelo brilho dos olhos. Pelo moreno da tez. Pelos dedos compridos em forma de fava. Por um indefinível *ar de familia*. Por alguns traços desse oleo atavico que, immiscivelmente, sobrenada na corrente successiva das gerações.

Os documentos iconographicos das familias que os puderam conservar illustram essas persistencias dum modo irrefutavel. E' celebre o prognatismo dos Habsburgos, apenas disfarçado em Affonso XIII. Não menos famoso o nariz Bourbonico.

Podem-se rastrear no Rio Grande do Sul esses caracteristicos?

Penso que sim.

Quando percorri a Hollanda, de que conheço minudentemente todos os recantos, a todo instante descobria nos museus typos que já vira, reminiscencias que me espantavam de pessoas conhecidas. Taes semelhanças continuei a encontral-as em documentos da iconographia e da ethnographia lusitana. Levei-as á conta de coincidencias, sem nenhuma significação. Só hoje vejo que me enganava e que alguns dos archetypos raciaes, tanto dum como doutro paiz, repontam realmente no Rio Grande. São gotas de sangue flamengo e açoriano que sobrenadam na corrente incessante dos cruzamentos.

GENO-TYPOS FLAMENGOS E LUSO-SEISCENTISTAS

Escrevendo estas linhas, penso em dois specimens caracteristicos do gaúcho.

O primeiro parece evadido duma tela de Van der Helst ou de Rembrandt. Dai-lhe um chapeirão e um justilho flamengo, cercai-o de alabardeiros, e tereis um capitão das *Guardas Civicas do Capitão Bicker*, ou da *Ronda Nocturna*. Mas não precisamos imaginal-o. A realidade vae mais longe que a fantasia. Quereis ver-lhe o retrato fiel? O mesmo cabello loiro? O mesmo perfil? Os mesmos traços? Os mesmos olhos e a mesma expressão mosqueira de garbo, impeto, bravura e desgarre? A sua copia fiel, emfim? Vêde a reproducção do celebre painel de Franz Hals no Museu de Harlem. *A Collação dos Officiaes dos Archeiros de Santo Adriano*. Lá está, na figura central, Flores da Cunha, em carne e osso.

O segundo é da raça dos marinheiros de Sagres. Magro, enxuto, brilha nos seus olhos verdes o aço das energias indomaveis. Não destoaria num dos paineis de Nuno Gonçalves. A sua physionomia como a sua alma são contemporaneas de D. Henrique. O pintor que lhe dêsse o mongil escuro e o chapéo de Borgonha, poderia enquadral-o no sequito do Infante, tanto a sua physionomia se synchroniza com a época, onde reside o segredo da sua formação. A vontade que lhe enroca os alicerces psychicos é um bloco arrancado ás jazidas do granito

que estatuou a figura de Inigo de Loyola. A sua vocação de imperio é a mesma que o grande thaururgista de Compostella encontrou nos companheiros lusitanos com que fundou a grande milicia religiosa, destinada a salvar a fé e a cultura latinas na arranjada nordico-lutherana. E pode traduzir-se numa divisa do tempo: "Pola Ley e Pola Grey", que representa, superior a todas as restricções occasionaes, a sua trajetoria na vida.

Para mim, ambos, tanto o Sr. Flores da Cunha como o Sr. Borges de Medeiros são casos de regressão atavica, producto das velhas correntes ancestraes que modelaram o Rio Grande, gotas de sangue flamengo e luso-seiscentista que fluctuaram sem mescla sobre a corrente das gerações gauchas.

Antes das gigantescas investigações de Aurelio Porto e do General Borges Fortes sobre as linhagens riograndenses, seriam impossiveis estas observações. Hoje, para os que estão acompanhando os seus estudos, ellas têm, mau grado as suas apparencias de hypothese, o solido fundamento da realidade.

A franqueza proverbial do velho gaúcho, o seu vesio de dar o nome aos bois, expressão que equivale ao "franc parler" da Palatina, são puramente do Portugal seiscentista. Revivem talvez na aversão ao euphemismo que caracteriza o gaúcho *largado*, com o seu lendario desbocamento. Um sem numero de vocabulos, locuções e modismos das velhas familias gauchas não têm outra origem.

O tratamento de *tu*, que no Rio Grande subs-

titue o *você*, reservado quasi exclusivamente aos inferiores, é puramente açoriano. Encontramolo tambem no Pará, devido á mesma influencia. A "Caldeira do Pedro Botelho" é outra expressão vinda directamente dos Açores, onde existe um boqueirão com esse nome.

AS COMMISSÕES DE DEMARCAÇÃO.

Outro elemento que muito concorreu para o povoamento do Rio Grande foram as Commissões de Demarcação. Gomes Freire de Andrade, commissario portuguez, desceu de Laguna, acompanhado de um grande exercito, no qual avultavam filhos de Minas Geraes e de S. Paulo. Quasi toda essa gente, desengajada após o serviço de demarcação, fixou-se no Rio Grande, principalmente nas margens do Uruguay. Já então as communicacões da Provincia de S. Pedro com o Brasil eram mais frequentes. Já as tropas transitavam livremente, procurando o mercado de Sorocaba. Já os negociantes de Sorocaba proviam as coxilhas de seus artigos, entre os quaes sobresahiam os *aperos* de prata, que sempre constituiram o luxo do gaúcho. Os povoadores e seus descendentes foram a pouco e pouco se adaptando ao meio. A industria principal era a pastoril. Da criação tinham elles de tirar os meios de subsistencia. Dos inimigos da criação tinham que defender-se, defendendo-a. Aprenderam com os incolas a fazel-o. O uso da lança tomaram-no aos

minuanos, segundo um relatório inédito de D. José de Saldanha, descoberto por Aurelio Porto. Delles e doutros indios o uso das bolas e do laço. Com elles aprenderam a carnear, com elles aprenderam o uso do churrasco e do mate. Era a lei do minimo esforço quanto ao problema do alimento, era a lei da necessidade quanto aos meios de defesa, quanto ao aprezamento do gado, quasi todo alçado e theatino, e que, sem o laço e as bolas, meneados com maravilhosa segurança, seria inapprehensivel.

Criou-se, assim, uma raça de homens rudes, bravios, indomaveis, mas preconditionados, pelas tradições de familia, para a forte distincção entre o bem e o mal, que caracteriza os grandes exemplares da especie.

A natureza da vida que levavam lhes conservava intacta a necessidade de acção, a energia combativa herdadas do seu mais proximo avoengo : o seiscen-tista. A reacção do factor anthropogeographico sobre a raça ia acendrar e não dissolver as caracteristicas atavicas. Ia transformar na bravura do gaucho o arremesso indomito das gerações com que Portugal desbravou continentes e oceanos. O cavallo ia ser a caravella dos pampas.

AS ESTANCIAS

Começam a ser concedidas pelo Governo as sesmarias. Fundam-se as estancias. A criação deixa de ser o arrebanhamento da rez chuchra, para se

transformar numa incipiente selecção. Cada estancieiro escolhe a sua marca, o signal de fogo, que imprime indelevelmente na palleta da rez bravia. Surgem os peões, os capatazes. Cercam-se os primeiros potreiros com os grandes muros de pedra, ou com as cercas de pau a pique, que precederam os *alambrados*, e que nalguns logares ainda subsistem. *Param-se* os primeiros rodeios. E o Rio Grande do Sul começa a viver e a individualizar-se. Vida simples, chã e frugal. Cada estancieiro é um rei dentro dos seus dominios. A planta humana começa a medrar numa floração de orgulho. Mas dum orgulho perennemente moderado pela magnanimidade. O estancieiro tem como religião a hospitalidade. Ao lado de cada estancia ha uma casa de hospede. Ninguem indaga da procedencia ou identidade do forasteiro. E' um hospede, é sagrado. Bate palmas, apeia, come, dorme e pela madrugada ensilha o cavallo e parte. Na velha estancia de *Inhatium*, que pertenccu aos meus antepassados, inda se vê a casa de hospedes ligada á cozinha do velho solar por um passadiço, destinado a levar as refeições do viajante. Na vida monotona daquelles tempos o forasteiro era sempre bem-vindo. O capataz aferia-lhe a categoria, as maneiras, a profissão. Se o exame era satisfactorio, admittiam-no á intimidade da familia, ansiosa sempre por noticias, Se era um *quebra-largado*, "um mariola", como se dizia nalgumas estancias, um desconhecido chucro

e agreste, ficava entregue apenas aos cuidados do capataz.

As rapidas seroadas cortadas do minuano, ao fogo do brazido, povoam-se sempre de historias de valentia e de proezas contra o castelhano e contra o indio. O Rio Grande não esquecia as violações do seu solo sagrado. A arrancada triumphal dos hespanhoes, em 1732, não se lhe varria da memoria.

Não ha quasi escravos. O pessoal do campo, o piá, o domador, o peão, é de sangue indio, como o são também os *chinas* velhos, que servem de curandeiros, e vivem nos galpões, entre os lombilhos e o correame. Não ha separação de castas. A familiaridade do campeio, do churrasco e do chimarrão extingue as distincções de classe, só observadas nos momentos de cerimonia. A religião pertence ao dominio da mulher. O homem é pouco religioso, como observou St. Hilaire, a cuja sagacidade, todavia, escapou que a religiosidade atavica se lhes transpuzera para o culto da honra, da bravura, da fidelidade e do pago natalicio. Não chega ao atheismo, devido ao influxo materno. Mas é independente demais para soffrer qualquer jugo. O Rio Grande do Sul foi a unica região do Brasil que não conheceu donatarios.

A ESTALAGEM DO IMPERIO

Começos do seculo XIX, a situação do Rio Grande do Sul, principalmente na fronteira, era

de perenne intranquillidade. A lembrança das guerras do Sacramento, a endosmose do caudilhismo platino, affligiam e intranquillizavam populações urbanas e ruraes. Volta e meia, uma guerrilha. Volta e meia uma dessas algaras, que mais tarde se viriam a chamar *californias*. Volta e meia uma *razzia*. Isso nas relações com os vizinhos.

Quanto ás relações com a Côrte, donde lhe deviam vir o amparo e a segurança, não menores sobressaltos: um regimen de exacções e arbitrariedades incomportaveis. E um descaso absoluto.

A metropole só se lembrava do Rio Grande do Sul para raspar-lhe os cofres, pedir-lhe sacrificios de toda a monta e impedir-lhe o desenvolvimento. Pouco antes da Revolução, a Côrte requisitava-lhe annualmente 800 contos do magro Theouro, não lhe deixando senão cento e poucos para o minguido orçamento.

Quanto ao tratamento que recebiam os filhos da provincia, não podia ser mais injusto. Engajados em grande parte do Exercito, raros ascendiam aos altos postos, reservados aos membros do Partido Portuguez. O direito de propriedade era um mytho. A metropole não gastava dinheiro com o Exercito. E' frequente, segundo as chronicas da época, verificarem-se atrazos de oito, nove e dez annos no pagamento do soldo. Como vivia essa gente? De um modo muito simples: á custa das requisições. A requisição era o espantallo geral. Só se eximiam ás suas rapinas os "irmãos da opa", os companheiros

e socios de pilhagem. A requisição era verbal, não deixava um só documento com que a victima pudesse mais tarde vir a reivindicar o seu direito. Além das requisições, pesava sobre os habitantes do Rio Grande a tortura do aboletamento.

E' precioso o testemunho de um personagem da época :

“Sobre povo algum da terra carregou mais duro e mais pesado o tempestuoso aboletamento : “O Rio Grande do Sul transformou-se numa estalagem do Imperio.”

Hypolito da Costa o attesta no *Correio Brasileiro* :

“Não ha provincia em todo o Brasil, em que os lavradores e proprietarios de terras sejam mais dizimados, e principalmente, ha tempos a esta parte, depois do atordoado conselho que tomou a “nossa Côrte”, de fazer guerra ás colonias hespanholas, debaixo do pretexto de não ter vizinhos amotinados”.

O Rio Grande do Sul apresenta quadros de região escravizada. O Rio Grande não era o senhor, mas o escravo na sua propria casa. Os medalhões militares do Partido Lusitano arrastavam esporas e espadagões nas ruas da capital, com as fumaças e a arrogancia dos mercadores de escravos nas costas da Senegambia. Sociedades militares arvoravam-se em sobre-governo, curatelando os negocios publicos com o displante da inconsciencia e do arbitrio.

A politica compressora de Rodrigues Braga,

coacto pela pressão da Sociedade Militar, procurou consolidar esse regimen de oppressão moscovita.

Foi a gotta que fez extravasar o copo. Todos os elementos até então dispersos : a revolta contra a exacção, o repudio dos direitos adquiridos, o desespero contra a falta de justiça, as perseguições violentas contra os liberaes aprisionados na "Presiganga", o celebre navio-masmorra, a reacção contra a idéa dos governantes de que ao riograndense estava vedado o accesso aos grandes postos, — tudo isso se condensou numa onda de irreprimivel violencia para levantar todo o Rio Grande num movimento fadado a se tornar o grande fasto da raça.

E' exacto que boas palavras não lhe faltavam. O governo timbrava em dizer que lhe attendia ás reclamações. Mas, ficava tudo no papel. A verdade é que lavrara contra o Rio Grande do Sul a celebre sentença da anecdotia : "Morra e não morra, aperte o nó que não corra".

O Rio Grande levantou-se. Todo o Rio Grande ficou de pé. Republicanos como o General Netto e Domingos de Almeida, monarchistas como Bento Manoel, estrangeiros como Garibaldi, Zambecari, Rossetti e Griggs, cidadãos indifferentes a partidos, como a grande maioria dos Farrapos, sublevaram-se contra a Metropole e proclamaram a Republica de 35. A sua causa estava acima dos partidos : era a da justiça e da legalidade. Terminou por uma victoria : a pacificação de Caxias attendeu a

todas as suas reivindicações. E o fantasma do separatismo desapareceu do horizonte gaúcho.

SEPARATISMO

Separatismo, que eu saiba, não existe no Brasil. Evocam-no ás vezes, como o unico espectro capaz de despertar a consciencia dos governos desvairados pelo delirio da oppressão, da violencia ou da injustiça. Mas o seu papel é immaterial e fugitivo, como o da sombra de Banquo no festim de Macbeth. Esses governos passam como tudo que infringe ás leis eternas do Bem. E o sombrio fantasma evanesce-se á claridade matinal da legalidade.

O Separatismo no Brasil é obra dos governos que se não sabem impôr á confiança nacional. Ao primeiro arrebol da justiça os seus passageiros arautos sentem em torno de si o vacuo da reprovação ou da indiferença. E o espirito da brasilidade continua como dantes, sem recuos nem tropeços na sua marcha para o futuro.

No Rio Grande seria impossivel negar que medrou um separatismo dessa qualidade, mas rapida e fugazmente. A intriga estrangeira procurava manter accesa a flamma separatista. Rosas teve durante annos em Porto Alegre, á frente de um jornal, um agente de seu estipendio : D. Manoel Ruedas. Oribe fazia outro tanto na fronteira. Lavalleja, com o mesmo fito, para lá enviou a mulher, a famosa D. Anna de Monteroso. As lojas maçonicas de todo o Brasil e do Prata, levando ás ultimas consequen-

cias o pensamento de Miranda, lá desenvolveram a mais intensa das propagandas. O famoso Padre Caldas, maçom de sotaina, como tantos da época, era um agente da politica platina.

Todas essas forças concorriam em favor da separação e da Republica.

A cooperação dos republicanos no movimento contra a Metropole era uma condição *sine qua* de triumpho. Os chefes dos Farrapos tinham de resignar-se a aceitar-lhes essa condição ou a serem vencidos. Optaram pelo seu concurso. Mas resalvando sempre, no intimo, a integridade do Brasil e o respeito ás instituições. Não por convicções monarchicas, muito frouxas nos pagos. Mas pela necessidade de manter a cohesão e de não enfraquecer o Imperio, perennemente ameaçado pelo estrangeiro.

Republicanos occasionaes, os pro-homens de Piratini condicionavam o seu republicanismo á redempção do Rio Grande, salvo um ou outro ideologo, a quem a superstição politica impedia de comprehender que naquelle momento só o Imperio poderia manter a integridade nacional. Vejamos a sua figura central, o lendario Bento Gonçalves. O futuro presidente da Republica de Piratini era "ainda mais definido do que Bento Manuel pela Monarchia". Quem o attesta, firmando-se nos termos energicos e precisos da sua proclamação do Rio Pardo, é João Pinto da Silva, no seu admiravel estudo, *A Provincia de S. Pedro*. Pinto da Silva cita ainda documento mais explicito : uma carta de Bento Gonçal-

ves, dirigida de Porto Alegre, a 29 de Janeiro de 1835, a João Evangelista Tavares, onde diz: "O nosso cuidado deve ser dirigido a combater os boatos da Republica, com que se quer alarmar a Provincia". O proprio Netto, que proclamou a Republica, num officio de 29 de Dezembro de 1835, á Camara Municipal de Pelotas, manifesta-se contra o movimento republicano iniciado em Porto Alegre.

Bento Manuel só transigiu com a Republica durante a minoridade do Imperador. Antes de assumir qualquer compromisso com os republicanos, exigiu e obteve dos chefes do Partido que se conformassem com essa restricção.

Devemos a descoberta dos documentos que comprovam esta asserção ao Coronel Souza Dóca, um dos mais profundos conhecedores da nossa historia.

Marciano Pereira Ribeiro, um dos chefes da Revolução, escrevia a Bento Gonçalves :

"O movimento rio-grandense não deve perder nunca o seu character eminentemente nacional ; deve apoiar-se em elementos e em politicos essencialmente brasileiros".

Do exposto se conclue que o separatismo de Piratini foi apenas apparente e transitorio. O espirito fundamental da Revolução era nitidamente brasileiro. A idéa predominante era a do Federalismo. O papel do Rio Grande do Sul era o de propagandista pelo exemplo. Queria que as outras provincias adoptassem como elle a forma federativa, a exemplo

dos Estados Unidos. Nunca, porém, pensou seriamente em incorporar-se a paizes estrangeiros ou em separar-se do Brasil. Proclamou a Republica e defendeu-a, emquanto foi necessario reivindicar tanto os foros da sua dignidade como um tratamento igual ao das outras provincias. Re-incorporou-se á Nação quando esta, surda aos argumentos da razão, houve por bem render-se ao supremo argumento das armas. Mas o seu exemplo ficou.

A lição daquella raça indomavel resistindo ás vicissitudes de um governo cego e empedernido, fructificou. Depois do seu exemplo, a autonomia e a dignidade das outras provincias ficaram isentas até dos celebres "arranhões" de Cotegipe. Coubera ao Rio Grande do Sul desmoralizar para sempre a politica de occupação e exterminio, tão incompativel com a civilização como os assyrios de Sennacherib. O Rio Grande assegurara com o seu sangue a tranquillidade de suas irmãs.

BAIRRISMO

O bairrismo gaúcho revê-se com orgulho nessa grande epopéa dos pagos. Nada mais justo, nada mais legitimo.

O bairrismo, bem entendido, longe de ser um elemento de seccessão e rivalidade é um factor essencial de unidade e de cohesão. O pago, o rincão, o lar urbano ou rural, o pedaço da terra que nos recebeu o primeiro vagido tem de ser sagrado para nós,

se temos alma e coração. E' ahí, nesse amor á pequena Patria, que se aprende a amar a grande.

Esse egoismo, se o fôr, é o climax, o caminho mais nobre para o patriotismo. Esquecem os que se entre-acoimam de bairrismo que brasileiras são todas as zonas a que cada um dedica o seu culto. O Estado que increpa o regionalismo do outro esquece sempre o proprio. Não tem razão. Tão legitimo é o alheio como o seu. No amor do Brasil todos os bairrismos fundem-se e desapparecem. A diversidade das côres é que faz a unidade do prisma.

Os Estados mais florescentes são os mais acoi-mados de regionalismo pelos outros que se queixam do seu orgulho, mas por sua vez não os poupam. "Do Rio Grande, elles ; de S. Paulo, ellas ; de Minas, nem elles nem ellas". Quem inventaria essa formula, que cada qual modifica ao sabor das suas sympathias, dirigindo para onde lhe tõe o dardo final, primitivamente vibrado contra Minas, dizem os bahianos, contra a Bahia, dizem os mineiros ?

Outra picueta conhecida : "Dinheiro de paulista, valentia de rio-grandense e latim de mineiro, um terço do terço da metade".

Teriam sido rio-grandenses, paulistas ou mineiros que a inventaram ?

Essas rivalidades, essas emulações nada significam. Existem em toda a parte, especialmente na França, o paiz que a unidade nacional é mais profunda, mas onde ninguem se lembraria de tomar como indice politico as caricaturas regionaes de Labiche e

Alphonse Daudet. Nada autoriza a affirmação, digna dos primarios que a ousam, de que entre os Estados do Brasil grassem incompatibilidades rebeldes a toda e qualquer redução. Nada autoriza a predica contra os diversos regionalismos que medram por todo o Brasil. Todos, num certo gráo, concorrem para o bem commum.

A indiscriminação entre as terras onde nascemos, ou onde se nos formou o coração, e as outras, seria uma ingratidão. Estas englobamol-as todas no amor do Brasil. Aquellas, mais egoisticamente no amor de nós mesmos

Devemos, porém, fazer distincções entre o berço natal e o berço adoptivo? — Não. Quando a este devamos carinhos de mãe, o maximo que se pode pedir á alma bem formada é que consagre a ambas o mesmo culto. E que não faça distincções.

MARTHA E MARIA

Essa indiscriminação tem, comtudo, limites. E limites duma justiça que se não rege pelas leis do julgamento de Páris, mas pelo exemplo do Nazareno, que envolveu no mesmo carinho as duas irmãs da Bethania. Quem tiver de escolher entre as duas ancillas do Senhor, não se pôde guiar pelo criterio pagão do Priamida. Mas pelo do Mestre, patente até quando censura a Martha o queixar-se da inacção de Maria. Não preferirá Martha porque a mais laboriosa, nem Maria porque a mais vehemente

na adoração. Medirá o seu carinho pelas vicissitudes da sorte de uma e de outra. Não pode outorgar o pomo a Martha, dizendo: "E's a mais bella!" Mas deve conferir a palma do martyrio a Maria, reconhecendo: "E's a que soffre!" Se uma é escrava, fechará os olhos á corôa de rainha da outra. Mas, quando qualquer das duas cingir uma corôa de espinhos, passar-lhes-á uma esponja na frente ensanguentada affirmando:

— "Meu carinho é só teu, e todo teu enquanto soffreres!"

Preterir assim, esquecendo os que de nós não precisam, os de que talvez precisemos, não é preterir. E' dar aos que parecem preteridos um motivo, talvez unico, de nós se orgulharem. E' nos mostrarmos dignos delles. E' dar-lhes a garantia do que lhes seriamos, se os papeis se invertessem, se os amarrados amanhã ao tórculo do soffrimento fossem elles. Não é infiel ao feliz o que só o olvida no momento em que dá todo o seu carinho ao que soffre. Não faz senão obedecer ao exemplo das mães, que, á cabeceira do filho que está doente, chegam a esquecer os demais. Não faz senão seguir o preceito mais alto da justiça: tratar desigualmente os deseguaes. Nasce das raizes mais profundas das consciencias, sobre que não passaram em vão os vinte seculos de christianismo, os vinte seculos de civilização que, para firmar que o sacrificio é a mais alta das hierarchias, ergueram sobre o Golgotha o madeiro do Crucificado,

O amor ao berço adoptivo não póde existir em quem ignore, desame ou repudie o berço natalicio. Com que lealdade poderia amar a terra que o agasalhou com extremos de mãe, quem, renegando a terra onde nasceu e a que o ligam todos os laços divinos e humanos, já está demonstrando que lealdade não tem ?

Quem não é bom filho não presta ; dos maus filhos é que se fazem os maus amigos, observa o instincto popular, que não falha. Nessas transplantações interestadaes tão frequentes em todas as nossas familias, a terra do agasalho não tem outro criterio para avaliar do quilate do filho adoptivo. Mau filho de outra, mau filho seu será.

Ao coração leal não ha que exigir a opção de primazia entre os dois berços. Bom filho ali, na terra onde nasceu, bom filho continuará aqui, na terra que o adoptou. Esta sabe que não se muda de terra como não se muda de mãe. Aquella que não se muda de coração, como não se muda de eu. Cada uma contente-se com o quinhão que o destino lhe reservou. Nem Martha reclama o que é de Maria, nem Maria o que é de Martha.

A malicia das curiosidades que querem espiar pelo buraco da fechadura das almas, e criar casos de consciencia onde não os pode haver, não tem o senso das delicadezas moraes. Ignora tudo quanto se pode amar igualmente, todas as coisas santas que se devem confundir no calor do mesmo estremecimento. Ignora a sensação de sacrilegio, que im-

pede as almas bem formadas de optar entre os dois entes que nos deram o ser ou entre todos aquelles a quem por nossa vez o demos. Ignora que entre os mais altos deveres do coração está o de eximir á desigualdade o melindre de certos affectos. Chamará á barra do seu tribunal o peregrino do Paraiso para forçal-o a definir-se entre a visão luminosa de Beatriz e o vulto sideral de Maria. Não comprehenderia que a Revelação e a Graça não teriam vindo illuminar a jornada do Florentino, se elle não levasse no coração a Luz Incriada de que ambos dimanam.

Erro é pensar que sentimentos de uma essencia superior se rejam por leis analogas ás que imperam no dominio de certas fragilidades ao alcance das pedras que queiram lapidar Magdalena. O amor ao berço é um só. Não pode existir nunca em quem seja capaz de fraudal-o. Ou não existe ou o voto que nol-o assella no fundo da consciencia é inviolavel e infrangivel. Instincto que tem alguma coisa de divino, evade-se á contingencia dos outros que nos possam condemnar a volubilidade dos sentidos. Amplia-se da céspede natal á adoptiva, sem perder a identidade. E de ambas se vae embeber na grande Patria, na Patria maior, na Patria integral, sem que as outras soffram dessa partilha. E' que o coração, em certas ensanchas, quanto mais a um só se parece estar dando, tanto mais com os outros se está tambem repartindo. Como dar a sentir esse mysterio, senão pelo exemplo do sol, que quanto mais pareça di-

vidir-se, mais indivisível continúa, que quanto mais terras illumina, menos deixa de ser o sol?

Fiquemos, pois, com os nossos bairrismos mesmo duplicados. Amemos igualmente a terra onde nascemos para a vida e as em que nascemos para o entendimento. Ninguém perde com isso. E ganha o Brasil. Nunca será entre os espiritos formados nesse apuro do melindre moral que se recrutarão os obreiros da dissolução do Brasil. Quanto aos outros bairrismos, deixemol-os tambem á vontade. E' nesses Jardins da Infancia do Nacionalismo que se está cultivando com mais fervor o culto integral da Patria commum.

Vêde o exemplo do Rio Grande de Sul. Professor de bairrismo, nem por isso se desintegra dos seus deveres nacionaes, adoptando a philosophia dos irmãos de José do Egypto. Ninguém como elle tem a sensibilidade da injustiça. Adquiriu-a nos duros tempos de Piratini. Apprendeu como é duro lutar sózinho. Apprendeu a discernir quaes os deveres permanentes nas lutas entre oppressores e opprimidos. Adquiriu uma tal consciencia collectiva, que hoje o seu pavilhão, o pavilhão tricolor que adejou sobre os sonhos dos Farrapos, é o symbolo da independencia de todos os Estados do Brasil. Porque o Brasil, para ser Brasil, não pode renunciar ás suas tradições e ao seu passado.

COSMOPOLITISMO E DISSOLUÇÃO

Não pensam assim as aguias de gallinheiro, que preferem ciscar na confusão mental contemporanea os materiaes de construcção para o nosso futuro. Prégam o cosmopolitismo, a negação das Patrias. Esquecem que o marxismo integral de Lenine mostrou a sua inanidade, fallindo, e cedendo o logar ao mais monstruoso dos socialismos de Estado. Affirmam que a vida universal se circumscreve ao phenomeno economico. Negam influencias que pesam tanto como este na vida dos povos. Sim! A base da vida é economica. O motor humano precisa de combustivel. Ninguem o nega. Mas, passado este estagio, que é o mais rudimentar, começam a agir as grandes forças moraes, que em ultima analyse são pelo menos tão preponderantes como as economicas. Se o primero objectivo da humanidade hoje, depois do flagello das guerras e das crises economicas e financeiras, é evadir-se a esse estado rudimentar, em que todas as preocupações cedem á da procura de pão, nem por isso se segue que esta seja a unica finalidade da vida.

Mas o instincto das nacionalidades não falha. E a repulsa a essas caraminholas é geral. A força moral preponderante no Brasil é o espirito de nacionalidade, talisman do seu futuro e da sua grandeza, salvaguarda contra todos os elementos dissolventes, que o rondam.

Para ser grande, o Brasil precisa detestar tanto

os moscovitismos de tragedia, como os pacifismos de opereta, illuminados a fogos de bengala para o bailado das Illusões internacionaes. Não pense em guerras. Mas não accete almas de emprestimo. Conserve a alma do Brasil. Arraigue-se nas suas tradições seculares. Melhore o que tem de mau. Conserve o que tem de bom. Deixe-se convidar para ceias pascaes onde partilhe com gregos e troyanos o pão asymo da cordialidade. Mas lembre-se que lhe não offerecem no banquete senão almondegas de promessas, onde os alhos do velho talleyrandismo, tão cortez quanto mendaz, se entrouxam com os novos bugalhos da illusão panpacifista. Não esqueça que o nosso presunto territorial, enfeitado com essas folhas de louro do desarmamento, seria um prato de facil deglutição para estomagos que não queriam outra coisa. Responda como o gallo á raposa da fabula, quando esta lhe communicou a pacificação geral dos reinos de LAFONTAINE.

Esta deve ser a nossa attitude. Devemos seguir sem vacillação a velha politica internacional do Imperio. A todos devemos dizer: "E' melhor que sejamos amigos. Nada o impede. Mas que cada um cuide de si." Sim. Não alimentemos prevenções contra ninguem. Mas continuemos sempre a guardar as nossas fronteiras. E velemos com o maior dos nossos thesouros o espirito nacional.

GARIBALDI E A LENDA

O primeiro contacto de Garibaldi e seus companheiros com o rio-grandense devia ter-lhes causado surpresa. A raça guardava intactas a austeridade e a inteireza do heroico e austero Portugal seiscentista, conservadas pelos seus ascendentes açorianos. Mas refinada por um que de cavallaria e paladinismo evolado das paginas do *Palmeirim da Inglaterra*, sua leitura preferida. A gloriosa trilogia italiana tinha a sensação de viver numa geração anachronica, regida por principios de lealdade e nobreza, já quasi extinctos noutras regiões. Os compromissos daquella gente prescindiam de documentos ou fiadores. Palavra dada era palavra cumprida. O compromisso para elles não tinha a tangente da evasiva, da retratação ou do ludibrio. A raça não se azoeirava nem cahia em modorra ante a primeira difficuldade. Deixava isso para os enxames da lixiguana nos grandes frios.

Receberam Garibaldi como um irmão. Chamavam-lhe "*O Capitão*". Abriram-lhe o coração e os lares. Deram-lhe postos e missões de importancia. Confiaram-lhe segredos vitaes da sua defesa. E nunca lhe pediram outro documento senão a palavra.

O heroe dos dois mundos, por sua vez, fez-lhes justiça. Nunca lhes exigiu um compromisso escripto, um contracto, um documento. Nomearam-no chefe da esquadra revolucionaria, como se rio-gran-

dense fosse. E elle, por sua vez, confiou naquelles homens integros e austeros, cuja bravura e cuja formação moral os deslumbravam.

A guerra desenrolava-se com as vicissitudes e os fastos que tão alto elevaram a bravura rio-grandense.

Garibaldi, Zambeccari e Rossetti deram-lhe todo o seu concurso. Rossetti deu-lhe a vida. Os outros dois, mais felizes, foram cumprir a sua missão historica na Italia, que lhes reclamava os serviços.

A acção da trilogia italiana no Rio Grande do Sul foi principalmente moral. Foram elles que consolidaram no espirito gaúcho a fé nas suas reivindicações. A acção mesmerica e hypnotica de Garibaldi, a convicção ardente que emanava da sua cabeça, a um tempo nazarena e leonina, acorrentando-lhe enthusiasmos e dedicações, operaram sobre a idéa revolucionaria como o jacto de oxygenio sobre as fusões da metallurgia.

Garibaldi tornou-se o guia espiritual, o emblema dos duros guerrilheiros que durante dez annos, curtindo privações de toda a sorte, trouxeram em cheque as armas do Imperio. Seus feitos de assombroso heroismo encorporaram-se ás proezas da Revolução.

Do Cid se conta que, ainda morto, ganhava batalhas. Reza a lenda que, exumado do seu sarcophago e posto no seu corcel de batalha, os Mouros, ao vel-o redivivo, fugiram espavoridos.

Garibaldi já estava na Italia, desembainhando

pela Terra-Mãe a mesma espada que combatera pelos Farrapos. Não nos pertencia mais. Mas a sua lenda continuava a viver no coração dos nossos guerrilheiros. Já entrára nas quadrinhas do *folk-lore* gaúcho. A todo o instante se esperava a sua volta. Muitos não acreditavam na sua ausencia. A's vezes, depois dum entrevero nocturno, á hora do commentario e do chimarrão, o guasca que nunca o vira, mas que o tomava pelo symbolo da invencibilidade, contava a sua historia.

— O entrevero ia indo mal. Mas, de repente, surgira um cavalleiro desconhecido, que carregara o inimigo com a energia de um Titan. Quem poderia ser esse cavalleiro senão Garibaldi? Quem mais? Não usava camisa vermelha? Pois então não fôra outro. Garibaldi viera trazer a victoria aos seus queridos farrapos.

GARIBALDI E ANNITA

No fundo desse drama, que a alma gaúcha evoca sempre commovida, pela belleza dos fastos e pelo heroismo dos lances em que se lhe revê o orgulho da estirpe, surgem illuminadas de poesia as duas figuras de Garibaldi e Annita. A sua historia é curta como a de um idyllio grego. Mal se conhecem, ficam indissolavelmente ligados. Em vão o destino entretece as suas intrigas para separal-os. Garibaldi de pé no convez da naviarra com que força a barra de Laguna, sob descargas e descargas de fu-

zilaria, volta-se de repente. Annita está ao seu lado, de escopeta na mão. Infringira-lhe as recommendações de resguardar-se. A heroína gaucha não é feita de argilla humana. Bate-lhe no peito um coração de Pallas, "a que desconhece o medo", na expressão do classico grego. Em vão Garibaldi lhe ordenára que se deixasse ficar em terra: ella ali estava ao seu lado, sob os relampagos da fuzilaria, simples, humana, familiar, fazendo mais do que arrostar o perigo, ignorando-o. O que foi ahí, Annita continuou a sel-o durante toda a sua vida. A luta era-lhe tão natural como a tempestade á procellaria.

Garibaldi arriscara cem vezes a vida, derramara o sangue, beirara a morte, na America. Mas a sua missão não estava terminada.

A Terra-Mãe, perseguida, humilhada, escravizada, reclamava-o. Não havia que hesitar. Partiria. E partiu.

A Italia, fragmentada, gemia, quer sob o jugo austriaco, quer sob o tacão dos Bourbons de Napoles. Meternich podia dizer com certa razão "que não passava de uma expressão geographica".

O pensamento de Mazzini e Cavour espalha-se pelas populações. Garibaldi torna-se o braço desse pensamento. Elle mesmo o diz nestas palavras: "Fazer a Italia una, libertal-a do maldicto estrangeiro! Essa, a minha méta e de todos os meus companheiros naquella época".

Outros tratarão do glorioso papel do cavalleiro

andante das nacionalidades na Italia e na França, onde combateu até o ultimo momento, escrevendo na sua fé de officio, entre outras, a pagina immortal da resistencia de Dijon, donde tres vezes rechassou a invasão prussiana. A nós não nos cabe senão bosquejar em breves traços o seu contacto com o Rio Grande.

GARIBALDI E O RIO GRANDE DO SUL

Nenhum estrangeiro conheço que mais tenha amado ao Rio Grande do que Garibaldi. Quando já o seu nome se universalizara, quando já a Italia o acclamava como o seu epigono, quando já Carducci escrevera a famosa ode em que o sagra como o Romulo da Nova Roma, ainda o velho leão de Caprera se correspondia com os velhos revolucionarios do Rio Grande do Sul, especialmente com o seu grande amigo, Domingos José de Almeida. Adaptara-se de tal forma aos habitos gauchos, que nunca mais abandonou o poncho de pala, companheiro inseparavel de todas as suas campanhas. E ainda nos ultimos dias de vida, na sua ilhota solitaria, a sua principal alimentação consistia no churrasco quotidiano assado em cima da braza, á moda dos Pampas. Lembrava-se sempre com saudades dos seus lanceiros riograndenses. Assim os descreve em carta a Domingos José de Almeida :

“Vi quantidade de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas ; porém, nunca vi, em parte

alguma, homens mais valentes, nem cavalleiros mais brilhantes que os da bella cavallaria riograndense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela sagrada causa das nações. Quantas vezes fui tentado a revelar ao mundo os feitos assombrosos que vi se realizarem por essa viril e valente gente, que manteve por mais de nove annos contra um poderoso Imperio a mais encarniçada luta!... Recordo-me muito bem, meu digno e caro amigo, da bondade generosa com que fui honrado por vós, no tempo em que tão dignamente occupastes as pastas de Ministro da Republica, e sinto verdadeira ansia...”

O Brasil deve a Garibaldi a gloria de tel-o servido.

Na guerra de Piratini era o Rio Grande quem representava o verdadeiro Brasil, porque era o Rio Grande quem reivindicava os direitos eternos da especie. Revolucionario era o governo, que procurava escravizal-o. O espirito sereno de Caxias tanto o comprehendeu, que a solução final do conflicto, a pacificação, sempre constituiu a meta dos seus esforços.

O sangue de Garibaldi regou as raizes da unidade italiana. Mas é preciso não esquecer que tambem o Brasil levou á Mãe da latinidade o seu obolo de sacrificio. Annita Garibaldi, a brasileira de Laguna, catharineta de berço e gaucha de vocação e temperamento, morreu combatendo pela unidade italiana. Garibaldi, em Roma, ansioso pela falta

de noticias da companheira querida, fervia de ansiedade quando um bello dia ella lhe surge á frente como um bolide. Não pudera supportar a ausencia. Realizara a viagem de Roxane, no *Cyrano de Bergerac*. Mas arriscando a vida a todo o instante, num romance vivido, que podia ter o epilogo sangrento reservado aos espiões. Atravessara, sob um nome supposto, as linhas inimigas, que pespontavam a Italia de Leste a Oeste. Queria compartilhar com o seu idolo as agruras da derrota. E começa a odysséa do martyrio. Garibaldi abandona Roma, tomada pelos francezes. Organiza uma columna de voluntarios, que logo se dispersa, devido á violencia da repressão. Tudo envida por deixar Annitã, gravemente enferma, a bom recato em São Marino. A heroína queria acompanhal-o até Veneza, que ainda resistia. Garibaldi continuava a lutar á testa de um punhado de heroes, com os quaes consegue surprehender em Cesenatico uma guarnição austriaca. Depois dessa proeza, embarca para Veneza. Um bergantim, porém, descobre a pequena embarcação, que é forçada a arribar. Tinha descido na Romanha, região inhospita, onde apenas sorri o bosque da *Pinneta*, cantado por Byron. Ahi se escondem dois dias ao relento. Annita, acommettida de um accesso pernicioso, nem uma vez abre os labios para queixar-se ou gemer. Cumpre a sua missão, serena e estoicamente. Num casebre que providencialmente lhe encontraram ao terceiro dia, pode fechar os olhos sobre um colchão de emprestimo.

Morrera a heroica lagunense em plena luta. Morrera em plena campanha, marchando para Veneza, a ultima trincheira da independencia italiana. Morrera combatendo pela Italia. Resgatara uma parte da divida do Brasil para com Garibaldi. Garibaldi déra o sangue pelo Brasil. Annita deu a vida pela Italia.

Garibaldi collocava a Patria acima dos partidos e das formas de governo. Republicano convicto depois de um certo periodo, isso não o impedia de aceitar a Italia monarchica, sob o sceptro dum soberano que lhe garantisse a unidade.

Essa a meu ver, a melhor forma de patriotismo. As formas de governo passam. A patria fica.

BENTO MANUEL

Na Revolução de 1835 temos um homem com a mesma formação moral : Bento Manuel.

O grande farroupilha foi, até certo ponto, a figura mais calumniada da nossa historia. Não lhe comprehendiam as apparentes variações. Não lhe comprehendiam as transigencias. Não lhe perdoavam o monarchismo destoante do espirito da Revolução. A grande figura lendaria de Bento Gonçalves deixava-o na sombra. Investigações mais profundas permittiram reconstituir a verdadeira figura moral do grande soldado. Esteve com a Revolução emquanto foi necessario desafrontar e libertar o Rio Grande do Sul. Quando a Metropole cahiu

em si e decidiu fazer-lhe justiça, quando os farrapos receberam o ramo de oliveira trazido pelas mãos augustas de Caxias, a sua missão estava finda. Não iria fazer o jogo do estrangeiro. Não se metteria com Lavalleja na aventura anti-brasileira de formar uma Republica hybrida com o Uruguay e Corrientes, fragmentando o Brasil. As suas famosas vacillações estavam explicadas.

Bento Manuel, a meu ver, comquanto nascido accidentalmente fóra dos pagos, é um dos maiores typos do Rio Grande do Sul.

Guerrilheiro e soldado, a sua fé de officio não inveja a de ninguem. Lutou pelo Rio Grande. Mas sem nunca esquecer a integridade do Brasil.

A SALAMANCA DO JARÁO

Um escriptor rio-grandense, prematuramente ceifado, Simões Lopes Netto, conta-nos a lenda da *Salamanca* do Jaráo. Salamanca é uma furna encantada ; o nome provem da cidade homonyma da Hespanha, onde, em tempos dos Mouros, existia uma celebre escola de magia. Os que logravam penetrar na *Salamanca* do Jaráo, conseguiam a invulnerabilidade e a gloria. Rezam as tradições gauchas que o talismam de Bento Manuel não foi outro. Não saberemos nunca se Garibaldi tambem o logrou. Não é impossivel. Falta-nos o itinerario de todas as suas cavalgatas e excursões. Não sei tambem se

a *Salamanca* do Jaráo existe. Mas demos de barato que não. Fica o symbolo.

A *Salamanca* do Jaráo é a alma do Brasil. o Rio Grande do Sul guarda incorruptivamente parte mo o maior dos seus thesouros. E' ella que inspira os mantenedores da unidade nacional, como Bento Manuel. E' ella que inspira os defensores da integridade nacional, como Osorio.

A *Salamanca* do Jaráo lá está, na velha estância de Bento Manuel. Se algum dia a ameaça estrangeira bater-nos á porta, se algum dia o perigo da secessão alçar o collo, da *Salamanca* do Jaráo jorrarão, não os talismans da Moura Encantada, mas legiões e legiões dos mesmos homens que lutaram em Piratini e no Paraguay, dispostos a lutar e a morrer pela eternidade do Brasil.

Nesse momento — que Deus afaste de nossas cabeças — nesse momento do perigo e do conflicto, é que o exemplo de Garibaldi dardejará em pleno esplendor sobre o fundo de todas as consciencias. Garibaldi foi uma idéa encarnada num homem. Não viveu para si: viveu para o seu ideal. As contingencias da vida deram-lhe varios avatares. Mas em todas as profissões nunca perdeu a identidade. O commerciante do Rio, Cabo Frio e Campos, o patrão da "Mazzini", o combatente da Laguna, o heroe da França e da Italia, só vivia para uma aspiração: a unidade italiana. O seu exemplo de fé inabalavel nos destinos da sua Patria é um exemplo a todos nós. Realizam-se lentamente os sonhos. Os

duma geração só se tornam realidade em outra ou noutras subsequentes. A Fé tudo alcança.

Garibaldi viu a Italia, una, mas não chegou a vel-a no seu fastigio, falando de igual a igual ás grandes potencias, e tendo a consciencia plena de sua posição no concerto universal. Mas o seu sonho realizou-se.

A Italia, hoje, é uma nação que não é segunda a nenhuma outra do mundo; pelo seu patriotismo, pela sua união, pelo valor dos seus homens, pelo cuidado meticoloso com que encara os problemas da sua defesa militar, pela sua cultura e principalmente pela fé ardente nos seus grandes destinos.

Não me permitto entrar na politica interna da augusta Mãe da latinidade. Reflicto, porém, como um espelho, o esplendor que a sua grandeza projecta sobre o mundo.

Senhor Embaixador Italiano.

V. Ex. tem recebido dos poderes constituídos do paiz as expressões mais inequivocas do enthusiasmo com que o Brasil acompanha a Italia nas comemorações do quinquagesimo anniversario da morte de Garibaldi, um dos maiores raios desse esplendor italiano que nós os brasileiros especialmente sentimos. Digne-se receber, no ligeiro esboço destas palavras, uma impressão fugitiva do modo como os estudiosos das coisas brasileiras encaram a augusta figura do patriarcha da unidade italiana e a sua actuação nos fastos gloriosos de Piratini.



INDICE

Ruy Barbosa e o Supremo Tribunal	5
Ruy Barbosa e Monte Azul	31
Inauguração do Museo Ruy Barbosa	49
Ruy Barbosa a Constituição e o militarismo	67
José Bonifacio, o velho	117
José Bonifacio, o moço	127
Brasílio Machado	135
D. Francisco de Souza	141
No alvorecer de S. Paulo	181
Brasil e Estados Unidos	227
A organização do Brasil	269
O Rio Grande do Sul dos Farrapos e Garibaldi	289